

ESCALARIZAÇÃO E MESCLAGEM NA POLISSEMIA DO **ATÉ**:  
UM ESTUDO DAS RELAÇÕES LINGÜÍSTICO-COGNITIVAS DO USO DOS  
OPERADORES ESCALARES.

Patrícia Teles Alvaro

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ESCALARIZAÇÃO E MESCLAGEM NA POLISSEMIA DO **ATÉ**:  
UM ESTUDO DAS RELAÇÕES LINGÜÍSTICO-COGNITIVAS DO USO DOS  
OPERADORES ESCALARES.

Patrícia Teles Alvaro

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua portuguesa).

Orientadora: Profa. Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia  
Leitão de Almeida

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

ALVARO, PATRICIA TELES

Escalarização e Mesclagem na polissemia do **até**: um estudo das relações lingüístico-cognitivas do uso dos operadores escalares. [Rio de Janeiro] 2008.

xvii, 173p. il. 29,7 cm (Faculdade de Letras - UFRJ, Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Departamento de Língua Portuguesa, 2008.

Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizada na Faculdade de Letras.

1. Escalarização
2. Mesclagem
3. Operador escalar
4. Até
5. Cognitivismo

Escalarização e Mesclagem na polissemia do *até*: um estudo das relações  
lingüístico-cognitivas do uso dos operadores escalares.

Patricia Teles Alvaro

Orientadora: Professora Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Leitão de Almeida

---

Prof Dr Carlos Alexandre Gonçalves - Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lúcia Helena Gouvêia - Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Bernardo - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

---

Prof Dr Mauro José Nascimento Rocha - CEFET-Rio

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aparecida Lino – UFRJ, Suplente

---

Prof Dr Mario Eduardo Toscano Martelota – PPG Linguística – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

Aos meus pais.

## Epígrafe

Essa tese fala da escalarização promovida pelo **até** que introduz um limite para ser o destino ou para ser ultrapassado. Então, sugiro a letra, para expressar limites que até vencemos por...

Sonhar mais um sonho impossível  
Lutar quando é fácil ceder  
Vencer o inimigo invencível  
Negar quando a regra é vender  
Sofrer a tortura implacável  
Romper a incabível prisão  
Voar num limite improvável  
Tocar o inacessível chão  
É minha lei, é minha questão  
Virar esse mundo, cravar esse chão  
Não me importa saber  
Se é terrível demais  
Quantas guerras terei que vencer  
Por um pouco de paz  
E amanhã se esse chão que eu beijei  
For meu leito e perdão  
Vou saber que valeu  
Delirar e morrer de paixão  
E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão

(**Sonho Impossível**, na voz de Maria Bethânia. Composição: J. Darion / M. Leigh / Ruy Guerra)

## AGRADECIMENTOS

Os momentos em que estamos descrevendo a língua portuguesa, para aqueles que se intrigam diante de tanta beleza, são, sem dúvida, momentos especiais. Mas, nesta tese, o momento dos agradecimentos é para mim muito importante. Porque sem esse apoio, que me fortaleceu, muito não teria sido feito.

Primeira e, principalmente, a Deus pela força, quando eu já acreditava ter me esvaído de todas as forças.

Depois, mais uma vez, a Deus por ter me concedido essas pessoas, aqui referidas, tão queridas e tão maravilhosamente especiais.

Aos meus pais, que com todas as dificuldades, me ofereceram educação e aos meus irmãos que partilham comigo o amor pelos estudos.

À minha mãe, mais que querida, por todas as vezes que, com sua doçura, com sua delicadeza e com seu amor, confiou, orou, me transmitiu e transmite tranqüilidade em diferentes momentos da minha vida.

Ao meu querido, e mais, bem mais que irmão, Thiago, pelas suas incansáveis boa vontade e determinação, não só em me incentivar a continuar, mas, também, por perder noites de sono ao meu lado, digitando, organizando, traduzindo, fazendo buscas na internet, insistindo para que eu avançasse só mais um pouco e depois, mais um pouco. Enfim, estando ao meu lado, sendo muito mais do que se pode esperar.

Ao meu querido Niltinho, que, nesse momento estava geograficamente longe, mas se manteve muito perto de mim, todo tempo, com seus inúmeros telefonemas, com suas palavras positivas e com seu carinho, fazendo do nosso amor um alimento de alegria, que me fazia sorrir, em alguns momentos desse percurso que foram difíceis.

À minha querida, mui querida Rosângela, que inicia sua trajetória nos estudos cognitivistas e que se mostrou mais generosa ainda, em todas as vezes que organizou os dados da pesquisa, separou, agrupou, reagrupou, desfez e refez. Enfim, trabalhou ao meu lado, disposta sempre a mais um pouco de trabalho. Muito obrigada por cada tabela, mas, principalmente, pelo seu coração.

Ao Diogo, que não bastasse a capacidade intelectual, ainda tem a generosidade. Ao meu querido, tão querido e tão, honestamente parceiro cognitivista, que dividiu as aflições dos embasamentos teóricos desta tese, construindo, reconstruindo e sempre dizendo que seria possível.

Às minhas queridas amigas Cezônia e Norma por todos os momentos em que oraram para que eu tivesse tranquilidade, perseverança e a certeza que encontraria o caminho e que a aflição que tentava me consumir se dissipasse.

Às professoras Hanna Batoréo e Helena Martins pelas contribuições atentas e tão valiosas dadas durante o meu exame de qualificação.

Ao prof. Carlos Alexandre pelo apoio, que vem de longa data, iniciado no mestrado e estendido ao longo desses anos, em cada instante de atenção verdadeira pelas minhas idéias.

A todos os parceiros (de ontem e de hoje, diretos e indiretos) no Grupo de Pesquisa, centralizado na prof<sup>a</sup> Maria Lúcia Leitão de Almeida, principalmente ao querido Mauro pelo apoio e pelas conversas sempre produtivas.

A todos que se envolveram emocionalmente, direta e indiretamente, nesta tese,

meu sincero muito obrigada e meu Amor a cada um de vocês.

## AGRADECIMENTO ESPECIAL

Desde muito cedo, minha mãe me ensinou a amar Maria, mãe de Jesus, mãe de todos nós. Decerto que muitas foram as orações de mãe para Mãe. E, assim, sua filha teve condições de seguir no seu caminho, abençoada pelo seu Amor e sua Luz.

Deus me reservava uma outra Maria, que conheci em 1995, no quinto período do curso de Letras da UFRJ, na disciplina de Sintaxe. Eu tinha um gosto pelas Letras, mas foi aquela Maria, enviada por Deus, que com o seu jeito jovial, sincero e inteligente com que falava de fenômenos tão complexos na língua despertou em mim prazer e desejo de entender a língua portuguesa. Ali nascia minha paixão pela língua portuguesa e pela Maria. Algum tempo depois, em 1997, ela me recebia no seu projeto de pesquisa sobre preposições. O tempo passou e muito a filha acadêmica aprendeu com a mãe Maria. Mas, as fronteiras são tênues e o amor acadêmico se transformou no amor sincero de pessoas que se entendem no olhar, que se querem bem, que se importam com as suas dores, que se estendem as mãos nas quedas e que querem rir e sorrir nas suas vitórias. É assim, que fomos, durante esses mais de dez anos, ela na sua trajetória de importante intelectual que é, mas, principalmente, no aprimoramento da sua generosidade e no seu amor como ser humano tão especial. E, eu, segui pelo Mestrado, em 1999 e pelo Doutorado, em 2004, sempre de mãos dadas com Maria. Chegou o momento de partir, mas, só, por alguns instantes. Preciso acreditar e fazer que com nos reencontremos, em breve. Então, venho olhando para Maria com admiração de uma filha que vê naquela mãe a sua referência acadêmica e sua referência de ser humano.

Ah, Maria! Quantas vezes você me ajudou a seguir, quando eu mesma já achava que não podia mais. Quantas vezes você incentivou o que nem era tão incentivável assim. Quantas vezes você regou meu coração com o seu amor, o seu esforço e a sua determinação, me dizendo que era possível.

Ah, Maria Lúcia Leitão de Almeida!

Obrigada com todo o meu Amor, obrigada.

## RESUMO

ALVARO, Patrícia Teles. **Escalarização e mesclagem na polissemia do até: um estudo das relações lingüístico-cognitivas do uso dos operadores escalares**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

Nesta pesquisa, estudamos o elemento gramatical **até** a fim de descrever seu comportamento lingüístico-cognitivo. Nosso interesse justifica-se uma vez que os diferentes usos do **até** vêm sendo apresentados como homônimos. Assim, nos estudos gramaticais prescritivos, encontramos as classificações: preposição, advérbio, partícula denotativa, partícula de inclusão e nos estudos lingüístico-descritivos, o **até** classifica-se discursivamente como operador argumentativo. Procuramos depreender as características sintático-semântico-pragmáticas desses usos, o que nos levou a um padrão convergente de operação escalar, ou seja, um elemento gramatical que opera a escalarização de valores de espaço, de tempo, de número e de qualidades. Um Esquema de escala está subjacente a essa operação lingüística de escalarização, sendo o eixo prototípico da rede polissêmica do funcionamento lingüístico-cognitivo do **até**.

Tais assunções estão embasadas no quadro teórico cognitivista, para o qual convergem os estudos de Lakoff (1987), Kay (1997), Sweetser (1996), Fauconnier (1997), Salomão (1999), Almeida (1995) entre outros. Sob essa ótica, temos esquemas conceptuais, adequados a nossas crenças e experiências, com os quais acessamos mapeamentos referenciais entre domínios. Perfazemos nossa análise, com base nos conceitos de esquemas imagéticos, espaços-mentais, MCIs, mesclas conceituais, princípios constitutivos e governadores da compressão das Relações Vitais e Escala e outros pressupostos implicados na compreensão do fenômeno da linguagem, evidenciando os fatores cognitivos e interacionais na negociação de sentidos. A noção de prototipicidade também é relevante uma vez que, na descrição, entendemos que os diferentes usos do **até** constituem uma rede polissêmica.

O **até** se enquadra em uma categoria de escalarizadores, ou seja, elementos gramaticais que promovem a escalarização de valores. A escala há muito vem sendo apontada nos estudos lingüísticos. Trabalhos de Ducrot & Anscombre

(1981), Fauconnier (1975), Kay (1994), Ilari (2003) e Almeida (2005) tomam a noção de escala para explicar o funcionamento argumentativo de elementos gramaticais. Recentemente, nos estudos cognitivos da linguagem, Fauconnier (2002) refere-se à escalarização como uma ferramenta central para a operação cognitiva de compressão e conseguinte mesclagem conceitual.

Nesta pesquisa, mostramos que o uso do **até** promove escalarização de noções de espaço, de tempo, de número, sem gradação de juízo de valor, o que chamamos de *escalarização de quantidade*. O uso do **até** promove também a escalarização de propriedades, o que chamamos de *escalarização de qualidade*, nesse caso, com gradação de juízo de valor. O uso do **até** dispara um esquema de deslocamento até um ponto-limite. Esse deslocamento é conceptualizado em função de um Esquema Imagético de Percurso, ou seja, de deslocamento em uma escala de início-meio-fim, advinda da nossa experiência espacial concreta, baseada em um Esquema de Escala. A conceptualização das escalarizações de tempo e de número são metaforizações do deslocamento em uma escala mais concreta, a espacial, para o deslocamento em escalas mais abstratas.

Na escalarização de propriedades, chamada de escalarização qualitativa (com gradação de juízo de valor), o elemento **até** dispara o enquadramento da situação em uma escala, sinalizando um ponto-limite. Além disso, promove um rearranjo dos elementos das categorias em questão, uma vez que provoca a inclusão de um elemento não-previsto na categoria. Com isso, há uma redefinição das características do alvo X de acordo com o valor do novo elemento Y, introduzido pelo **até**. O uso do **até** pode, nesse caso, deflagrar a construção de um pressuposto de condicionalidade: **Se X faz até Y, então pode fazer Z**, em que Z e Y são valores graduados pela expectativa de um ego.

Em termos sintáticos, o **até** vem à esquerda do termo introduzido como limite. Na escalarização quantitativa, exerce papel de núcleo do sintagma preposicional (Sprep) que funciona como adjunto adverbial. Na escalarização qualitativa, o **até** não ocupa posição nuclear no sintagma, exercendo papel de expressão qualitativa (cf. Mateus, 2003). Na descrição baseada na teoria dos espaços-mentais (Fauconnier, 1985), o **até** pode ser entendido como um construtor de espaço mental, que provoca a construção de um Espaço de escalarização, em que a informação dada vai ser conceptualizada, podendo ser uma operação com ou sem mesclagem conceitual.

Ao longo desta tese, corroboramos a idéia que se operamos marcas gramaticais de escalaridade fazemos isso porque temos habilidade cognitiva para tal. Isso porque os padrões cognitivos, que são governadores da conceptualização lingüística, baseiam-se nos esquemas imagéticos, tais como o Esquema da escala estruturado a partir de experiências humanas.

## ABSTRACT

ALVARO, Patrícia Teles. **Escalarização e mesclagem na polissemia do até: um estudo das relações lingüístico-cognitivas do uso dos operadores escalares.** Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

This research aims to describe the linguistic-cognitive behaviour of **até**. This is justified as the different uses of the element are being studied as homonyms. We can say that because the prescriptive studies classify **até** as preposition, adverb, denotative word, word of inclusion and the linguistic-descriptive studies classify the discursive use of **até** as an argumentative operator.

Its morphological, syntact and semantic-pragmatic characteristics determine a convergent standard scalar operation, that is, the grammatical element **até** operates two kinds of scalarity: one of space, time and number and another one of properties. There is a scale schema supporting the linguistic scalarity. This scale schema is the prototypical basis of a polissemic **até** net working of.

Our assumptions are based on the cognitivist study of Lakoff (1987), Kay (1997), Sweetser (1996), Fauconnier (1997), Salomão (1999), Almeida (1995) inter alia. Conceptual schemas which are made up upon our believes and experience serve to access referential mappings between domains. In our anlyses, we also consider Imagetic Schemas, Mental spaces, MCIs, Conceptual blendings, Constitutive and Governing principles, Compression, Vital Relations and Scalarity. The prototipicity notion is also relevant as we consider the different uses of **até** constitute a polissemical net working.

This research treats the element **até** is a case of scalar operator, that is, an element which operates values in a scalar way. The notion of scale has been considered relevant to linguist studies. For instance, Ducrot & Anscombre (1981), Fauconnier (1975), Kay (1994), Ilari (2003) and Almeida (2005) have been explaining the argumentative use of certain grammatical terms based on that notion. Recently, Fauconnier (2002) explained the scalarity as a central cognitive operation of compression and conceptual blending, as well.

As it was said, this research presents two types of scalarity with **até**: *quantitative scalarity* of space, time and number and *qualitative scalarity*. **Até** triggers a

schema of movement to an end-point. That schema is built up based on an Imagetic Schema of path, which comes from our spatial experience that is operated on a Scale schema. That is relevant to say the time and number scalarities are a metaphor to the space scalarity. In the qualitative scalarity **até** builds up a scalar space in which the Y value is mapped onto the X value. Thus, a conditional scalarity it is also possible to happen: If X can do **até** Y, so X can also do Z. We must consider that Z and Y values are determined by an Ego expectation.

Syntactically, **até** comes on the left of the introduced limit-term. In the quantitative scalarity it is the Prepositional Phrase core and functions as an adverb. In the qualitative scalarity, **até** comes on the left of the Phrase, however is not the core of the Phrase. Based on Mateus (2003) we say, in this case, **até** is a *expressão qualitativa*. Based on the Mental Space theory (Fauconnier, 1985), **até** is a space builder.

This research assumes if we operate grammatical scalarity is because we have cognitive abilities to do it. That means the cognitive standards are based on Imagetic Schemas as Scale Schema which are built upon our human experiences.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	17
2.	APRESENTAÇÃO.....	18
2.1.	Problema.....	18
2.2.	A proposta da escalarização lingüístico-cognitiva do <b>até</b> .....	19
2.3.	Objetivos gerais.....	27
2.4.	Objetivos específicos.....	28
2.5.	Hipóteses.....	28
2.6.	Metodologia.....	29
2.6.1.	Corpora.....	30
2.6.2.	Procedimentos de análise.....	31
2.6.2.1.	Análise quantitativa.....	31
2.6.2.2.	Análise qualitativa.....	35
3.	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	37
3.1.	Breve histórico.....	37
3.2.	Princípios básicos dos estudos cognitivistas.....	37
3.3.	Bases de conhecimento.....	46
3.4.	Operações imaginativas.....	54
3.5.	Categorização e prototipicidade.....	63
4.	A ESCALARIZAÇÃO NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS.....	65
4.1.	A escala nos estudos da argumentação.....	67
4.2.	A escala nos estudos cognitivistas.....	69
4.2.1.	O esquema Imagético da Escala.....	72
5.	OUTRAS ABORDAGENS DO <b>ATÉ</b> : ASPECTOS GERAIS.....	79
5.1.	Os estudos gramaticais.....	80

5.1.1. A perspectiva diacrônica.....	81
5.1.2. Perspectiva sincrônica.....	91
5.2. Os estudos lingüísticos.....	98
6. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO-COGNITIVO DO ATÉ.....	105
6.1. A rede polissêmica do até.....	106
6.2. Escalarização do até: aspectos sintáticos e semânticos.....	119
6.2.1. Escalarização Quantitativa.....	130
6.2.2. Escalarização Qualitativa.....	136
6.3. Tabelas e resultados.....	148
7. CONCLUSÃO.....	158
BIBLIOGRAFIA.....	166
ANEXOS.....	174

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse desta tese pela escalarização, de certa maneira, vem de longa data. Em 1997, integrando o projeto de pesquisa orientado pela profa. Maria Lúcia Leitão de Almeida dava início às primeiras leituras sobre os aspectos cognitivos na linguagem. Foi quando estudávamos os artigos de Fillmore, Kay & O'Connor (1988) sobre *even, let alone* tratados como *hedges* em inglês e descritos em termos de uma escala pragmática. Pouco depois, Almeida cunhava o termo *angulador* em suas pesquisas, que de certo modo, identificava aqueles elementos em português. Tempos depois, apresentava um ante-projeto para o doutoramento em língua portuguesa debruçando-me sobre operadores escalares.

Nesta pesquisa, estudamos especificamente o uso do elemento gramatical **até**. Para tal, organizamos o texto da seguinte maneira: no capítulo 2, na Introdução, são arrolados o problema, a proposta lingüístico-cognitiva do funcionamento do **até**, bem como os objetivos, hipóteses, metodologia e *corpora* tomados neste estudo. Os pressupostos teóricos cognitivistas são tratados no capítulo 3. Em seguida, o capítulo 4 abarca considerações acerca da relevância da noção de escala nos estudos lingüísticos e da sua centralidade nos estudos cognitivistas. No capítulo 5, apresentamos análises referentes ao **até** nas visões diacrônica e sincrônica. A seguir, estão generalizações sobre o **até** nos estudos lingüísticos. A análise dos dados, a descrição do funcionamento do **até**, além de quadros e diagramas resumitivos são apresentados no capítulo 6. Na conclusão, no capítulo 7, são destacados princípios definidos e as generalizações a que chegamos nesta pesquisa. Seguem-se a bibliografia e os anexos, que agrupam os exemplos dos tipos de escalarização.

## 2. APRESENTAÇÃO

### 2.1. O problema

A pesquisa, aqui apresentada, debruça-se sobre o estudo do uso do elemento **até**. O **até** vem tendo os seus diferentes usos proposicionais tratados como homônimos, ou seja, palavras com a mesma forma, mas significados totalmente diferentes. Tal fato gera uma incongruência descritivo-explanatória, uma vez que as suas diferentes classificações não são esclarecidas e justificadas sintático-semanticamente. Isso acontece em consequência da postura dos estudos gramaticais de analisar os elementos gramaticais desvinculados do seu contexto de uso.

Sobre isso Ilari, Castilho & Almeida et alii (2005) dizem que as gramáticas tratam as preposições de modo sumário e detalhista. Além disso, os estudos gramaticais sugerem que as preposições sejam parecidas do ponto de vista sintático (geralmente como “palavras que relacionam palavras”) e apresentem uma pluralidade de sentidos e usos que em nada se relacionam entre si, ou seja, estejam em relação de homonímia.

Os autores chamam a atenção para esse tratamento e o apontam como uma perspectiva da ruptura em detrimento a uma perspectiva da continuidade. Afirmam que essa mudança de perspectiva significa *guiar-se pelo princípio de que os vários sentidos de uma preposição não estão em relação de homonímia, mas em relação de polissemia.*

Retomando o termo usado pelos autores citados, a visão de ruptura nos estudos da língua, conduz, desde muito cedo, no início da vida escolar, ao ensino

das classes gramaticais, na maior parte das vezes, de maneira isolada. Isso porque a gramática da língua é ensinada como partes que não exercem influência uma sobre a outra. A Morfologia destituída de suas Sintaxe e Semântica (e mais ainda da sua Pragmática) e vice-versa.

Talvez, em função disso, os usos proposicionais do **até** sejam classificados, de modo obscuro, como diferentes categorias gramaticais. Chama bastante atenção que as divergentes classificações se aplicam a um uso específico do **até**, em que o termo pode ser substituído por *inclusive*. Esse caso vem sendo rotulado, pela Gramática Tradicional, de advérbio, partícula de inclusão, advérbio de inclusão ou palavra denotativa. Sob a ótica da Semântica Argumentativa, é tratado como um operador argumentativo.

Daí, traçamos nosso objetivo de analisar, descrever e elucidar a classificação existente, propondo um tratamento lingüístico-cognitivo, que possa explicar sintática e semântico-pragmaticamente o funcionamento do **até**. Partimos, também, da percepção de haver sempre a noção de escalarização em todos os seus usos preposicionais, que seria o centro da rede polissêmica que intencionamos depreender.

## 2.2. A proposta da escalarização lingüístico-cognitiva do **até**

A elaboração dos princípios teóricos, principalmente os estabelecidos por Lakoff (1987) e por Fauconnier (1985, 1997, 2002), possibilita o engendramento das idéias apresentadas ao longo dessa pesquisa.

O interesse investigativo dessa pesquisa recai, como apontado anteriormente, nas operações escalares promovidas pelo uso do elemento **até**.

Buscamos apreender como são construídas essas escalas. Em outras palavras: quais habilidades e/ou recursos cognitivos motivam sua construção.

Além disso, observamos como se dá (lingüisticamente) a construção de sentido com base em um padrão escalarizado.

Acreditamos que, com a descrição do funcionamento do **até**, podemos observar as operações escalares, evidenciando o fenômeno em âmbito gramatical como projeção de uma operação cognitiva. Entretanto, antes da descrição, outras considerações são relevantes:

(i) a operação de escalarização gramatical realiza-se com base em uma operação cognitiva de escalarização. O fenômeno gramatical evidenciaria a operação cognitiva<sup>1</sup>.

(ii) a natureza da escalarização é, então, lingüístico-cognitiva, ou seja, realiza-se lingüisticamente nas bases de operações cognitivas,

(iii) a sua realização lingüística pode ser mais materialmente visível com o uso de elementos gramaticais (operadores escalares) ou menos visível, no caso da organização conceitual, por exemplo, da categorização.<sup>2</sup>

A descrição das operações escalares diz respeito à capacidade humana de conceptualização, ou seja, à capacidade de conceptualizar informação ou conhecimento escalarizadamente. Lakoff (1987, p. 280-281) explica que essa capacidade de conceptualização consiste em uma habilidade de formar estruturas

---

<sup>1</sup> Fauconnier (2002, p. 346) apresenta a escalaridade como um dos princípios governadores para a compressão.

<sup>2</sup> Essa bipartição ente lingüístico e gramatical justifica-se por se entender que há (i) uma escalaridade menos visível, inerente à organização conceitual, por ex, na categorização e (ii) outra mais visível e manipulável, por ex., com o uso do operador escalar, ou seja, de um elemento gramatical.

simbólicas correlacionadas às estruturas pré-conceptuais (Esquemas) na nossa experiência diária.

Lakoff (1987, p. 272-277) apresenta essas estruturas pré-conceptuais como os Esquemas Imagéticos, mais aprofundados no capítulo 6. Esses esquemas podem ser de **Continente-Conteúdo** (container), de **Parte-Todo**, de **Ligação**, de **Centro-Periferia**, de **Fonte-Percurso-Alvo**, de **Em cima-Embaixo** e **Frente-Atrás**. O autor esclarece que eles são engendrados com base em experiências corporais, ou seja, pré-conceptualizadamente.

As estruturas simbólicas constituem representação conceitual baseada em Esquemas Imagéticos (doravante EI), ou seja, uma operação de projeção metafórica. Entende-se que na vida, por exemplo, conquistas materiais são alvos ou destinos, ou seja, operam-se conhecimentos abstratos como concretos: a vida como se fosse um percurso no espaço, em que se sai de um ponto de partida ao longo de um trajeto para se alcançar um destino. Essa conceptualização abstrata estrutura-se no Esquema Imagético do *Percurso*. Também, metaforicamente, associamos *para cima* com *bom* e *para baixo* com *ruim*, dizendo quando estamos tristes, que estamos para baixo e alegres que estamos para cima, ou seja, o sujeito se baseia na experiência mais concreta do Esquema de *em cima-embaixo*.

Lakoff (1987, p. 282-283) diz que os Esquemas Imagéticos – continente-conteúdo, fonte-percurso-destino, ligação, parte-todo, centro-periferia, em cima-embaixo, frente-atrás – estruturam nossa experiência de **espaço**. Lakoff insiste que os Esquemas estruturam conceitos. Daí, assumir que entender um conceito abstrato, na verdade, é entender aquele conceito em termos de uma esquema imagético.

A capacidade cognitiva de escalarização, acreditamos, aqui, na verdade, engendra-se na experiência **espacial** mais concreta projetada lingüística e gramaticalmente. Então, vemos como relevante **um esquema de escala<sup>3</sup> estruturando a conceptualização de sentidos escalarizados.**

Fauconnier (2002), corroborando o papel central da escalaridade nas operações cognitivas, mostra que o recurso viabiliza a apreensão das noções de Espaço, Tempo e Identidade (chamadas Relações Vitais)<sup>4</sup>, entre outras, dentro de padrões humanos, ou seja, em uma chamada escala humana.

Então, a noção de tempo, por exemplo, é conceptualizada de modo escalarizado, ou seja, conceptualizamos a noção como uma escala de pontos colocados numa seqüência. Mesmo não tendo a capacidade de experienciar a passagem de tempo, por exemplo de 1800 até os dias de hoje, concebemos essa extensão como uma escala temporal e reescalarizamos essa noção como uma noção apreensível humanamente, desconsiderando diversas informações. Daí, concebemos uma noção fora do alcance real humano (até em função da nossa finitude física) em função de uma reescalarização dentro de uma escala humana. Toda essa operação que desconsidera vários pontos da escala real do tempo permite a chamada compressão de informações, dando-nos a impressão de compreensão global da conhecimento, nesse caso, temporal<sup>5</sup>.

O papel da escalaridade no processamento cognitivo e, também, lingüístico-gramatical, ganha destaque quando Fauconnier mostra as Relações Vitais ditas escalarizáveis (Espaço, Tempo, Parte-Todo, Categoria, Mudança, Causa-Efeito, Propriedade, Similaridade e Intencionalidade) e não-escalarizáveis (Analogia, Desanalogia, Identidade e Representação), que podem ser

---

<sup>3</sup> Johnson (1987, p. 121-124)

<sup>4</sup> Esses conceitos são explicados no capítulo 3.

<sup>5</sup> Apresentamos mais detalhadamente essas operações no capítulo 3.

comprimidas em escalarizáveis, também. Assim, segundo o autor, a capacidade de conceptualização em escala permite-nos operar cognitivamente noções ditas vitais por Fauconnier.

Entendemos, embora isso não seja afirmado explicitamente, que as considerações sobre Esquemas Imagéticos - arroladas por Lakoff (1987) – mostram que as conceptualizações de espaço são estruturadas com base na noção de escala. Pensamos isso porque, por exemplo, em uma operação de conceptualização de espaço, valores são escalarizados em uma escala dentro do padrão humano, para que possam ser apreendidos dentro da capacidade humana de compreensão. Daí, talvez, possamos dizer que as Relações Vitais redimensionam-se, ou seja, são conceptualizadas escalarizadamente para a sua apreensão dentro do alcance humano.

Pensamos, até aqui, de acordo com Fauconnier (2002), na centralidade da escala nos estudos cognitivistas, uma vez que:

(i) os Esquemas Imagéticos estruturam a noção de espaço,

(ii) os Esquemas Imagéticos espaciais estruturam-se de um esquema imagético de escala, tanto que

(iii) a Relação Vital precisa ser escalarizada dentro de uma escala humana, para que possa ser apreendida e conceptualizada.

Além disso,

(iv) a conceptualização da escalarização gramatical é operada com base na capacidade cognitiva de escalarização.

Dessa maneira, as assunções anteriores convergem para a hipótese basilar dos estudos cognitivistas da linguagem, que assumem os mapeamentos

entre domínios como o coração de uma habilidade cognitiva humana única de produzir, transferir e processar significações<sup>6</sup>.

Assumimos a escalaridade como um relevante recurso do pensamento humano para apreensão da realidade, no qual se baseiam as operações lingüístico-gramaticais de escalarização. Assim, se elementos gramaticais de escalaridade são usados, isso é feito porque temos habilidade cognitiva para tal, tanto que os padrões cognitivos de conceptualização de sentidos são operados com a escalarização das Relações Vitais<sup>7</sup>.

Daí, podemos entender que:

1. Cognitivamente, escalarizamos para:

(a) redimensionar as Relações Vitais<sup>8</sup> (que não são passíveis de serem completa e amplamente apreendidas) dentro dos limites humanos de apreensão da realidade, ou seja, na chamada escala humana,

(b) viabilizar a compressão das Relações Vitais e uma compreensão integrada dos eventos e das coisas.

2. Lingüisticamente, operamos a escalarização para estruturar dimensionalmente as noções de tempo, espaço, categorização<sup>9</sup>, ou seja, as Relações Vitais imantadas às bases lingüísticas que as carregam.

---

<sup>6</sup> Fauconnier (1997, p.1)

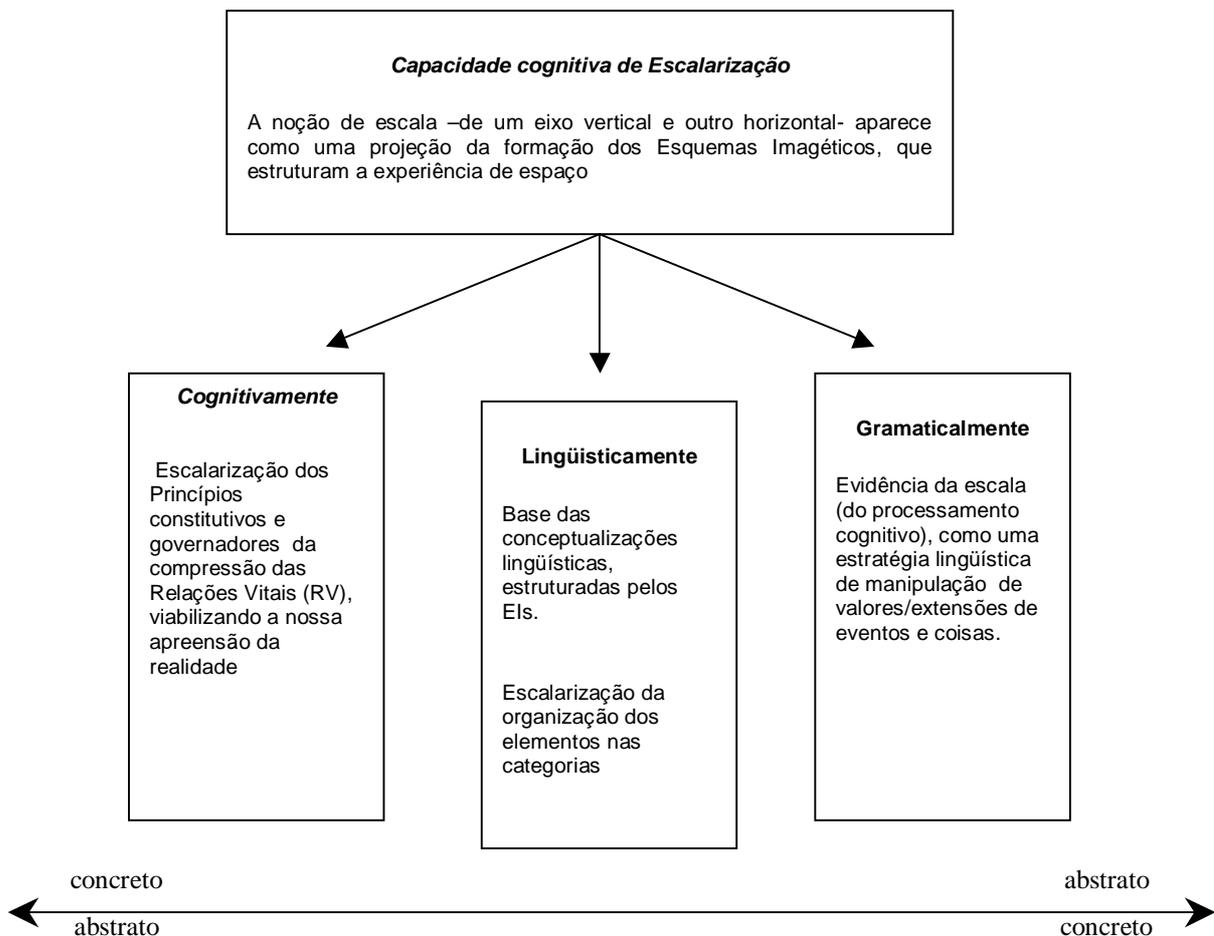
<sup>7</sup> A linguagem está baseada na cognição, estruturando-se nas mesmas bases de estruturação dos modelos cognitivos (MCIs). Os MCIs, por sua vez, são estruturados em função dos Esquemas Imagéticos, constituídos a partir da nossa experiência corporal. Linguagem ganha sentido porque está diretamente ligada ao sentido do pensamento que depende da natureza do pensamento. O pensamento torna-se compreensível pela conexão com o funcionamento corporal (pré-conceptual), que embora seja restringido por fatores humanos, também, não é, por conta da própria natureza do mundo. No experiencialismo-realista não há um vale separando a linguagem e o pensamento, por um lado e o mundo, por outro. Na verdade, linguagem e pensamento só são significáveis (passíveis de terem sentido) porque são motivados pelo nosso funcionamento corporal como parte integrante da realidade. (Lakoff. 1987, p.291-292)

<sup>8</sup> Fauconnier (2002, p.101)

2.1. Escalarizamos, com o uso de elementos gramaticais, chamados operadores escalares para:

- (a) construir um espaço mental de escalarização, com o uso de elementos gramaticais chamados operadores escalares,
- (b) escalarizar uma categoria em termos de outra,
- (c) provocar o espaço da integração conceptual, operada em função da escalarização.

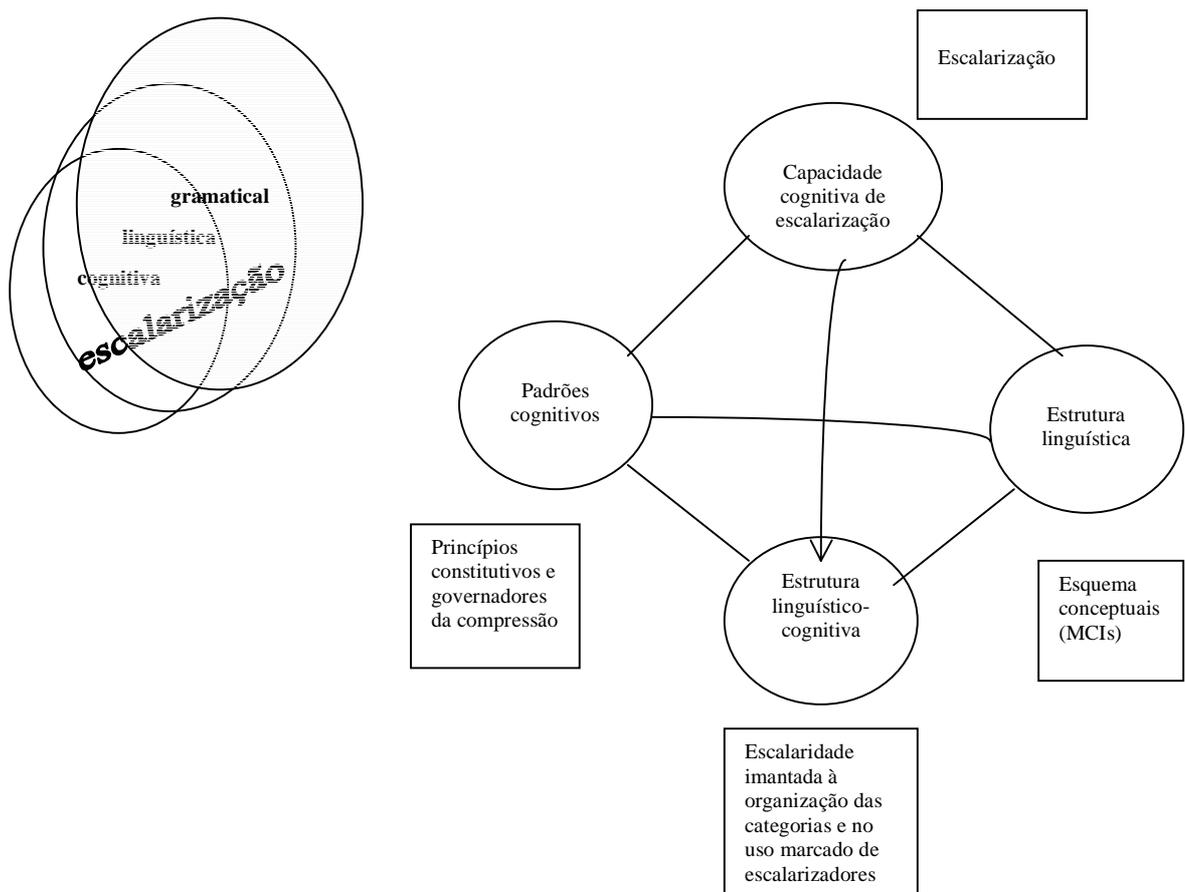
A figura seguinte ilustra as considerações supra-citadas:



<sup>9</sup> Lakoff (1987, p.153) diz que alguns modelos cognitivos são *escalares*, uma vez que configuram categorias com graus de pertencimento dos membros.

De modo convergente às assunções, previamente, arroladas, postulamos que a escalaridade permite a manipulação de valores sobre-humanos, ou seja,

3. a escalaridade se configura como estratégia do pensamento humano (em função da experiência corporal e restrição dimensional) de forjar escalas para manipular valores/extensões (de relações vitais sobre-humanos) nos padrões humanos de apreensão da realidade – que se manifesta e se prolifera, interdominialmente, ou seja, cognitiva e lingüisticamente. Representamos na figura abaixo:



4. Pressupomos um esquema imagético de escala em relação aos Esquemas Imagéticos arrolados por Lakoff e citados, anteriormente, porque

(a) os Esquemas Imagéticos estruturam a experiência de espaço,

(b) o espaço é experienciado em um eixo horizontal e outro vertical.

Sustentados na abordagem cognitivista da linguagem, apresentamos, a seguir, os objetivos desta pesquisa e as hipóteses quanto ao funcionamento lingüístico-cognitivo do **até**.

### 2.3. Objetivos gerais

1. Contribuir para um tratamento lingüístico-cognitivo do funcionamento do elemento gramatical **até**,

2. Descrever os padrões cognitivos gerenciadores dos padrões lingüísticos<sup>10</sup> e do comportamento do elemento gramatical,

3. Descrever os tipos de compressão estruturadores do item anterior,

4. Estabelecer a centralidade da capacidade cognitiva de escalarização no gerenciamento dos padrões lingüístico-gramaticais.

---

<sup>10</sup> Fauconnier (2002, p.304) afirma que uma das maiores tarefas que se tem para o futuro é investigar e clarear os Princípios Governadores e constitutivos da integração conceptual.

## 2.4. Objetivos específicos

1. Descrever, sob a perspectiva cognitiva, o funcionamento do elemento gramatical como operador de escalarização semântico-pragmática em língua portuguesa,

2. Descrever o padrão construcional dessa ocorrência lexical, depreendendo o ambiente sintático-semântico-pragmático em que ocorre, bem como os fatores de restrição de seu uso,

3. Analisar e descrever a construção de sentidos norteadas por operação de compressão e mesclas,

4. Propor o tratamento do item lexical através de uma rede polissêmica.

## 2.5. Hipóteses

1. O uso do **até** sustenta-se em uma categoria cognitiva de escalarização,

2. O **até**, em função de 1, atua lingüístico-gramaticalmente como um escalarizador,

3. O uso escalarizador do **até** sustenta-se no Esquema Imagético da Escala,

4. O Esquema Imagético da Escala determina-se como eixo prototípico da rede polissêmica dos usos do **até**,

5. O **até** opera em construções semântico-pragmáticas de deslocamento até um limite espacial, temporal ou de número de uma substância, sem atribuição de juízo de valor, chamado, aqui, de escalarizador quantitativo

6. O **até** opera construções semântico-pragmáticas de ultrapassagem de limite categorial, com atribuição de juízo de valor, chamado, aqui, de escalarizador qualitativo,

7. O uso qualitativo do **até** impulsiona a suspensão da barreira pragmática, orientando a inclusão de propriedades não-previstas,

8. O uso qualitativo do **até** pode provocar, em função de 7, mesclagem e conseguinte reconceptualização categorial.

## 2.6. Metodologia

A pesquisa buscou responder às questões elencadas no capítulo 4, baseando-se na assunção da escala como um recurso de organização do pensamento, marcadamente representado na linguagem (pela ocorrência de operadores escalares).

Para tal, fez-se imprescindível um detalhamento teórico que trouxesse à luz, também, os conceitos de escala, compressão e mescla, entre outros, que se apresentam como eixo central desse estudo.

Determinou-se, assim, que nos debruçássemos sobre o paradigma cognitivista da linguagem, para o qual convergem os estudos de Lakoff, Fauconnier entre outros.

Embora sempre atentos à perspectiva teórica, tornou-se importante, em um outro momento, buscar as considerações presentes na gramática tradicional como Bechara (2001), Mendes de Almeida (1983) e Macedo (1991), estudos de gramática descritiva como Moura Neves (2000), Mira Mateus (1983), bem como buscar as observações de autores gerativistas, como Perini (1995) e estudos lingüísticos como os de Ilari, Castilho & Almeida (2005), a fim de iniciar o estudo do item lexical **até**.

Estabelecidas as bases teóricas e a revisão da literatura sobre o assunto, traçamos a metodologia abaixo exposta para que fossem alcançados os objetivos e testadas as hipóteses.

Para fins de exposição, encontram-se apresentados os *corpora* utilizados, com justificativas e os procedimentos analíticos que foram usados.

### 2.6.1. *Corpora*

Para verificarmos o comportamento dos diversos tipos de **até**, foram utilizados três diferentes tipos de *corpora*: o Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (NURC/ RJ), o Discursos & Gramática (D&G) e frases colhidas na

internet, indiscriminadamente.<sup>11</sup> Os projetos NURC e D&G são desenvolvidos na Faculdade de Letras da UFRJ. As variáveis sócio-lingüísticas dos extratos usados não foram consideradas, uma vez que buscávamos os diferentes usos proposicionais, nesse momento, para determinar a descrição lingüístico-cognitiva do funcionamento do **até** e não um traçamento de um quadro sócio-lingüístico das suas ocorrências, que, talvez, possa ser interessante, posteriormente.

## 2.6.2. Procedimentos de análise

### 2.6.2.1. A Análise quantitativa

Os corpora NURC e D&G, que estão digitalizados, foram, primeiramente, convertidos para a extensão \*.txt, para que pudessem ser rastreados pelo programa *Unitex*, um software de processamento de corpus.<sup>12</sup>

Esse programa permite a inserção de qualquer base de dados para a localização de expressões lingüísticas no nível lexical, ou ainda, análise de dados pode ser feita nos níveis morfológicos e sintáticos, desde que se reconheçam as palavras pelas classes gramaticais conforme as informações previamente

---

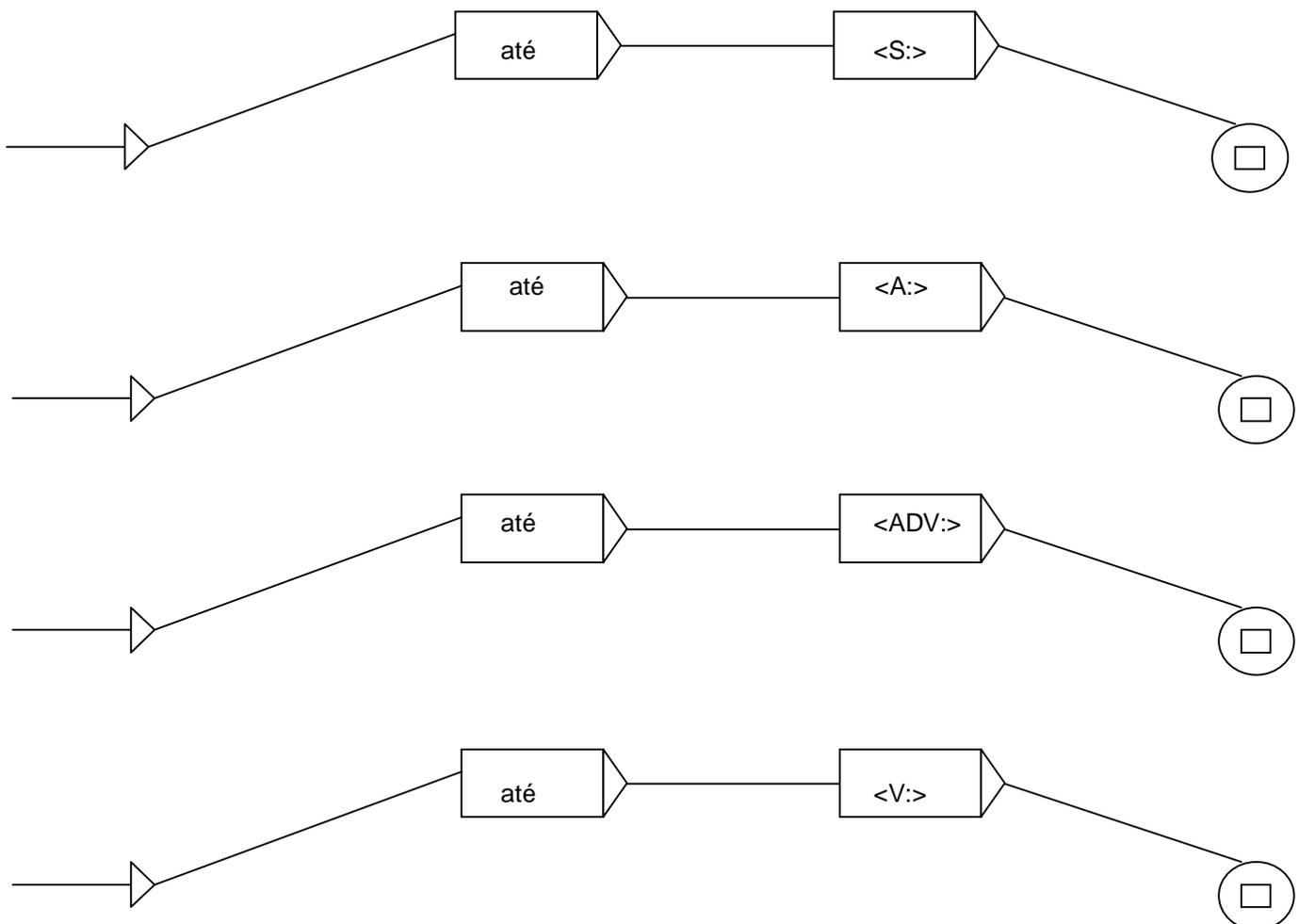
<sup>11</sup> Os *corpora* do NURC e D&G apresentam peculiaridades que não foram consideradas, uma vez que não trabalhamos com especificações das variáveis sócio-lingüísticas. No entanto, vale ressaltar que o corpus do NURC se caracteriza por trazer extratos de fala de informantes de formação universitária, colhidos a partir da década de 70, majoritariamente. O D&G, por sua vez, caracteriza-se por cobrir informantes a partir do nível fundamental (o chamado “primário”) até aqueles com superior incompleto. Além disso, o corpus é estratificado não só por faixa etária e nível de escolaridade mas, também, por tipos de texto (textos de opinião, relato de experiência e descrição), nas modalidades oral e escrita.

<sup>12</sup> Software criado no LADL (Laboratoire Automatique Documentaire et Linguistique), sob a direção de Maurice Gross.

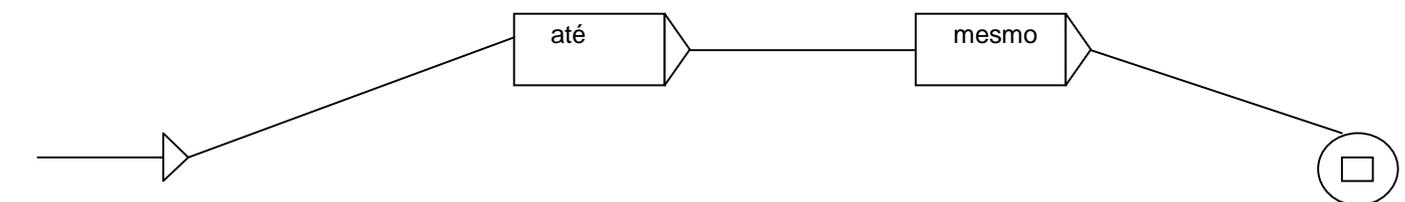
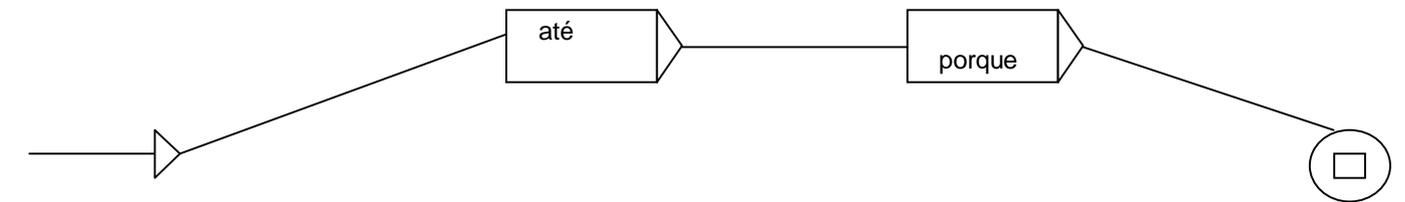
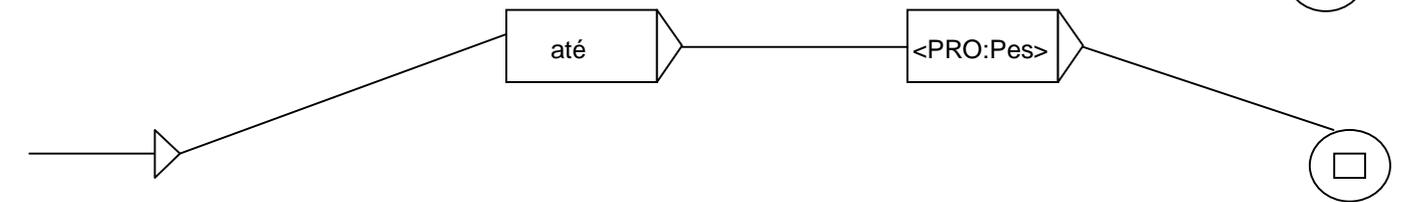
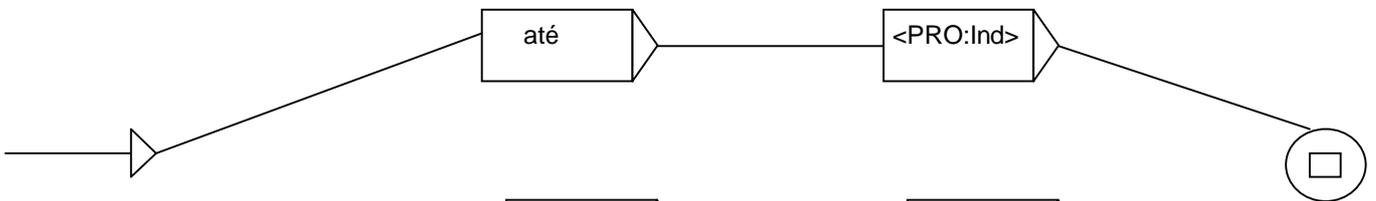
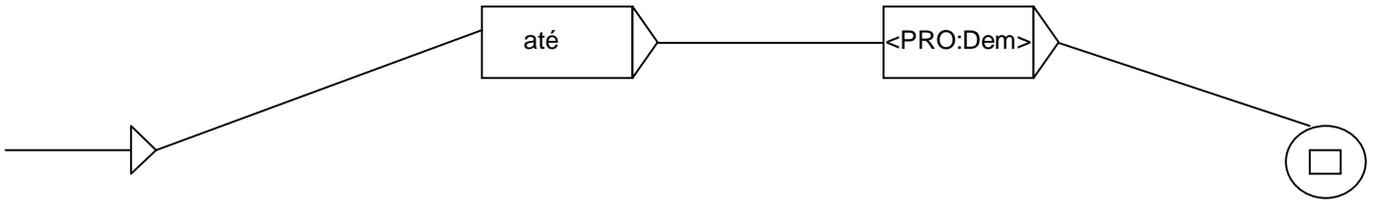
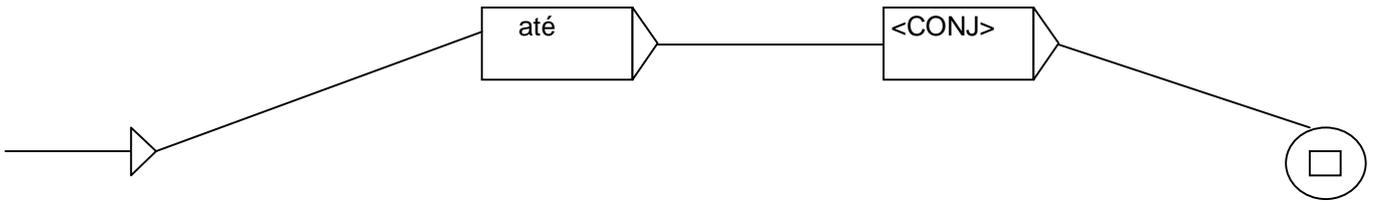
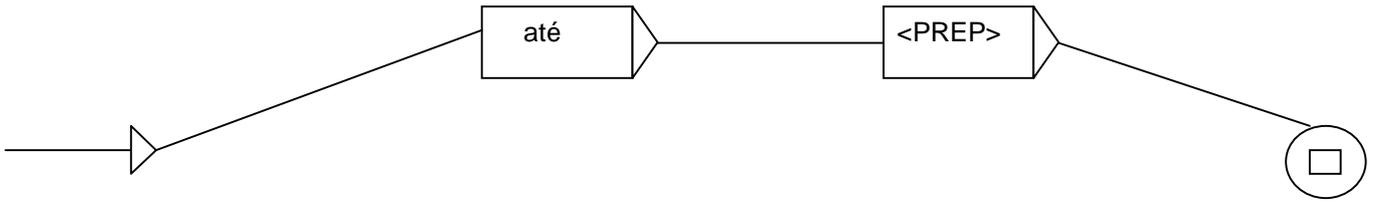
descritas em seu dicionário, pois o programa conta com um dicionário de formas flexionadas do português do Brasil.<sup>13</sup>

A instrução para que o programa manipule o *corpus* é feita por um *grafo*, em que se organiza a sintaxe, em termos lexicais ou gramaticais, da expressão lingüística desejada. Além de localizar a informação, o programa apresenta dados quantitativos, como, número de ocorrência da palavra, freqüência relativa, número total de palavras no texto.

As estruturas buscadas e seus respectivos grafos estão listados a seguir:



<sup>13</sup> O *Unitex* pode ser obtido gratuitamente em: [www-igm.univmlv.fr/~unitex/](http://www-igm.univmlv.fr/~unitex/).



Os grafos correspondem às seqüências de **até** com um elemento gramatical, apresentado em uma sigla, entre os sinais. Determinamos, a seguir, a relação entre a sigla e o elemento gramatical correspondente:

<S:> - Substantivo

<A:> - Adjetivo

<ADV:> - Advérbio

<V:> - Verbo

<PREP> - Preposição

<CONJ> - Conjunção

<PRO:Dem> - Pronome Demonstrativo

<PRO:Ind> - Pronome indefinido

<PRO:Pes> - Pronome Pessoal

É de se notar que o programa após identificar as estruturas, traz somente uma frase de texto, insuficiente, muitas vezes, para a análise pretendida. Nesses casos, então, era realizado o comando eletrônico que traz mais contexto lingüístico para observação (exemplos de extratos submetidos a esse tratamento são encontrados em ANEXO).

Já no caso de busca pela ferramenta eletrônica *Google*, eram especificadas, no comando de busca, as estruturas - **até** e **de até**- e considerados os primeiros 50 resultados (cf. ANEXO).

### 2.6.2.2. A análise qualitativa

Os dados foram recolhidos em função da organização sintática, previamente determinada, ou seja, **até** seguido de *substantivo*, por exemplo. Isso a fim de tentarmos abarcar as seqüências possíveis de ocorrência do **até**. Daí, obtivemos um número total de ocorrências, que foi distribuído em cada um dos grupos morfológicos.

Posteriormente, cada um desses grupos sintáticos de ocorrência foi organizado em função do sentido expresso pela proposição em que ocorriam. Dessa maneira, determinamos os números das ocorrências do **até** em dois grandes tipos: o *Qualitativo* – uso do **até** em proposições que expressam juízo de valor sobre uma informação – e o *Quantitativo* – uso do **até** em proposições que expressam *tempo, espaço e número de uma substância*. Podemos ver o quadro a seguir:

Grupo Sintagmático (GS)	Número de Ocorrências das SMS	Tipos Qualitativa	de Escalarização		
			de Tempo	de Espaço	de Número
<i>Até + (determinante) Substantivo</i>					
<i>Até + Adjetivo</i>					
<i>Até + verbo</i>					
<i>Até + Advérbio</i>					
<i>Até + Pronome Indefinido</i>					
<i>Até + Pronome Pessoal</i>					
<i>Até + Pronome Demonstrativo</i>					
<i>Até + Numeral</i>					
<i>Até + Preposição</i>					
<i>Até + Conjunção</i>					
<i>Até mesmo</i>					
<i>Até porque</i>					
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>					

Esse quadro representa um panorama morfo-sintático-semântico das ocorrências do **até**. À sua margem esquerda, num eixo vertical, está uma coluna de informação morfológica. Nela estão listadas as estruturas buscadas, ou seja, o **até** seguido de diferentes categorias, que são quantificadas tanto no número de ocorrências de cada uma das estruturas quanto no seu total de ocorrências, na última linha da coluna. Os valores são lançados na coluna de Ocorrências.

No eixo horizontal, estão os tipos de escalarização: qualitativa (amarelo) e quantitativa. A escalarização quantitativa dividida de acordo com o conteúdo da proposição – de espaço (rosa), de tempo (azul) e de número (cinza).

Os dados são, primeiramente, quantificados em função da estrutura sintática, o que gerou um número. Depois, são organizados sintático-semanticamente de acordo com o tipo de escalarização provocada, gerando um outro resultado, distribuído de acordo com essas especificidades semânticas das proposições. De maneira geral, dizemos que a coluna vertical corresponde à informação sintagmática, ou seja, apresenta a seqüência do **até** seguido de itens das classes listadas. A coluna horizontal corresponde à informação semântica, ou seja, os tipos de escalarização em função do sentido da proposição.

Por fim, as informações são cruzadas indicando um resultado quantitativo e qualitativo do comportamento morfossintático-semântico do **até**.

Todas essas tabelas são convertidas em gráficos percentuais em pizza, permitindo uma visualização panorâmica das tabelas e, conseqüentemente, do quadro de funcionamento do **até**. Esse material está apresentado e explanado no capítulo 6.

### 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esse capítulo apresenta os pressupostos teóricos abraçados nessa pesquisa. Antes de trazer os conceitos mais fundamentais usados na descrição do comportamento do **até**, traçamos um breve histórico sobre a gramática cognitiva, apresentado por Kemmer<sup>14</sup>, sem pretensão de aprofundamentos. Na verdade, a tentativa é a de iluminar e tomar consciência de um percurso histórico.

#### 3.1. Breve histórico

Os estudos cognitivistas surgem na década de 70 com diversos trabalhos, que se interessavam pela relação entre linguagem e mente. Examinavam princípios da categorização humana, princípios pragmáticos e interacionais e princípios funcionais e gerais, tais como iconicidade e economia.

Chafe, Fillmore, Lakoff, Langacker e Talmy são citados em Kemmer como os nomes mais influentes nos estudos dos princípios cognitivos da linguagem. Embora cada um desses teóricos tenha desenvolvido suas descrições lingüísticas centrados em diferentes aspectos dos fenômenos cognitivos, todos convergem para a assunção que o sentido é tão central para a linguagem que deve ser o seu primeiro foco de estudo. Daí, as estruturas lingüísticas servem à função de expressar sentidos, portanto os mapeamentos entre forma e sentido são um assunto fundamental na análise lingüística. Sob essa ótica, as formas lingüísticas estão intimamente ligadas às estruturas semânticas.

---

<sup>14</sup> [www.ruf.rice.edu/~kemmer](http://www.ruf.rice.edu/~kemmer)

Essa perspectiva opõe-se diretamente às idéias desenvolvidas nos estudos chomskyanos, em que o sentido é periférico aos estudos da linguagem, uma vez que o seu objeto central de estudo é a sintaxe. Sob essa ótica, as estruturas lingüísticas eram governadas por princípios independentemente do sentido.

Também, na década de 70, afirma Kemmer que Bybee, Comrie, Haiman, Hopper, Thompson e Givón focalizavam seus estudos em explicar princípios dos quais derivam a linguagem como um sistema comunicativo, para perceber se relacionam-se diretamente à estrutura da mente, sob uma perspectiva funcionalista da linguagem. Traugott e Heine, nessa época, dedicavam-se a estudar os princípios da gramaticalização.

No final dos anos 80, Fillmore, Lakoff, Langacker e Talmy apontavam, talvez, fundamentalmente, para o mesmo caminho, apesar das aparentes diferenças das propostas descritivas. Fillmore estabeleceu a *Semântica dos frames* e, em colaboração com outros, a *Gramática das construções* (Fillmore et al. 1988). Lakoff tornou-se conhecido pelo seu trabalho com metáfora e metonímia (Lakoff, 1980 e 1987). Talmy publicou artigos sobre um sistema lingüístico imaginativo (Talmy, 1985 e 1988). Por volta da mesma época, Gilles Fauconnier desenvolveu a Teoria do Espaço Mentais. Mais tarde, em conjunto com Mark Turner, vão desenvolver a Teoria da mesclagem conceptual, que converge com a Gramática Cognitiva de Langacker e a Teoria da Metáfora de Lakoff. Ao longo dos anos 80, os trabalhos Langacker e Lakoff começam a ganhar adeptos. Pesquisadores na Polônia, Bélgica, Alemanha e Japão começam a explorar os problemas lingüísticos sob uma ótica cognitivista, com referência explícita aos trabalhos de Lakoff e Langacker. Em 1987, acontecem

publicações fundamentais: Lakoff lança **Women, fire and dangerous things** e Langacker **Foundations of Cognitive Grammar**. Em 1988, Mouton publica uma coletânea de artigos sob o título **Topics in Cognitive Grammar**. Em 1989, René Dirven organiza a primeira conferência de Lingüística Cognitiva, na Alemanha, quando foi fundada a Associação Internacional de Lingüística Cognitiva. Em 1990 tem início *Cognitive Linguistics Journal*, por Mouton Gruyter, tendo como editor Dirk Geeraerts. Em 1991, Langacker publica o volume dois de Foundations of Cognitive Grammar.

Ao longo dos anos 90, a lingüística cognitiva firmou-se como importante aparato teórico dos estudos da linguagem. Países como Coréia, Hungria, Tailândia, Croácia e outros começaram pesquisas e atividades em Lingüística Cognitiva. As notícias circulavam pelo *Cognitive Linguistics Journal*.

Em 1995, no **Handbook of Pragmatics**, aparece na entrada para Lingüística Cognitiva (Geeraerts, 1995:111-112):

*Porque a lingüística cognitiva vê a linguagem imbuída num todo das capacidades cognitivas do homem, são tópicos de interesse incluem: as características estruturais da categorização das línguas naturais (tais como prototipicidade, sistemacidade polissêmica, modelos cognitivos, imagens mentais e metáfora), princípios funcionais da organização lingüística (tais como iconicidade e naturalness), a interface conceptual entre sintaxe e semântica (como explorada pela Gramática Cognitiva e pela Construção Gramatical), o repertório pragmático e experiencial no uso da linguagem) e a relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre relativismo e universais conceptuais.*

Desde 2000, Associações de Lingüística Cognitiva Regionais começaram a se formar na Espanha, Finlândia, Polônia, Rússia e Alemanha. Adele Goldberg cuida da edição anual do *Cognitive Linguistics Journal*. Assim, os estudos cognitivistas vem se desenvolvendo, tendo realizado Conferência em Seoul, na Coréia, em julho de 2005. E, o *ICLA* - International Cognitive Linguistics Association: Associação Internacional de Lingüística Cognitiva - vem espalhando as notícias das pesquisas cognitivas pelo mundo.

### 3.2. Princípios básicos dos estudos cognitivistas

O arcabouço cognitivista abrange uma série de posições filosóficas acerca do funcionamento da linguagem e de sua relação com a cultura e a cognição. De um modo geral, essas posições se definem em oposição ao paradigma formalista-objetivista, emblematizado pela Teoria Gerativa chomskiana. Em síntese, e de maneira inevitavelmente panorâmica, este último paradigma assume que:

- O pensamento é o mecanismo de manipulação de símbolos abstratos.
- A mente é uma máquina abstrata, manipulando símbolos essencialmente como um computador, ou seja, por computação algorítmica.
- Os símbolos (por ex., palavras e representações mentais) atingem seu significado por correspondência com coisas no mundo externo. Todo significado atende a essa característica.

- Os símbolos que correspondem ao mundo externo *são representações internas da realidade externa*.
- Os símbolos abstratos podem estar em correspondência com coisas no mundo, independentemente das propriedades peculiares de quaisquer organismos.
- Uma vez que a mente humana faz uso de representações internas da realidade externa, a mente é um *espelho da natureza*, e razão correta espelha a lógica do mundo externo.
- O pensamento é *abstrato e descorporificado*, uma vez que é independente de quaisquer limitações do corpo humano, do sistema de percepção humano e do sistema nervoso humano.
- Máquinas que não fazem nada além de manipular mecanicamente símbolos que correspondam as coisas no mundo são capazes de pensamentos significativos.
- O pensamento é atomista, no que pode ser completamente quebrado em simples “blocos de construção” – os símbolos usados em pensamentos – que são combinados dentre complexos e manipulados por regras.
- O pensamento é *lógico*, no sentido de que pode ser moldado exatamente por sistemas de seleção usados na lógica matemática. Estes são sistemas abstratos de símbolos definidos por princípios comuns da manipulação de símbolos e mecanismos para interpretação de tais símbolos nos termos de “modelos do mundo”.

Além disso, a prática do paradigma objetivista, como apresenta Lakoff (1987, xii-xv), acarreta a propagação das seguintes generalizações:

- O significado é baseado na verdade e na referência; isso diz respeito à relação entre símbolos e coisas no mundo.
- Espécies biológicas são tipos naturais, definidos por propriedades essenciais comuns.
- A mente é separada, e independente, do corpo.
- A emoção não tem conteúdo conceitual.
- A gramática é pura questão de forma.
- A razão é transcendental, no que transcende – vai além – das limitações ou possibilidades humanas. Isto diz respeito às relações de inferência sobre todos os conceitos possíveis neste mundo ou qualquer outro. A matemática é um modo de razão transcendental.
- Há um olhar correto, como uma visão de Deus sobre o mundo – um único jeito correto de entendimento do que é e não é verdade.
- Todas as pessoas pensam usando o mesmo sistema conceitual.

Talvez, uma das crenças objetivistas mais fortes e propagadas nos estudos da linguagem seja a separação mente–corpo, chamada por estudiosos de dualismo mente–corpo. Descartes, no século XVI, apregoou o ato de pensar como uma atividade isolada do corpo, estabelecendo a célebre separação entre razão e emoção, a chamada descorporificação da mente. De certo modo, ecoava, aí, o pensamento aristotélico da rigidez categorial, segundo o qual elementos de uma dada categoria partilham, da mesma forma, as características que fazem

com que se pertença à categoria A ou à categoria B; não se pensa em peculiaridades ou graus de pertencimento. Isso será visto quando tratarmos, mais adiante, da Teoria da prototipicidade categorial, desenvolvida por Rosch.

Esse pensamento, de certa maneira, ecoa, também, nas dicotomias saussurianas nos estudos lingüísticos. A separação das dimensões social e individual da linguagem, bem como um interesse marcadamente pelo sistema e não pelo uso, e, ainda, a primazia da forma face ao conteúdo se espraiaram no modo, em grande parte, de a gramática normativa (e seu ensino) olhar para a gramática da língua. Na vida escolar, por exemplo, o estudo da gramática também é feito de maneira compartimentada. Tanto que, comumente, salvo em algumas práticas pedagógicas, as classes gramaticais e as funções sintáticas são estudadas independentemente de seu contexto de uso. Isso porque se ensina a gramática da língua de maneira isolada, sem interfaces. Daí, a Morfologia ser ensinada destituída de suas Sintaxe e Semântica (e mais ainda da sua Pragmática), o mesmo com a Sintaxe. Nesse modelo objetivista, o conteúdo não tem valor relevante, tanto que a Semântica fica restrita às aulas de interpretação de texto, e quase nunca, senão nunca, faz parte das aulas de gramática. Isso gera um mal-estar nos alunos, que muitas vezes não encontram e não entendem a lógica das funções gramaticais, já que são focalizadas apenas as formas sem considerar os conteúdos e, mais ainda, sem considerar as motivações que constroem os conteúdos.

Alunos e professores, dessa maneira, praticam e perpetuam o paradigma objetivista, muito provavelmente sem saber com clareza que perpetuam um modelo, mas, apenas *porque sempre foi assim*.

Decerto que há muito tem sido assim. No entanto, isso não quer dizer que apenas possa ser assim.

Na verdade, as bases do paradigma *isolacionista*, talvez, ainda sejam mais profundas e remontem à discussão *anomalistas vs analogistas* da Antiguidade greco-latina, encontradas em Aristóteles, Platão, nos Estóicos e Sofistas<sup>15</sup>.

Damásio (1996), categoricamente, afirma que o pensamento cartesiano, que separa abissalmente o corpo e a mente, foi um erro. Mas, por que atacar Descartes? O próprio Damásio se pergunta. E responde, em seguida: “Porque esse pensamento perpetuou-se quase que invisivelmente”, ou seja, como se fosse naturalmente assim.

A pesquisa de Damásio busca comprovar, através de acompanhamentos de pacientes com acidentes neurológicos que, por exemplo, emoção e razão não estão compartimentadas no cérebro durante nossas atividades. Na verdade, o neurocientista coloca-se contrariamente à idéia da mente separada do corpo, de uma mente desencarnada.

Para o pesquisador, *existimos e depois pensamos e só pensamos na medida em que existimos, visto o pensamento ser, na verdade, causado por estruturas e operações dos ser.*<sup>16</sup> Essa perspectiva norteia a tese de Damásio, que embora trate de um *Descartes que contribui para a alteração do rumo da Medicina, ajudando-a a abandonar a abordagem orgânica da mente-no-corpo, que predominou desde Hipócrates até o Renascimento*<sup>17</sup>, pode, abrangentemente, contribuir para a compreensão da Teoria dos protótipos nos

---

<sup>15</sup> Para ver mais consultar MARTINS (2003); NEF (1995) e COSTA (2003).

<sup>16</sup> P. 279

<sup>17</sup> P. 282

estudos da Categorização (apresentada abaixo). Isso, uma vez que Damásio insiste na integração, na visão interacional das partes.

Em síntese, o que tais reflexões permitem entrever é a existência de uma visão *experientialista* que, opondo-se diametralmente à concepção objetivista, considera que:

- O pensamento é corporificado, ou seja, nosso sistema conceitual é diretamente embasado na percepção, movimento corpóreo, e experiência de uma característica física e social.
- O pensamento é *imaginativo*, o que se dá por meio dos processos de metáfora, metonímia e mesclagem conceptual, baseados nas experiências, comumente experiência corpórea. É a capacidade imaginativa que dá acesso ao pensamento “abstrato” e leva a mente além do que se pode ver e sentir diretamente. A capacidade imaginativa também é baseada – indiretamente – desde que as metáforas, metonímias, e imagens são baseadas. O pensamento é também imaginativo de um jeito menos óbvio: toda vez que categorizamos algo de uma forma que não reflete natural, nós estamos usando as capacidades humanas imaginativas comuns.
- O pensamento tem *propriedades* gestálticas e, desta forma, não é atomista; conceitos têm uma estrutura geral, que vai além de meramente unir “blocos de construção” através de regras usuais.
- O pensamento tem uma *estrutura ecológica*. A eficiência do processo cognitivo, como no aprendizado e memória, depende da estrutura geral do sistema conceitual e do que o conceito significa. O pensamento é

desta forma mais que apenas a manipulação mecânica de símbolos abstratos.

- A estrutura conceitual pode ser descrita usando *modelos cognitivos* que possuem as propriedades acima.

A tabela abaixo organiza, panoramicamente, as oposições sintetizadas acima:

<i>Objetivista</i>	<i>Experiencialista</i>
<ul style="list-style-type: none"><li>• pensar é manipular símbolos abstratos, que se relacionam diretamente com o mundo</li><li>• o pensamento é independente do corpo humano</li><li>• o pensamento é atomístico</li><li>• o pensamento é lógico e pode ser formalizado e descrito a partir de valores de verdade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• o pensamento responde a uma estrutura ecológica</li><li>• o pensamento tem caráter corpóreo, isto é, se baseia na experiência corporal humana</li><li>• o pensamento tem propriedades gestálticas (percepção sensório-motora)</li><li>• o pensamento é imaginário e só pode ser descrito por modelos cognitivos</li></ul>

### 3.3 Bases de conhecimento

É comum que manuais de semântica apresentem uma discussão sobre a natureza do *significado*. De fato, esse é um ângulo de observação bastante

produtivo, a nosso ver, para que se possam observar determinadas posições assumidas pela lingüística cognitiva, em oposição, uma vez mais, as semânticas objetivistas.

Para isso, iniciamos reportando um episódio acontecido há algum tempo, mas possível de ser recorrente.

*Um professor, que costumava dar aulas em colégios da Zona Sul do Rio de Janeiro, iniciou uma pesquisa sobre significação das palavras. Para isso, comparava redações dos seus alunos com as de um grupo de alunos de uma escola dentro de uma comunidade na Zona Oeste. Pediu, então, que escrevessem uma redação usando os vocábulos: presunto, toalha, pedras, formigas e outros mais que a seu vê conduziram à idéia de piquenique. Provavelmente, o professor pensou que fácil e quase obviamente apareceria algo como “aquela tarde, fizemos um piquenique. Levamos uma toalha bem bonita, frutas e sanduíches de presunto, Lá, tinha muitas formigas atrás das pedras (...). No entanto, durante a leitura dos textos das crianças, apareceu o trecho: “A polícia tava subindo o morro. Aí eu vi que tinha um presunto com uma toalha. A boca dele tava cheia de formiga (...).”*

O “mal-entendido” acima apenas deixa evidente algo que faz parte, segundo o paradigma da semântica cognitiva assumido nesta tese, da própria natureza da linguagem, a saber: o fato de que os significados não são transparentes e não correspondem a uma relação estável e objetiva entre palavra e coisa. Na verdade, o significado é uma *construção*, mediada pelo nosso sistema conceptual (o qual, por sua vez, é alimentado pelo nosso sistema perceptual, como sugere a extinção do dualismo cartesiano entre mente e corpo advogada acima).

Em suma, o significado é concebido como construção mental produzida para e pelo sujeito. Sob esse prisma, *as palavras são lanternas que iluminam o caminho da significação*<sup>18</sup>. Dessa maneira, *produzir sentido* é uma operação complexa, que demanda o acionamento de bases de conhecimento armazenadas na memória de longo prazo. Evidentemente, porém, não basta acioná-las: é preciso operar imaginativamente sobre elas, estabelecer relações e, com freqüência, integrar conhecimentos qualitativamente distintos.

Dentro desse espírito, a literatura cognitivista tem consagrado uma espécie de taxonomia das bases cognitivas de conhecimentos que podem ser acionadas e manipuladas no processo de construção dos sentidos. Para além de “catalogar” essas bases, é possível reconhecer também os processos imaginativos aos quais elas podem servir de “matéria-prima” (a serem comentados na próxima seção).

As bases de conhecimento podem ser divididas em *estáveis* e *fugazes*. No primeiro tipo, interessam-nos em especial os *modelos cognitivos idealizados* (MCIs) e os esquemas imagéticos.

O conceito de MCI não é simples, e mesmo George Lakoff, ao apresentá-lo no hoje clássico *Women, fire and dangerous things* (1987), afirma que mais esclarecedor que defini-lo é observar exemplos concretos. Em síntese, porém, é possível entender o MCI como um modelo mental – e cultural – que estrutura nosso conhecimento-de-mundo e funciona como um domínio relativamente ao qual outros conceitos poderão ser investidos de significado. A noção de MCI, nesse sentido, deve bastante ao conceito fillmoreano de *frame*, conforme reconhecido por Lakoff (1987, p. 68). Na verdade, sua elaboração decorre de uma

---

<sup>18</sup> Fauconnier (1985).

percepção mais ou menos generalizada nos estudos cognitivistas<sup>19</sup>: a de que palavras não esgotam seu significado em si mesmas, mas devem fazer referência a um algum modelo de mundo estruturado – para Lakoff (1987), esse modelo é um MCI.

O tal exemplo concreto mais comentado na literatura é, muito provavelmente, o de “bachelor” (solteirão), apresentado pela primeira vez em Fillmore (1975). Já é clássica a idéia de que a análise conceitual de “solteirão” em MACHO ADULTO NÃO-CASADO, embora dê conta de uma série de casos normais, não explica por que a palavra não pode ser usada, de modo bem-sucedido, em referência, por exemplo, ao papa, ao Tarzan ou a um homem adulto que mora com a namorada.

Como expõem Croft & Cruse (2004), essa impossibilidade pode ser explicada com facilidade se recorrermos ao conceito de MCI. O que ocorre é que uma determinada versão idealizada da realidade – ou, em outras palavras um MCI – que temos estocada na memória muito simplesmente não recobre todas as possibilidades ou variações de situações sociais efetivamente observáveis no mundo real<sup>20</sup>. Assim, o MCI de *solteirão*, ou sua suposta paráfrase em MACHO ADULTO NÃO-CASADO, pressupõe um determinado modelo de mundo, ou MCI, segundo o qual, entre um sem-número de outras informações, “a adolescência é seguida por uma ausência de relações sexuais duradouras, até culminar no casamento, o que não inclui votos de celibato”.

Nesse modelo de mundo, ou MCI, simplesmente não há espaço para as variações da história de vida do papa ou do Tarzan, por exemplo, por mais que

---

<sup>19</sup> Além de George Lakoff e Charles Fillmore, Croft & Cruse (2004) apontam Ronald Langacker e John Searle como outros autores que, em algum momento, defendem posições análogas.

<sup>20</sup> Croft & Cruse (2004, p. 28) afirmam que “um importante *insight* de Fillmore e Lakoff em seu trabalho inicial com frames/domínios é o de que o conhecimento representado em um frame é, ele próprio, a conceptualização de uma experiência que, freqüentemente, não coincide com a realidade”.

elas nos sejam absolutamente familiares. Exatamente porque essa versão *idealizada* da realidade é acionada para a interpretação do item “solteirão” é que a palavra não pode ser empregada de modo bem-sucedido nos casos mencionados acima – e em diversos outros, como no caso de um homem homossexual (ou um homem homossexual que vive com o namorado).

Em resumo, o que se está afirmando é que a interpretação de um conceito demanda o acionamento do nosso *conhecimento enciclopédico*. A novidade, aqui, é que a noção de MCI (ou a noção fillmoreana de *frame*) permite esmiuçar essa noção algo vaga de “conhecimento enciclopédico” (ou conhecimento de mundo), e torná-la um objeto legítimo de estudo, devidamente incorporado à teoria – e não uma espécie de massa amorfa à qual se atribui tudo o que não seria “especificamente lingüístico”.

Outro conceito que também permite uma compreensão mais detalhada do conhecimento de mundo armazenado na memória de longo prazo é o de *esquemas imagéticos*. Entendidos como estruturas conceptuais não-proposicionais, eles codificam padrões espaciais e de força apreendidos por meio de nossa interação sensório-motora com o mundo. À diferença dos MCIs, os esquemas imagéticos, minuciosamente investigados em Johnson (1987), referem-se exclusivamente a padrões conceptuais adquiridos *diretamente* do ambiente, conforme interagimos com ele por meio dos nossos corpos e do nosso aparato perceptual.

Assim, presumimos que uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o meio sejam codificadas em padrões imagéticos bastante abstratos (ou, por assim dizer, esquemáticos) – os esquemas imagéticos. Por exemplo, nosso aparato perceptual nos faz enxergar o mundo como um entorno

cujo centro é ocupado por nós mesmos – essa experiência, por sua vez, se traduz no esquema imagético conhecido como *centro-periferia*.

Além dessa, muitas outras experiências diretas são, acreditamos, transformadas em padrões conceituais imagéticos de conhecimento: por exemplo, a de um elemento A estar dentro de um espaço B, a de um indivíduo ser arrastado por uma força maior que a sua (ou o contrário), dentre muitas outras.

Além das bases estáveis de conhecimento, das quais destacamos os MCIs e os esquemas imagéticos, reconhecem-se usualmente também as bases fugazes, normalmente identificadas com o conceito de espaços mentais, de Gilles Fauconnier (1985 e 1997), dentre outros.

A Teoria dos Espaços Mentais é conhecida como uma teoria da referenciação, que pretende descrever e explicar o processamento das referências no decorrer do fluxo discursivo e interacional. Espaços mentais são, dessa forma, “compartimentos” cognitivos, disponíveis na memória de trabalho, dentro do qual são processadas informações. Nos termos de Fauconnier (1985, p. 16), trata-se de “constructos distintos de estruturas lingüísticas mas construídos em qualquer discurso de acordo com as linhas gerais fornecidas pelas expressões lingüísticas”. Dessa forma, é necessário, claro, que os espaços mentais sejam alimentados por estruturas conceituais armazenadas na memória de longo prazo, como os MCIs – o que, aliás, é deixado explícito em Lakoff (1987, cap. 4).

Nos termos de Fauconnier (2002, p. 40), os “Espaços Mentais são muito parciais (...) e podem ser modificados, na medida em que o pensamento e o discurso desdobram-se. Essa característica confere aos EMs a possibilidade de modelar a dinâmica dos mapeamentos do pensamento e da linguagem.” Lakoff

(1987, p. 282), por sua vez, sublinha o fato de que “os EMs têm natureza conceptual, então, não se exemplificam como o mundo real ou algum aspecto dele. Isso porque são de caráter puramente cognitivo, quer dizer, os EMs funcionam dentro de uma Semântica baseada no realismo experiencial ou interno”.

Entendemos, portanto, que esses constructos teóricos (EMs) instanciam-se, na medida em que se pensa e conversa, a partir das pistas lingüísticas oferecidas no fluxo discursivo. A relação de um EM com outro pode ser promovida por diversos recursos gramaticais: (i) Construtores de Espaço Mental<sup>21</sup>, (ii) Nomes e Descrições, (iii) Tempos e Modos verbais, (iv) Construções pressuposicionais, (v) Operadores trans-espaciais e (vi) Identificação de elementos.

Os Construtores de EM *são expressões gramaticais que ou abrem um novo EM ou direcionam foco dentro de um EM existente*<sup>22</sup>. São dessas expressões lingüísticas que se vão estabelecer novos EM, seus elementos internos e as relações que os envolvem.

Esses Construtores de Espaço *podem ser sintagmas preposicionais (no quadro de Len, na mente do John, em 1929, na fábrica, do seu ponto de vista), advérbios (realmente, provavelmente, possivelmente, teoricamente), conectores (se A então – ou X ou Y) e outros*.<sup>23</sup>

**Os sintagmas nominais**, isto é, **Nomes** (*Napoleão, Max*) e **Descrições** (*carteiro, alguns garotos que estavam cansados*) ou estabelecem novos elementos ou apontam para elementos existentes na construção discursiva.

---

<sup>21</sup> *Space builders*- original em Inglês.

<sup>22</sup> Fauconnier (1997, p.40)

<sup>23</sup> Fauconnier (1985, p.17)

**Tempos e Modos** desempenham um importante papel na determinação do tipo de Espaço que está em foco, o tipo de conexão com o Espaço-Base, sua acessibilidade e as identificações das suas contrapartes<sup>24</sup>.

**Construções Pressuposicionais**, na verdade, são casos em que algumas construções gramaticais introduzem-se de modo pressuposicional, ou seja, são construtores de um Espaço Mental de Pressuposição. Nesse caso, a estrutura pressuposicional pode ser propagada tanto para Espaços vizinhos quanto para as contrapartes de elementos relevantes.<sup>25</sup>

**Operadores Trans-Espaciais** podem ser entendidos como a cópula entre Espaços, operada com verbos *ser*, *estar*, *permanecer*. A função geral do *ser* perscruta-se no mapeamento dominial, propriamente dito; e a conexão entre Espaços é um caso especial dessa função geral.

Consideremos, por exemplo, a estrutura gramatical de uma forma *SN1 ser SN2*, em que SNs são sintagmas nominais e identificam os elementos *a1* e *a2*, respectivamente. Daí, *a1* está no Espaço X e *a2* está no Espaço Y. Suponha-se *F* como o único conector, ligando os Espaços X e Y. Então, *SN1 ser SN2* estipula que *a2* em Y seja a contraparte de *a1* em X via conector *F*:  $[a2 = F(a1)]$ .<sup>26</sup>

A **Identificação de elementos** dá-se com o Princípio de Acesso ou Princípio de Identificação. O Princípio de Acesso é uma propriedade crucial da linguagem, das construções cognitivas e das ligações conceptuais, uma vez que uma expressão que nomeia ou descreve um elemento no Espaço Mental pode ser usada para acessar uma contraparte daquele elemento em outro Espaço Mental.

---

<sup>24</sup> Fauconnier (1997, p.40)

<sup>25</sup> Fauconnier (1997, p.41). Tradução livre. Esses conceitos são retomados quando da descrição do comportamento do *até*, no capítulo 6.

<sup>26</sup> Idem. Tradução livre.

Nesse procedimento de Identificação indireta, diz-se que o elemento nomeado ou descrito, *a*, é um *engatilhador (trigger)* e o elemento identificado, *b*, é o *alvo (target)*.<sup>27</sup>

Conforme já ficou dito, a operação cognitiva de construção de sentido, engatilhada pelas pistas lingüísticas (descritas anteriormente), estrutura-se com base nos Modelos Cognitivos Idealizados. Os MCIs *são construídos a partir dos Esquemas Imagéticos. Isso quer dizer: em função da compreensão (percepção) das experiências físicas no mundo formam-se estruturas de base-lógica pré-conceptuais. Essas estruturas servem de base para a formação dos Modelos Cognitivos Idealizados*<sup>28</sup>.

Resumidamente, os EMs são esferas teóricas mais instáveis e dinamicamente atualizáveis no fluxo discursivo. No entanto, instanciam-se alimentados, localmente, pelas bases armazenadas, ao longo da vida, os MCIs. Os Eis, por sua vez, conformaram-se, gestalticamente, através da percepção sensório-motora sobre as experiências humanas, mais primitivas e basicamente vividas (no Espaço).

#### 3.4. Operações imaginativas

Como já dissemos, o processo de construção de sentido envolve não apenas o acionamento ou recrutamento de bases de conhecimentos – processadas em bases fugazes conhecidas como espaços mentais – mas também a aplicação, sobre essa “matéria-prima”, de uma série de operações

---

<sup>27</sup> Idem. Tradução livre.

<sup>28</sup> Lakoff (1987, p. 282-283).

imaginativas. Dentre elas, a literatura cognitivista tem descrito com bastante detalhamento a metáfora, a metonímia e a mesclagem conceptual (ou Integração Conceptual).

No primeiro caso, conforme já muito discutido na literatura cognitivista, o que se tem é uma projeção entre dois domínios qualitativamente distintos, de maneira que elementos de um domínio B, conhecido como domínio-alvo, são entendidos nos termos de elementos de um domínio A, o domínio-fonte. É o que ocorre quando, em metáforas simples como *Seu coração é um cubo de gelo*, o coração é interpretado relativamente a características do subo de gelo. Evidentemente, esse exemplo também releva a propriedade de seletividade própria das projeções metafóricas: não são todas as características do elemento do domínio-fonte que são projetadas sobre o domínio-alvo.

A metonímia, por sua vez, é uma relação intra-dominal (e não inter-dominal, como a metáfora) de substituição. Nela, um elemento de um domínio A “ocupa o lugar” ou substitui outro elemento, a ele associado, desse mesmo domínio.

A existência de operações cognitivas de construção de sentido é explorada por Fauconnier (1997, p.1) ao dizer que *os mapeamentos entre domínios são o coração de uma faculdade cognitiva única de produzir, transferir e processar significado*<sup>29</sup>. Nesse processo de transferência, ou seja, de projeção, se identificam tipos de mapeamentos cognitivos subjacentes aos usos e às interpretações das estruturas lingüísticas. Essa assunção vem norteando os estudos cognitivistas, ao passo que se acredita na construção do significado como algo que emerge de uma complexa operação mental, que se perfaz com o

---

<sup>29</sup>Em Langacker (1987), também, assume-se que uma das nossas funções mentais básicas é a habilidade de comparar eventos. Qualquer atividade mental vai consistir em um grande número de comparações entre eventos ou partes de eventos.

cruzamento entre domínios conceituais, tanto ao se pensar, quanto agir ou comunicar.

Terceiro tipo de operação imaginativa mencionada, a mesclagem apresenta-se como uma das operações mentais básicas, sendo altamente imaginativa e crucial até mesmo para os pensamentos mais simples. Além de ser *uma atividade invisível e inconsciente envolvida em todos os aspectos da vida humana*<sup>30</sup>.

Assim como as projeções metafóricas, a mesclagem também pressupõe o estabelecimento de uma relação (alinhamento) entre elementos pertencentes a domínios díspares. Além disso, também nela a projeção de propriedades é seletiva. As semelhanças, no entanto, param por aí.

Uma série de propriedades distingue os dois processos. Antes de mais nada, o modelo da mesclagem prevê quatro domínios conceituais, e não dois, como a metáfora. No lugar de um domínio-fonte e um domínio-alvo, o que se tem é um espaço genérico, dois *inputs* e um espaço-mescla.

Mais importante, porém, do que especificações concernentes ao desenho do modelo, é o fato de que a mesclagem conceptual se propõe um mecanismo mais poderoso do que a projeção metafórica, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque abrange um número maior de fenômenos, e não apenas usos claramente figurativos: enunciados como “João é pai de Maria”, interpretáveis mediante um processo de integração conceptual (segundo Fauconnier & Turner, 2002), não têm nada de metafóricos.

Além disso, autores como Coulson & Van Petten (2002) defendem que o modelo clássico da chamada Teoria da Metáfora (TM) não explica determinados

---

<sup>30</sup> Idem. P.19.

enunciados como “Aquele cirurgião é um açougueiro”. Para eles, o significado de incompetência não pode ser encontrado em lugar algum quando se recorre à TM: nem no domínio-fonte, nem no domínio-alvo. Isso porque, como eles explicam, a noção de incompetência *emerge* da fusão, ou mesclagem, dos dois domínios em jogo, representados nos dois *inputs* previstos pelo modelo: cirurgião incompetente é aquele que usa a técnica pouco refinada do açougueiro ao operar um paciente.

Além de contar com quatro domínios, abarcar usos não-figurativos e, alegadamente, permitir a explicação de sentidos figurativos não explicáveis pela Teoria da Metáfora, a Teoria da Integração Conceptual (TIC) recorre ainda há um conceito absolutamente alheio à TM: a noção de *compressão*.

Esse conceito, é preciso dizer desde já, decorre do fato de a TIC ter se desenvolvido a partir do estudo dos espaços mentais, que são, como se viu, estruturas conceptuais fugazes, que se criam e se desmancham continuamente durante o fluxo discursivo. Nesse mesmo espírito, a TIC investe mais em usos novos, inéditos e criativos, que talvez jamais sejam repetidos novamente, ao passo que a TM historicamente analisa privilegiadamente metáforas já estabilizadas ou mesmo desgastadas.

Aqui, cabe observar ainda que, sendo os inputs da mesclagem, como os espaços-mentais, estruturas fugazes que permitem a manipulação local de referentes, a TIC fornece um meio de explicar como opera o processamento de referentes durante o fluxo discursivo. Dessa maneira, ela é capaz de atacar o problema da dificuldade de processamento: de que maneira é possível lidar mentalmente, no momento da interação, com informações que talvez, pela sua complexidade, não fossem manipuláveis ou processáveis pelo cérebro humano?

A resposta: por meio da mesclagem. Isso porque a operação de integração conceptual não se limita a mesclar ou fundir informações; nessa fusão, ela também *comprime* informações. A compressão permite tornar manipuláveis dados que, de outra forma, não o seriam. Nos termos de Fauconnier & Turner (2002), esse processo reduz as informações para uma *escala humana*, ou seja, para uma escala passível de ser tratada e processada pelo cérebro humano.

É fácil verificar o recurso a esse tipo de operação mental quando se trata de transmitir informações relativamente complexas. Fauconnier & Turner (2002) citam o exemplo do navegador que se propunha a atravessar um percurso em tempo recorde. Durante a viagem, era comum enquadrar sua jornada como uma “corrida” contra um competidor virtual, exatamente aquele que detinha o recorde do percurso. Essa estratégia, antes de mais nada, funde dois domínios, vale dizer, duas viagens pelo mesmo trajeto realizadas em momentos diferentes do tempo. Nessa fusão, os dois indivíduos são representados como se estivessem navegando simultaneamente, o que facilita a compreensão, porque permite apreender de modo unificado duas situações independentes.

Em outras palavras, é mais fácil entender a situação do segundo navegador em relação ao primeiro quando se supõe uma corrida do que quando se cotejam os tempos parciais de cada um deles, considerados individualmente. Essa maior facilidade de processamento corresponde exatamente a noção de redução para uma escala humana, quer dizer, a um cenário mais “palatável” para o cérebro humano.

Mais acima, mencionamos algumas especificidades do desenho do modelo proposto pela TIC. A partir de agora, retomamos esse desenho.

A rede de trabalho da Integração Conceptual representa-se em um diagrama, em que os EMs são apresentados como círculos, e os seus elementos, internos como pontos e/ou letras dentro desse círculo. A conexão entre os diferentes EMs marca-se por linhas sólidas.<sup>31</sup>

Como dissemos, a representação básica da Integração Conceptual considera dois Espaços de Entrada (Inputs), um Espaço Genérico e uma Mescla. No entanto, na rede de trabalho pode haver vários Inputs e múltiplos Espaços Mesclados.

Na construção da rede de trabalho, a qualquer momento, a estrutura que os **Espaços de Entrada** (Inputs) parecem partilhar é capturada por um **Espaço Genérico**, que, oportunamente, mapeia-se em cada um dos Inputs. Isso quer dizer que um dado elemento do Espaço Genérico pode mapear uma contraparte em cada um dos Espaços de Entrada.

No **Espaço Mesclado** (emergente), projeta-se estrutura dos dois Espaços de Entrada para um novo espaço: a **mescla**. Espaços Genéricos e Espaços Mesclados relacionam-se, uma vez que a mescla contém tanto estrutura genérica capturada do Espaço Genérico quanto estrutura específica dos Inputs, e, ainda, pode conter estrutura que não estava inicialmente prevista nos Espaços de Entrada.

A **projeção** no Espaço Mesclado, também conforme já ficou dito, é **seletiva**. Isso porque nem todos os elementos e as relações dos Inputs são projetados na Mescla. Em alguns casos, as duas contrapartes são projetadas, em outros casos apenas uma das contrapartes. Há casos em que nenhuma das

---

<sup>31</sup> Fauconnier (2002, p. 40) diz que na interpretação neural desses processos cognitivos, EMs são conjuntos de grupos neuronais ativados. As linhas entre os elementos correspondem à coativação das ligações.

contrapartes é projetada e sim um elemento de um Input sem contraparte no outro é projetado na Mescla.

Essa estrutura emergente na Mescla não é diretamente copiada de nenhum dos Espaços de Entrada. Na verdade, a estrutura pode emergir, processualmente, de diferentes modos: **Composição**, **Complementação** e **Elaboração**.<sup>32</sup>

No Espaço Mesclado, pode emergir uma **composição** de elementos dos Inputs, criando relações que não existiam nos Inputs separadamente. Pode, também, emergir com a **complementação**, ou seja, a significação emergente na Mescla complementou-se com conhecimentos anteriores. A integração conceptual e conseqüente emergência de um Espaço Mesclado é intensamente rica nas suas possibilidades criativas de desdobramentos, uma vez que faz parte de um processo cognitivo imaginativo. Daí, a capacidade cognitiva de **elaboração** permite, ilimitadamente, o desenvolvimento de novas estruturas a partir da Mesclas.

Toda essa rede de trabalho perfaz-se com a operação de mapeamentos entre domínios cognitivos. Fauconnier (1997, p. 8-11) arrola os mapeamentos de **Projeção**, os mapeamentos de **Função pragmática** e os mapeamentos de **Esquema**.

O mapeamento de Projeção realiza-se com a projeção de parte da estrutura de um domínio para o outro. Isso quer dizer que ao se falar ou pensar sobre algo, ou seja, um sobre um determinado domínio, chamado domínio alvo (target domain), recorre-se a um outro domínio, o domínio fonte (source domain), usando-se inclusive vocabulário correspondente. Alguns desses mapeamentos

---

<sup>32</sup> Fauconnier (2002, p.48-49).

são partilhados culturalmente, por exemplo, Tempo como Espaço. Tanto que expressões como *O Natal está aproximando-se* ou *O verão está na esquina*. Nesses casos a projeção está tão entrincheirada que se torna opaca.

A conexão dominial pode, também, operar-se pelo mapeamento de Função Pragmática. Nesse caso, instanciam-se dois domínios relevantes, de tal modo que um elemento mapeia-se em termos do outro por uma Função Pragmática. Por exemplo, se uma enfermeira diz *O úlcera gástrica do quarto 12 queria tomar café*, usa a doença para identificar o paciente. Portanto, o mapeamento de Função Pragmática permite que uma entidade seja identificada em termos de sua contraparte na projeção.<sup>33</sup>

Há, também, o mapeamento de Esquema, quando se opera com um esquema geral, frame ou modelo para estruturar a situação no contexto. Fauconnier reporta-se a Langacker (1987 e 1991), ao afirmar que *construções gramaticais e vocabulários chamam esquemas de sentido*. Por exemplo, na proposição *Jack compra ouro de Jim* toma-se o frame de *compra* e *venda*, em que há um comprador, um vendedor, uma mercadoria, um preço e outras tantas inferências. De qualquer forma, a conceptualização realiza-se com o mapeamento de *Jack*, *Jim* e *ouro* identificados como elementos *a*, *b*, *c* no esquema de *compra* e *venda*.

*Os mapeamentos apresentam-se como um recurso relevante no processo tanto da compreensão semântico-pragmática do discurso quanto na sua construção cognitiva*<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> Fauconnier usa o termo projeção para explicar o mapeamento de Função Pragmática. A fim de evitar confusões com o mapeamento de Projeção, entende-se, aqui, que no caso do mapeamento de Função Pragmática tem-se uma Projeção inter-dominial, ao passo que no mapeamento de Função Pragmática tem-se uma projeção intra-dominial. Isso porque no último caso, existe contigüidade dominial na projeção.

<sup>34</sup> Fauconnier (1997, p.12).

Tudo o que se disse aqui arrola a construção do sentido operada cognitivamente, a partir das pistas lingüísticas lançadas no fluxo discursivo. No entanto, recentemente, Fauconnier (2002) apresenta as operações de **Identidade**, **Integração** e **Imaginação**<sup>35</sup> como centrais para quaisquer possibilidades de criação de sentido.

A operação de **Identidade** faz-se uma ferramenta cognitiva indispensável na determinação do reconhecimento de tanto de semelhanças quanto de oposições ou diferenças. Apesar disso, apresenta-se como um produto apreendido conscientemente, resultante de uma operação imaginativa inconsciente.

A determinação de identidades e oposições resulta de um processo conceptual de **Integração**. Embora, tal processo realiza-se imperceptivelmente, uma vez que acontece nos bastidores da cognição, demanda uma elaboração estrutural, em que se opera dinamicamente uma série de propriedades e restrições.

Entretanto, **Identidade** e **Integração** concebem-se como relevantes operações na construção do sentido, considerando-se a **Imaginação**. Afinal, mesmo na ausência de qualquer estímulo externo, o cérebro é capaz de operar simulações imaginativas. Basta ver os sonhos, as fantasias eróticas, por exemplo. Fauconnier:2002, pp.6 afirma que *os produtos das Mesclas conceptuais são sempre imaginativos e criativos.*

---

<sup>35</sup> Fauconnier refere-se a essas operações como *The 3I's of the mind*, que, fonologicamente, corresponde em português a *Os 3 olhos da mente*.

### 3.5. Categorização e prototipicidade

A categorização, na abordagem cognitivista aqui assumida, não é entendida, tal qual na visão clássica, como um agrupamento de elementos em um conjunto segundo propriedades intrínsecas (objetivas), necessárias e suficientes. Na verdade, a categorização não é tão determinadamente simples assim. Nela, estão envolvidos o pensamento, a percepção, as ações e o discurso. Tanto a compreensão quanto a produção de proposições são feitas com base nas categorizações levadas a cabo pelos falantes, seja a categorização de palavras, sentenças ou conceitos.

Lakoff (1987) perscruta a questão da categorização e afirma que, desde Aristóteles, e, mesmo, passando por Wittgenstein, as categorias são tidas como bem delineadas e não-problemáticas. Na verdade, são tomadas como continentes abstratos, cujos elementos estão dentro ou fora. Essa condição determinava-se em função de os elementos partilharem as mesmas características, definindo-se, assim, a categoria intensional e extensionalmente.

No entanto, o trabalho pioneiro, em Psicologia Cognitiva, de Eleanor Rosch<sup>36</sup> questionou dois pontos na perspectiva clássica da categorização. Primeiramente, nessa perspectiva, não havia um elemento que pudesse ser um exemplo melhor, mais representativo daquela categoria (visto que todos os elementos partilham as mesmas características). Além disso, membros da categoria possuíam características inerentes, independentemente da percepção humana e sua capacidade organizacional.

---

<sup>36</sup> Apud Lakoff (1987).

Rosch, em seus estudos, demonstrou haver elementos mais representativos de determinada categoria que outros. Isso em função de a categorização realizar-se como representação de modelos mentais, apreendidos perceptual e culturalmente. Postulava-se, então, a chamada **Teoria dos Protótipos**.

O trabalho de Rosch constatava que, por exemplo, pardais são mais representativos da categoria de pássaros do que galinhas ou pingüins, elementos periféricos nessa categoria. Isso quer dizer que há uma assimetria entre os membros da categoria, determinada em função das chamadas *referências cognitivas* dos falantes.

Lakoff (1987, p.58-67) afirma que tanto categorias lingüísticas quanto conceituais apresentam prototipicidade. Além disso, o que a literatura tem demonstrado é que a prototipicidade pode ser vista também na gramática da língua. Por exemplo, um elemento pode ter um comportamento mais substantivo ou mais adjetivo em virtude do ambiente lingüístico em que ocorra.

Esse gerenciamento da categorização, tanto na sua produção quanto na sua compreensão, configura-se como lingüisticamente embasado em modelos cognitivos idealizados, as ditas referências cognitivas.

#### 4. A ESCALARIZAÇÃO NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

A noção de escala há muito vem sendo largamente usada nos estudos da linguagem, em diferentes sentidos e sob diferentes abordagens teóricas. Estudiosos, na Semântica argumentativa, referem-se a essa noção para explicar, por exemplo, o funcionamento dos operadores argumentativos. Em estudos cognitivistas<sup>37</sup> remetem à noção de escala para analisar expressões como *let alone*, *at least* e *even*. Dessa maneira, evidenciam que elementos gramaticais marcam limite numa escala. Em função do enquadre teórico, a escala pode ser focalizada sob o ponto de vista argumentativo ou cognitivo-pragmático.

As descrições lingüísticas herdeiras da tradição greco-latina sempre apresentaram as categorias gramaticais como estanques umas das outras, com fronteiras definidas e como possuidoras de características suficientes que permitiam classificar itens lingüísticos como pertencentes ou não a dadas categorias. Estudos pioneiros em neurolingüística como os de Berlin & Kay (1969) ou em Psicologia como os de Rosh (1975), na década de setenta, promoveram a revisão da noção categorial, permitindo o desenvolvimento da chamada Teoria dos Protótipos.

A categorização, na abordagem cognitivista aqui assumida, é entendida não apenas a partir de características comuns. Na verdade, a categorização não é tão determinadamente simples assim. Na categorização, estão envolvidos o pensamento, a percepção, as ações e o discurso. Tanto a compreensão quanto a produção de proposições são feitas com bases nas categorizações elencadas pelos falantes, sejam categorizações de palavras, de sentenças ou de conceitos.

---

<sup>37</sup> Fillmore, Kay & O'Connor (1988).

Lakoff (1987) investiga a questão da categorização e afirma que desde Aristóteles, e, mesmo, passando por Wittgenstein as categorias são tidas como bem entendidas e sem problemas. Na verdade, são tomadas como continentes abstratos, cujos elementos estão dentro ou fora. Essa condição determinava que os elementos partilham as mesmas características, definindo-se, assim, a categoria intensional e extensionalmente.

No entanto, o trabalho pioneiro, em Psicologia Cognitiva, de Rosch questionou dois pontos na perspectiva clássico-aristotélica da categorização. Primeiramente, não haveria um elemento que pudesse ser um exemplo melhor, mais representativo daquela categoria (visto que todos os elementos partilham as mesmas características), além disso, desconsiderariam-se quaisquer peculiaridades que pudesse haver, uma vez que os membros da categoria possuiriam características inerentes, independentemente da percepção humana e sua capacidade organizacional.

Rosch, em seus estudos, demonstrou haver elementos mais representativos de determinada categoria que outros. Isso em função da categorização realizar-se como representação de modelos mentais, apreendidos perceptual e culturalmente, postulando, então, a chamada **Teoria dos Protótipos na Categorização**. O trabalho de Rosch constatava que, por exemplo, pardais poderiam ser mais representativos na categoria de pássaros que galinhas ou pingüins, elementos radiais dessa categoria. Isso quer dizer que há uma assimetria entre os membros da categoria, determinada em função das chamadas *referências cognitivas* dos falantes.

Teóricos predominantemente funcionalistas como Givón (1979, 1989) e cognitivistas, como Lakoff, abraçaram a teoria da protopicidade, promovendo uma

série de estudos tanto no que concerne às noções propriamente gramaticais quanto no que diz respeito à categorização conceituais. Como exemplo do primeiro, verifica-se que um vocábulo de natureza nominal pode ser mais ou menos prototípico em uma categoria de substantivo. Como exemplo do segundo, Lakoff (1987, p. 68-76) mostra que o Papa, embora apresente características objetivas de um solteirão, não é conceptualizado como tal.

Parece-nos lícito supor que a idéia que governa a Teoria dos Protótipos, bem como a da radialidade categorial, encontra-se baseada numa noção subjacente de escala. Johnson (1987, p. 121-124) explica que o Esquema da Escala como estruturador de conceptualização, entre elas a organização categorial. O Esquema de Escala vai ser tratado na seção 4.2.1.

Nesse capítulo, busca-se apresentar, amplamente, a noção de escala tanto nos estudos argumentativos da linguagem quanto nos estudos cognitivistas. O esboço desse panorama ajuda a perceber que falar em escalas não é algo novo. Por outro lado, ajuda a descortinar a proposta, aqui, abraçada, de que a noção da escala é um recurso lingüístico-cognitivo, que explica o comportamento pragmático-discursivo do elemento gramatical **até**.

#### 4.1. A escala nos estudos da argumentação

Ducrot & Anscombre (1981, p. 223) tratam os chamados operadores argumentativos (dentre os quais incluem o **até**) como aqueles elementos que, organizam itens em uma escala argumentativa, (e os seus valores instanciados semântico-pragmaticamente), que, por sua vez, os organizam em uma chamada Classe argumentativa. Os valores argumentativos são escalarizados (mais fortes

e mais fracos) de acordo com o operador usado. Nesse trabalho, os autores referem-se a Fauconnier (1975, p.78)<sup>38</sup>, quando ainda tratava tais operadores argumentativos, a partir da noção de escala pragmática. Naquele momento, Fauconnier (1975, p.56) *considerava as escalas semânticas como algo que nos é dado (p. 47)*. Parece era esse um prenúncio do seu interesse pela escala em trabalhos posteriores de cunho cognitivista.

Ilari & Geraldi (1985, p.80), em um dos capítulos da sua obra intitulada **Semântica**, afirmam que o número de fenômenos em que a noção de escala se revela envolvida é amplo. Reiteram que é preciso reservar à escalaridade um lugar de relevo na descrição sistemática da língua.

Nesse capítulo, os autores tratam os fenômenos escalares, retomando a idéia de escalarização de uma Classe argumentativa. Mostram que há usos especificamente argumentativos do **até**, principalmente diante da função de sujeito, como na proposição:

(5) **Até** o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço.

E explicam que fica óbvio o impedimento de um termo integrante vir preposicionado, daí, os autores (p. 78) perguntam como explicar esse uso do **até**.

Com isso, os estudiosos dizem que é necessário recorrer às noções de classe argumentativa, força argumentativa e escala para descrever o funcionamento do **até**. Explicam o uso da proposição com **até** em função da

---

<sup>38</sup> Apud Ducrot&Anscombe (1981).

existência de uma *escala da classe argumentativa*, que sustentaria a tese defendida pelo falante.

Em Koch (2004) os operadores argumentativos, também, são explicados com base na noção de escala argumentativa, retomando os estudos de Ducrot&Anscombe. Koch (2004, 31) apresenta o **até** como elemento da subclasse de *operadores que assinalam argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão*, juntamente com **mesmo**, **até mesmo** e **inclusive**. Além disso, o uso dos operadores argumentativos suscita conteúdos semânticos que não existiriam sem a sua presença. Daí, serem chamados de *marcadores de pressuposição*.<sup>39</sup>

#### 4.2. A escala nos estudos cognitivistas

Johnson (1987) trata a noção de escala como importante recurso de organização conceitual, na verdade, para a conceptualização de sentidos. O autor apresenta<sup>40</sup> o Esquema Imagético da Escala, explanado na seção 2.2.1. Com isso, reserva lugar central à escalarização, assumindo-a mesmo como pré-conceitual e estrutura das bases conceituais.

No final dos anos 90, trabalho de Fillmore, Kay & O'Connor:1997 descreve o funcionamento dos itens *Let alone*<sup>41</sup>, *Even* e *At least*<sup>42</sup>, com base na noção de escalas.

---

<sup>39</sup> KOCH (2004, p. 46).

<sup>40</sup> P. 121-124

<sup>41</sup> No capítulo intitulado *Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The case of Let Alone*, escrito em parceria com Charles Fillmore e Mary Catherine O'Connor.

<sup>42</sup> Para cada um desses casos é dedicado um capítulo.

A partir do chamado modelo escalar, que ordena as proposições mais ou menos fortes em uma escala, justifica-se a operação argumentativa feita pelo falante para re-orientar a Verdade intencionada. A descrição é feita afirmando-se que *um operador escalar tem que ser explicado com base em uma construção teórica de modelo escalar*<sup>43</sup>.

Coulson (2001) recorre à noção de escala pragmática (Fauconnier, 1975), buscando mostrar que os modelos culturais estão organizados em uma escala de aspectos pragmáticos dos usos lingüísticos nos argumentos dos americanos em relação ao aborto. Daí, a autora discute a moralidade do aborto em função da escala pragmática. Por exemplo, pelos usos lingüísticos, a pesquisadora aponta que o incesto e o estupro são escalarizados de modo que o segundo justificaria mais o aborto que o primeiro. Diante disso, a autora questiona: o incesto é melhor?

Recentemente, Fauconnier (2002), um dos líderes dos estudos cognitivos da linguagem, apresenta a escalarização como uma ferramenta central para a conceptualização de sentidos. Fauconnier explica que a conceptualização de noções como espaço e tempo precisam ser concebidas de modo escalarizado, para viabilizar sua operação conceptual. Daí, tomadas como uma escala são passíveis de serem apreendidas dentro de um padrão de compreensão humana. Afinal, a capacidade humana de conceptualização acontece, também, em função das nossas possibilidades físicas (a chamada corporificação da mente). Por isso, reescalarizando aquelas noções dentro de uma dimensão humana, ou seja, uma escala humana, temos a impressão satisfatória de uma conceptualização integral e global. Por exemplo, se precisássemos experienciar para conceber a extensão

---

<sup>43</sup> P.53

temporal do ano 1800 a 2000, isso não seria possível. Por isso, se temos em esquema que nos permite estruturar conhecimento de forma escalarizada, podemos reorganizá-los e reescalarizá-los de modo que possamos apreendê-lo, desconsiderando uma série de pontos da escala e comprimindo conhecimentos construímos sentidos dentro de uma escala humana<sup>44</sup>.

Chega um momento em que é inevitável se deparar com a pergunta: mas, o que é escala? Talvez, até seja mais eficiente pensar: o que é escala e como o referido estudo cognitivista apropria-se desse conceito?

Podemos pensar que, na abordagem cognitivista, os domínios conceptuais são abstratizados a partir da percepção sensório-motora acerca das experiências concretas no mundo. Daí o homem se conceber num eixo horizontal em relação a outro vertical, como um ponto (elemento) numa escala de espaço em relação a outros pontos. Nocionalmente, aprende-se, também, *frente/atrás*, *antes/depois* em função do lugar ocupado na escala. No entanto, essa noção vem também com a percepção da extensão da escala e da infinitude de pontos na escala. Diante desse padrão inapreensível humanamente, forja-se uma escala dentro do padrão de apreensão humana tanto quanto à extensão quanto ao número de pontos, trazendo para um tamanho compreensível. Isso se faz com a desconsideração de vários pontos ao longo da extensão da escala.

Dessa forma, tem-se a impressão (satisfatória) de que são compreendidos conhecimentos que estão fora da capacidade humana de apreensão, colocando-os dentro de um padrão humano, ou seja, dentro de uma escala possível de apreensão pelo raciocínio humano.

---

<sup>44</sup> Os conceitos de escalarização e compressão são explanados no capítulo 3.

Assim, operamos a significação, por exemplo, de tempo, espaço, causa-efeito, identidade como valores reduzidos para a utilização em um domínio reconhecido pelos padrões humanos experienciados. Esse padrão quer dizer: uma relação direta, familiar, num espaço limitado, no tempo limitado da existência humana.

Em função da limitação da existência humana, forjamos uma *re-escalarização* (da escalarização experiencialmente concreta para a escalarização conceptual apreensível perceptualmente) dos “eventos” para comprimir o que são valores sobre-humanos num padrão limitado do alcance humano.

Mapeamos percepções fora do alcance humano real como se fossem alcançáveis. O domínio conceptual de tempo pode ser compreendido desconsiderando-se valores na escala. Por exemplo, podemos fazer projetos para o futuro ou falar de 200 anos atrás desconsiderando vários pontos na escala de tempo. Projetamos a compreensão dos “acontecimentos” de maneira condensada, a partir de uma escala humana de apreensão

Como dissemos, inicialmente, coloca-se a noção de escala há muito nos estudos da linguagem. No entanto, hipotetizamos, aqui, a noção da escala como recurso lingüístico-cognitivo para explicar o comportamento sintático-semântico-pragmático do elemento gramatical **até**.

#### 4.2.1. O esquema Imagético da Escala

Na abordagem cognitivista da linguagem (cf. Fauconnier, 2002), a noção de escala é ativada para que possamos promover a compressão de

conhecimentos fora do alcance humano em um padrão de apreensão humana. Além disso, Johnson (1987) apresenta a escala como um recurso esquemático da cognição humana. O autor coloca a escala entre os Esquemas Imagéticos que estruturam os conceitos. Como vimos, o homem se entende no espaço em um eixo horizontal e outro vertical. Parece-nos, aqui, nesta tese, que na experiência de espaço (sg. Lakoff, 1987, p. 283, os Esquemas Imagéticos estruturam a nossa experiência de espaço) pressupõe-se um Esquema Imagético de Escala.

Johnson (1987, p. 121) inicia a explanação sobre o esquema de escala, considerando que a metáfora *mais é para cima* estrutura a conceptualização de um *montante (uma quantidade)*<sup>45</sup> em um vasto número de expressões lingüísticas. Tais como *A taxa de crime continua subindo. O número de livros publicados vem  aumentando. Nossas vendas caíram ano passado. As nossas reservas financeiras não podiam mais baixas*. O autor pergunta por que essa idéia de *montante* baseia-se mais em verticalidade que conteúdo, balanço, força ou outros importantes esquemas? Por que mapeamos *mais* como *para cima* e não *para baixo*?

Johnson explica que há uma correlação com estruturas básicas da experiência humana que se projetam metaforicamente nessas conceptualizações. Por exemplo, quando se coloca *mais* de algo em uma pilha ou um container, o nível *aumenta*. Essa metáfora não se baseia na similaridade, até porque não há similaridades relevantes entre *mais* e *para cima*. Em vez disso, essa conceptualização projeta-se com uma correlação experienciada que permite estruturar o conceito de *montante*. A metáfora *mais é para cima* baseia-se ou exemplifica o esquema de escala.

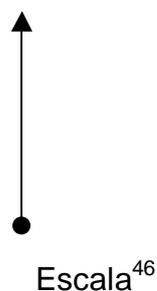
---

<sup>45</sup> O autor usa a palavra **amount**, que vamos entender como *montante*.

O Esquema da Escala é básico tanto para as experiências quantitativas quanto qualitativas. Em relação aos aspectos quantitativos experienciamos um mundo populado com objetos que podem ser agrupados de diferentes maneiras e *montantes* de substâncias que podem crescer ou decrescer. Objetos podem ser acrescentados a uma pilha, objetos podem ser retirados. Substâncias podem ser adicionadas ou retiradas de uma pilha ou de um container. Em relação aos aspectos qualitativos os objetos ou eventos são experienciados como tendo graus de intensidade. Disso que se diz que uma *batata é mais quente que outra* ou que *uma dor é mais intensa que outra*, por exemplo.

Podemos ver o mundo como uma massa expansível de um *montante* quantitativo e graus ou intensidade qualitativa. O mundo é experienciado em termos de *mais*, *menos* ou *igual*. Podemos ter mais, menos ou um número igual de objetos ou de um montante de substância ou de um grau de força ou de intensidade de sensação. Esse aspecto de *mais* ou de *menos* da experiência humana é a base do esquema de escala.

O autor adverte que o esquema de escala pode ser representado, ainda que um pouco inadequadamente, como um esquema do percurso modificado, como na figura seguinte:



---

<sup>46</sup> Cf. Johnson (1987, p.123)

O esquema da escala pode ser fortemente diferenciado do esquema de percurso em muitos pontos:

- (i) o esquema de escala tem mais ou menos uma direcionalidade fixa. Normalmente, quanto mais longe se vai na escala, maior o montante ou a intensidade. Percursos, constrativamente, não são inerentemente direcionais, embora se possa impor direcionalidade, mas dependente de um ponto de vista externo ou de uma localização externa.
- (ii) Escalas têm uma característica cumulativa. Uma pessoa que guarda dinheiro e acumulou \$15,00, ela também tem \$10,00. Mas isso não é tomado no avanço ao longo do percurso, se alguém passou pelo ponto A e chegou ao ponto B, não está mais no ponto A (ponto A não é carregado ao longo até a presente posição)
- (iii) Escalas apresentam tipicamente uma caracterização de normas, o percurso não. Ter mais ou menos de alguma coisa pode ser bom ou ruim, desejável ou indesejável. Estar mais aquecido no inverno pode ser desejável, estar aquecido no verão pode ser desagradável. Em um ou em outro caso, as normas são mapeadas na escala.
- (iv) Uma característica final é partilhada por ambos: escala e percurso: podem ser abertos ou fechados. O percurso ou escala podem continuar indefinidamente em uma direção ou pode terminar em um ponto definido. No caso da escalas esse ponto estabelece o limite máximo de quantidade, intensidade ou grau.

Um outro aspecto importante das escalas na nossa cultura é a possibilidade de impor gradações numéricas na escala. Escalaridade parece permear experiências humanas, mesmo onde não são possíveis medidas quantitativas precisas. Conseqüentemente, essa estrutura experiencialmente básica do nosso conhecimento tanto de entidades abstratas quanto concretas é uma das estruturas de esquema imagético mais difundidas na nossa compreensão.

O esquema imagético que emerge da experiência de entidades concretas e físicas é figurativamente estendido para encobrir entidades abstratas de diversos tipos (números, propriedades, estruturas geométricas, entidades de modelos econômicos etc). Na base dessas extensões metafóricas é possível apreender virtualmente cada aspecto da experiência humana em termos de escalaridade.

Johnson (1987, p.125) explica que, por exemplo, no esquema de *centro-periferia* há uma superimposição do esquema de *container*. Além disso, o autor diz que o que se considera perto ou longe vai depender do contexto. Mas, uma vez que estabelecemos isso, definimos uma escala, determinando a proximidade relativa de um centro<sup>47</sup>. Além disso, o autor (p. 85) afirma haver um esquema imagético prototípico de balanço.

Essas colocações de Johnson abrem margem para pensarmos que há uma prototipicidade, ou seja, um esquema mais central em relação a outro que esteja estruturando a representação de um significado. Daí, possa haver mais de um esquema envolvido na significação. Outro ponto é a existência da escala em

---

<sup>47</sup>Johnson (1987, p.85) afirma haver um esquema imagético prototípico de balanço. Parece-nos que a idéia de prototipicidade de Esquemas Imagéticos poderia nos conduzir para uma rede polissêmica de Esquemas, até baseando-nos na transformação de Esquemas em Lakoff (1987, p. 440-445). Embora, isso nos intrigue, essa idéia não foi, aqui, investigada.

outros esquemas além do próprio esquema da escala<sup>48</sup>. E, por último a existência de uma relação entre os esquemas provocadora de transformação, que o autor chamou de superimposição.

Lakoff (1987, p.440) afirma que há uma certa relação natural entre os esquemas imagéticos, que motiva a polissemia, não apenas em um ou dois casos, mas um caso depois do outro até o léxico. Por exemplo, palavras baseadas em um esquema imagético do percurso têm, também, um esquema imagético correspondente cujo foco está no ponto final do percurso. O autor exemplifica usando, no inglês, o caso de *over*, mostrado nas proposições: (i) Sam walked **over** the hill e (ii) Sam lives **over** the Hill. Na primeira conceptualizamos **over** a partir do nosso Esquema Imagético de Percurso, focalizando o deslocamento, em português seria algo como *Sam caminhou pela montanha*. Na segunda, conceptualizamos **over**, focalizando um ponto-final, seria, então, algo como *Sam vive na montanha*.

A transformação de esquemas como *Percurso* em *Foco no ponto-final* acontece porque, afinal, é uma experiência comum um objeto se mover e seguir por um caminho até que pare, e então, podemos focalizar o ponto onde o objeto está. Isso corresponde a transformação do foco no *caminho (percurso)* para a transformação do foco em *ponto-final*.

Lakoff (1987, p.443) afirma que a transformação de esquemas são reflexo direto das experiências humanas, que podem ser visuais ou sinestésicas. Além disso, não há nada de surpreendente em pensar que os esquemas imagéticos refletem a experiência humana mais geral e sensorial de espaço.

---

<sup>48</sup> Acreditamos, nesta tese, que o esquema da escala está pressuposto aos esquemas que estruturam a experiência de espaço, uma vez que o espaço é experienciado nos eixos horizontal e vertical.

Daí, podemos pensar que se os esquemas, ao menos os apresentados em Lakoff:1987 (porque há outros em Johnson:1987, 126) estruturam a experiência humana de espaço e nos concebemos no espaço tanto em um eixo horizontal quanto vertical, ou seja, em uma escala, então, os esquemas imagéticos (trazidos em Lakoff – **percurso, centro-periferia, em cima– embaixo, parte-todo e ligação**) são ordenados de um esquema de escala. Daí, haveria uma superimposição com o esquema de escala. Porque, por exemplo, o esquema de percurso pressupõe uma escala, ou seja, a organização dos elementos ao longo de um eixo.

Nesse capítulo, buscamos arrolar algumas considerações acerca da escalaridade que pudessem corroborar a sua centralidade cognitiva e, também, lingüisticamente.

## 5. OUTRAS ABORDAGENS DO CASO DO **ATÉ**: ASPECTOS GERAIS

Recentemente, as preposições têm sido alvo de diversos estudos lingüísticos. Dessa maneira, mostra-se que não são apenas partículas de junção entre palavras, mas sim itens vocabulares que demandam um olhar mais atencioso, tanto que se encontram trabalhos buscando entender seu papel sintático, semântico, discursivo e mesmo cognitivo.

Estudiosos como Almeida, Castilho<sup>49</sup> e Ilari têm se ocupado da descrição do comportamento das preposições. Ilari, Castilho & Almeida (2005) apresentam vasto estudo sobre as preposições no português. Almeida vem, há algum tempo (1984, 1993, 1995, 2005), mostrando-se relevantemente interessada por aspectos semântico-categoriais das preposições, dentre elas o **até**. Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Advérbios, preposições e conjunções: um estudo de reanálise”, a autora, lançando mão da Teoria do X- Barra (Jackendoff, 1977) propõe que haja uma classe geral – a adposição- que integre as outras três, de modo que não haja diferença categorial em função de transitividade do núcleo.

Convergentemente ao ponto de vista de Almeida (1984), também, entendemos que os diferentes usos do **até**, apresentados como classes distintas: preposição, advérbio e conjunção (no caso do até que), na verdade, fazem parte de uma classe geral, ou seja, apresentam um mesmo comportamento de escalarização. É nesse sentido que dizemos que os trabalhos aproximam-se. No entanto, nesta tese, o interesse recai em explicar o comportamento do **até**, sob o aspecto lingüístico-cognitivo, na verdade, como elemento de uma rede categorial polissêmica.

---

<sup>49</sup> Castilho desenvolve o projeto intitulado “Análise multissistêmica das preposições”, vinculado ao Projeto “Estudos diacrônicos e sincrônicos do português” do Programa de Pós Graduação de Filologia e Língua portuguesa da USP. Pode ser visto no site [ffcl.usp.br/dlev/lport](http://ffcl.usp.br/dlev/lport)

Então, o que aqui se mostra não brotou de um solo árido. Na verdade, entendemos que a pesquisa apresentada, só se faz possível por conta da fertilização lingüística acontecida ao longo da história dos estudos gramaticais, juntamente com a sua contemporaneidade.

Daí, nesse capítulo, apresentamos, primeiramente, a visão dos estudos tradicionais tanto diacrônica quanto sincronicamente. E, em um segundo momento, lançamos mão dos recentes tratamentos lingüísticos dados às preposições, em especial ao **até**.

Acreditamos que, desses pensamentos tradicionais estendidos à contemporaneidade, novos (ou, talvez, conclusivos) pensamentos vão nascendo. Assim, esse capítulo se justifica.

### 5.1. Os estudos gramaticais

Nesta seção, apresentamos um panorama dos estudos do **até**. É sabido que o **até** vem sendo classificado como preposição, advérbio e conjunção (até que), caracterizando-se como caso de flutuação categorial.

Buscamos perceber como essas diferentes classificações são esclarecidas. Para isso, dividimos o capítulo em duas partes. Na primeira, mostramos o estudo em uma perspectiva diacrônica, a partir das gramáticas de João de Barros, de Jeronymo Soares e, lançamos mão da gramática de Port Royal por oferecer interessante reflexão sobre o papel das preposições. Dentro dessa visão, coube apresentar um breve histórico do **até**.

Na segunda parte, apresentamos o estudo do elemento **até** em uma perspectiva sincrônica, quando lançamos mão de gramáticas prescritivas e descritivas. Além disso, recorreremos ao estudo de Moura Neves (1987), que trata da herança grega na gramática tradicional e à Almeida (1984), que apresenta vasta descrição das visões diacrônica e sincrônica para discutir as fronteiras categoriais entre preposição, advérbio e conjunção.

### 5.1.1. A perspectiva diacrônica

Tradicionalmente, nos estudos da gramática greco-latina, a preposição é definida como aquela que vem antes das partes do discurso declináveis e ocupa o primeiro lugar entre as indeclináveis.

No entanto, Moura Neves (1987) aponta que Díscolo<sup>50</sup>, cuja classificação tem uma base filosófica, dessa maneira, afastando-se do caráter exterior conferido pela gramática Alexandrina, assume que a preposição tem uma propriedade de indicar relações de lugar, assim como os advérbios. Isso dependendo do lugar em que estejam sendo empregadas, principalmente quando diante de verbos. Os sinais da oscilação categorial já tornavam-se visíveis.

Almeida (1984) atesta, em seu estudo histórico, essa relação entre preposição e advérbio. Mostra que muitos vocábulos adverbiais, em Latim, são formados por aglutinação com a presença de preposição. Por exemplo, *interdiu*

---

<sup>50</sup> O gramático viveu na primeira metade de século II d.C.(...). Juntamente com seu filho, seriam os gramáticos de maior projeção na época dos Imperadores Romanos, e ele representaria o ponto culminante da sabedoria gramatical da Antiguidade. Da sua vasta obra restam quatro trabalhos: Do pronome, Das conjunções, Dos advérbios e Da sintaxe. (Apud NEVES. 1987, p.119-120).

(de dia), antehac (antes disso), deinde (depois), hactenus (até aqui), atenus (até aí) entre outros<sup>51</sup>.

A autora aponta que é interessante estudar determinadas locuções em Latim, uma vez que ora eram usadas como preposições, ora como advérbios.

Além disso, Almeida<sup>52</sup> mostra através da pesquisa diacrônica, que a definição de preposição, advérbio e conjunção são parecidas. Na Gramática portuguesa de Pinto Carneiro (apud Almeida, 1984, p.35) aparece que **advérbios** são *palavras que se juntam aos verbos, adjetivos e até outros advérbios, determinando-lhes a relação; preposições* são *palavras invariáveis que servem para ligar partes ou elementos de uma oração mostrando a relação de dependência que existe entre eles e conjunções* são *palavras invariáveis que ligam palavras, orações ou períodos*.

Nessa gramática, o **até** encontra-se tanto nas listagens de preposição, advérbio quanto na de conjunção. E, da gramática histórica de J.J. Nunes, Almeida cita que o **até** apresenta-se listado tanto como preposição quanto advérbio. Marca-se vividamente a flutuação categorial.

Vale ressaltar que Almeida destaca o fato de os gramáticos estabelecerem classes distintas para a preposição, o advérbio e a conjunção, mas, no entanto, suas listas de classificação apresentam sempre *conjuntos-interseção*<sup>53</sup> e o mesmo elemento transita em diferentes classes gramaticais.

Em João de Barros (Apud Almeida, 1984), define-se a preposição como *uma parte das nove que tem a nossa gramática, a qual se põe entre as outras por ajuntamento ou composição*. Mostra-se, também, que as preposições podem se

---

<sup>51</sup> P.18

<sup>52</sup> P.36

<sup>53</sup> P.42

juntar não somente aos verbos como também aos advérbios e outras preposições.

A gramática de Port Royal explica que as preposições foram inventadas para indicar as relações que as coisas têm umas com as outras.<sup>54</sup> Apesar de sua herança cartesiana<sup>55</sup>, chama a atenção para o fato que a compreensão da proposição é advinda do todo e não está na preposição:

*Se cada relação de uma idéia com uma outra tivesse sua preposição, o número delas seria infinito (...) O que importa é que o espírito reúna, ao mesmo tempo, todos os termos de uma proposição para concebê-la. Só a preposição não é suficiente para determinar as relações; ela serve então para unir os dois termos: e a relação entre eles é assinalada pela inteligência, pelo sentido total da frase.*<sup>56</sup>

Decerto, que essa assunção destitui a preposição de uma força lingüístico-cognitiva, mesmo porque a entende de maneira isolada. Mas, ainda assim, sinaliza, em certa medida, a importância da construção gramatical na emergência da significação<sup>57</sup>.

Em Port Royal, fala-se das preposições que podem ser também advérbios. Explica-se que o advérbio surgiu pela vontade de abreviar-se o uso da língua. Isso porque os advérbios seriam, na verdade, a composição de uma preposição mais um nome. Por exemplo, *cum sapientia* – com sabedoria-*abreviou-se* para *sapienter* -sabidamente<sup>58</sup>. Reitera-se, mais adiante, que toda palavra que *pode ser enunciada por uma preposição seguida de um nome é um advérbio*<sup>59</sup>.

---

<sup>54</sup> Gramática de Port Royal. (Op. Cit., p.75).

<sup>55</sup> NEF (1995) e SILVA, Rosa Mattos e. (2002, p. 39).

<sup>56</sup> Gramática de Port Royal. (Op. Cit., p. 197).

<sup>57</sup> Essa posição foi revivida em Jerônimo Soares Barbosa.

<sup>58</sup> P.80

<sup>59</sup> P.199

A *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*<sup>60</sup> de Jerônimo Soares Barbosa, publicada no século XIX, é tida como marco nos estudos gramaticais da língua<sup>61</sup>. Talvez, isso, se deva, de certo modo, a percepção de o significado advir da inteligência. Tal assunção já era apontada em Port Royal e, talvez, possa-se mesmo dizer que tomada pela *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*<sup>62</sup>.

Afinal, estudiosos apontam Soares Barbosa como um homem do século XVII e, de certa maneira, inspirado na *tradição iniciada pelos gramáticos seiscentistas de Port Royal e aperfeiçoada pelos iluministas franceses*<sup>63</sup>.

Pode-se dizer que aquela percepção era um prenúncio da importância da cognição nos estudos lingüístico-gramaticais. Tanto que Chomsky declara, no século XX, que sua proposta mentalista sobre a linguagem ecoa da escola de Port Royal.<sup>64</sup>

No entanto, talvez, a visão cartesiana, tanto de Port Royal quanto de Soares Barbosa (ainda praticada na atualidade) não tenha permitido um salto epistemológico que se anunciava.

Diz-se isso porque apesar de tratarem de uma língua geral e *dos princípios e das razões sobre as quais se apóiam as diversas formas de significação das palavras*<sup>65</sup>, vão fazê-lo de maneira isolada, sendo insuficientemente explicativos sobre os elos entre essa inteligência/razão e os elementos gramaticais.

Mas, em meio a tudo isso, há de se dizer que muitas são as considerações relevantes acerca do **até** na gramática de Soares Barbosa.

---

<sup>60</sup> Manteve-se a norma ortográfica vigente.

<sup>61</sup> SILVA, Rosa Mattos e. (Op. Cit., p.11).

<sup>62</sup> Manteve-se a norma ortográfica vigente

<sup>63</sup> SILVA, Rosa Mattos e. (Op.Cit., p. 38).

<sup>64</sup> Idem, p.39.

<sup>65</sup> Gramática de Port Royal. (p. 173).

Jerônimo Soares preconiza, na *Grammatica Philosophica*, que a *grammatica* pois, que não é outra coisa, segundo temos visto, senão a arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer língua, tem naturalmente duas partes principaes: uma *mechanica*, que considera as palavras como meros vocábulos e sons articulados, já pronumciados, já escriptos, e como taes sujeitos ás leis *physicas* dos corpos sonoros e do movimento; outra *lógica*, que considera as palavras, não já como vocábulos, mas como *signaes artificiaes* das idéas e sua relações, e como taes sujeitos ás leis *psychologicas* que nossa alma segue no exercício das suas operações e formação de seus pensamentos.<sup>66</sup>

A preposição é apresentada como uma parte colocada entre duas palavras, indicando a relação de complemento que a segunda tem para a primeira<sup>67</sup>. E, assim, como em Port Royal, chama atenção que não se pode confundir a relação particular do termo com a geral. Isso determina-se em função das relações postas na proposição como um todo.

Soares Barbosa apresenta as preposições segundo suas relações gerais: (i) de estado ou existência e (ii) de ação e movimento. O **até** se classifica na segunda classe, dita de *ação e movimento* e pertencente (juntamente com *a e para*) ao lugar *para onde*.

O gramático - vale a pena transcrever suas próprias palavras - diz que *toda a acção é um movimento ou real ou vertical, e todo o movimento tem um principio d'onde parte, um meio por onde passa, e um fim aonde ou por onde se dirige. Estas são as relações geraes das preposições activas, cujo primeiro destino tendo sido o de indicar o logar d'onde começa qualquer movimento, o*

---

<sup>66</sup> Manteve-se a norma ortográfica vigente.

<sup>67</sup> P. 207.

*espaço por onde passa, e o termo aonde se encaminha; d'aqui por **analogia**<sup>68</sup> do espaço local com o espaço tempo, passaram a significar as mesmas relações por ordem ao tempo em que uma coisa começa, pelo qual continua, e aonde termina.*

*Depois de se considerar o tempo como um espaço análogo ao do lugar, não é para admirar, que o espírito humano passasse a considerar como uma espécie de espaço abstracto qualquer pensamento, em que se pudesse distinguir uma idea, da qual como de principio fosse discorrendo por outras intermédias para chegar a uma terceira, que se propoz. A mesma palavra discurso suppõe uma espécie de espaço ideal, em que as ideas se sucedem umas a outras.*

Nesse momento, Soares Barbosa antevia a projeção metafórica no contínuo de abstratização, do conhecimento mais concreto para o mais abstrato, defendida no estudo cognitivista, em que o uso espacial é abstratizado para a noção de tempo.

Importante perceber que o gramático chama atenção para o uso do **até** como advérbio. E, afirma que *esta preposição parece **advérbio**, em lugar de **ainda**, n' estas e semelhantes frases:*

(1) **até** os mais vis homens ousavam ludribial-o;

(2) fazendo particulares tractados **até** dos ditos breves;

(3) as obras do victorioso e favorecido da fortuna **até** para cantar são gostosas

---

<sup>68</sup> Grifo meu

Porém não é; mas sim a mesma preposição que serve de remate e complemento a uma série total de indivíduos, entendendo-se-lhes antes **todos, tudo, como:**

(4) *todos continuamente, até os mais vis ousavam, etc.*

(5) *Fazendo particulares tractados de tudo, até dos ditos breves;*

(6) *as obras do victorioso... são gostosas para tudo, até para cantar*<sup>69</sup>.

Em seguida, explica **que advérbios nada mais são que uma redução ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma só palavra indeclinável**<sup>70</sup>. Chama-se advérbio, porque bem como a preposição com seu complemento se ajunta a qualquer palavra de significação ou vaga ou relativa, para modificar, restringindo-se ou completando-a; o mesmo faz o advérbio com mais concisão e brevidade. (...) D'aqui se vê, que o advérbio não constitue per si uma espécie diferente entre as partes elementares do discurso<sup>71</sup>.

Soares Barbosa trata o uso adverbial do **até** como uma consequência natural, uma vez que o advérbio é uma redução da preposição, podendo ser declinável.<sup>72</sup>

Chamamos a atenção para o uso do **até** em “fazendo particulares tractados até dos ditos breves”, que é exatamente o uso mais controverso. Aquele que a gramática tradicional rotula de ora partícula de inclusão, ora advérbio e, na Semântica argumentativa, encontra-se tratado como operador argumentativo.

---

<sup>69</sup> P.222

<sup>70</sup> Grifo meu

<sup>71</sup> P.222

<sup>72</sup> P.223

Daí, vemos, também, que os diferentes comportamentos do **até** não são extravagâncias da atualidade. Mas, datam de longo tempo na língua.

Podemos, diante de tudo isso, entender porque a *Grammatica philosophica* foi determinada como um marco nos estudos gramaticais. Afinal, muito já preconizava-se, em suas páginas.

Em termos histórico-gramaticais, o **até** apresenta-se como etimologicamente polêmico. Isso porque se fala de uma associação com a partícula espanhola **hasta** originada de um arabismo **hatta**. No entanto, essa hipótese teria sido revogada por Silva Neto (1958)<sup>73</sup>, em função do aparecimento de suas variadas formas em textos antigos, tais como **ata, ate, atro, tra, ta, te, tro, trões, ate**. Daí, Silva Neto propor **ad tenus** como origem etimológica para o **até**.

O problema, entretanto, não se resolve aí. Viaro entende um *estranho exostismo* em ambas as hipóteses, por serem etimologias de exceção. Na hipótese do arabismo, haveria muitos problemas de ordem fonética, segundo Viaro. E, a hipótese de Silva Neto, sustentaria um preciosismo, uma vez que a forma **tenus** era rara em Latim, então esse vestígio no português seria uma exceção românica, além, mais uma vez, dos ditos extremados problemas fonéticos apontados em Viaro.

Assim, Viaro, em sua pesquisa em textos antigos, vai apontar as formas *intra/intro*, recorrentes, também, na Península Ibérica. Fala-se em origem advinda das formas *hatta, ad tenus e intra/intro*. Viaro apresenta considerações acerca das mudanças semânticas do **até**, tomando textos do século XIX.

---

<sup>73</sup> Apud Viaro (Op. cit.).

Sua pesquisa aponta as diferentes classificações morfológicas do **até**: preposição, advérbio e conjunção. Sugere, também, que se entenda a ocorrência da preposição **até** como um caso de gramaticalização de uma forma adverbial.

O autor, referindo-se ao uso do **até** para marcar relações de tempo, fala que a etimologia do item não serve para justificar seu *comportamento de exceção no século XIX (e na atualidade), uma vez que o valor prototípico dos núcleos dos SPs da maioria das preposições é espacial (outra exceção seria o após)*.

Mais adiante, Viaro afirma que *apesar de ser menos freqüente, o valor espacial de até é prototípico: é fácil derivar do valor espacial de até aqui um valor temporal, mas o inverso não é possível*.

O autor apresenta o uso do **até** em escalas de gradação qualitativa, dizendo que nesses casos o núcleo associado à preposição está sempre no fim de uma escala real ou imaginária de acontecimentos. Afirma, também, que em proposições como:

(7) *Com ele se limpam todos os objectos do uso tanto de metal como de louça ou vidro, até de madeiras pintadas, como portas, portadas, etc*<sup>74</sup>

o marcador **até** acaba incluindo as *madeiras* nessa escala imaginária de dificuldade e limpeza.

Diante disso, percebemos que em Viaro encontramos uma especulação, ainda que incipiente, acerca da noção de escala suscitada pelo uso do **até**.

Viaro afirma que não apareceram em seu corpus casos de **até** em argumentos sentenciais despreposicionados, por exemplo, sujeitos antecédidos

---

<sup>74</sup> Diário de Notícias, 12 de julho de 1869. Apud Viaro (Op. Cit.).

por **até**, como por exemplo: *Até eu sei disso*, alegando que esse não poderia tratar-se de um caso de preposição.

Nesse momento, parece retomar a classificação da gramática normativa, que trata o **até** diante de sujeito como partícula de inclusão<sup>75</sup>. No entanto, chamamos, aqui, a atenção para os seguintes exemplos apresentados em seu trabalho:<sup>76</sup>

(8) *O elixir alimentício Ducro e muito agradável ao paladar e as pessoas a quem maia repugnam os alimentos, o tomam até por gosto.*<sup>77</sup>

(9) *Há tudo até pianos e bicyclette, gaitas e tambores, essenciais e óleos, chitas e dedas, cassas e gorgurões, chapéos e leques, bengalas e chapéos de sol.*<sup>78</sup>

em que, embora, o *até* não esteja precedendo sujeito, tem seu uso caracterizado, tradicionalmente, como partícula de inclusão ou advérbio, segundo a gramática tradicional ou como operador argumentativo, sob a ótica da Semântica argumentativa. Esses exemplos se mostram muito enriquecedores para a pesquisa aqui, apresentada, visto que se podem atestar tal uso, historicamente.

---

<sup>75</sup> Pode-se retomar, aqui, o exemplo de Bechara (2001, p. 296) – *Até eu recebi o castigo*.

<sup>76</sup> Tratados como *Usos de até em gradações qualitativas*.

<sup>77</sup> Diário de Campinas, 01 de fevereiro de 1888.

<sup>78</sup> Correio de Notícias, 16 de fevereiro de 1899.

### 5.1.2. A perspectiva sincrônica

Nesta seção apresentamos, sincronicamente, a visão sobre as preposições, em especial o item **até**. Consultamos gramáticas prescritivas como Bechara (2001), Cunha & Cintra (1985), Mendes de Almeida (1983), Macedo (1991) e os estudos descritivos de Moura Neves (2003), Mira Mateus (1983 e 2003) e Perini (1995).

A gramática tradicional encontra seu berço na gramática latina e mantém seu interesse central em *estabelecer as regras ditas melhores, para a língua escrita, com base no uso que dela faziam aqueles que a sociedade considerava e considera os seus mais bem acabados usuários, os chamados grandes escritores, tanto poetas quanto prosadores.*<sup>79</sup>

Juntamente à essa postura foi agregando-se a assunção cartesiana<sup>80</sup>. Por exemplo, a gramática de Port Royal, grande influenciadora da gramática filosófica de J. Soares Barbosa é tida como cartesiana.

E, foi assim, que aos longos dos tempos a gramática consagrou-se como um modelo mais separatista que de integração<sup>81</sup>, tanto no que diz respeito à língua propriamente (e o estudo de seus níveis gramaticais), quanto ao seu papel social.

É sob essa ótica que o uso do **até** vem, em grande parte, sendo propagado e ensinado como uma preposição, que, inexplicavelmente, resolve por capricho ter outros comportamentos.

---

<sup>79</sup> SILVA, Rosa Mattos e. (2002, p. 12)

<sup>80</sup> Referimo-nos a bipartição razão / emoção atribuída ao filósofo Descartes e contestada em Damásio (1996).

<sup>81</sup> Acreditamos, aqui, estar falando da mesma maneira que ILARI, CASTILHO & ALMEIDA (2005) em seu capítulo sobre preposições, quando dizem que buscam olhar as preposições não como tradicionalmente é feito na *perspectiva da ruptura (da alternativa)*, mas na *perspectiva da continuidade*.

Talvez, isso possa justificar-se em função do arcabouço teórico-descritivo até então tomado pelos estudos tradicionais. Acreditamos, aqui, que a visão lingüístico-cognitiva possa, de fato, contribuir para esclarecimentos sistemáticos e integrados do comportamento do **até**, tanto em seus aspectos morfo-sintático-semânticos quanto às suas motivações pragmático-cognitivas, projetadas no seu contínuo categorial.

Em seguida, apresentamos as definições de cada uma das gramáticas citadas.

Bechara (p. 296) ensina que a preposição é uma unidade lingüística desprovida de independência (...) que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais (...) não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Bechara (p. 298), no entanto, chama atenção para o significado das preposições. Explica que a preposição apresenta um significado unitário, que não deve ser confundido com único. Isso porque o significado unitário da preposição pode desdobrar-se em outros significados contextuais. Em seguida, o gramático apresenta o sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, caracterizando-o pela dinamicidade e estaticidade. No grupo de noção dinâmica aparecem: **até**, *a*, *contra*, *para*, *por*, *de* e *desde*. No segundo grupo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*. Nesse último caso, os traços de estaticidade e dinamicidade são indiferentemente marcados. Não fica claro se à referência ao espaço e ao tempo aplica-se apenas ao segundo grupo ou aos dois grupos.

No grupo organizado pela característica da dinamicidade estão dois subgrupos. O primeiro de movimento de aproximação ao ponto de chegada: *a*,

*contra, até, para*. O segundo de afastamento: *de* e *desde*. No caso, a preposição *por* compatibiliza com os dois grupos.

O gramático refere-se ao segundo grupo com a subdivisão em situação mais concreta e mais imprecisa. Mas, não fica clara essa caracterização. Parece que, partindo da noção de espaço, organiza esse grupo em preposições de situação horizontal: *ante, trás* e de situação vertical: *sob, sobre*.

O **até** classifica-se como uma preposição essencial (palavras que só aparecem na língua como preposição) com traços semânticos de dinamicidade com aproximação ao um término e marcando o limite de chegada.

Bechara (p. 311) adverte que *é preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão até que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de “inclusive”, “também”, “mesmo” e “ainda”. A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto, exemplificam-se, respectivamente:*

(10) *Ele chegou até mim.*

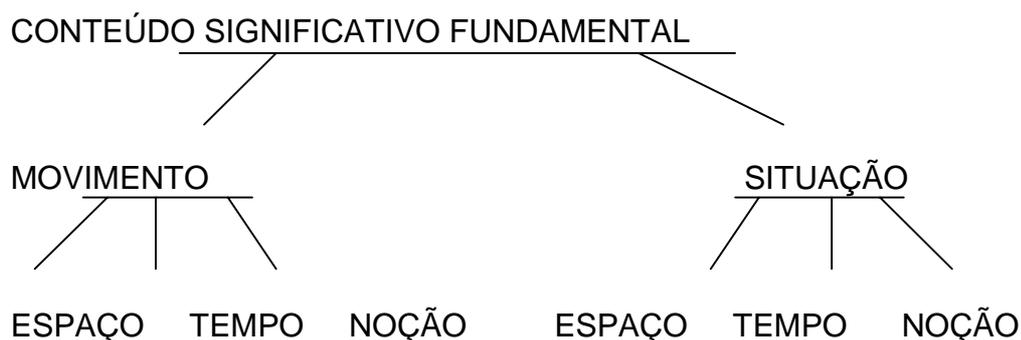
(11) **Até** eu recebi o castigo.

Cunha & Cintra (p. 542) chamam preposição palavras invariáveis que relacionam dois termos, podendo ser essenciais e acidentais. O gramático ensina que as relações estabelecidas pelas preposições implicam movimento ou não-movimento (ou seja, uma situação). *Na expressão de relações preposicionais com idéia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C).*<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> Pág.544

Cunha & Cintra (p. 544) explicam que apesar da grande variedade de usos e as diferenciações no discurso, pode-se estabelecer uma significação fundamental advinda da expressão de movimento (ou de sua ausência) espacial, temporal e nocional. Parece interessante mostrar o quadro proposto pelos gramáticos:



A preposição **até**, em Cunha & Cintra (p. 552), expressa movimento com aproximação de um limite (a) no espaço<sup>83</sup> e (b) no tempo.

No caso do uso do **até** em proposições como

(12) Tudo na vida engana, **até** a glória.

Cunha & Cintra (p. 540) afirmam que, por vezes, essas palavras são impropriamente classificadas como advérbios. Os gramáticos dizem que, nesse caso, o **até** expressa inclusão, assim como: *inclusive, mesmo, também, etc* e deve ser classificado como **palavra denotativa de inclusão**.

Os gramáticos explicam que tais *palavras não devem ser tidas como advérbios*<sup>84</sup> *porque não modificam verbo, nem adjetivo, nem outro advérbio. São*

<sup>83</sup> No exemplo *Subiu o Quembo até chegar ao Cotunba* (Pepetela, NA, 16), o gramático classifica o **até** como expressão de movimento no espaço.

por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: “palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação”, etc.<sup>85</sup>

No entanto, no parágrafo seguinte, os estudiosos dizem que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* admite a existência dos advérbios de exclusão e de inclusão e considera advérbios de oração o que denominamos palavras denotativas de situação<sup>86</sup>.

Moura Neves (p. 601) explica as preposições como palavras que pertencem à esfera semântica das relações e processos que atuam especificamente na junção dos elementos do discurso.

Apresenta-se o **até** como preposição que indica (i) complemento locativo do verbo e (ii) limite (a) de espaço, (b) de tempo e (c) de número. No caso do tempo, a autora explica que se usa um sintagma preposicionado para expressar uma *duração relativa*:

- (13) *Romário deverá ser emprestado ao Flamengo até fevereiro do próximo ano.*

A preposição **até**, elucida Moura Neves (p. 624), pode vir seguida de **que+oração com verbo no infinitivo** ou de **verbo infinitivo**, por exemplo:

- (14) *Esse suplício durou anos até que um dia (...) apareceram os costumeiros algozes.*

---

<sup>84</sup> O autor, na página 530, adverte que *sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. (...) Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação do seu léxico lingüístico.*

<sup>85</sup> P.541

<sup>86</sup> P.541

(15) *Tomávamos um, dois, três. Até doer o céu da boca.*

No entanto, o **até que**, na página 789, é tratado como locução conjuntiva. Vejamos:

(16) *Se vendesse o anel, o dinheiro daria para o sustentá-lo até que ele morresse.*

A autora fala, na página 240, do **até** integrando uma classe de advérbios de inclusão. Moura Neves diz que os advérbios de inclusão são de dois tipos: (i) inclusão com exclusividade, tendo como exemplos **exclusivamente**, **somente** e **apenas** e (ii) inclusão com incorporação de outros elementos, no caso do **até** e do **também**, como por exemplo:

(17) *Eu soube até que ele vai usar palmatória em quem agir contra os interesses do município.*

Napoleão Mendes de Almeida (1983, p. 336) apresenta o caso do **até** que é **advérbio** quando empregado no sentido de *mesmo, ainda*, por exemplo:

(18) *Podíamos até vender a casa.*

O **até**, em Mira Mateus (2003), apresenta-se como advérbio de inclusão em nota de pé de página. A autora, na página 698, diz que de acordo com os seus *juízos de gramaticalidade, as condicionais surgem mais facilmente em*

clivadas se ocorrer antes da condicional um **advérbio de inclusão (até, mesmo)** ou de exclusão (*apenas, só, salvo*), o que se explicará pelo papel focalizador destes advérbios: *É só se de ter jeito que vamos às compras.*

Cumprе salientar que mais adiante em nossa análise, reportamo-nos a Mira Mateus (2003) e utilizamo-nos do seu conceito de expressão qualitativa, oportunamente explanado.

Macedo (1991, p. 224) diz que preposição *liga um termo a outro, expresso ou não, acrescentando um sentido ou estabelecendo uma função sintática*. O autor apresenta as preposições como vazias ou cheias. As preposições vazias são as que iniciam um objeto indireto ou complemento nominal e as cheias as que ligam acrescentando uma idéia de espaço, tempo ou outras idéias que não sejam de espaço ou tempo. Para esse último caso, o autor usa o termo **noção**.

Segundo o autor, na página 225, existe uma associação entre a idéia de espaço e a idéia de tempo. Para o gramático, em *Vou a Maceió, a preposição a indica espaço, numa escala de tempo, a idéia de futuro é nítida*.

O **até** apresenta-se como preposição que indica extensão com inclusão. O exemplo dado trata apenas da idéia de espaço:

(19) *Vou até São Paulo.*

O gramático, na página 222, apresenta na lista de advérbios, os de exclusão. No entanto, não aparecem os advérbios de inclusão, como em outras gramáticas.

Esse levantamento mostra que a gramática tradicional percebe que há diferentes comportamentos do **até**. Tanto que o apresentam como uma preposição ou como uma outra classe gramatical. Essa outra classificação pode ser como partícula de inclusão, advérbio, advérbio de inclusão, palavra denotadora de inclusão. Esses casos, os autores explicam com a idéia de inclusão e Bechara, além disso, restringe o seu uso à anteposição de pronome pessoal de caso reto. Cunha & Cintra assumem a difícil classificação da palavra.

O **até** aparece com diferentes classificações morfológicas. No entanto, não esclarecem, consistentemente, esse comportamento, tampouco tratam relevantemente suas motivações sintático-semântico-pragmáticas.

## 5.2. Os estudos lingüísticos

O estudo das preposições vem despertando o interesse de pesquisadores em diferentes abordagens teóricas. Recentemente, Ilari, Castilho & Almeida et alii (2005) apresentaram vasto trabalho sobre as preposições no português do Brasil. Os autores chamam a atenção para o fato que:

*Tradicionalmente, a classe das preposições tem sido tratada pelas gramáticas como uma lista de poucos membros. Por exemplo, a Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha & Lindley-Cintra, trata no capítulo das preposições apenas de 17 palavras: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre e trás. O tratamento dispensado pelas gramáticas às preposições é ao mesmo tempo sumário e*

*detalhista: as palavras identificadas como preposições, depois de receberem uma caracterização sintática muito genérica (geralmente como “palavras que relacionam palavras”), são consideradas uma a uma, numa análise que enumera seus diferentes sentidos. Nesse tipo de análise, acaba-se inevitavelmente por sugerir que as preposições são muito parecidas do ponto de vista sintático, e que cada preposição apresenta uma pluralidade de “usos” ou “sentidos” que não têm nada em comum entre si, ou seja, para usar um termo técnico, que os vários usos de uma mesma preposição estão em relação de homonímia.*

Nesse trabalho, os autores remetem ao uso do **até** que *recebe um conteúdo argumentativo (neste caso, escalar) e coloca como ponto de chegada do percurso o dado (ou argumento) de valor mais elevado numa escala:*

Podemos ver que embora os estudiosos remetam à noção de escala, o fazem exclusivamente quando num uso argumentativo. Dessa maneira, se aproximam do tratamento da Semântica argumentativa para o **até**, quando denominado operador argumentativo. A denominação *operador argumentativo* aplica-se ao tratamento do **até** nas proposições em que não se pode, tradicionalmente, determiná-lo como preposição. Não se encontra, na gramática tradicional (que o rotula de partícula de inclusão ou advérbio), classificação que elucide o comportamento semântico-discursivo desempenhado pelo **até**, em casos como:

(20) *Traficantes pagam até churrasco da PM*<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Primeira página do jornal O Globo.

Mesmo com uma visão argumentativa do seu uso e com seu tratamento como operador argumentativo, ainda assim os seus usos são entendidos como homônimos.

A Semântica Argumentativa ou Semântica da Enunciação, liderada por Oswald Ducrot, entende que a língua é essencialmente argumentativa. Na argumentação, os elementos gramaticais são manipulados como *marcas lingüísticas da enunciação ou da argumentação*<sup>88</sup>.

O termo *operador argumentativo*, cunhado por Oswald Ducrot<sup>89</sup>, refere-se aos elementos gramaticais usados para operar a força argumentativa do discurso. Tal operação consiste na manipulação de valores organizados ou em uma escala argumentativa ou em uma classe argumentativa. Em ambas as noções são operados argumentos a fim de se comprovar uma tese, tanto organizados em igualdade de valores (na classe argumentativa), quanto em valores escalarizáveis (na escala argumentativa).

Ilari & Geraldi (1985) discutem a suficiência do estudo tradicional diante das ocorrências variadas do **até**. Acrescentamos, aqui, que tais usos são bastante antigos na língua, ou seja, os estudos tradicionais já se depararam com essa realidade, anteriormente<sup>90</sup>. Parece que se tratou mesmo de um posicionamento gramatical. Comentado isso seguimos, agora, adiante nas considerações de Ilari & Geraldi.

O trabalho de Ilari & Geraldi (baseado em Ducrot e Vogt, cf. Ilari & Geraldi. Op. Cit.) discorre sobre o uso argumentativo do **até**, sob a ótica da Semântica argumentativa. Diferentes ocorrências do elemento são comparadas e os autores mostram que há uma função relatora do **até**, em frases como:

---

<sup>88</sup> KOCH (2004, p.29).

<sup>89</sup> Idem. P. 30

<sup>90</sup> Isso pode ser visto na seção 5.1.1.

(21) A BR 10 vai de Porto Alegre **até** Belém do Pará.

No entanto, essa função não é a função em casos como:

(22) **Até** ontem o feijão custava 2500 cruzeiros o quilo.

Os autores chamam atenção para a precariedade do tratamento tradicional (de relator de função: preposição), tanto para os exemplos anteriores como para o seguinte:

(23) **Até** o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço.

Nas duas últimas ocorrências, segundo os estudiosos, fica evidente que o elemento não exerce necessariamente a função de relacionar termos. No último caso, então, chamam a atenção para o fato do termo com função sintática de sujeito não poder ser precedido por preposição.<sup>91</sup> Além disso, dizem que é necessário recorrer às noções de classe argumentativa, força argumentativa e escala para descrever o funcionamento desse último caso do **até**. Assim, nos explicam que o uso da proposição com **até** exerce uma força argumentativa alta na escala da *classe argumentativa*, sustentando a tese defendida pelo locutor. Os autores tratam, também, dos casos de **nem mesmo** e **mas**. Tais operadores argumentativos também orientam os efeitos de sentido em termos de seus valores escalarizados<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> P.78

<sup>92</sup> Um detalhamento desse estudo pode ser visto na obra citada.

Podemos dizer, então, que a descrição feita por Ilari & Geraldi toma a noção de escala como relevante mecanismo de organização argumentativa operada pelos locutores, que sabem como manipular os valores escalados de determinados elementos lingüísticos. Dizemos, então, que os elementos gramaticais estão imantados à noção de escala, que é manipulada pelo locutor, promovendo diferentes efeitos de sentido. Nesse caso, dizem que o papel do **até** é *apontar que o resto da oração verbaliza um argumento que, numa hierarquia admitida pelo locutor e em relação à conclusão visada, tem posição elevada*.<sup>93</sup>

A assunção é feita considerando-se a noção de escala argumentativa. Para os autores é necessário reservar um lugar de relevo para escalaridade, uma vez que com a noção de escala esclarecem-se não só *um dos usos*<sup>94</sup> do **até**, mas outros fenômenos, chamados fenômenos escalares da língua.

Esclarecem que, na proposição com conteúdo argumentativo (ex. 27), o **até** instancia-se como argumento mais forte na escala argumentativa em favor de uma tese. Essa tese poderia ser: (i) *as autoridades prestigiam o heroísmo dos humildes*, ou (ii) *as autoridades não perdem oportunidades para desperdiçar em iniciativas demagógicas o tempo que deveriam reservar ao trato da coisa pública*, ou (iii) *a morte do bombeiro repercutiu profundamente na opinião pública*, dentre outras possíveis.

Os estudos em Semântica Argumentativa apontam o **até** como operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão. Koch (2004, p. 46) a respeito dos operadores argumentativos explica que:

---

<sup>93</sup> P.80.

<sup>94</sup> Grifo meu. Isso porque se salientou a importância da escala, no entanto, ainda, particularizadamente.

*quando presentes no enunciado, introduzem nele conteúdos semânticos adicionais os quais sem a presença deles, não existiriam. A esses conteúdos, que ficam à margem da discussão, costuma-se chamar de pressupostos e às marcas que os introduzem, marcadores de pressuposição.*

A assunção de um conteúdo pressuposto veiculado ao uso do **até**, em certo sentido vai ser retomado nesta tese, quando dizemos que em proposições como:

(24) No Vietnã, **até** o governo usa software ilegal

o uso do **até** dispara uma conceptualização de condicionalidade, ou seja, uma relação de causa-efeito:

*(Se) até X realizou-se, (então, Y é possível).*

que, caso do exemplo citado está pressuposta, mas poderia também estar explícita, como em:

(25) Se ela **até** comprou o bolo, (então) vai ter festa.

Vimos que os estudos lingüísticos abordam o uso argumentativo do **até** partindo da noção de escala e chamam atenção para a importância e relevância do fenômeno escalar para o tratamento discursivo do **até**. Dessa maneira, diferentemente da gramática tradicional, esclarecem aspectos discursivos desse uso sintático-semântico do **até**.

Para nossa tese, a consideração da relevância da escalaridade no uso do **até** (mesmo que apenas discursivamente, ou seja, no caso do operador argumentativo) soma como uma evidência em favor da nossa hipótese da centralidade da escalarização no funcionamento lingüístico-cognitivo do elemento gramatical **até**.

## 6. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO-COGNITIVO DO **ATÉ**

Nesse capítulo, apresentamos a análise do comportamento lingüístico-cognitivo do **até**. Procuramos mostrar que a idéia da escalarização está em todos os seus usos, organizando uma rede polissêmica. Além disso, apresentamos os aspectos sintáticos e semânticos do seu uso preposicional e não-preposicional. Depois, fazemos o detalhamento dos tipos de escalarização.

É muito importante reforçar que o que se percebeu aqui, não foi feito isoladamente, ou tão contrariamente ao que já se sabe. Na verdade, esperamos agregar conhecimentos aos anteriores.

Sabemos que sobre a preposição **até** mesmo os estudos tradicionais dizem que o seu uso indica um ponto-limite. Embora, não seja dito, pode-se entender que há uma noção escalar subentendida. Afinal, se há um ponto-limite, é porque há um percurso, ou seja, um deslocamento em uma escala de pontos.

Além disso, o que a gramática tradicional não percebe é que no uso em que o **até** se comporta como um **mesmo** ou **inclusive**, também, há a noção de escala, uma vez que o elemento ativa a inclusão de um novo ponto-limite.

A noção de escala apresenta-se, por exemplo, em estudos de Ducrot & Anscombe (1981). Quando os autores usam o conceito de escala argumentativa para explicar os operadores argumentativos, que ativam pressuposição, como no caso do **até**. No entanto, essa descrição não se aplica ao uso preposicional do **até**. Tampouco essa noção de escala diz respeito à operação cognitiva de escalarização.

Almeida (1995) já descrevia, em seu então projeto de pesquisa sobre as preposições, que o **até** é um elemento gramatical que ativa uma escala quando usado nas preposições, tanto espaciais, temporais quanto nocionais.

Estudiosos como Ilari, Castilho e Koch também vêm se ocupando dos estudos das preposições e do uso discursivo do **até**.

Pretendemos, com isso dizer, que muito já se falou sobre as preposições e sobre o **até**. Já se falou em ponto-limite, idéia de inclusão e escala. Mas, separadamente e não como uma rede polissêmica, tampouco da metaforização escalar. Da mesma maneira, um grande número de estudos vê o uso preposicional como completamente desvinculado do chamado uso discursivo, como operador argumentativo, por exemplo.

Tentamos, aqui, encontrar uma generalização para as ocorrências do **até**.

### 6.1. A rede polissêmica do **até**

Nessa seção, buscamos mostrar a rede polissêmica das diferentes ocorrências do **até**. Acreditamos que, embora, haja especificidades nos seus usos, não se justifica um tratamento isolado ou mesmo como homonímia. Para tal, começamos com a observação dos seus usos proposicionais como abaixo:

- (26) Maria foi de Minas Gerais **até** São Paulo.
- (27) Rosângela estudou **até** ontem.
- (28) Diogo pode gastar **até** 10.000, nesse carnaval.

(29) A Nokia vai sortear **até** dez celulares para os clientes, que estiverem na loja (...)

(30) “Tropa de Elite” recebe **até** proposta norte-americana para virar série de TV.

Os exemplos (32), (33) e (34) não causam tanto problema classificatório, uma vez que se trata de preposição. Isso, se não interessarem as especificidades sintático-semânticas envolvidas em cada um dos casos.

Os exemplos (35) e (36), no entanto, causam, pelo menos, um certo desconforto descritivo. Mas, comecemos pela observação de (36):

(30) “Tropa de Elite” recebe **até** proposta norte-americana para virar série de TV.

Os estudos tradicionais explicam, em sua maioria, que o **até**, nesse caso, expressa a idéia de inclusão. Em função disso, alguns classificam como advérbio de inclusão, outros como partícula denotativa. Poderia, também, por ser um **até** com idéia de inclusão, classificar-se como partícula de inclusão. No entanto, a própria gramática tradicional restringe essa classificação aos casos quando ocorre a presença de um pronome pessoal do caso do reto, antecedido pelo **até**, o que não é o caso<sup>95</sup>. Afinal, proposta não é pronome, mas sim substantivo. Por isso mesmo um problema para a aceitação da classificação como advérbio, uma vez que advérbio não modifica substantivo.

---

<sup>95</sup> Esses aspectos estão detalhados no capítulo 5.

Resta a classificação como partícula denotativa de inclusão. Mas, como a própria gramática adverte essa é uma classificação para palavras de difícil classificação, ou seja, para aquelas vezes em que não se sabe o que fazer, tampouco explicar o comportamento do elemento.

Os estudos lingüísticos, por outro lado, explicam esse uso do **até**, discursivamente. Largamente, difundida na literatura da Semântica argumentativa, está o seu tratamento como operador argumentativo, que introduz pressuposição. Nesse caso, recorre-se à noção de escala argumentativa dos estudos de Ducrot&Anscombre para a descrição<sup>96</sup>.

Então, sob a ótica tradicional, esse uso do **até** tem sido visto de maneira nebulosa do ponto de vista da descrição gramatical apresentada por compêndios prestigiosos e sob a ótica argumentativa, embora, seja de certo modo esclarecedor, focaliza-se apenas o seu aspecto mais discursivo. E, em ambas as visões, não são estabelecidos elos entre os usos do **até**, gerando um tratamento como palavras homônimas.

Trabalho de Fillmore, Kay & O'Connor (1988) trata do uso escalarizador do **even**, que se poderia associar a esse **até**, por ora discutido. No entanto, em língua inglesa cada um dos usos do **até** corresponde a uma palavra diferente. Isso justifica não se pensar em polissemia. Proposições que, em português, usam o mesmo vocábulo **até**, em inglês, usam diferentes palavras para cada um das diferentes ocorrências. Podemos ver isso nas comparações estabelecidas em proposições como:

(31) Maria foi **até** São Paulo.

*Maria went to São Paulo.*

---

<sup>96</sup> Idem ao item anterior.

- (32) Ela entrega o relatório **até** amanhã.  
*She brings the report **until** tomorrow.*
- (33) **Até** as crianças ficaram quietas quando ele chegou.  
***Even** the children became quiet when he arrived.*

Nesses casos, na língua inglesa, óbvia e claramente, são palavras diferentes, sendo apenas o **even** um operador argumentativo, sem elos com os demais exemplos<sup>97</sup>. Isso não é tão óbvio e claro assim em português, a ponto que justifique o seu tratamento como homonímia, uma vez que apesar da especificidade em cada um dos usos, sempre se está diante do **até**.

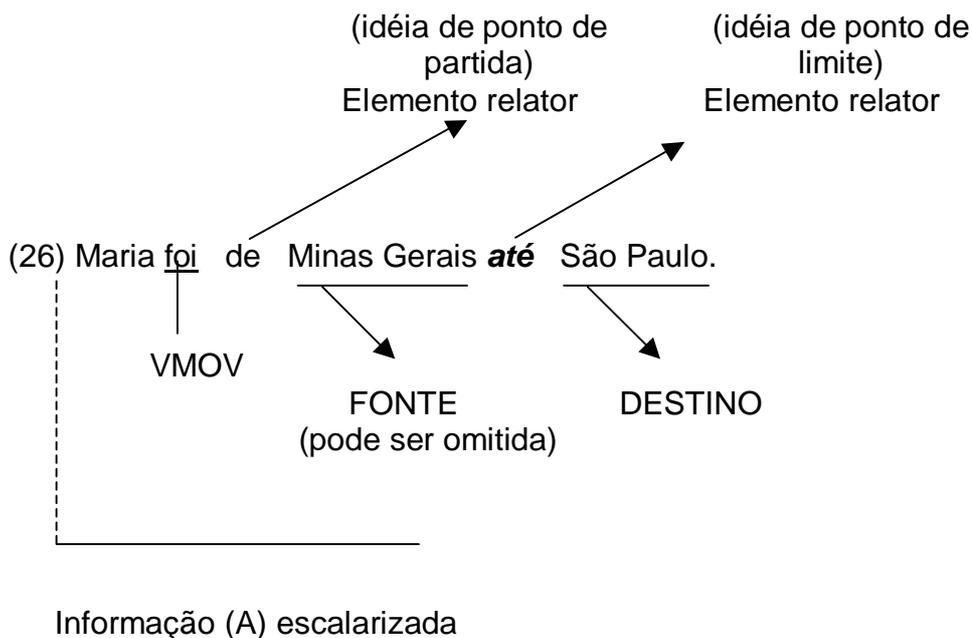
Tal fato surge, intrigantemente, aos olhos curiosos e interessados no comportamento lingüístico-cognitivo dos elementos gramaticais, como um convite à alguma investigação.

Primeiramente, percebemos que o uso do elemento gramatical **até** ativa a idéia de uma escalarização, uma vez que introduz um ponto-limite. Se há um ponto-limite, há um ponto inicial. Daí, podemos subentender que o uso do **até** expressa a idéia do deslocamento para o ponto de chegada de um dado percurso, podendo ser um deslocamento por uma escala de espaço, de tempo, de número e mesmo de qualidades, explanadas, oportunamente.

A conceptualização de sentido de uma proposição com noção espacial tem como elementos estruturais: uma fonte (um ponto de partida), um destino (um ponto de chegada), um percurso (uma seqüência de locações contíguas conectando a fonte ao destino) e uma direção (até o destino). Acompanhe na proposição:

---

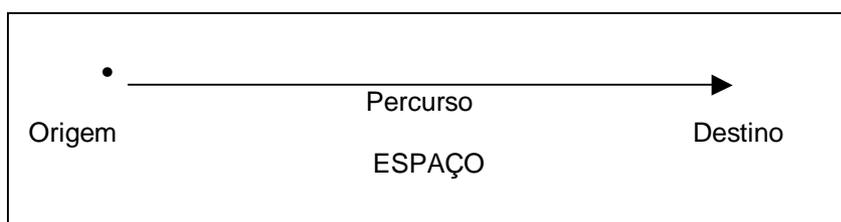
<sup>97</sup> Talvez, todos sejam escalarizadores. Mas isso é assunto para outro momento.



O elemento **até** introduz lingüístico-cognitivamente o ponto-limite (destino) do deslocamento em uma escala de espaço. Nesse uso, em que o deslocamento espacial está implicado, pede-se verbo de movimento (VMOV). Tanto que proposições como *Maria deixou as roupas até a lavanderia*, sem verbo de movimento, são agramaticais. No entanto, se substituído o verbo *deixar* por um verbo de movimento como *levar* percebemos a compatibilidade com o **até**: *Maria levou as roupas até a lavanderia*. Nessas construções, o ponto de partida pode ser omitido.

Almeida (2005) diz que o uso do **até** em proposições de conteúdo espacial ativa um esquema de percurso. Sabemos (cf. Lakoff, 1987, p.283) que os Esquemas imagéticos estruturam a nossa experiência do espaço. A experiência do espaço se realiza nos eixo horizontal e vertical, ou seja, em uma escala. Daí, se o uso do **até** em proposições de conteúdo espacial ativa um esquema imagético da percurso ativa, também, implicadamente, um esquema imagético da escala, que vai se metaforizando de deslocamento em uma de espaço par o

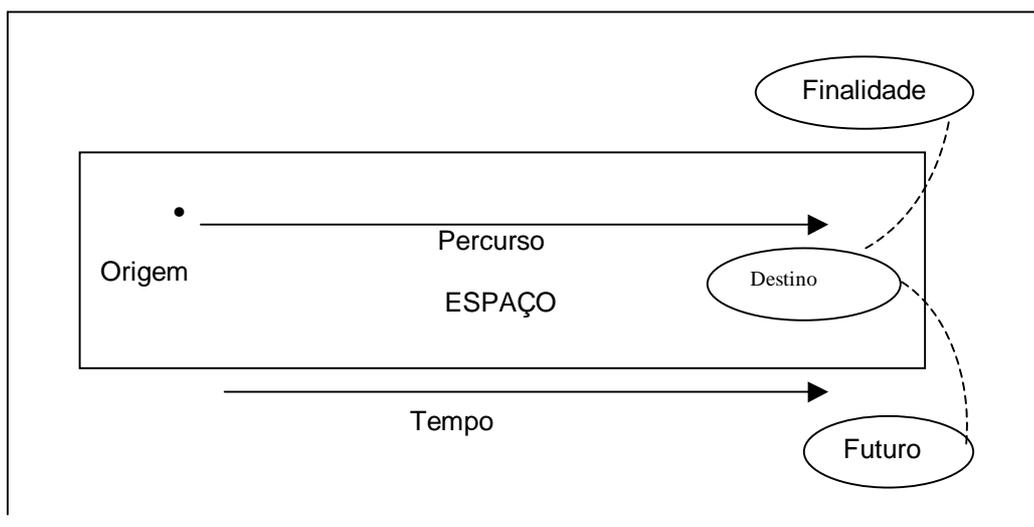
deslocamento em uma escala de tempo até a metaforização de *deslocamento* como *transferência* de propriedade (no uso, que, aqui, chamamos de qualitativo) Primeiramente, essa característica do uso do **até** de ativar conceptualização escalarizada dos sentidos está estruturada no nosso esquema imagético da escala, sendo o deslocamento na escala de espaço, logo as proposições de conteúdo espacial a mais prototípica. Podemos visualizar os elementos envolvidos no Esquema do Percurso no diagrama<sup>98</sup> a seguir:



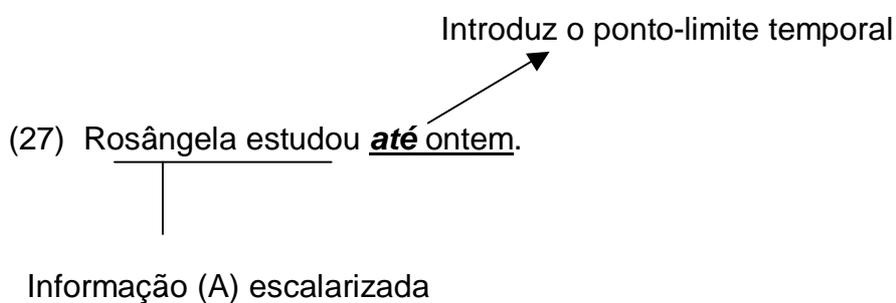
Tal esquema estrutura a nossa experiência sensório-motora espacial, ou seja, se forma na nossa experiência mais concreta no espaço. Lakoff (1987, p. 275) mostra a relação entre espaço e tempo como a base lógica do Esquema do Percurso. Afinal, quando se vai de uma fonte para um destino ao longo de um percurso necessariamente tivemos que passar pelos seus pontos intermediários, além do mais entendemos que quanto mais se avançou no percurso mais tempo se passou.

---

<sup>98</sup> O diagrama foi retirado de Cuenca.(1999, p.139).

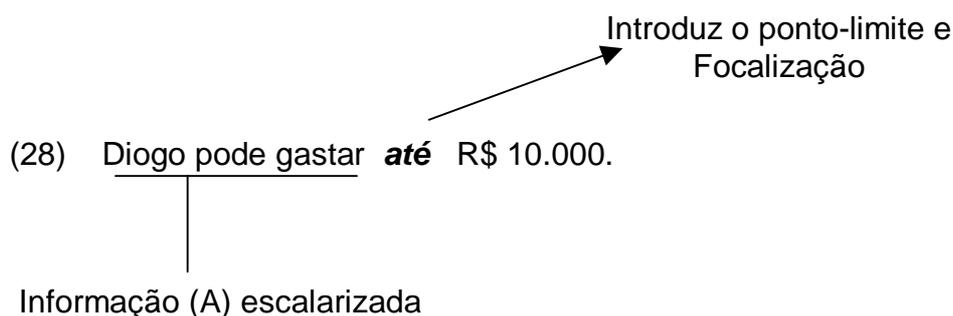


A compreensão de tempo como se fosse espaço liga esses usos (espacial e temporal) do **até** em proposições como:



O uso do **até** ativa lingüístico-cognitivamente a idéia de um ponto limite, nesse caso, na escala de tempo. Isso quer dizer que se compreende a informação escalarizadamente, ou seja, entende-se que se passou por outros pontos no percurso. O percurso percorrido é temporal, por conta disso, a passagem por outros pontos cria uma idéia de duração, cujo limite temporal é apresentado pelo **até**.

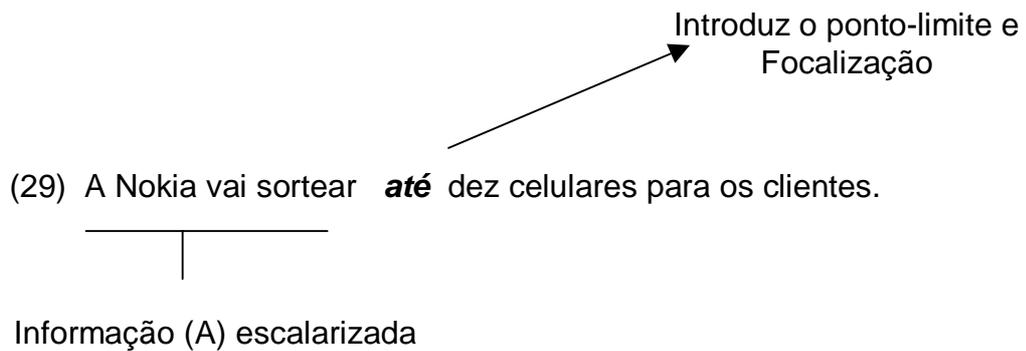
Vimos que no Esquema do Percurso estão: o ponto-de-partida e de chegada, entre eles, outros pontos intermediários implicados em uma escala. Existe, então, uma quantidade de pontos de espaço, de tempo e de número, que são noções escalarizáveis, cujo ponto-limite pode ser gramático-cognitivamente introduzido pelo **até**. Assim, podemos ver, na proposição seguinte, o **até** escalarizando, também, a noção de número:



O elemento **até** continua introduzindo o ponto-limite na escala. Nesse caso, um limite numérico. O uso do **até** ativa a conceptualização do sentido da informação (A) escalarizadamente. A idéia de escala pressupõe outros pontos, nesse caso, numéricos, e o uso do **até** ativa uma margem de pontos e a conseguinte possibilidade da focalização de um pontos, incluindo o limite.

A escalarização, vimos, até aqui, acontece em usos proposicionais de conteúdo de espaço, de tempo e de número e o **até** introduz o ponto-limite desse conteúdo. O elemento gramatical **até** fica localizado à esquerda, sendo núcleo do sintagma, nesse caso, preposicional (Sprep). Esse sintagma pode funcionar como advérbio de lugar, de tempo e de preço, respectivamente.

No entanto, a escalarização numérica pode acontecer, também, em outros casos, como por exemplo:

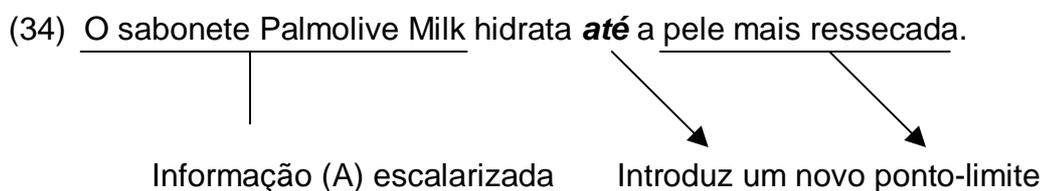


Nesse caso, embora o **até** venha à esquerda do elemento, introduzindo-o como ponto-limite de escala, ou seja, ponto-limite do conteúdo proposicional, o **até** não ocupa posição nuclear no sintagma. Na verdade, temos uma estrutura com verbo transitivo direto (sortear) acompanhado de seus complementos verbais. Além disso, o **até** atua no numeral, ou seja, na noção escalarizável. O seu uso ativa a conceptualização da informação (A) de modo escalarizado, com a possibilidade de focalização de um dos pontos numéricos na escala, inclusive o limite. Apresentamos mais considerações acerca desse tipo de ocorrência na seção 6.2, em que discutimos especificamente a escalarização quantitativa.

Vimos que o uso do **até**, nos exemplos 32, 33, 34 e 35 ativa a idéia de escalarização em proposições com noção de espaço, de tempo e de número. Nesses casos, acionamos a possibilidade da focalização de um dos pontos na escala, incluindo o ponto-limite. Além disso, essas escalas de valores de espaço, de tempo e de número não apresentam gradação de juízo de valor. Esses casos vamos chamar de escalarização quantitativa.

Na escala quantitativa, conceptualizamos a informação (A) deslocando-se por um percurso até um limite espacial, temporal e numérico, ou seja, decompomos essas noções escalarizáveis, daí podendo provocar a conceptualização escalarizada da informação (A).

No entanto, no exemplo (30): “*Tropa de Elite*” recebe **até** proposta norte-americana para virar série de TV, assim como no exemplo (34) abaixo o **até** antecede uma noção de qualidade, como podemos observar:



Consideramos esse caso como noção escalarização com gradação de juízo de valor, e chamamos, aqui, de escalarização qualitativa porque não envolve valores de quantidade, como nos casos de espaço, de tempo ou de número, mas sim valores de qualidade.

Na escalarização qualitativa, também entendemos que o elemento introduzido pelo **até** é um limite (propriedade) de uma dada categoria. No entanto, o uso do **até** provoca o deslocamento dessa propriedade (limite) para a categoria (informação A), ou seja, há transferência de propriedade de uma categoria para outra, onde não prevista anteriormente.

Na verdade, o uso do **até** impõe lingüístico-cognitivamente a introdução de um ponto-limite em uma escala. Nesse caso de proposição de conteúdo pragmático, a informação (A) é escalarizada e tem valor atribuído em uma escala de valores pragmáticos em função do valor desse ponto-limite introduzido, que surge como o ponto máximo.

Escalarizamos o valor pragmático de (A) em função do valor pragmático do elemento antecedido pelo **até** que, nesse exemplo, transfere-se para (A) e passa a ser o ponto-limite da escala aberta de (A). No caso, estabelecemos a

escala em acordo com o juízo de valor do falante e a escalarização atua como um comentário sobre (A). Com isso, reconceptualizamos o valor de (A) escalarizadamente em função do valor atribuído ao ponto-limite da escala pragmática negociada. Assim, na proposição (40), a hidratação proporcionada pelo sabonete – informação (A) – atinge um alto grau de eficiência, em função da propriedade introduzida como seu limite de alcance: a pele mais seca. Daí,

*[Se o sabonete pode hidratar a pele mais seca, então é eficiente mesmo].*

A transferência de propriedade, na verdade, provoca a reescalarização dos valores qualitativos de (A) em função dos valores da nova propriedade incluída, que passa a ser um novo limite. Houve a suspensão de uma barreira pragmática, caracterizando a ultrapassagem de limite para inclusão de um novo limite e conseguinte reconceptualização categorial ou reorganização conceptual (RC). Apresentamos o processo de conceptualização de sentido da escalarização qualitativa mais detalhadamente na seção 6.2.2.

Retomando a escalarização quantitativa, podemos dizer que o uso do elemento gramatical **até** dispara, cognitivamente, uma escalarização sem gradação de juízo de valor, chamada quantitativa espacial, temporal e numérica de uma dada informação. A conceptualização de escalaridade estrutura-se no Esquema da Escala, imageticamente representativo do deslocamento implicado no uso do **até**. Daí, projetamos o Esquema do Percurso, que formamos da nossa experiência mais concretamente apreensível, que é a espacial, quer dizer, a experiência de deslocar-se de um ponto a outro, ou seja, deslocar-se em uma escala espacial.

Gramaticalmente, também, as proposições de noção espacial representam o uso mais básico ou concreto do elemento. Nessas ocorrências, o papel semântico-pragmático do elemento é estabelecer um limite espacial. Usamos o **até** sintaticamente para relacionar um verbo de movimento (VMOV) com seu complemento adverbial, ou seja, um advérbio de lugar.

A perspectiva cognitivista apregoa que a linguagem é baseada na cognição e os recursos usados nas estruturas lingüísticas e os modelos cognitivos são os mesmos.

Sob a ótica cognitivista, pensamos que o uso gramatical do **até** como escalarizador é estruturado na capacidade cognitiva de escalarização para organização e concepção das idéias. Por exemplo, para categorizar os elementos, estabelecemos uma escala de maior ou menor representatividade do elemento na categoria. Em termos lingüístico-cognitivos, entendemos as proposições com noção espacial escalarizadas pelo **até** como o seu uso mais básico. O uso do **até**, nesse caso, dispara cognitivamente a conceptualização de escalaridade com limite estabelecido espacialmente. Essa conceptualização lingüística estrutura-se com base no Esquema Imagético do Percurso estruturado em Esquema de Escala.

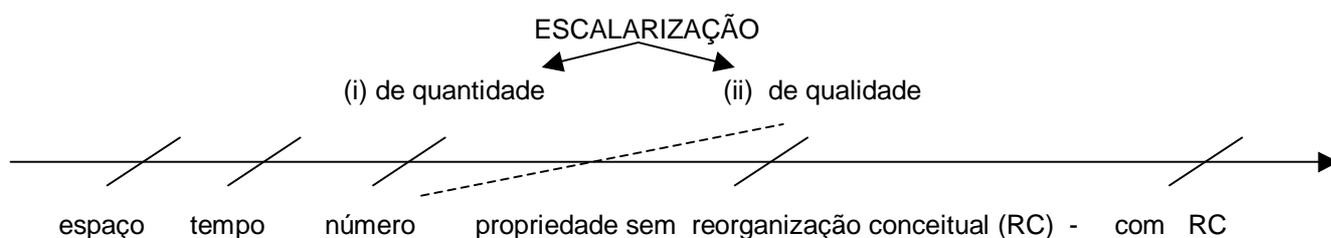
Acreditamos que o uso lingüístico-cognitivo mais básico e concreto do **até** é a escalarização espacial e essa noção representa o eixo central da rede da polissemia do **até**: o eixo de escalarização, com a noção de deslocamento na escala espacial.

Do eixo central ou eixo prototípico mapeamos as categorias radiais. Isso quer dizer que preservamos a idéia de deslocamento de uma escala em todos os usos do **até**. Iniciamos na noção mais concreta, a de espaço, perpassando pelas

de tempo e de número, que agrupamos, aqui, como um tipo de escalarização de valores quantidade (sem gradação de juízo de valor). O uso do **até** é abstratizado na escalarização de valores qualitativos, como num contínuo de escalarização.

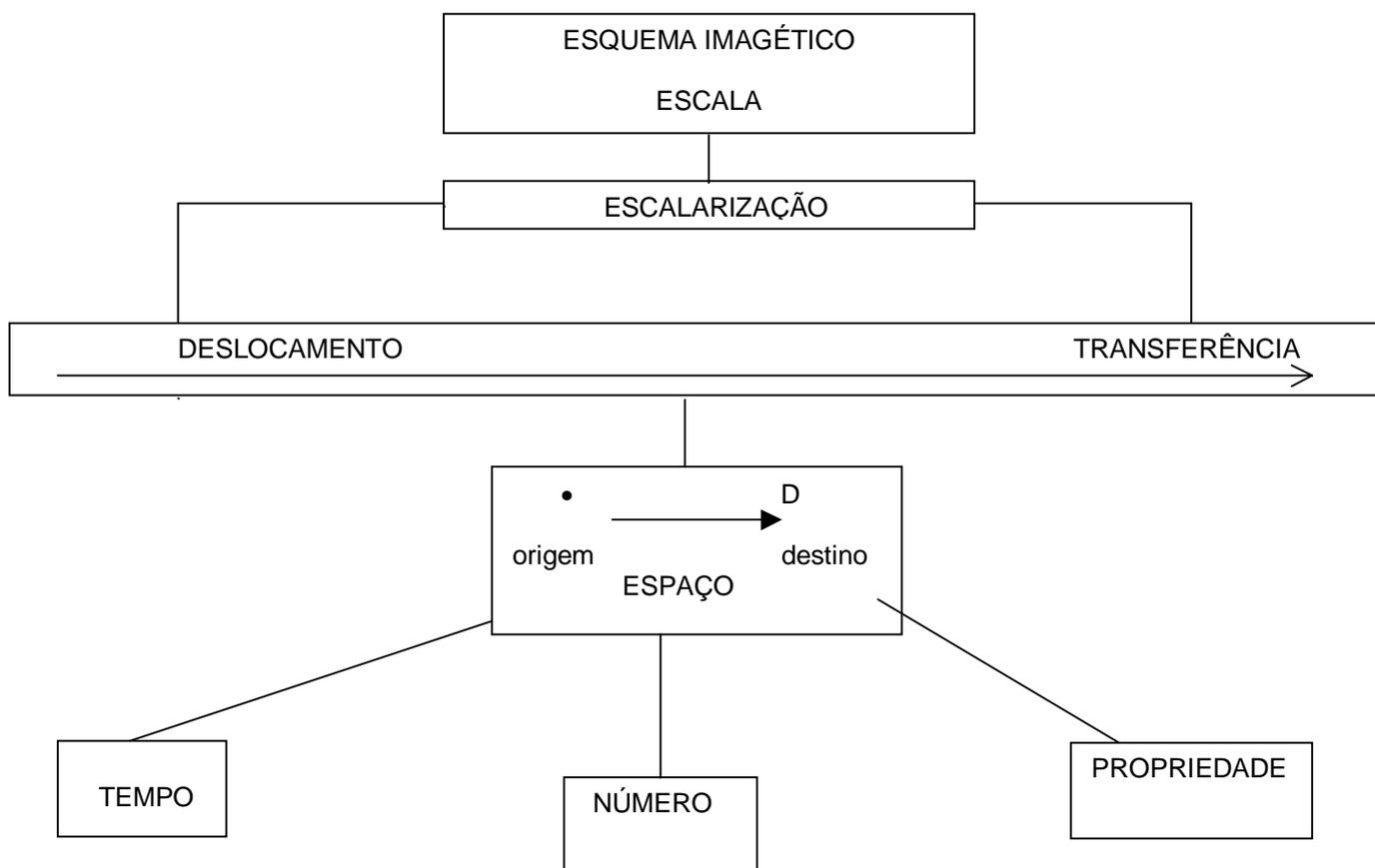
Vale ressaltar que na escalarização em proposição com conteúdo de número, como explicamos, anteriormente, o **até** pode ser núcleo de sintagma como “*Ele ganha até cinco mil por mês*”, desempenhando esse sintagma função adverbial. Mas pode, também não ocupar posição de núcleo do sintagma. Nesse caso, vem, também, à esquerda do sintagma, mas como uma **expressão qualitativa** (cf. Mateus). Explicamos essa caracterização anteriormente. Retomamos esse aspecto formal (as especificidades semântico-pragmático são apresentadas na seção 6.2.1) para elucidar que esse seria um ponto de transição dos tipos de escalarização do **até**, cujo uso vai em um contínuo de meteforização.

A abstratização do uso do **até** poderia ser visualizada da seguinte maneira:



Na ponta do contínuo aparece a noção espacial em contrapartida à idéia de reorganização conceitual (RC), que operamos com a transferência de propriedade.

Na tentativa de uma generalização visual da rede polissêmica do **até**, apresentamos o quadro seguinte:



## 6.2. Escalarização do até: aspectos sintáticos e semânticos

Nessa seção, buscamos apresentar características sintáticas e semânticas dos diferentes comportamentos do **até**. Um ponto que chamava bastante atenção no tratamento do **até** era a falta de congruência entre as descrições, gerando não apenas uma dificuldade classificatória, mas, também, explanatória, em alguns casos. Isso quanto à escassez de uma análise mais global, abarcando os critérios morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e cognitivos do uso do elemento. Visto que o **até** vem sendo classificado ou como

uma preposição ou, quando expressa idéia de inclusão como: (i) advérbio (sem especificação), (ii) advérbio de inclusão, (iii) palavra denotativa, (iv) partícula de inclusão ou operador argumentativo.

Decerto que essa posição defendendo que os casos em que o **até** pode ser substituído por **inclusive** (expressando a idéia de inclusão) ajuda a diferenciá-lo, mas não esclarece o comportamento gramatical do termo. Da mesma maneira, o seu uso preposicional ser descrito apenas como aquele que marca um ponto-limite, sem especificações sintático-semânticas, também é insuficiente em termos de determinações morfo-sintático-semânticas do funcionamento do **até**. Além disso, os estudos não estabelecem nenhum tipo de relação entre as tais classificações, uma vez que, como vimos, anteriormente, entendem-se como ocorrências homônimas do **até**.

O interesse em esclarecer essas dúvidas motivou a tentativa de elaborar, com essa pesquisa, uma proposta descritiva para entender mais globalmente, ou seja, lingüístico-cognitivamente, o funcionamento do elemento gramatical **até**, no português do Brasil. Acreditamos, sob a perspectiva cognitivista, que as especificações morfo-sintáticas do **até** têm motivações semântico-pragmáticas. E, para que possamos desenvolver tais considerações, tomamos as seguintes proposições<sup>99</sup>:

- (35) A viagem foi **até** Goiânia.
- (36) A construtora tem que entregar os apartamentos **até** sexta-feira.
- (37) Uma casa ali deve custar **até** R\$300.000.
- (38) A professora pediu para fichar **até** cinco capítulos do livro.

---

<sup>99</sup> Detivemo-nos, nesta tese, de usos proposicionais.

- (39) No Vietnã, **até** o governo usa software ilegal.
- (40) Ela **até** viaja com você, mas precisa da autorização no trabalho.
- (41) A gente se gosta tanto que divide **até** chocolate.

Na seção 6.1. explicamos que o exemplo (31) *Maria foi até São Paulo* representa o uso mais prototípico de escalarização ativada pelo **até**. Isso porque, acreditamos que a noção de deslocamento no espaço seja a mais concretamente apreensível, e por isso a mais básica. Assim como no exemplo (31), em (26-41) o **até** provoca a conceptualização escalarizada da informação (A) [– parte da proposição sem o ATÉ] – em função de um limite [– ATÉ X].

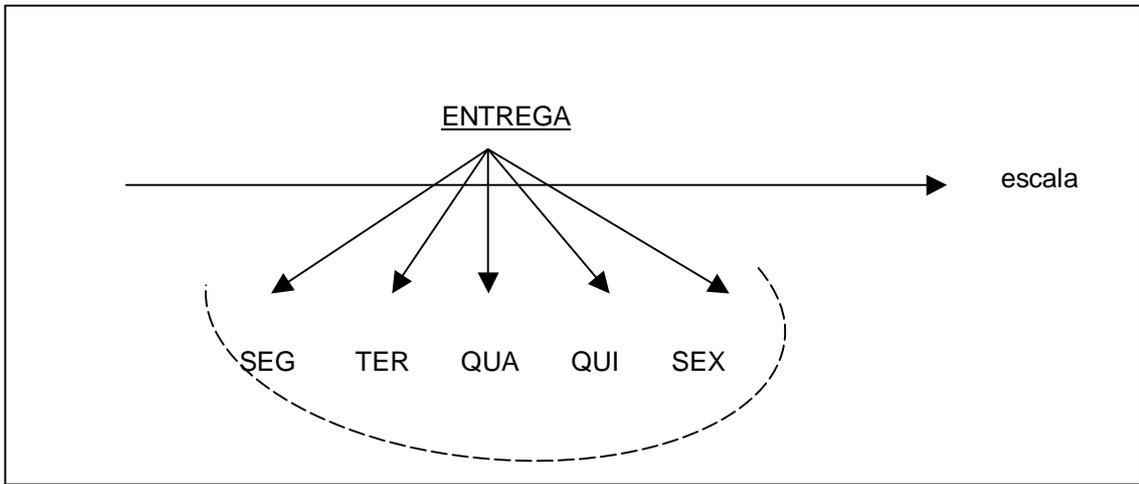
Observemos a proposição:

- (36) A construtora tem que entregar os apartamentos até sexta-feira.

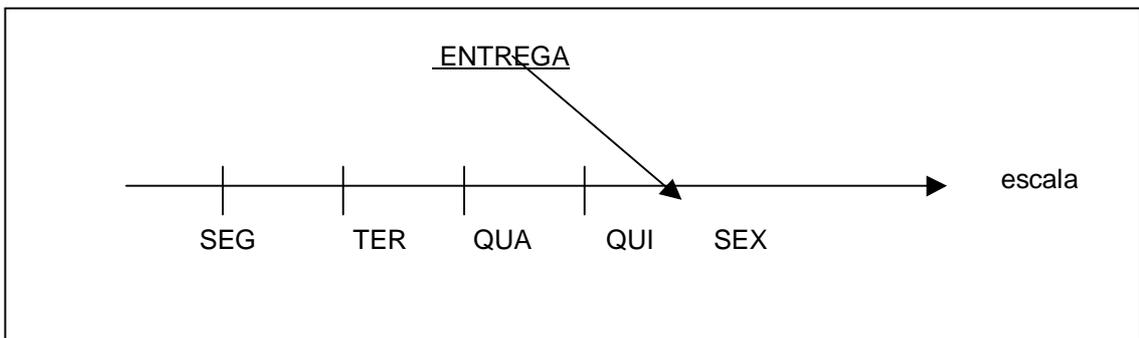
Informação A escalarizada

Limite

Entendamos que a proposição foi dita no sábado e, que as transações comerciais acontecem nos dias úteis. O uso do **até** aciona uma margem de prazo, ou seja, a escala de deslocamento no tempo. Isso quer dizer que para a informação (A), embora haja um limite, podemos percorrer outros pontos da escala e focalizá-los, inclusive focalizar o ponto-limite. Isso implica, semântico-pragmaticamente, que o prazo de entrega do apartamento transcorre durante os dias que se seguem, podendo ser inclusive o dia limite. O seguinte diagrama ilustra a explanação:



No entanto, a mesma proposição dita sem o **até**: A construtora tem que entregar os apartamentos na sexta não deflagra a idéia de percurso em uma escala. Conseqüentemente, a conceptualização de sentido da informação (A) não é escalarizada. Afinal, se não existe o percurso para ser percorrido, outros pontos previstos (trata-se de noção escalarizável) na escala não são relevantes, mas apenas um. Essa conceptualização pode ser diagramada assim:



Nesses casos operamos uma escalarização de noções de espaço, de tempo e de número sem gradação de juízo de valor, que, aqui, para fins descritivos, definimos como quantitativa. O uso do **até** nessas proposições ajusta-se a um padrão, quanto às características formais:

- a. está à esquerda do termo que é o ponto limite
- b. é núcleo de o Sintagma Preposicional,
- c. introduz adjunto adverbial.

Quanto às características semântico-pragmáticas:

- a. ativa a escalarização
- b. decompõe em unidades noções escalarizáveis –sem gradação de juízo de valor -: espaço, tempo e número,
- c. provoca a conceptualização de sentido da informação (A) de modo escalarizado,
- d. impulsiona a focalização de um dos pontos da escala, incluindo o limite.

No entanto, há uma peculiaridade no caso da escalarização quantitativa de número, que nos referimos, anteriormente. Podemos acompanhar isso na proposição (39):

(39) A professora pediu para fichar **até** cinco capítulos do livro.

O **até** não ocupa posição nuclear no sintagma (característica da escalarização qualitativa), no entanto preserva as características semântico-pragmáticas de escalarização quantitativa. Acreditamos, que seja um ponto de transição no contínuo da escalarização.

Então, mesmo não estando em posição canônica, ainda assim seu papel é escalarizar a informação (A) em função de uma escala quantitativa de número. Afinal o **até** atua sobre o numeral, ou seja, o número da substância. Tanto que se retirado o numeral:

*A professora pediu para fichar até capítulos do livro*

o **até** atuaria sobre o substantivo e iria caracterizar semântico-pragmaticamente uma escalarização qualitativa. E, juntaria-se às ocorrências (45), (46) e (47), quando o uso do **até** provoca a escalarização de um conteúdo pragmático. Na escalarização qualitativa, sintaticamente, o **até** não ocupa posição nuclear no sintagma, sendo uma **expressão qualitativa** (cf Mateus. 2003, p.369), podendo anteceder qualquer sintagma.

A respeito das expressões qualitativas, Mira Mateus (2003, p.36) explica que a posição *à esquerda do nome não é exclusiva nem dos determinantes e quantificadores nem de certos adjetivos*. A autora apresenta os exemplos:

- (123) (a) *O estúpido do rapaz saltou do segundo andar.*  
(b) *A porcaria do meu carro nunca pega de manhã.*  
(c) *Um amor de miúdo ofereceu-me uma flor.*  
(d) *Aquele cretino do guarda atirou dois tiros.*  
(e) *O idiota deste velho atravessou no meio da estrada.*

A autora mostra que as expressões de qualificação indicadas em (123)<sup>100</sup> são formadas pela sucessão de um determinante, um nome ou um adjetivo valorativo e a preposição de. **Antecedem obrigatoriamente o núcleo do SN<sup>101</sup>**. Por essa razão, (124) é inaceitável. A constatação, segundo a autora, pode ser vista pela alteração de sentido que se dá quando o adjetivo é colocado depois do nome:

(124) \*Do meu carro, a porcaria nunca pega de manhã.

(125) (a) O estúpido do rapaz / o rapaz estúpido

(b) O pobre do homem / o homem pobre

Mira Mateus (2003) explica que esta característica das expressões qualitativas permite a construção da seguinte frase, que só aparentemente é contraditória:

(126) (a) O estúpido do rapaz que saltou do segundo andar não era estúpido.

A autora esclarece que as expressões qualitativas, *por não serem formas adjetivas típicas, não podem ser antecedidas de advérbios de grau*:

(126) (b) \*O muito estúpido do rapaz.

---

<sup>100</sup> Seguimos a numeração apresentada em Mira Mateus.

<sup>101</sup> Grifo meu.

E conclui que na *categoria tradicionalmente designada de SN* são estabelecidas, além da determinação e da quantificação, relações de complementação e de modificação.

A complementação corresponde à relação que se estabelece entre nomes e argumentos ou entre nomes e complementos; uns e outros estabelecem relações semânticas diversificadas com o núcleo. De modo a distinguir a parte lexical da parte funcional, foi proposto que os determinantes e os quantificadores são núcleos das suas próprias projeções, sintagma determinante (SD) e sintagma quantificador (SQ). Uma vez introduzida esta concepção, a parte lexical da categoria passou a ser designada SN. No SD, a modificação pode ser restritiva ou apositiva, sendo expressa por categorias diversas. Uma maneira curiosa de modificação nominal é dada pelas expressões qualitativas. O SD é marcado por mecanismos de concordância, tendo os valores de gênero e de número do núcleo nominal um papel fundamental pois tais valores são transmitidos a determinantes, quantificadores, adjetivos e apostos.

A autora se refere a casos de adjetivos que se colocam à esquerda de um nome, e os entende, na verdade, como modificadores desse nome, papel designado de expressão qualitativa. Parece-nos lícito pensar que o mesmo ocorra com o **até** quando promove escalarização das propriedades de um termo. Isso porque os elementos podem ocupar posições mais ou menos centrais. Por exemplo, o verbo *ir* pode ser núcleo sintagmático em : “Eu vou à escola”. Mas, pode ter papel menos nuclear em “Eu vou trabalhar”. Dessa maneira, o elemento **até** ocupa posição de núcleo sintagmático nas proposições de conteúdo espacial, temporal e numérico sem gradação de juízo de valor. E pode vir à esquerda de

um núcleo sintagmático, como Expressão qualitativa, nos casos em que promove a escalarização qualitativa de proposições de conteúdo pragmático. Com isso, entendemos, nesta tese, que o **até** que ocorre à esquerda de qualquer núcleo sintagmático, independentemente da categoria, está enquadrado como Expressão Qualitativa, mesmo quando ocorre antes de preposição será Expressão Qualitativa. Observemos os exemplos de escalarização qualitativa:

- (42) Ele viajou **até** para Manaus para resolver o problema.
- (43) Traficantes pagam **até** churrasco da PM, no Rio de Janeiro.
- (44) Você sabe que ela gosta de tudo. Ela come **até** javali.
- (45) Ela **até** gosta de feijoada, mas está enjoada hoje.
- (46) Ele **até** compra o bolo, mas a gente precisa dar o dinheiro.

Nesses casos, a escalarização implica uma gradação imposta subjetivamente. Podemos acompanhar na proposição, retomando a proposição:

- (39) No Vietnã, **até** o governo usa software ilegal.  
Limite                      Informação A

Fazemos um comentário sobre o uso de software ilegal, escalarizando a verdade da informação (A) em função do valor pragmático do limite, introduzido pelo **até**. Há de se convir que não se espera que o governo partilhe de propriedades da mesma categoria daqueles que tem uma prática ilegal. Isso porque o governo seria o melhor representante, o ponto-limite, da escala de práticas legais. O uso do **até** provoca a conceptualização escalarizada do sentido

da informação (A), promove a inclusão da propriedade-limite não prevista. Com isso, pressupomos haver a ultrapassagem de limite da categoria comentada (uso de software ilegal) em função do alto valor (atribuído subjetivamente) do novo limite incluído.

Além disso, nessa proposição, o **até** está antecedendo uma função sintática de sujeito. A respeito dessa ocorrência, Ilari & Geraldi (1985, p. 75) chamam a atenção para a dificuldade de classificação encontrada nos estudos tradicionais. Afinal, *sujeito* não pode ser antecedido por preposição. As considerações dos autores ratificam a demanda de um entendimento mais global acerca do funcionamento do **até**<sup>102</sup>.

Retomando a descrição do uso do elemento, podemos dizer que semântico-pragmaticamente, trata-se de uma operação mais subjetiva, em que o seu uso promove a escalarização de valores de propriedades categoriais sob a ótica da crença do falante.

Dessa maneira, escalarizamos um comentário a respeito de algo em função de um valor, atribuído subjetivamente a uma propriedade. O uso do **até** a introduz como ponto-limite de uma dada escala.

Embora, o elemento **até** ainda sinalize o ponto-limite da escala, trata-se de um limite que não estava previsto pragmaticamente. Daí, talvez, possamos explicar a idéia da inclusão, difundida em gramáticas tradicionais. Isso porque o **até** desempenha o papel de introdutor de ponto-limite da escala, mas, na verdade, esse limite é negociado, também, pela força lingüístico-cognitiva do **até** de determinar o elemento posposto como limite.

---

<sup>102</sup> Esses aspectos estão detalhados no capítulo 5.

Por isso, dizemos, aqui, que a escalarização qualitativa se realiza com uma ultrapassagem do limite categorial previsto anteriormente. Essa operação de escalarização envolve a negociação de valores categoriais, ou seja, das propriedades de uma dada categoria, daí ser realizada, envolvendo as crenças do falante.

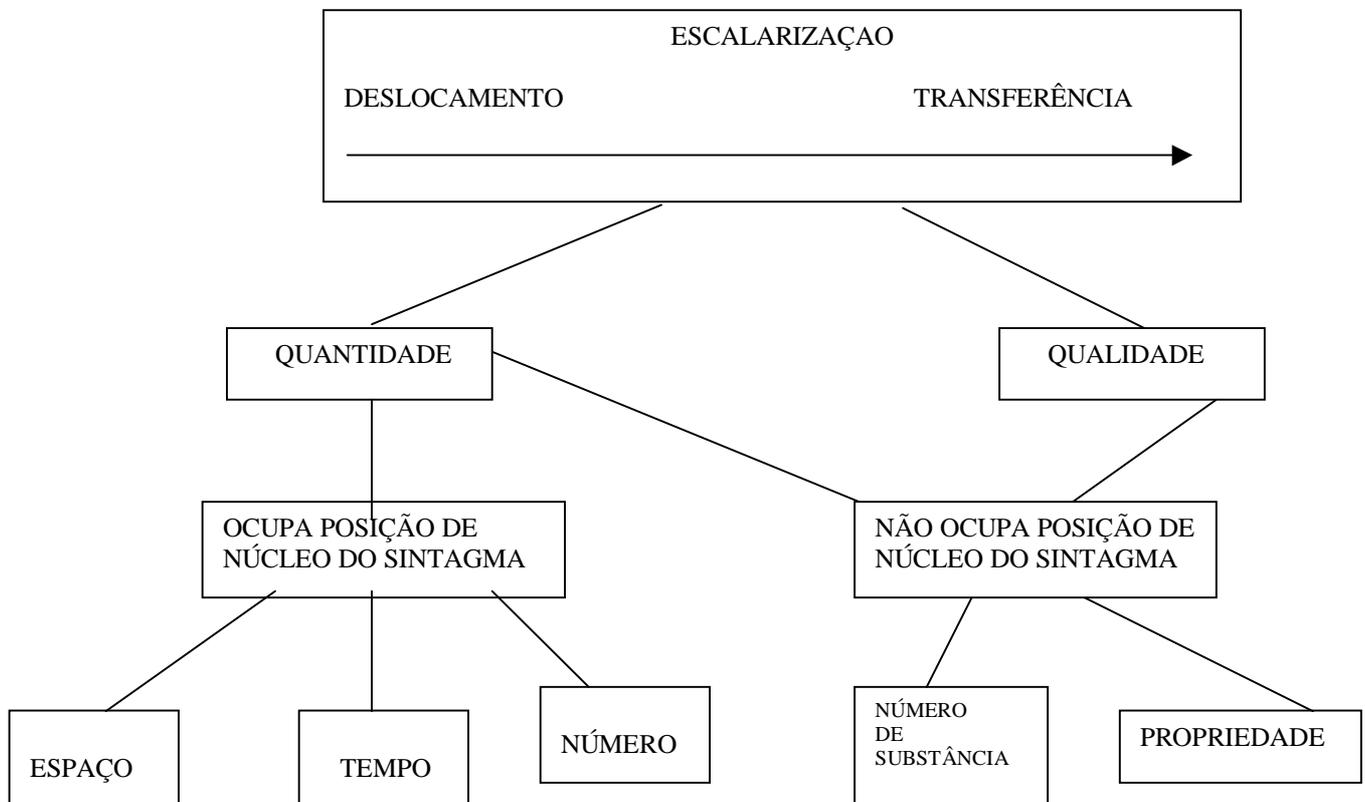
Podemos dizer que o **até** escalarizador qualitativo, quanto às características formais:

- a. vem à esquerda do termo que é o ponto limite,
- b. não ocupa posição nuclear no sintagma,
- c. desempenha papel de expressão qualitativa (cf. Mateus, 2003)

Quanto às características semântico-pragmáticas:

- a. provoca a pressuposição da existência de uma barreira pragmática,
- b. deflagra a conceptualização escalarizada do sentido da informação(A)
- c. impõe uma propriedade como limite,
- d. provoca a suspensão da barreira,
- e. permite a inclusão da nova propriedade
- f. propulsiona a reorganização conceitual

Propomos o seguinte diagrama a fim de ilustrar o quadro sintático-semântico-pragmático do **até**:



Nas seções seguintes, apresentamos o detalhamento do uso do **até** nas escalarizações quantitativa e qualitativa.

### 6.2.1. Escalarização Quantitativa

Essa seção abarca detalhadamente cada um dos tipos de escalarização quantitativa, que tem como característica marcante a relevância da decomposição de noções de espaço, tempo e número. O uso do elemento **até** não apenas indica um ponto-limite de uma determinada escala como também ativa a

conceptualização de sentido de uma dada informação de modo escalarizado. As proposições abaixo exemplificam escalarizações de espaço (ex. 35), de tempo (ex.36) e de número (exs. 37 e 38):

(35) A viagem foi **até** Goiânia.

(36) A construtora tem que entregar os apartamentos **até** sexta-feira.

(37) Uma casa ali deve custar **até** R\$300.000.

(38) A professora pediu para fichar **até** cinco capítulos do livro.

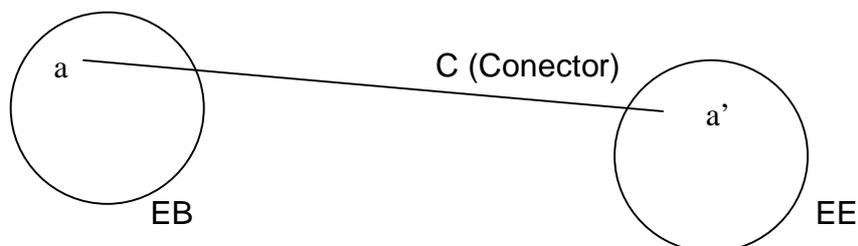
Fauconnier (1985, p.3-10) explica que conectores (C) atuam como construtores de espaço mental<sup>103</sup> (EM), ou seja, o uso de um determinado elemento gramatical ativa a construção de um espaço, em que se opera a conceptualização de sentido. O uso do conector **até** ativa lingüístico-cognitivamente um espaço de escalarização, ou seja, um espaço em que conceptualizamos uma dada noção em função do um ponto-limite. Esse espaço mental de escalarização norteia a conceptualização de sentido da informação (A). Entendemos a informação (A) como a parte da proposição cujo ponto-limite é identificado na estrutura ATÉ X. Dessa maneira, o sentido da informação (A) é guiado em função da escalarização acionada pelo **até**.

Assim, podemos ver, em (35):

---

<sup>103</sup> Fauconnier (1985, p. 16-18)

(35) A viagem foi **até** Goiânia.  
 ↓  
 EB (a)            C            EE (a')  
                   EM                    EM'



Identificamos a conceptualização de sentido do espaço base (EB) em função do espaço alvo (EE), ou seja, de um espaço escalarizado (EE), construído com o uso do conector **até**.

Nos enunciados, o elemento **até** introduz um ponto-limite, à sua direita, numa escala de espaço, de tempo e de número, de acordo com a característica semântica da proposição. Então, o elemento **até** constrói o espaço mental (EE) de identificação de escalarização, ou seja, a identificação de um ponto em uma dada escala identifica idéia apresentada no espaço mental base (EB). Dessa maneira, o **até** desempenha não apenas a função de relacionar o verbo com seu complemento adverbial. Mas atua, também, como um conector, que ativa a conceptualização da demarcação de um limite escalar de um deslocamento.

A conceptualização escalarizada está estruturada no Esquema Imagético da Escala, que estrutura a idéia do deslocamento projetada do Esquema Imagético do Percurso (Fonte – Percurso – Alvo). Daí, a idéia de deslocamento

estar configurada, prototipicamente, em construções gramaticais com verbos de movimento, cujo limite é introduzido pelo **até**.

Dissemos, anteriormente, que o uso do conector **até** ativa a noção de limite escalar. Assim, propulsionando a idéia de decomposição, ou seja, o deslocamento ao longo de uma escala com diferentes pontos de valores de quantidade. Nos casos das escalas de tempo e de número, isso permite a **focalização** de diferentes pontos da escala, inclusive do ponto-limite, como vimos na seção anterior.

Observamos as proposições seguintes e podemos ver que, no caso da escalarização quantitativa de número, embora o **até** esteja à esquerda do termo que é um ponto-limite, esse não será, necessariamente, o ponto **focalizado** na escala. A idéia de focalização ao longo da escala pode estar ligada à idéia de extensão e duração provocada pelo uso do **até**, e sua conceptualização de percurso.

(37) Uma casa ali deve custar **até** R\$300.000.

(38) A professora pediu para fichar **até** cinco capítulos do livro.

(29) A Nokia vai sortear **até** dez aparelhos de celulares.

Acreditamos que a propriedade de focalização de um dos elementos da escala decorre tanto da noção de percurso subjacente ao seu uso quanto do aspecto decomposicional ativado pelo uso do **até**. Na escala de tempo, o **até**

suscita um aspecto durativo<sup>104</sup> do enunciado, subentendido com a decomposição da extensão do percurso, tanto numérica quanto temporalmente.

Daí, propomos a generalização de um quadro de características semânticas e sintáticas do comportamento do **até**. A seguir, listamos as características:

- a. o tipo de escalarização em acordo com o sentido do tipo proposicional,
- b. o valor semântico do **até** em cada um dos usos proposicionais,
- c. o efeito pragmático provocado pelo uso do **até** em cada um dos tipos proposicionais,
- d. o papel morfossintático do termo introduzido pelo **até** em cada tipo de proposição,
- e. o valor sintático do **até**,
- f. a função sintática do sintagma preposicional (em que ocorre o **até**) ou que é antecedido pelo **até**,
- g. a transitividade do verbo que antecede o **até** em cada um dos tipos proposicionais.

Apresentamos, a partir disso, o seguinte quadro:

---

<sup>104</sup> NEVES, M.H. Moura (1987, p.270) explica que *em português só há advérbios para expressar a duração absoluta, ou relacionada com o momento da enunciação (...)* Para a expressão da duração relativa a um ponto de orientação (de partida ou chegada), usa-se um sintagma preposicionado com núcleo indicativo de tempo: **desde ontem, até amanhã, até fevereiro**.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
(a) Lugar	-Indicador de ponto-limite	Escalarização sem gradação de juízo de valor	Oblíquo	Núcleo do sintagma	Adj Adverbial	VI
(b) Tempo	- Duração - Focalização	Idem	Oblíquo	Núcleo do sintagma	Adj Adverbial	VI VTD VTI
(c) Número (1)	- Extensão - Focalização	Idem	Oblíquo	Núcleo do sintagma	Adj Adverbial	VI
(d) Número (2)	- Extensão - Focalização	Idem	DET do COMP	Não é núcleo do sintagma	Função substantiva	VTD VTI

A fim de reiterarmos a generalização anterior, apresentamos exemplos pertinentes a cada um dos casos, em que as características podem ser observadas:

(a) Lugar: *trabalho aqui em Vicente de Carvalho e estudo na Gávea... a primeira aula é às seis e meia... se eu sair daqui às cinco e trinta e seis... eu já perco dez minutos pra sair do estacionamento até a porta da fábrica... mais a viagem daqui... via avenida Brasil e túnel Rebouças.*

(b) Tempo: *também... aí começamos a namorar... né? lá dentro... lá dentro do... clube... nos beijamos... né? até que... estamos juntos até hoje... três anos... três anos e meio... que... ano que vem... dia dez de::... setembro... vamos casar... né?*

(c) Número (1): *tenho cheque-ouro que eu tenho um cartãozinho... que com... com esse cartãozinho com a minha assinatura... com a numeração e com o limite... de... da quantia do cheque... eu posso então sacar em qualquer agência do Banco do Brasil... inclusive nos estados... com aquele cheque... com aquele*

cartão eu posso sacar... eh... **até** *uma quantia limite* que no caso meu é mil e quinhentos cruzeiros...

(d) Número (2): A Nokia vai sortear **até** *dez aparelhos* de celulares.

### 6.2.2. Escalarização Qualitativa

Nessa seção, buscamos tratar, mais detalhadamente, o funcionamento do conector **até**, promovendo o que chamamos de escalarização qualitativa.

Vimos que o **até** é um construtor de espaço mental de escalarização e que seu uso introduz um ponto-limite de uma escala. Dessa maneira, poderia promover o que chamamos, aqui, de escalarizações quantitativa e qualitativa.

A característica sintática fundamental da escalarização quantitativa é o caráter nuclear do **até** no sintagma preposicional, com função adverbial especificada de acordo com o conteúdo da proposição. Isso quer dizer, se temos uma proposição informando um conteúdo espacial, temos um adjunto adverbial de lugar. Se temos um conteúdo temporal, um adjunto adverbial de tempo. E um adjunto adverbial de preço em proposições com conteúdo de quantidade numérica.

Vimos, que o **até** com papel de escalarizador numérico poderia, também, promover escalarização do tipo quantitativo, mesmo o **até** não sendo núcleo do sintagma, daí partilhando características dos dois tipos de escalarização: quantitativo e qualitativo. Podemos acompanhar no exemplo: “Mariana disse que **compra até três** pares de sapato.” Nesse caso, o **até** segue um verbo transitivo e antecede um complemento verbal (objeto direto), mas referindo-se ao seu índice

numérico. Esse seria um ponto de transição no contínuo do tipo de escalarização ativada pelo **até**. No entanto, obrigatoriamente teria que anteceder um numeral, respeitando a imposição da escalarização de uma noção previamente escalarizável.

A fim de uma generalização esclarecedora entre os dois tipos de escalarização propostos, acreditamos ser relevante retomarmos nessa seção, específica da escalarização qualitativa, características da escalarização quantitativa, para que possamos raciocinar comparativamente. Então, vejamos as seguintes proposições:

(47) Carlos viajou até Belo Horizonte. (Conteúdo espacial).

(A) (LIMITE)

(48) As crianças vão ficar na casa da vó até domingo. (Conteúdo temporal)

(A) (LIMITE)

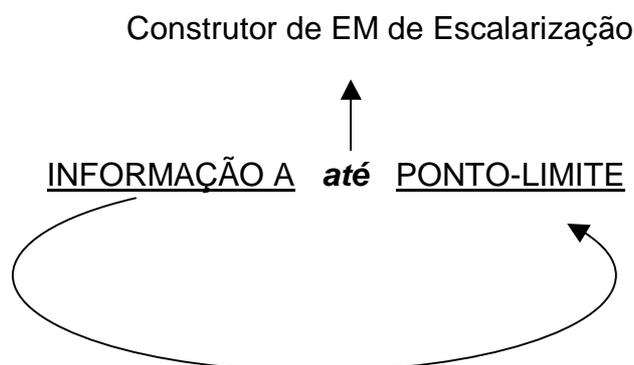
(49) Beth sempre gasta até \$100,00 cada vez que vai ao shopping. (Conteúdo

n (A) (LIMITE) numérico)

(50) Mariana disse que compra até três pares de sapato. (Conteúdo numérico)

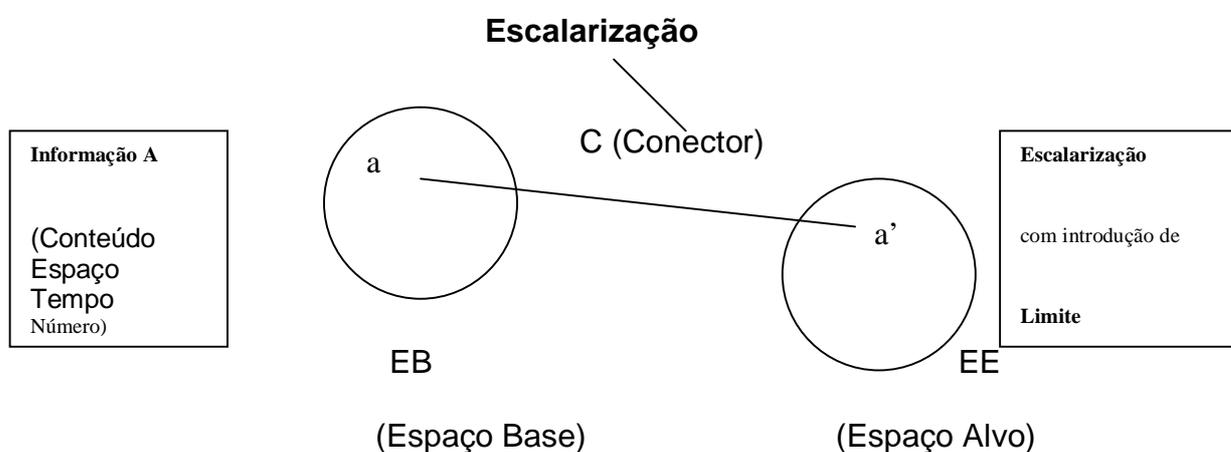
(A) (LIMITE)

Vamos estabelecer uma generalização:



## Escalaração

O conteúdo (de espaço, de tempo e de número) da informação A é escalariado (espacial, temporal e numericamente) em função da existência de um ponto-limite dessa escala. Temos aí, com o uso do conector **até**, a construção de um espaço mental de escalaração e a introdução de um ponto limite. Daí, pelo Princípio da Identificação (PI), identificamos a informação do Espaço Base (informação A) em função de uma identidade escalariada no Espaço Alvo. A escalaração foi ativada pelo uso do conector **até**. O uso do conector promove a construção de um Espaço mental de escalaração, ou seja, um espaço alvo para a conceptualização escalariada da informação A. Em termos de espaços mentais, temos:



Parece-nos interessante comparar formalmente os usos quantitativo e qualitativo do **até**. Pensando em termos sintáticos, a característica sintática mais predominante do **até** escalariador quantitativo é o seu carácter nuclear (excetuando-se os usos proposicionais de conteúdo numérico, com verbo transitivo direto, quando aparece antecedendo o complemento verbal – objeto

direto. Ainda assim respeita a imposição de escalarizar um conteúdo numérico, como já explicamos). Vamos, então, observar o **até** em proposições, quando não ocupa posição de núcleo do sintagma:

(51) Cartão corporativo foi usado até em compras em camelô.

SUJ VI ADJ ADV (Sprep)

(30) “Tropa de Elite” recebe até proposta norte-americana para virar série de TV.

SUJ VTD OD (SN)

(34) O sabonete Palmolive Milk hidrata até a pele mais seca.

SUJ VTD OD (SN)

(39) No Vietnã, até o governo usa software ilegal.

SUJ VTD OD (SN)

(40) Ela até viaja com você, mas precisa da autorização no trabalho.

SUJ PREDICADO (antecede VERBO)

(41) A gente se gosta tanto que divide até chocolate.

VTD OD (SN)

(42) Ele viajou até para Manaus para resolver o problema.

VI ADJADV (Sprep)

(43) Traficantes pagam até churrasco da PM, no Rio de Janeiro.

VTD            OD (SN)

(44) Você sabe que ela gosta de tudo. Ela come até javali.

VTD        OD (SN)

(45) Ela até gosta de feijoada, mas está enjoada hoje.

VERBO (predicado)

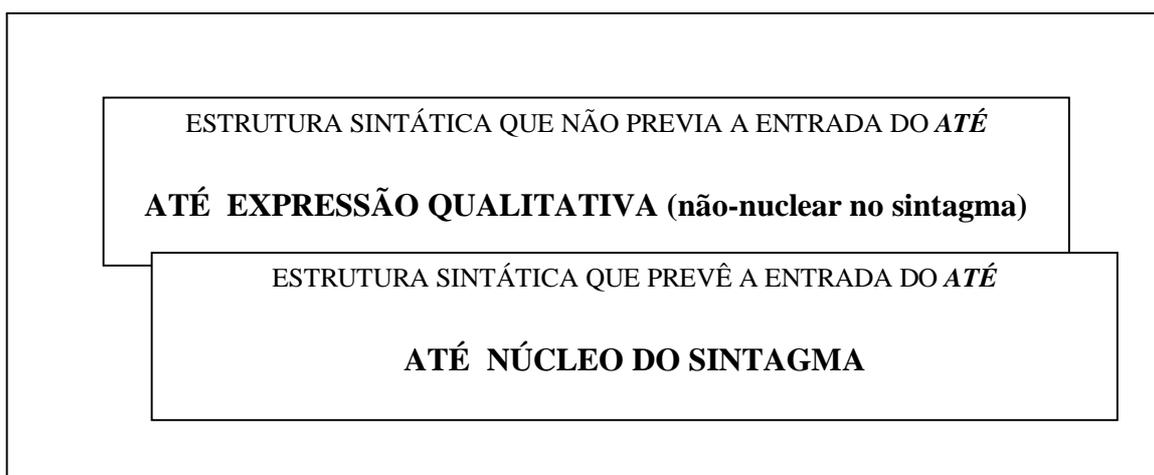
(46) Ele até compra o bolo, mas a gente precisa dar o dinheiro.

VERBO (predicado)

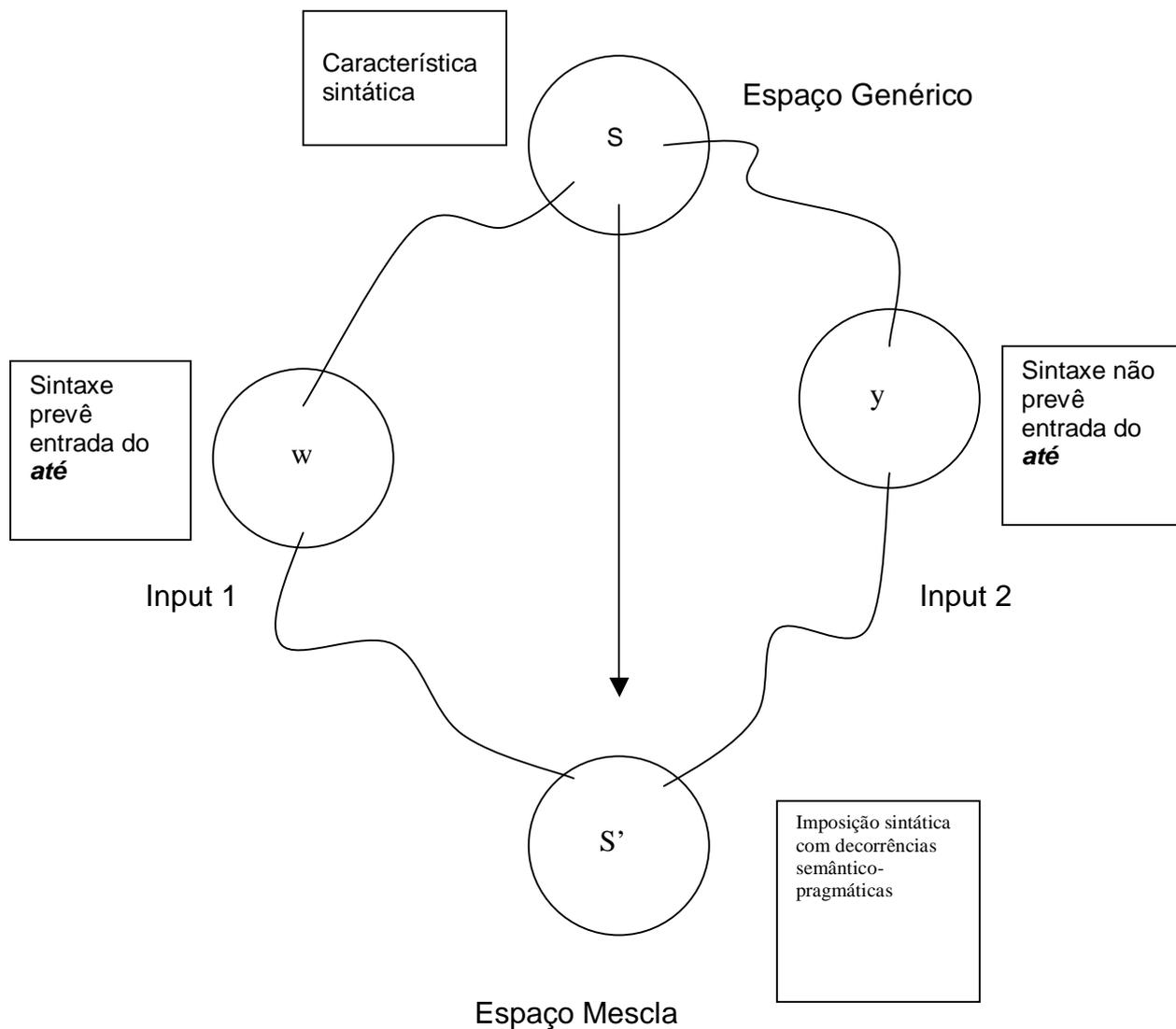
Nas proposições anteriores, podemos ver que o elemento gramatical **até** não se caracteriza como núcleo sintagmático, tampouco para relacionar o verbo ao seu complemento. Vimos que o **até** pode anteceder quaisquer sintagmas, inclusive sintagmas preposicionais, que funcionem como adjuntos adverbiais. Além disso, ocorre antecedendo sujeito, o que infringiria a regra gramatical que a preposição deve se submeter.

Podemos dizer, então, que o uso do **até** introduz um ponto limite e a informação A é escalarizada em função de haver um limite introduzido pelo **até**. Daí, a característica mais prototípica do **até** está mantida tanto quantitativa qualitativamente. Isso quer dizer que o **até** funciona como um construtor de espaço mental de escalarização, introduzindo um ponto limite na escala, caracterizando um eixo prototípico das escalarizações quantitativa e qualitativa. Vamos, a partir disso, iniciar uma linha de pensamento.

Nessas ocorrências, o **até** não tem caráter nuclear, ou seja, não é núcleo do sintagma, é como se fosse inserido em um contexto sintático no qual não estivesse previsto. Isso quer dizer que a característica da escalarização, promovida pelo **até**, é inserida na proposição, havendo uma superimposição sintática. Vejamos um diagrama dessa superimposição:



Dizemos, então, que houve uma mesclagem de estruturas sintáticas com decorrências semântico-pragmáticas. Podemos visualizar a mesclagem sintática no diagrama a seguir:



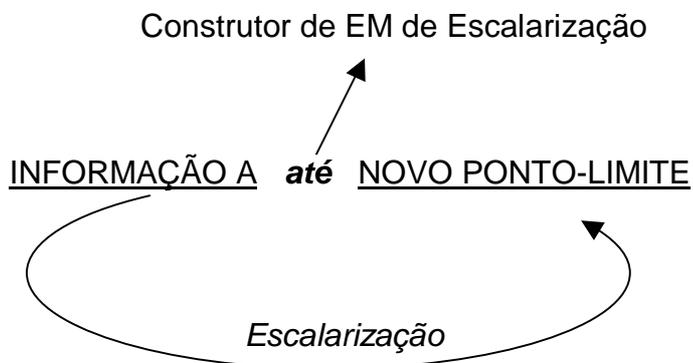
A entrada do **até** está prevista para proposições de conteúdo escalarizável. Daí, a sua inserção em estrutura que não são previamente escalarizáveis, promove a superimposição de uma sintaxe de escalarização. Disso decorrem alterações semântico-pragmáticas. Então, o **até** entrou sintaticamente em um sintagma onde não estava previsto, ativando cognitivamente a escalarização e introduzindo um limite e uma escalarização, semântico-pragmaticamente, não previstos para a informação A. Vejamos isso em um dos exemplos:

(51) Cartão corporativo foi usado até em compras em camelô.  
 Escalarização

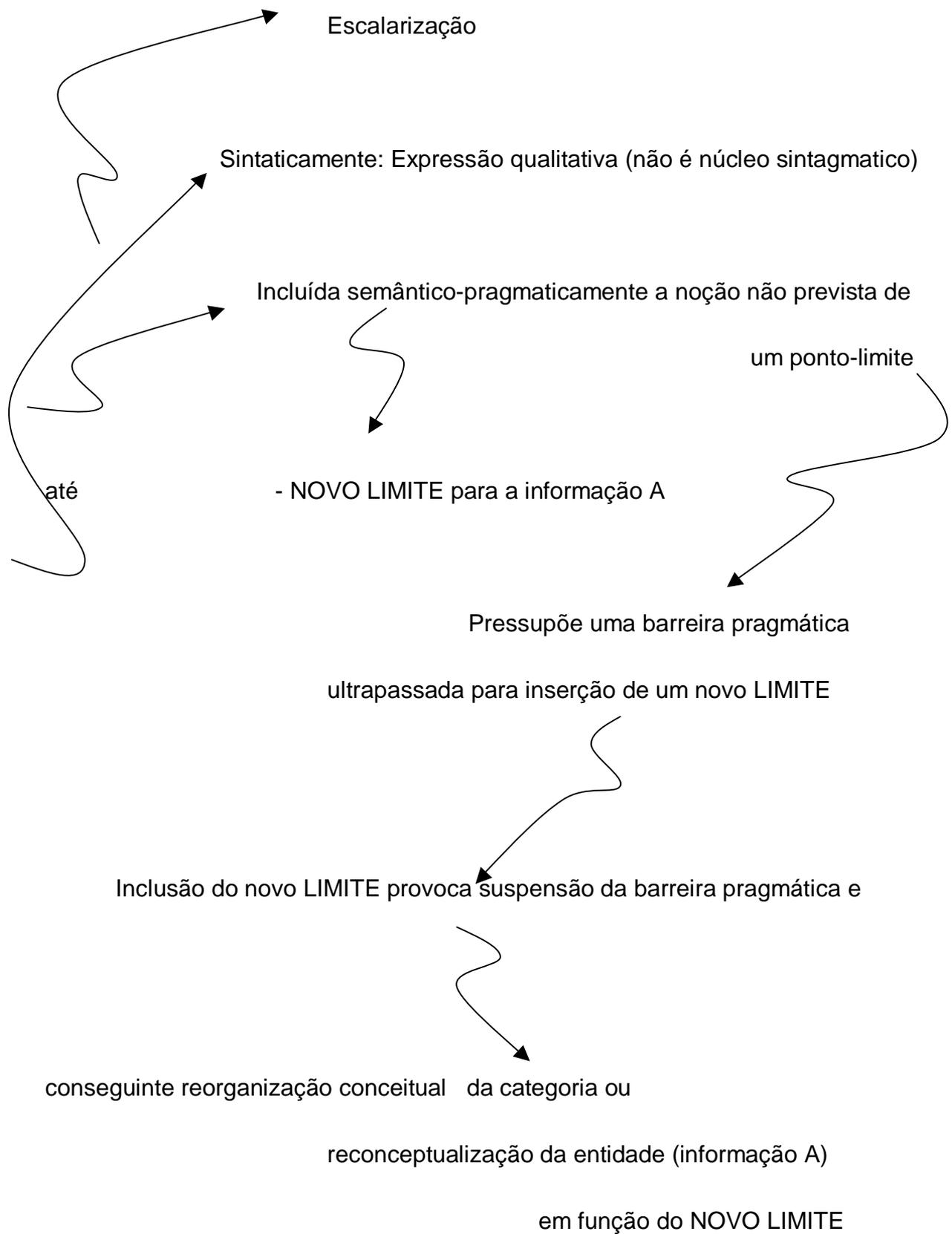
Informação A

NOVO LIMITE

Na proposição acima, o **até** entra em um sintagma onde não era previsto, antecedendo um sintagma preposicional, ou seja, há uma preposição (em) que liga o complemento (adverbial) ao seu verbo. O **até** não está previsto nem é necessário sintaticamente. No entanto, a sua inserção sintática insere características semântico-pragmáticas. Com o uso do **até** a proposição é conceptualizada escalarizadamente, ou seja, insere-se o elemento posterior ao **até** como um novo ponto-limite, novo porque antes não havia a previsibilidade da escalarização. No diagrama, teríamos:



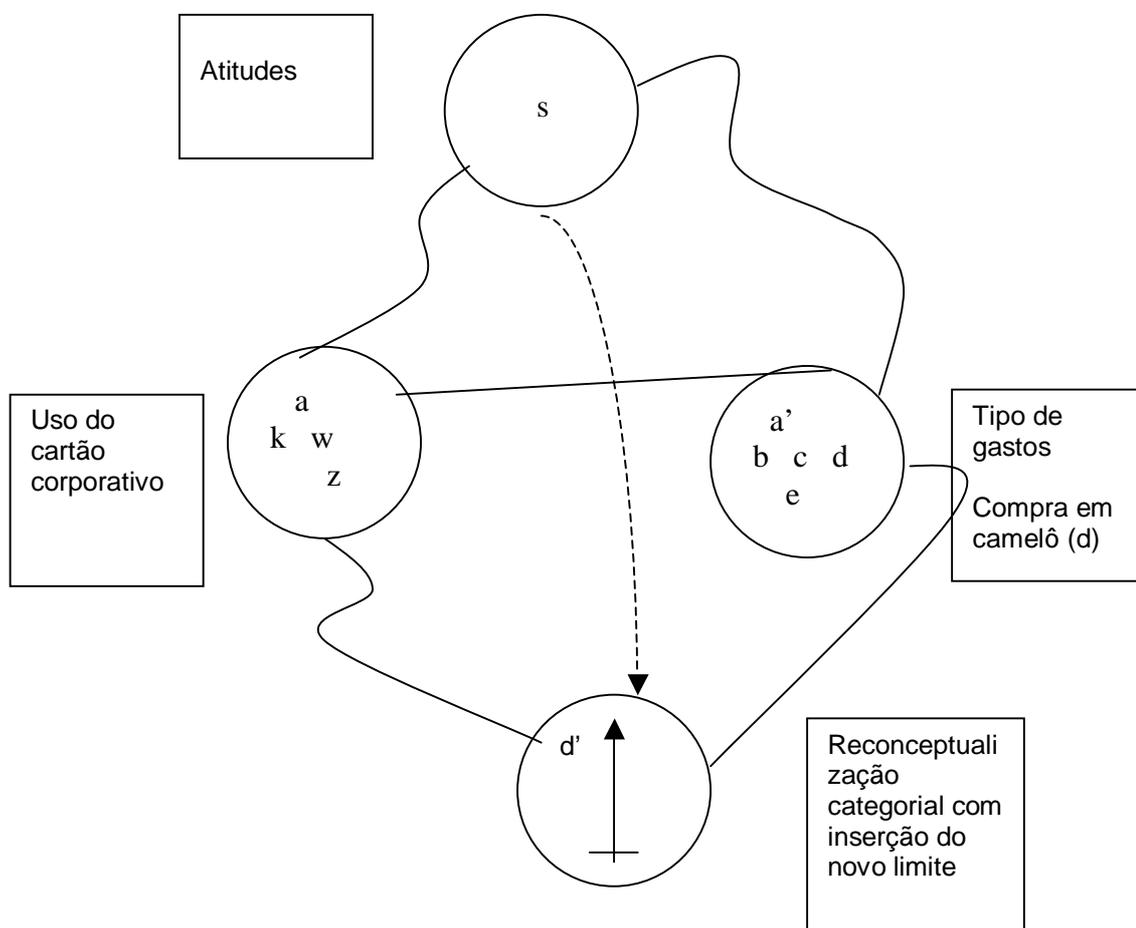
Disso podemos dizer, então, que a superimposição sintática promove uma mesclagem sintática com decorrências semântico-pragmáticas, que estão listadas a seguir:



Ainda sobre a proposição:

(51) Cartão corporativo foi usado **até** em compras em camelô.

Podemos ver que à informação A foi inserido, com o uso do **até** um novo limite não previsto, caracterizando a ultrapassagem de uma pressuposta barreira pragmática. Decerto que não se espera que um cartão oficial que permite movimentação de dinheiro público para pagamento de despesas oficiais seja usado indiscriminadamente até em camelôs. Então, o uso do **até** promove a reescalarização da categoria (informação A, nesse caso, o uso do cartão), ou seja, um reajuste das propriedades que integram a categoria e sua conseguinte reorganização conceitual. Em termos de representação em Espaços Mentais, temos:



O MCI do espaço Input 1 não contempla a propriedade do Input 2 inserida como limite, ou seja, o novo limite (propriedade do Input 2, introduzido pelo **até**) seria uma propriedade pertencente a uma outra categoria. Dessa maneira, existe uma negociação de sentidos para incluir uma nova propriedade, i.e., um novo limite de uma categoria para outra. Podemos dizer que há um deslocamento, ou seja, uma transferência de propriedade entre domínios não-contíguos, até mesmo excludentes. Essa transferência caracteriza a mesclagem desses domínios conceituais não-contíguos. Assim, na emergência do espaço mescla passam a co-habitar no mesmo domínio conceitual propriedades antes até excludentes. Daí, haver no espaço mescla a emergência de uma categoria mesclando propriedades de categorias não-contíguas, provocando a reorganização conceitual da informação A do Input 1.

Além disso, vale ressaltar que a reconceptualização categorial pode ser completada ou não. O uso do **até** provoca a pressuposição da ultrapassagem de uma barreira pragmática, mas a determinação da inclusão da nova propriedade (novo limite) vai depender do tipo de correlação sintático-semântico-pragmática estabelecida. Por exemplo, na proposição:

(43) Traficantes pagam **até** churrasco da PM, no Rio de Janeiro.

Vimos que o **até** promove a inserção de uma nova propriedade limite para a categoria (informação A), com isso havendo reescalarização categorial, ou seja, uma reorganização conceitual da informação A em função do valor pragmático dessa propriedade incluída. Entretanto, essa inclusão que promove a ultrapassagem de limite categorial da pressuposta barreira pragmática pode se

completar se for estabelecida uma correlação explícita ou implícita que implique uma condicionalidade escalar. Assim, *Se (proposição reescalarizada com até), ENTÃO (conclusão)*. Uma generalização seria:

SE X realizou **até** Y, então X realiza Z.

Por outro lado, a reescalarização pode ter sido ativada por conta do uso do **até**, porém pode ser interrompida se houver uma correlação sintático-semântica, por exemplo, com o conector **mas**, por exemplo, na proposição:

(43) Traficantes pagam **até** churrasco da PM, no Rio de Janeiro.

Mas, o governo federal já interveio e iniciou investigações para afastar os policiais que (...).

Nesse caso, a reorganização conceitual da informação A seria interrompida. E, a proposição com **até** funcionaria mais como uma concessiva.

Dito isso, propomos uma generalização dos comportamentos sintático e semântico do item **até**. Para tal, listamos essa série de características, que são retomadas, em seguida, em um quadro descritivo do funcionamento do **até**:

- a. o tipo de escalarização em acordo com o sentido do tipo proposicional, nesse caso, *avaliativo* (apresentação de uma comentário),
- b. o valor semântico do **até**,
- c. o efeito pragmático provocado pelo uso do **até**,

- d. o papel morfossintático do termo introduzido pelo **até**,
- e. o valor sintático do **até**,
- f. a função sintática do sintagma antecedido pelo **até**,
- g. a transitividade do verbo que antecede o **até**.

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Avaliativo	-Indicador novo ponto-limite	Escalarização com gradação de juízo de valor	Qualquer Sintagma (SX)	Não-nuclear	Dependendo do SX	Qualquer

### 6.3. Tabelas e resultados

Abrimos essa seção para apresentar as tabelas quantitativas das ocorrências do **até** retiradas dos corpora dos projetos NURC e D&G. A tabela apresenta um eixo vertical (à sua margem esquerda), onde estão agrupadas as ocorrências de acordo com a estrutura sintática e um eixo horizontal, determinado pelo funcionamento sintático-semântico do **até**. Nesse eixo, estão os tipos de escalarização qualitativa (em amarelo) e quantitativa, dividida em espaço (rosa), tempo (azul) e número (cinza).

As ocorrências de cada um dos grupos sintáticos foram quantificadas e depois analisadas sintático-semânticamente, como vimos, anteriormente. O resultado dessas análises, também, foi quantificado. Daí, geramos uma tabela quantitativa das ocorrências do **até**, apresentada a seguir:

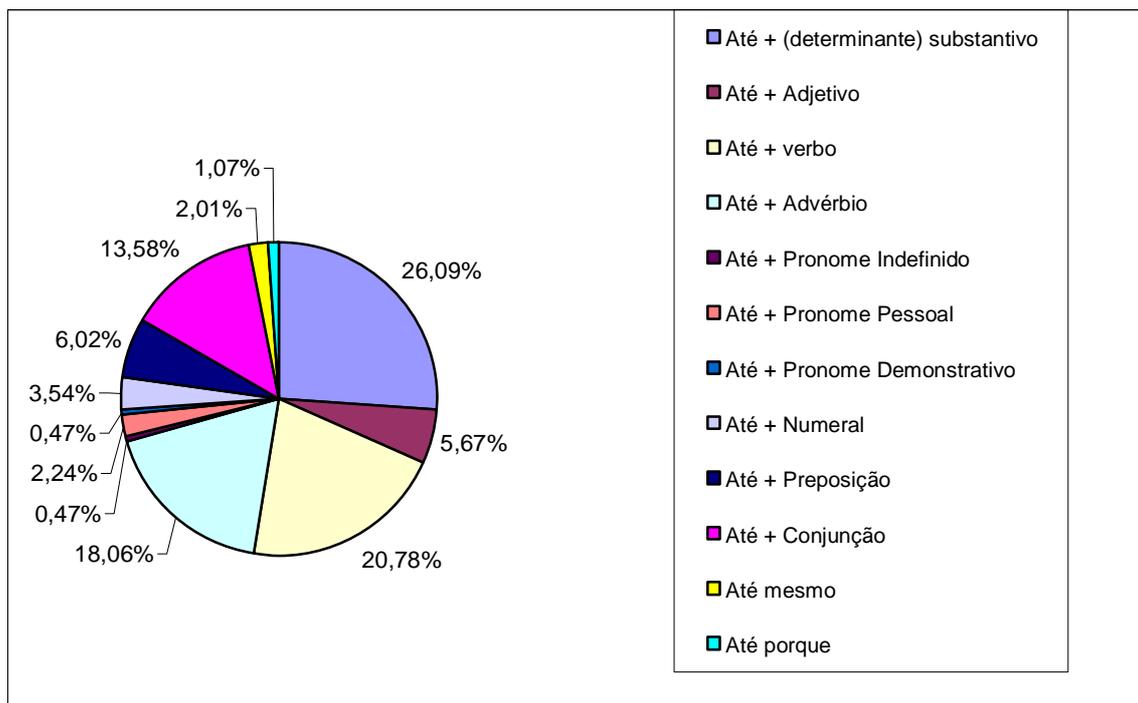
	Ocorrências	Qualitativo	Quantitativo		
			de Tempo	de Lugar	de Número
<i>Até + (determinante) substantivo</i>	221	119	45	56	1
<i>Até + Adjetivo</i>	48	48	0	0	0
<i>Até + verbo</i>	176	136	34	6	0
<i>Até + Advérbio</i>	153	36	95	22	0
<i>Até + Pronome Indefinido</i>	4	3	1	0	0
<i>Até + Pronome Pessoal</i>	19	12	5	2	0
<i>Até + Pronome Demonstrativo</i>	4	4	0	0	0
<i>Até + Numeral</i>	30	0	30	0	0
<i>Até + Preposição</i>	51	44	4	1	2
<i>Até + Conjunção</i>	115	62	43	10	0
<i>Até mesmo</i>	17	17	0	0	0
<i>Até porque</i>	9	9	0	0	0
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>847</b>	<b>490</b>	<b>257</b>	<b>97</b>	<b>3</b>

Lemos, por exemplo, no caso do **até** seguido de substantivo (**Até + (determinante) substantivo**) que das 221 ocorrências, 119 foram referentes ao uso qualitativo do **até** e o restante disso, 102 ocorrências, referentes ao uso quantitativo, sendo 45 de Tempo, 56 de Espaço e 1 de Número.

Em seguida, desmembramos a tabela e transformamos as quantidades numéricas das ocorrências sintáticas em índices percentuais do total de ocorrências de cada grupo sintagmático, que projetamos num gráfico em pizza. Ambos, tabela e gráfico são mostrados a seguir:

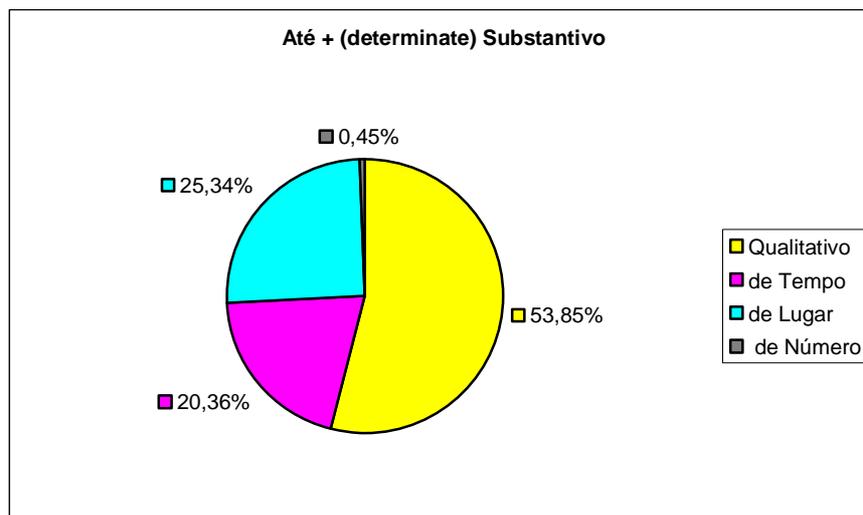
	Ocorrências
<i>Até + (determinante) substantivo</i>	26,09%
<i>Até + Adjetivo</i>	5,67%
<i>Até + verbo</i>	20,78%
<i>Até + Advérbio</i>	18,06%
<i>Até + Pronome Indefinido</i>	0,47%
<i>Até + Pronome Pessoal</i>	2,24%

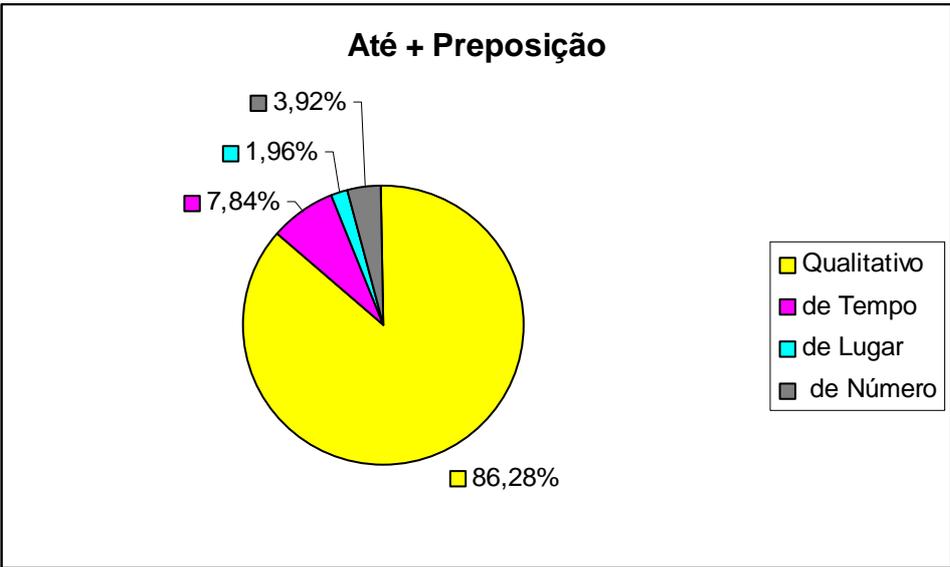
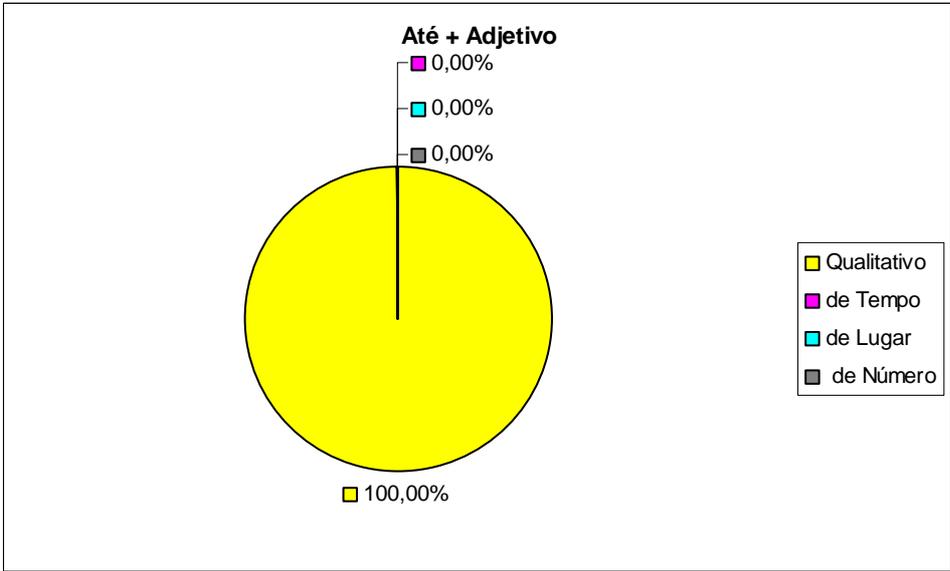
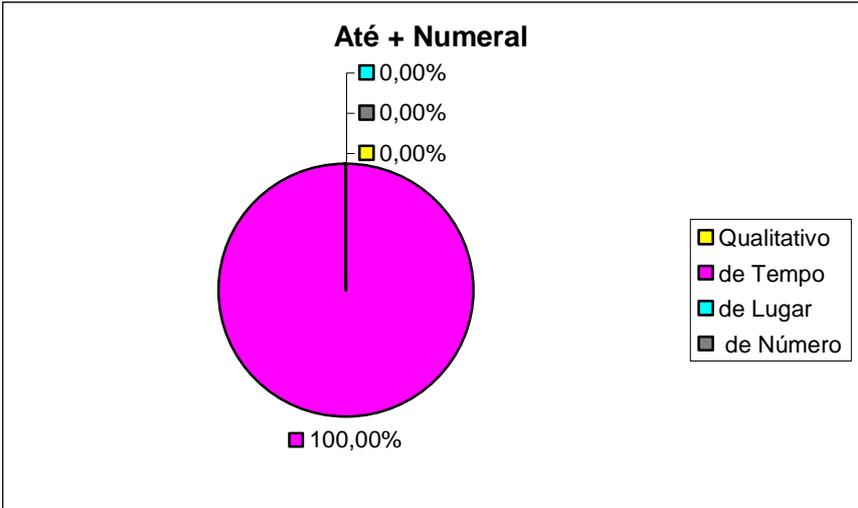
<b>Até + Pronome Demonstrativo</b>	<b>0,47%</b>
<b>Até + Numeral</b>	<b>3,54%</b>
<b>Até + Preposição</b>	<b>6,02%</b>
<b>Até + Conjunção</b>	<b>13,58%</b>
<b>Até mesmo</b>	<b>2,01%</b>
<b>Até porque</b>	<b>1,07%</b>
	<b>100,00%</b>

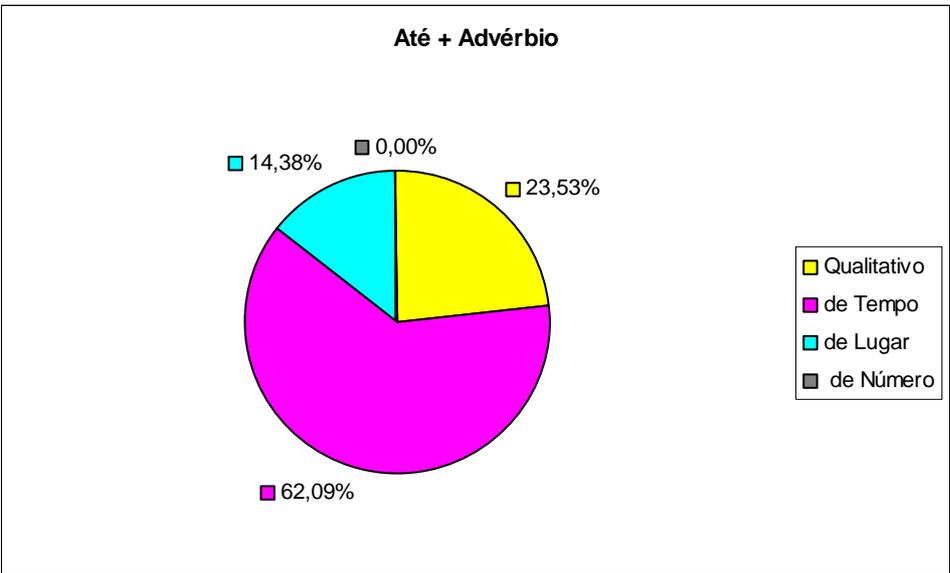
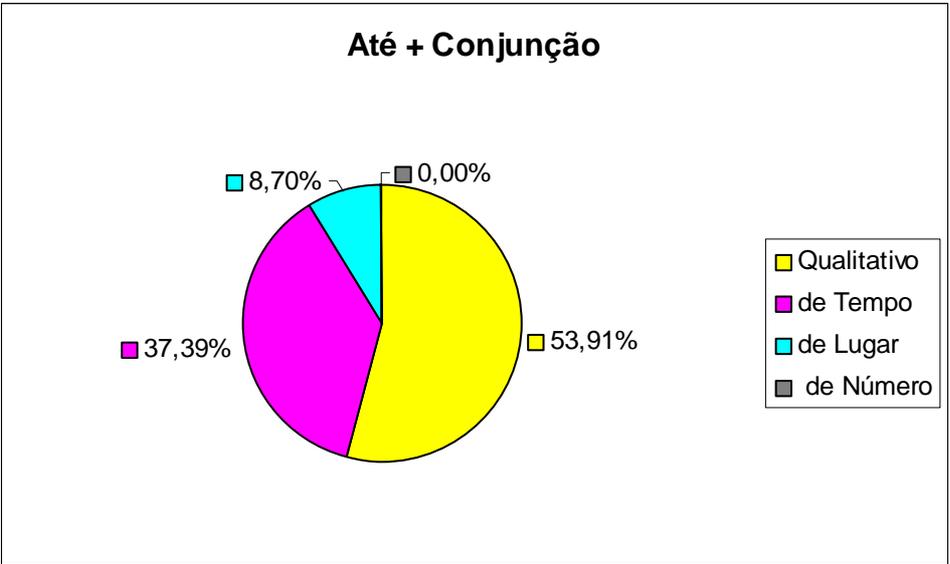
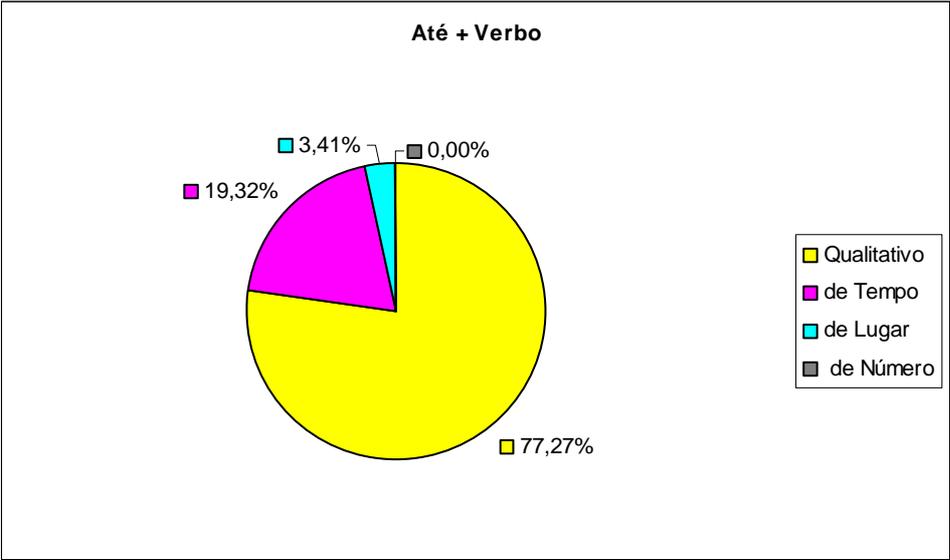


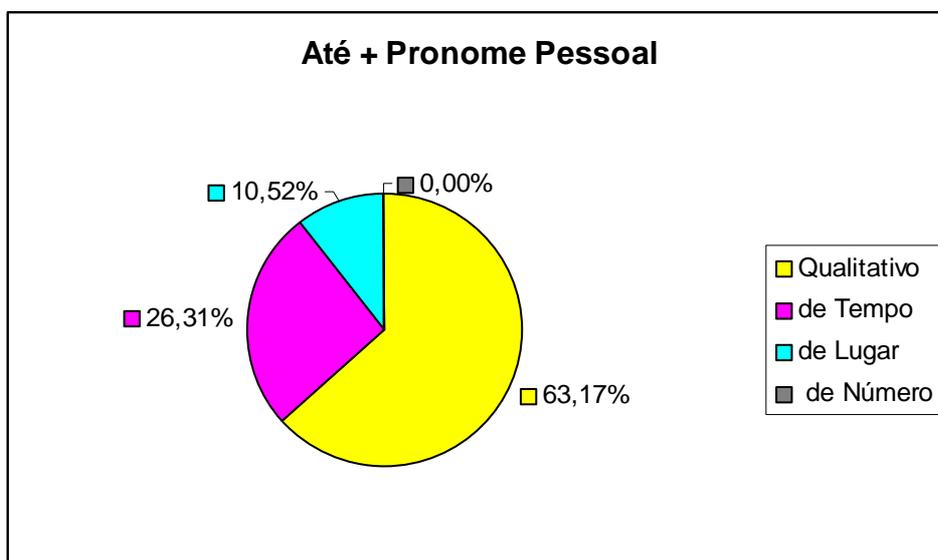
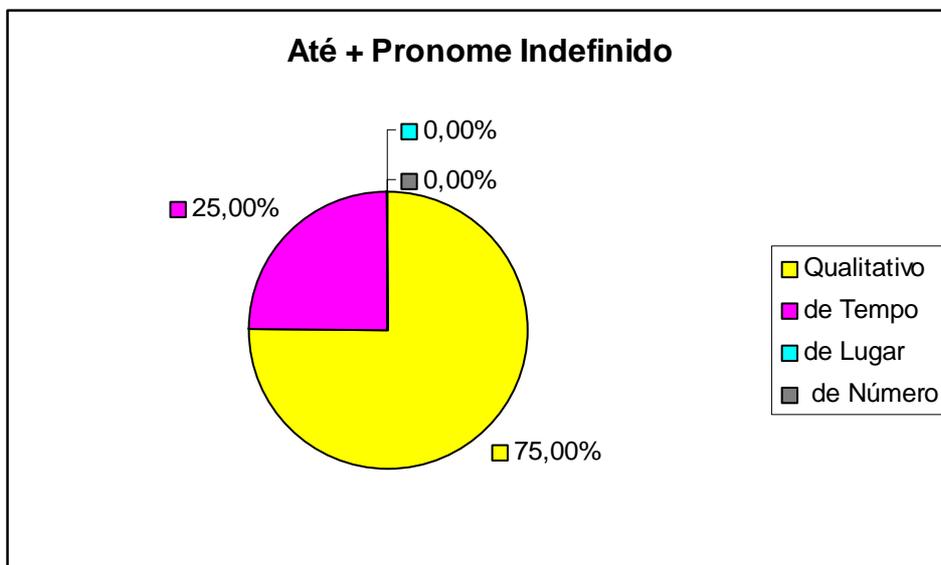
Depois disso, o resultado quantitativo do cruzamento das informações sintático-semânticas foi transformado em índices percentuais, que podem ser vistos, nas tabelas e nos gráficos seguintes caso a caso:

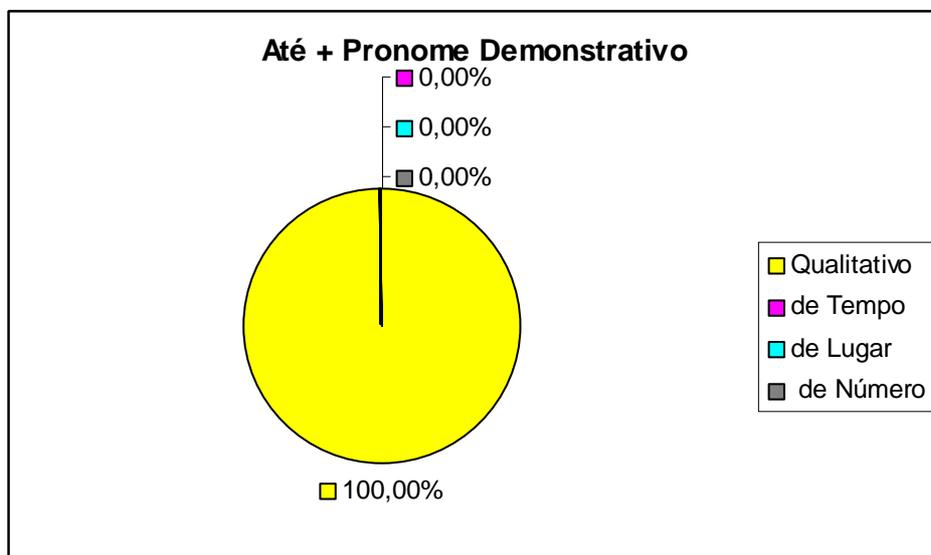
	Quantitativo				TOTAL
	Qualitativo	de Tempo	de Lugar	de Número	
<b>Até + (determinante) substantivo</b>	53,85%	20,36%	25,34%	0,45%	100,00%
<b>Até + Adjetivo</b>	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
<b>Até + verbo</b>	77,27%	19,32%	3,41%	0,00%	100,00%
<b>Até + Advérbio</b>	23,53%	62,09%	14,38%	0,00%	100,00%
<b>Até + Pronome Indefinido</b>	75,00%	25,00%	0,00%	0,00%	100,00%
<b>Até + Pronome Pessoal</b>	63,17%	26,31%	10,52%	0,00%	100,00%
<b>Até + Pronome Demonstrativo</b>	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
<b>Até + Numeral</b>	0,00%	100,00%	0,00%	0,00%	100,00%
<b>Até + Preposição</b>	86,28%	7,84%	1,96%	3,92%	100,00%
<b>Até + Conjunção</b>	53,91%	37,39%	8,70%	0,00%	100,00%
<b>Até mesmo</b>	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
<b>Até porque</b>	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%





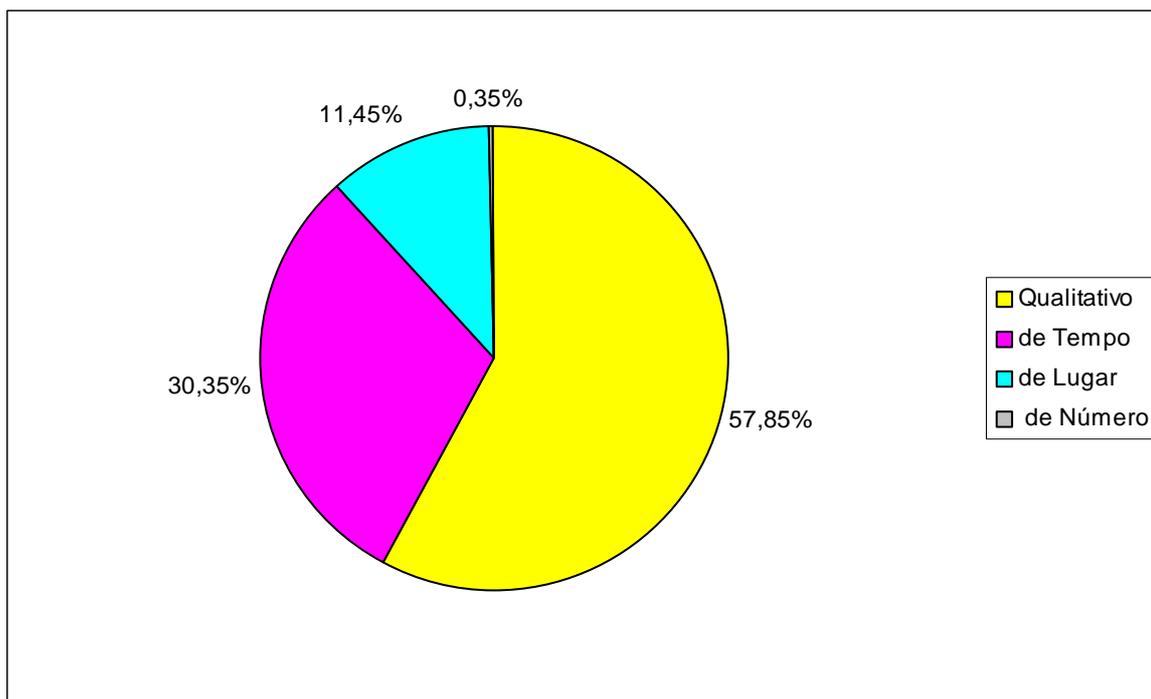






Em seguida, o índice percentual das ocorrências do **até** quanto às características sintático-semânticas, de modo mais geral, pode ser vista na tabela e nos gráficos abaixo:

	Quantitativo			
Qualitativo	de Tempo	de Lugar	de Número	TOTAL
57,85%	30,35%	11,45%	0,35%	100,00%



Percebemos que o uso qualitativo do **até** acontece em larga escala (mais de 50% do número total das ocorrências) e que, de fato, deve, não só por isso, mas, também, por isso, merecer mais atenção descritiva e não ficar relegado ao nicho das palavras denotativas.

Além disso, dissemos que o **até** quando promove escalarização qualitativa não ocupa posição de nuclear no sintagma, e vem à esquerda do núcleo sintagmático. Baseando-nos em Mateus (2003), nos pareceu lícito entender esse comportamento sintático do **até** como uma expressão qualitativa. Daí, não poderia, pois, ser diferente que a ocorrência de **até** diante de adjetivos

fosse integralmente de escalarização qualitativa, posto que, talvez, seja seu ambiente prototípico.

Vimos, também, que o **até** não faz restrição categorial, apenas restringe-se sintaticamente pelo seu status de núcleo, na escalarização quantitativa (nuclear) - de conteúdo de espaço, tempo e número- e de não-núcleo categorial, na escalarização qualitativa (não-nuclear), quando introduz um comentário sobre o conteúdo pragmático da proposição, ou seja, tem um valor mais avaliativo ou pragmático. Disso, podemos ver que as ocorrências do **até** seguido de **mesmo** e **porque** são todas de uso qualitativo. Talvez, em função do termo **mesmo** ser usado para corroborar algo dito anteriormente e o **porque** para explicar algo dito, características semântico-pragmáticas do uso **até** em proposições avaliativas.

Além disso, cabe ressaltar acerca da ocorrência do **até** escalarizando noção de número em proposições com verbo transitivo que, embora, o **até**, nesse caso, não seja núcleo de sintagma tampouco haja ali um adjunto adverbial, ainda assim não promove comentário sobre a proposição. Daí, compartilha característica formal da escalarização qualitativa e característica semântico-pragmática da quantitativa.

Estabelecemos esse como o ponto de transição no contínuo de metaforização do uso do **até**. No entanto, não houve nenhum caso desse nos dados coletados. Os exemplos apresentados foram elaborados pela própria pesquisadora.

Enfim, muitas, ainda, são as observações possíveis, mas nem todas passíveis de serem tratadas neste momento da tese.

## 7. CONCLUSÃO

A título de conclusão, elencaremos as principais evidências analíticas a que chegou a pesquisa.

O principal problema que tínhamos era as diferentes classificações do **até**. Primeiro, por serem classificados como usos homônimos, depois por não haver clareza quanto às características sintáticas e semântico-pragmáticas relevantes dos diferentes usos, o que não permitia saber quando e por que se estava diante de uma nova classificação. O **até** podia ser classificado, nos estudos tradicionais, como preposição, advérbio (sem especificação), advérbio de inclusão, palavra denotativa, partícula de inclusão.

Além disso, alguns estudiosos como Ilari, Geraldi, Almeida e Castilho vêm se ocupando em estudar e descrever o papel das preposições, incluindo o **até**, e mencionam o seu uso em conteúdos pragmáticos se aproximando daqueles que, exclusivamente, olham o papel discursivo do **até**. Dizemos isso, porque para os referidos estudiosos, o seu uso discursivo-argumentativo, baseado perspectiva da Semântica Argumentativa, se difundiu como um operador argumentativo.

As classificações para os usos proposicionais abaixo:

- (52) Eliana viaja **até** Juiz de Fora, sempre.
- (53) Seu pai volta **até** domingo.
- (54) Edu ganha **até** \$ 3000 nesses trabalhos.
- (55) Jô vai selecionar **até** cinco modelos para a campanha.
- (56) **Até** juízes reconhecem que demora é o principal fator de impunidade.

tinham a sua falta de clareza apontada em Ilari&Geraldini<sup>105</sup>, quando discutiam a impropriedade da classificação numa proposição como (53). Visto que, diziam os autores, se a função da preposição é de relator, isso não se cumpre em (53) e (54), por exemplo. Tampouco em (55) e menos ainda em proposições como (56). Além disso, os estudiosos chamam a atenção para o fato de o **até** está antecedendo *sujeito* (em 56, por exemplo), comportamento proibido às preposições. Os autores reconheciam a urgência em se tratar do funcionamento de alguns elementos gramaticais (por exemplo, o **até**) como fenômenos escalares (p. 77). No entanto, reservavam essa descrição apenas para usos como em (56), em função de nesses casos, segundo os estudiosos, haver uma escala de valores pragmáticos, onde se mede, discursivamente, o valor da informação dada, ou seja, do argumento usado para comprovação de uma tese. Tratava-se de uma escala de argumentação (cf. Ducrot&Anscombre, 1981 e Fauconnier, 1975) revelada, apenas, em usos argumentativos do **até**.

Embora, a descrição do uso do **até** como um fenômeno escalar esclarecesse o seu funcionamento, o fazia, parcialmente, argumentativamente. Com tudo isso, a insuficiência do tratamento, ainda, era notória.

A análise semântico-pragmática dos dados evidenciou a escalarização subjacente aos usos proposicionais do **até**.

Partimos, então, na tentativa de evidenciar que tantas classificações, na verdade, se tratava de uma rede polissêmica do funcionamento do **até**. Para tal, investigamos os comportamentos sintático-semântico-pragmático desses usos sob a ótica dos estudos cognitivistas da linguagem.

---

<sup>105</sup> No livro *Semântica* citado na bibliografia.

Com a análise dos dados, vimos que em todas as ocorrências com o **até** havia uma noção de escalarização. Os conteúdos proposicionais que podem ser de espaço, de tempo, de número e pragmático (quando se trata de um comentário) são conceptualizados de modo escalarizado, na verdade, têm seus conteúdos escalarizados em função de um ponto limite, introduzido pelo **até**. Nos estudos cognitivistas as operações que realizamos lingüisticamente, na verdade, são projeções de nossa capacidade cognitiva. Lakoff (1987, pág.291) diz que:

*A linguagem está baseada na cognição. Os mesmos recursos são usados tanto nas estruturas lingüísticas quanto nas estruturas de modelos cognitivos – mesmo porque os Esquemas Imagéticos (esquemas pré-conceptuais que estruturam as nossas conceptualizações) são formados de acordo com as experiências sensório-motoras do nosso corpo.*

Daí, parece lícito dizer que se escalarizamos conteúdos lingüísticos, temos capacidade cognitiva de escalarizar. Na verdade, a conceptualização escalarizada de uma dada informação está baseada no Esquema Imagético da Escala (cf. Johnson, 1987). Então, os usos do até **são** projeções desse esquema de escalarização, que é o eixo prototípico da rede polissêmica de funcionamento do **até**. A escalarização é um recurso de organização, mesmo das experiências mais concretas como a de espaço, que é experienciado nos eixos horizontal e vertical, numa escala espacial, em que nos deslocamos de um ponto até outro. Não poderia ser diferente na descrição lingüística e entendemos o uso do **até** em proposições de conteúdo espacial como seu uso mais básico, que ativa o Esquema de Percurso (de um ponto de partida até um destino, percorrendo um

caminho) na sua conceptualização. É sabido que tempo pode ser entendido como uma metáfora de espaço. Isso contribui como evidência para entendermos um contínuo de metaforização da escalarização do **até**, que vai do deslocamento nas escalas de conteúdo espacial, temporal, numérico até a transferência (o deslocamento menos concreto e mais abstratizado) de propriedade de uma categoria para outra em uma escala de conteúdo pragmático.

Chegamos, a generalização da escalarização promovida pelo **até**. A escalarização pode ser sem gradação ou com gradação de juízo de valor. O primeiro tipo chamamos de escalarização quantitativa, pois apenas avançamos (nos deslocamos) na escala (na seqüência dos seus pontos de conteúdo espacial, temporal e numérico), em função de um ponto limite, o termo à esquerda introduzido pelo **até**, podemos exemplificar com as proposições (52), (53), (54) e (55).

O segundo tipo, que chamamos de escalarização qualitativa, empresta um comentário ao conteúdo da proposição. Nesse caso, que pode ser acompanhado no exemplo (56),

(56) **Até** juízes reconhecem que demora é o principal fator de impunidade.

o limite, termo à esquerda introduzido pelo **até**, vai ser transferido (deslocado na escala) como uma nova propriedade da informação dada. Pressupõe-se que como nova propriedade, não estava prevista, ou seja, não era esperada. Daí, o uso do **até** flagra a existência de uma barreira pragmática e sua conseguinte ultrapassagem, quer dizer, a inserção da nova propriedade-limite vai além das

expectativas determinadas na escala de valores pragmáticos. Isso pode ser visto em relação à proposição (56), pois os próprios juízes, que são os representantes da justiça e responsáveis, em parte pela sua eficiência, reconhecerem que a lentidão da justiça é propiciadora da impunidade vai além de uma escala prevista e organizada pragmaticamente pelos nossos modelos de conhecimento, os MCIs.

A proposição dita sem o **até** seria uma constatação. O uso do **até** deflagra um comentário, permitindo o surgimento de pressupostos como uma condicionalidade escalar: Se até os juízes reconhecem isso, *então* a impunidade é total. Generalizando, teríamos uma condicionalidade escalar pressuposta do tipo:

*[ Se X realizou até Y, então X pode realizar Z ]*

Na interpretação da condicionalidade escalar, os valores de X, Y e Z são graduados pela expectativa de um Ego, além disso, depende de fatores como contexto, bases de conhecimento do falante, ou seja, se efetiva no fluxo discursivo. Em termos de descrição (cf. Fauconnier, 2002, pág.327), parece-nos que há uma compressão de Propriedades, pertencentes a domínios excludentes, que se descomprime numa relação de Causa-efeito. Tal verificação não foi completamente desenvolvida, em função disso não a arrolamos no corpo analítico desta tese.

Sobre a pressuposição de uma condicionalidade, que é disparada pelo uso qualitativo do **até**, dizemos que pode ser efetivada ou não. Por exemplo, se pensarmos em uma correlação com o “mas”, a máxima de realização de X não se efetivou:

(56) **Até** juízes reconhecem que demora é o principal fator de impunidade.

*Mas, o Supremo Tribunal interveio e exigiu a agilização dos julgamentos.*

Houve, inicialmente, a ultrapassagem da expectativa, a suspensão da barreira pragmática, mas não se efetivou a conclusão como numa relação de causa-efeito, apenas como uma concessiva.

Vimos, então, que:

(i) o **até** constitui uma rede polissêmica, cujo eixo prototípico é a noção de escalarização (estruturada no Esquema Imagético de Escala), com a ativação de deslocamento (nas escalas de espaço, de tempo, de número e de propriedade comentada), que se metaforiza do conteúdo mais concreto de espaço para o mais abstrato de qualidade (propriedade).

(ii) a escalarização pode, então, ser agrupada em dois tipos: de quantidade e de qualidade, sendo a primeira sem gradação de juízo de valor e a segunda com gradação de juízo de valor.

(iii) em ambos os tipos, o **até** vem à esquerda do termo que é introduzido como limite do conteúdo proposicional.

(iv) o **até** é núcleo sintagmático, funcionando o sintagma como adjunto adverbial, na escalarização quantitativa de conteúdo proposicionais de espaço, de tempo e de número).

(v) o **até** não é núcleo sintagmático, na escalarização qualitativa, exercendo de papel de expressão qualitativa (cf. Mateus, 2003:369), podendo anteceder qualquer categoria. Nesse caso, promove a escalarização de conteúdo pragmático, ou seja, a escalarização do conteúdo da proposição é feita em função do valor pragmático (máximo) do termo-limite introduzido pelo **até** como uma nova propriedade dessa categoria comentada.

(vi) a metaforização da escalarização promovida pelo **até** – de quantitativa à qualitativa – tem um ponto de transição nas ocorrências em proposição com conteúdo numérico, que seguem o padrão da escalarização quantitativa, a não ser em proposições com VTD (por exemplo, “Jô vai selecionar **até** cinco modelos para sua campanha”). Nesse caso, o **até** apresenta características dos dois tipos de escalarização. Sintaticamente não é núcleo sintagmático, como na escalarização qualitativa, no entanto semântico-pragmaticamente não estabelece uma gradação com juízo de valor, ou seja, não atende à característica de deflagrar um comentário sobre o conteúdo da proposição, preservando-se como escalarização quantitativa. Vale ressaltar, que se retirado o numeral, o **até** escalariza qualitativamente o substantivo, atendendo ao padrão descrito, nesta tese, para esses casos.

Ainda a respeito das impropriedades das diferentes classificações que vêm sendo feitas para o **até**, mesmo dizendo, nesta tese, que o elemento **até** pode ocorrer em posição de núcleo sintagmático, mas, também, pode ocorrer em posição não-nuclear, vindo à esquerda do núcleo sintagmático, isso não justificaria a sua diferenciação categorial.

Para tal, dizemos que se uma dada categoria de uma língua tem propriedades Z, outras categorias centrais terão propriedades similares. Então, se para Lemle (1982) e Almeida (1984), baseadas em Jackendoff (1977), uma categoria não pode ser diferenciada a partir de propriedade de transitividade, similarmente, uma categoria não deve poder ser diferenciada a partir de ocorrências à esquerda do núcleo sintagmático.

Daí, entendemos, nesta tese, os diferentes usos proposicionais do **até** como, na verdade, uma extensão metafórica de um eixo categorial prototípico de escalarização lingüístico-cognitiva.

Cumpre, ainda, ressaltar que estudamos, incipientemente, outros elementos gramaticais como **que dirá, imagine e quanto mais** (cf. Alvaro)<sup>106</sup>, tradicionalmente tratados como expressões idiomáticas. Vimos que tais elementos, também, apresentam um comportamento de operador escalar.

---

<sup>106</sup> Ante-projeto de doutorado.

## BIBLIOGRAFIA

ALI, M. S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. SP: Ed. Melhoramentos, 1971.

\_\_\_\_\_. **Grammatica elementar da lingua portugueza**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1922.

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. **Preposição, Advérbio e Conjunção: um estudo de reanálise**. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro, UFRJ, 1984.

\_\_\_\_\_. Projeto de Pesquisa **A gramaticalização das representações espaciais do português. O caso das preposições**. CNPQ. 1993.

\_\_\_\_\_. Projeto de Pesquisa **A gramaticalização das representações espacio-temporais do português. O caso das preposições**. CNPQ. 1995.

\_\_\_\_\_. A lingüística sociocognitiva e os anguladores: uma nova perspectiva para fenômenos tidos como marginais. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar & SIMÕES, Darcilia. **Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2005.

\_\_\_\_\_. Viver é uma forma de enferrujar: estudo de anguladores em Semântica cognitiva. In: **Língua, Lingüística e Literatura**. VALENTE, André (org). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática Metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1983.

ARISTOTE. **Organon**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1997.

ARNAULD & LANCELOT. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.

BARBOSA, Jeronymo Soares. **Grammatica Philosophica**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1866.

BERLIN, Brent & KAY, Paul. **Basic color terms: their universality and evolution**. Berkeley: University of California Press, 1969.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, Tradução: PAGANI, L.A., NEGRI, L. & ILARI, R., 2003.

COSTA, Cláudio. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2003.

COULSON, Seana. **Semantic leaps. Frame –shifting and Conceptual Blending in Meaning construction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COULSON & VAN PETTEN. **Conceptual integration and metaphor: An event-related potential study**. Memory Cognition. 30, p.958-968, 2002.

CROFT, William & CRUSE, Allan D. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2004.

CUENCA, Maria Josep & HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ed. Ariel, 1999.

CUNHA, C. **Manual de português**. Rio de Janeiro: EDILD, 1969.

\_\_\_\_\_ & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes. Emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUCROT, O. & ANSCOMBRE, J. C. **Leis lógicas e argumentativas**. São Paulo: Ed. Global, 1981.

\_\_\_\_\_. **Princípios de Semântica lingüística: não dizer-dizer**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

FAUCONNIER, G. **Pragmatic scales and logical structure**. *Linguistic Inquiry*. Volume IV: no. 3., 1975

\_\_\_\_\_. **Mental Spaces: Aspects of Meaning Constructions in Natural Language**. Cambridge: Mass.:MIT Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_ & TURNER, Mark. ***The way we think***. New York: Basic Books Group Press, 2002.

\_\_\_\_\_ & SWEETSER, Eve. **Spaces, Worlds and Grammar**. Chicago: The Chicago Press, 1996.

FERRARI, L.V. **Postura Epistêmica, Ponto de Vista e Mesclagem em Construções Condicionais na Interação Conversacional**. *Revista Veredas*. v.3, no. 1, Juiz de Fora: Ed.ufff, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modalidade e Condicionalidade no Português do Brasil**. (no prelo)

FILLMORE, Charles. **An alternative to checklist theories of meaning.** Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, ed. Cathy Cogen et al., 123-31. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975.

\_\_\_\_\_. **Frame Semantics.** In: Linguistic Society of Korea (ed). Linguistics in the Morning Calm. Seoul: Hanshin, 1982.

\_\_\_\_\_. **Epistemic distance and grammatical form in English Conditional Sentences.** In M. Ziolkowsky, M. Noske, and K. Deaton (eds.), Papers from The 26<sup>th</sup> Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1990. p. 137-62.

\_\_\_\_\_, Kay, P. & O'Connor, M.C. **Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the case of 'let alone'.** Language 63(3), 1988. p. 501-38

FLEISHMAN, S. **Temporal distance: a basic linguistic metaphor.** Studies in Language, nº 13: 1-51, 1989.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar.** New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Mind, Code and Context: Essays in Pragmatics.** Hillsdale, N.J.:Erlbaum, 1990

\_\_\_\_\_. **Syntax – A functional typological introduction.** Vol.1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

ILARI, R. & GERALDI, J. **Semântica.** São Paulo: Ed. Ática, 1985.

\_\_\_\_\_, CASTILHO & ALMEIDA et alia. Capítulo das preposições. In: NEVES, M Helena Moura (org). **Gramática do português falado.** Vol. 2.

JACKENDOFF, Ray. **X- Bar Syntax. A study of phrase structure.** Cambridge: Mass:MIT Press, Linguistic Inquiry Monography 2, 1977.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind.** The bodily basis of meaning, Imagination, and Reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KAY, Paul. **Words and the grammar of context.** Stanford, California: CLSI Publications, 1997.

KOCH, Ingedore. **A interação pela linguagem.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

KURY, Evanildo da Gama. **Lições de análise sintática. Teoria e prática.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous things.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_ & M. Johnson. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar.** V.1. California: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Foundations of Cognitive Grammar.** V. 2: Descriptive application. California: Stanford University Press, 1991

LEMLE, Miriam. **Análise sintática. Teoria e Ensino.** Tese de doutorado em Letras, UFRJ, 1982.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa.** RJ: José Olympio, 2000.

MACEDO, Walmírio. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1991.

MANDELBLIT, Nili. **Grammatical blending: creative and schematic aspects in sentence processing and translation**. Ph.D. Dissertation. San Diego: University of California, 1997.

MATEUS, Maria Helena Mira (org). **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Ed. Almedina, 1983.

\_\_\_\_\_. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

MARTINS, Helena. Três caminhos da filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org). **Introdução à lingüística. Fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

NEF, Frederic. **A linguagem. Uma abordagem filosófica**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1995.

NEVES, Maria Helena Moura. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Universidade de Brasília, 1987.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.  
Lisboa: Editora Caminho, 2003.

ORTONY, Andrew. **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sintaxe portuguesa. Metodologia e funções**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

PLATÃO. Cratyle. In: **Platon Oeuvres Complètes**. Vol. 2, Paris: Librairie Garnier Frères, 1952.

PUTNAM, Hilary. **Razão, Verdade e História**. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1992.

ROSCH, Eleanor & MERVIS, Carolyn. **Family Resemblances: Studies in the internal structure of categories**. *Cognitive Psychology* 7:573-605, 1975.

SALOMÃO, Margarida M. **A questão da construção de sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem**. *Revista Veredas*. V.3. Juiz de Fora: Ed. Ufjf, 1999.

SCHMITZ, François. **Wittgenstein. Figuras do saber**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

SILVA, Rosa Mattos e. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics**. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1990.

TALMY, Leonard. Force Dynamics in Language and Thought. In: WILLIAM, E. (org). **Papers from the Parasession on Causatives and Agentive**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1985.

\_\_\_\_\_. The relation of Grammar to Cognition. In: RUDZKA-OSTYN (org). **Topics in Cognitive Linguistic**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. London: Harvard University Press, 1999.

VARRO. **On the Latin language**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

VIARO, Mário Eduardo. Considerações acerca de mudanças semânticas da preposição *até* no português do século XIX. In: **Descrição histórica e aquisição do português brasileiro – estudos dedicados a Mary Cato**. São Paulo, Campinas: FAPESP / Ed. Pontes, 2007.

## ATÉ + ADJETIVO

1. agora você falou em: em comparação com... com outras cidades... o cuidado que se dá ao pedestre... não sei se você já... já tivera o prazer de viajar pela Europa... já já passearam? é mas o cuidado que se dá ao pedestre... nesse nessas cidades mais mais avançadas é uma coisa impressionante... o o pedestre fica até audacioso porque ele... se ele está atravessando e abre o sinal... ele não apressa o passo de jeito nenhum porque AI do carro se tocar em cima dele...
2. Eles usam o que eles querem... o que eles acham que PODEM usar... que DEVEM usar... sem se preocupar com combinar cores... se a calça está bem passada... se a blusa está bem passada... e algumas vezes até pouco limpos... pelo menos externamente... mas eu acho fabuloso... esses colares... tudo isso eu acho lindo...
3. a última vez que eu fui acampar... eu fui pra.{S}.. Lumiar... que é serra... perto de Friburgo... estava um dia muito frio... até chuvoso... o que atrapalhou um pouco o camping pois que nós montamos a barraca... logo depois choveu...
4. Eu acho que o trânsito da Tijuca é um dos piores trânsitos do Rio de Janeiro, é, comércio também né, é uma, uma coisa até interessante que é um dos comércios que eu acho mais, versáteis aqui, você tem a possibilidade de, compra, de, de opção, é o lado positivo né, o lado negativo é essa super população, as pessoas e com isso as pessoas ficam mais agressivas, há mais assaltos, mais roubos, mais, enfim é mais, tumulto.
5. as crianças continuam se divertindo... basicamente jogando bola... soltando pipa... essas referências não se perderam... eu acho que hoje... pra quem tem condição financeira... o leque de opções... é até muito maior... o que era entre alguns setores.
6. Passei um período da minha infância, morando em apartamento, depois voltei a uma casa espaçosa, com quintal... em Bonsucesso.{S} Assistíamos ao movimento em Bonsucesso ... aliás era até interessante, eu muitos anos defronte a linha do trem.{S} E o trem, na época, era Maria-Fumaça, tinha apito, muitos vagões aquela quantidade enorme de vagões de carga, quando era trem de carga.
7. E o rádio, o repórter o famoso repórter ESSO, né, que foi criado na época e só dava notícias de guerra.{S} E foi até interessante, eu me lembro do meu irmão, quando eu era muito garoto, eu me lembro quando o meu irmão se virou pra mm assim: "Olha..." Eu perguntei: "E agora acaba também o repórter ESSO?"
8. Então, esse querosene, no final, era óleo comum, e ainda se usava muito lampião, é ... se usava muito lampião.{S} E o racionamento de combustível foi período até interessante , a gente tinha filas enormes.{S} Eu me lembro que eu era garoto e passava pelo posto e via aquela fila enorme de pessoas pra comprar querosene.
9. Podem ser reuniões, informais podem ser reuniões, até, sociais, também, batizado, casamento, isso é a coisa mais normal entre as pessoas né, batizado, casamento, até, reuniões muito desagradáveis, muito provavelmente são aquelas que, quando os nossos vão, né, os nossos mais amigos, íntimos, vão embora, deixam, de existir né, mas de qualquer forma são essas, reuniões até culturais, às vezes também, onde são elaboradas coisas, diversas, normal.
10. então tinha que ser um sábado em junho então ficaram dois sábados do... do período de férias dela... e nós nos casamos num deles... foi um dia até muito quente assim como o dia de hoje quer dizer estávamos no inverno mas tava um dia quente... um dia bonito um dia de SOL... e: nós nos casamos naquela igreja dos Capuchinhos...
11. (sup.) É uma camisa social, igualzinha, só que recebe esse nome, né?{S} Eu acredito que isso tenha origem dentro do militarismo, né, não sei qual a origem da palavra.{S} Bom, essa gandola era cáqui, botões pretos, a gola, na extremidade, tinha, essa parte triangular da gola era vermelha e tinha aqui um .{S}.. Como é o nome disso mesmo, que eu já estou até esquecido?
12. e a cidade se tornou interessante quadriculada... muito bem proporcionada muito agradável muito... ah eh até um pouco monótona em certo sentido... com toda uma arquitetura engraçada, muito 'art nouveau' muito requintada... até o mau gosto absoluto do requinte... isso... é o que eles chamam de (insante) e depois a cidade ainda...
13. Eu acho a nossa legislação trabalhista, até interessante .{S}.. A dificuldade é que os nossos sindicatos, só agora estão tendo autonomia, quer dizer, a qualquer momento o sindicato podia sofrer intervenção do governo, acabou.{S} Foi assim que o Lula foi preso, tirado do sindicato dos trabalhadores, etcetera.
14. Aliás, as redondezas eu tenho um apego saudosista, eu realmente, talvez se jogasse uma bomba atômica e aquilo tudo fosse destruído, ali a redondeza, e ficasse a vila, eu talvez tivesse um pouco de saudade daquela época antiga, mas do que é hoje não, não, viu?{S} Porque hoje o bairro ali, a redondeza deteriorou muito, caiu

- muito de padrão, tá muito até perigosa.então nós temos a vida de um quisto, viu, e, e nós saímos geralmente de automóvel .
15. A peça é muito interessante, que você não seja espírita, quer não seja, essa Violeta na Janela, é baseada num livro psicografado, em que uma senhora, que a sobrinha da família era toda espírita, e a sobrinha... morreu num aneurisma cerebral, quer dizer, nem sabia que tinha o aneurisma, acordou, teve aquela dor violenta na cabeça...né?{S} Teve que ser atendida, morreu...e o livro diz a outros como lá, que do outro lado, em cima do rio...em cima das cidades, do nosso plano, há uma cidade espiritual...às vezes até muito parecida com o mundo...
  16. se você tiver estudando num colégio do estado... num colégio do governo... se não for um colégio particular... muitas vezes você está despreparado... às vezes até pela/ pelos níveis de... de professores que tem... às vezes alguns professores trabalham até desinteressado...
  17. mais pra trás da beliche encostada na parede... onde nós guardamos nossa roupa... fica até um pouco bagunçado... que é armário de homem a gente pega joga ali dentro...
  18. hoje em dia pouquíssima gente se forma por causa disso não tem:/ sabe? às vezes a pessoa é até esforçada pra estudar... mas não tem aque::la prioridade pra estudar... né? ah... eu acho isso... a crise...
  19. {S}E: uhn... uhn... obrigado..
  20. uma certa vez eu... estava saindo do... do banheiro... enrolado na toalha... estava até meio molhado ainda... né? aí... tranquei a porta do quarto da... da minha mãe... e... e com a sun/ e com a cueca na mão... né?
  21. Mafalda um colégio bom... né? apesar de muita bagunça na hora da merenda... né? é bom... os colegas são bons... eh... eu acho até melhor do que o outro colégio... né?{S} Campo Grande... porque... esse colégio em relação ao outro...
  22. É, escola, fiz escola pública, primário foi todo na escola pública.{S} Fiz cinco anos nessa escola e, no sexto ano primário, que antes tinha seis anos né, eu peguei ainda os, os seis anos, eu fui o último a ... a, quer dizer, foi a última turma que teve seis anos, foi na época que mudou né, (ininteligível) até o pessoal ficou até chateado, que quando terminou o sexto ano, a gente voltou pra o quinto, pra quinta série né (risos)
  23. mora numa então... minha mulher morava numa casa de vila na rua UruGUAL... lá na Tijuca... então uma coisa assim até meio: tem a: pra noiva assim teve que anDAR na vila até a PORTa da... da vila... d
  24. É uma, uma, uma madeira extremamente preciosa, uma madeira acho que até importada, acho que não se produz no Brasil.
  25. E a paisagem de Santa Catarina é muito diferente da do Rio Grande do Sul ou do Paraná em matéria assim de aspectos de terreno, como é?{S} A senhora (sup.)
  26. (sup.) Ah, é, é mais variada.{S} Eu acho!
  27. {S}Ah, é?
  28. {S}Sob certos aspectos seria até mais parecida com a do Rio, que lá também tem mar e tem lagoas perto.
  29. {S}O quê, qual delas?{S} Santa Catarina? (sup.)
  30. Bem longe da casa... dessa fazenda... mas dentro ainda do... do território familiar... tem uma piscina... piscina natural... aliás... a piscina é até muito interessante... descobriram esse ano que esta piscina foi escavada há cem anos atrás... fizeram... sabe? porque o... a piscina furou... o fund/ Não sei se isso tem interesse...
  31. E como é que eles fazem pra, por exemplo, substituir a proteína, normalmente a proteína vem da carne né
  32. {S}LOC - Pois é, vem da carne mas, ovo eles, agora tão comendo, sabe, e, pois é, Eu sempre digo: faz muita falta mas carne, ela fala que é um assassino, quem come carne, que horror aquele sangue vermelho, tem verdadeiro pavor.{S} Quando ela vai lá em casa, já sabe que sempre tem que fazer um frango ou um peixe, um prato de sustento né, porque, carne não come.{S} Não sei, você deve conhecer muita gente que é vegetariana, né?{S} Eles ficam até manfacos.{S} Dão saltos quando você vai oferecer uma coisa.{S} Eu já fui dar um biscoitinho pro menino, ela, pegou no ar.{S} Não pode!{S} Tem uma mariola que é uma coisa horrrosa.
  33. lá era meio entediante... porque você sempre fazendo a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre as mesmas pessoas ... ficava até meio entediante...
  34. ntezinho assim tipo beira mar... não é... não é... é restaurante... mas é... quase todo ele aberto... sabe assim... feito ( ) não é barzinho não... é restaurante mesmo... aí comemos camarão.{S}.. MUItO gostoso por sinal... eram uns camarões grandes né... e... a comida é até gostosa... vem assim... fervendo... naquela frigideira... mas a comida é... mas isso é comida carregada... eu tenho muito medo... de comer comida assim e não fazer bem... a gente não está acostumada né...e a gente... jantava... jantava assim... em vários lugares...

35. sobre a escola... eu acho assim... a escola é até boa... mas deviam de pintar... consertar as carteiras... dar assim um aumento para os professores... que eles aí trabalhariam com mais gosto do que já trabalham aqui... que os professores são bons...
36. então a gente calcula a renda mensal do curso ... ( ) fixa-se em quinze milhões ... quinze milhões quantas prestações dão ... ( ) fixada pela secretaria de educação ... anuidade ... ( ) ... anuidade até mais alta do que a gente cobra geralmente ...
37. eram problemas que o sindicato poderia resolver mas... sem/falta-lhe meios financeiros ... sociais ... e até políticos pra conseguir isso ...
38. Os quadros de Van Gogh assim, eu tenho, eu tenho uma reprodução aqui até muito bonita.{S} É, é aquela, aquela argila avermelhada, você não vê, com aquele tom dos amarelos.
39. Isso foi em mil novecentos e cinqüenta, não, eu não estava em excursão, mas aí pra ir fazer esse 'tour ` da cidade, eu estava num ônibus que tinha até neozelandeses, que tinha, e tinha uma americana
40. eu acho que a gente pode/ então eu acho que o básico mesmo... eu acho que a educação ela vem... você pode ser até meio/eu estou sendo até meio grosseiro... meio radical... mas eu acho que a educação... qualquer problema... social... que possa vir... tem que resolver primeiro o econômico...
41. você ten/ ganhando bem... você pode dar uma boa educação ao seu filho... e tendo... bons:: hospitais para qualquer problema de saúde... ele poder ti/ consertar seu ( ) físico... até mental ... até mesmo espiritual... que você chega num lugar... que ele te rece/ receba bem... que você está bem... está gostando daquilo que você faz... então ele está... satisfeito espiritualmente...
42. omigo? bem... constrangedora... engraçada... tá... constrangedora ((riso)) na praia... saí com... com um pessoal... be/ ba/ foi/ foram há muitos anos... eu era... até pequena... aqui no Leblon... e:... foi... foi numa época que as ondas... eram en/ estavam enor::mes... né? E
43. o Paulo... tinham matado ele... entendeu? porque ele tinha envol/ ficado envolvido com negócio de tráfico de dro::gas... entendeu? aí não deu pra ele sair fo::ra... ficou muito enrola::do... inclusive ele/ o pai dele era até policial... entendeu? aí foi isso...
44. minha filha é professora... e se não fosse eu ela não sobrevivia disso... ela tem colegas que são até faxineiras nas horas vagas...
45. isso há alguns anos atrás... agora não se vê isso não... agora tem importados nos camelôs né... o pessoal que vai lá fora apanhar... e é apanhado às vezes também... e aí é um corre-corre chega a ser até engraçado... não é? porque as pessoas ficam horas e horas dentro dos ônibus...
46. essas frutas assim que são mais conhecidas aqui no Rio... porque engraçado que... quando a gente viaja... a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes... coisas até bastante deco/ desconhecidas... com nomes estranhíssimos e os que nós temos aqui têm nomes diferentes na/ noutras regiões... né?
47. acho que a própria resolução da pequena empresa sofreu isso...  
{S}Inf.: não há outro remédio... não há outra alternativa...  
{S}AL : nem se...  
{S}AL : ma/ ma/ ma/ ma/ mas... não há... não...}  
{S}Inf.: é subjetivo... não... ele é até muito objetivo...}

## ATÉ + ADVÉRBIO

1. Ah não, aqui no Rio nada funciona!{S} Ou neguinho já vai na base da malandragem, já quer te passar pra trás, de repente alguns lugares até funciona porque você, muitas vezes encontra boas pessoas por aí, tá. {S} Agora, cê já tá com o pé atrás, né, e lá, até de repente porque por você não conhecer, de repente lá tem tem tanta malandragem, quanto aqui, até que acho que não mas, tem bastante,
2. Eu me lembro que tinha... agora está tudo diferente... viu? porque depois que a minha avó morreu eles a la/ botaram ladrilho até em cima... sabe... botaram exaustor e... aquele Nautilus... né...
3. olha eu... eu... saí daqui... eu viajei... primeira vez eu viajei assim numa... viagem rápida... nós fomos num navio inglês... fomos até juntos... fomos no Alcântara... não... voltamos no Alcântara... fomos no Andes...
4. eu não vi isso... mudança de prolongar mais o comércio... porque fica dia até mais tarde... não acontece... podiam ( ) já que fica
5. dia até tarde... que o comércio ficasse aberto até uma ou duas horas mais... como fica aqui em dezembro... nunca estive em dezembro na Europa..
6. mas eclipses já vi vários... na fazenda então vê-se... né... inúmeras vezes vi eclipse total do sol... vi eclipse da lua... ( ) uma coisa linda... vi muitas vezes... desde criança... que eu via eclipse... via... às vezes ficava até acordada até às tantas pra ver o eclipse... pra ver um fenômeno desses... agora nunca vi foi cometa nenhum... isso eu nunca vi... porque há uns anos atrás... há poucos anos atrás teve um né?
7. só havia para as crianças e os jovens três tipos de diversão... teatro... concerto e circo" ((risos))... três coisas tão diferentes teatro... concerto e circo... pra mim só o circo bastava né?... e até pouco tempo... quando vinha o (sarrazane) aqui no Rio né?
8. Vou ficar pra titia, vou ficar solteirona, não, pô, eu conheço, essa minha tia que mora aqui, ela é solteirona, e eu acho que ela é super feliz, sabe, eu não acho que ela seria, feliz assim, ela é uma pessoa que pô, ajuda os outros pra caramba. {S} Ela, isso é até um pouco de defeito, ela pensa muito mais nos outros no que nela, né, mas eu acho que ela é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada...
9. ele exemplifica muito bem... essa diferença entre o namoro vamos dizer na minha geração e e e até um pouco adiante... e o namoro numa geração não na de vocês quer dizer mas numa geração... um pouco acima de vocês que é o caso da... da irmã das irmãs dele esse meu amigo tem duas irmãs... a:... a mais velha que: já é falecida mas hoje seria uma senhora talvez de:... (eh) beirando uns cinqüenta anos
10. Às vezes eu colaboro, né, não é que eu não colabore, eu tenho um amigo, que tem mais ou menos... tem a minha idade. {S} E esse está em plena, (...), está em plena atividade, produz até muito, e...me honra até com... e me pede assim pra colaborar, pra rever uns trabalhos dele.
11. no trecho da, da rua Bambina em direção ao Largo dos Leões, com as embaixadas que haviam então, a Embaixada Inglesa, a Embaixada, Portuguesa foi mais tarde até um pouco, e, que atualmente é o Consulado Português né, e havia a, e a Embaixada Americana
12. eu gostaria assim de... sei lá... até agora no momento não encontrei uma... uma religião que/ às vezes você quer uma coisa que você possa fazer... coisas... do mundo e que possa lá...
13. primeiro de tudo... eu gosto muito de estudar... e de fazer... instalação... eu trabalho na Light... né? faço instalação lá... a... a que eu gosta/ até hoje a que eu aprendi... sei fazer melhor... é a instalação de... de três pontos de luz com um interruptor de duas seções... faz várias emendas... né?
14. Depois de algum tempo nós dois começamos a conversar, então eu perguntei para ela se queria namorar comigo, mas que era com compromisso. {S} Ela topou e até hoje estamos juntos, já com casamento marcado.
15. todo mundo soltou e... nós olhamos assim na frente do trem... tinha um buraco... né? o bico dele tinha ficado na frente... mas graças a Deus não aconteceu nada... né? mas foi uma história assim interessante comigo que... eu me lembro até hoje...
16. também... aí começamos a namorar... né? lá dentro... lá dentro do... clube... nos beijamos... né? até que... estamos juntos até hoje... três anos... três anos e meio... que... ano que vem... dia dez de:... setembro... vamos casar... né?

17. s conceitos estão totalmente invertidos... e eu acho assim... uma piada... a monarquia ser... alguma coisa hoje em dia... entendeu? então:.... eu fui até lá:.... votei... e tal... vou votar no dia vinte e um...
18. le voltou... aí me procurou e a gente... até hoje nós estamos namorando... eu gosto dele... ele gosta de mim ((riso)) pô... isso foi o melhor presente desse ano... é isso...
19. isso já eram oito e pouco da noite... entendeu? se fosse pra delegacia... que horas que ela ia chegar em casa? chegar no dia seguinte... que ia ficar todo mundo preso lá pra dar... entre... entrevista... falar tudo que aconteceu ( ) dez cruzeiros que a gente gasta de passagem e tal... aí foi isso que aconteceu... foi horrível mesmo... ela disse que/ até hoje ela tem esse trauma... disso... foi muito triste...
20. já quase noiva já... eu espero que a minha filha venha/... não que ela venha a seguir o meu ritmo... tá? de... de ter conservado até hoje o meu casamento... mas se eu/ eu aconselho muito a ela... que se for pra escolher ( ) se disser vou casar... ela tenha escolhida... uma coisa certa...
21. Bom eu venho mantendo meu casamento até hoje já vão se completar 20 anos de casada
22. se é bom ou ruim tem que manter aquilo... ((riso de E)) eu acho bonito... poxa... eu acho bonito... por isso que eu mantenho o meu até hoje... tá?
23. só uma profe/ uma professora daqui que eu gostei... até agora... foi... a tia Solange... tia Cristina Ferreira... e...Leda e a Gláucia... as únicas professoras que... que eu gostei... até agora... daqui desse colégio...
24. aí a tia Maria Estela teve que dobrar... teve que dar aula pra gente... senão a gente ia ficar até hoje sem aula... {S}E: mas você gosta aqui da escola?
25. Depois com o tempo eu fui vendo que não era nada daquilo... entendeu? o pessoal/ tem gente que fala até demais... adora difamar as coisas... sem saber...
26. o Presidencialismo já teve muitas chances de melhorar... eh... eh... mais de cem anos... cem anos já... né? e... até hoje não melhorou... sempre... sempre... os presidentes fi/ nas suas campanhas ficam falando que vão fazer isso... vão fazer aquilo... aí sempre... chega sempre lá na hora... não acontece nada...
27. até hoje ninguém sabe quem foi... que foi... dois caras... um estava na moto e o outro esperando ela... aí passou e atirou nela...
28. mas se eu não for não vou... não vou conseguir... não vou acre/ ter/... aquele negócio que ela faleceu mesmo... porque até hoje eu não... me conformo... com a morte...
29. pois os homens começaram a obra e não terminaram o vestiário se não fosse os alunos da 8a limpar estaria sujo até hoje, a escola ainda está sem o letreiro des do ano passado, mas em relação ao ensino é ótimo.{S} E eu espero que breve breve a escola estará toda perfeita.
30. Gosto demais, quando fui matriculada aqui, todos diziam que essa escola era pessíma.{S} Com o tempo fui vendo que não era nada disto.{S} Conheci muitas pessoas ótimas, contudo estou até hoje.{S} Adoro as minhas professores, diretores.
31. Assim que saíram da Ultralar, foram para Cassa Mattos, de campo grande, onde meu cunhado trabalha.{S} Eles foram até lá para comprar um livro pra mim.
32. eu tinha de escolher: ou, ou ficar na multinacional ou, na IBM, ou vim fazer o curso né, e optei por fazer o curso né, feliz ou infelizmente não sei, até hoje eu não sei direito, se eu hoje tivesse na IBM eu taria ganhando muito muito mais né, mas, é .
33. Agora, de qualquer jeito eu fiz o pré-vestibular, até não levei a sério, mas, mesmo porque eu confiava muito, né.
34. mas as freiras hoje, tudo mudou meu bem, isso há cinquenta anos atrás, né, mas eu acho muito engraçado, quando eu me lembo o modo que eu fui educada.{S} Até hoje, às vezes, as minhas filhas dizem:{S} Não se usa mais isso, mamãe!
35. tinha também o amolador de facas, que era um tipo, humano muito interessante, e tinha o tripeiro que isso, me disseram que ainda existe até hoje lá na Tijuca, ou no subúrbio.
36. aquelas coisas de criança, que a gente toca a campainha do vizinho, né, todo mundo já fez isso, faz até hoje.

37. Pô, mas você gosta dele a ponto de casar?{S} Ah, não sei, mas sabe, também não arrumei ninguém melhor até agora, e casa, sabe?{S} E eu não sou assim.{S} Aí eu acho, mas eu acho isso, que você namorando muito tempo e tal, você acaba, pensando, né, mesmo que de repente você....
38. até onde eu puder fazer por exemplo,
39. o quarto tá uma zona, eu tenho que arrumar mas até agora eu não tive paciência pra arrumar, mas aí eu, vou arrumar, um dia desses.
40. Até hoje, eu não me vejo muito casada não, eu sou muito geniosa .
41. Você pode até não casar, mas, você começa a pensar, né, que, pô, como seria bom você morar com aquela pessoa, que, não tem que, dá tal hora, ela te levar pra casa, e no dia seguinte você pegar um ônibus e ir pra casa da pessoa, e, pô, você pensar que queria ficar mais tempo com ela e tal.
42. então o apartamento é o que eu moro até hoje aí é... é uma construção mais moderna... né...
43. Ela é, adorável, adorável, cheia de árvores, é, com bancos aqueles bancos de madeira mesmo sabe, com chafariz no meio, sabe um chafariz até assim meio metido, sabe assim, com ares, de um monumento mas uma coisa, e, aqueles brinquedinhos de criança
44. Também acampeei em Visconde de Mauá... que até hoje foi o melhor camping que eu já fiz... o local é muito bom... as pessoas que freqüentam também... você lá tem uma infra-estrutura completa... você tem alimentação... você tem área pra... lavar as...as suas coisas... seus...
- não tem receio de colesterol?
45. {S}Loc: não... até agora está tudo direitinho..
46. tinha... tinha sim... foi até lá que eu vi o Nelson da Capitinga... o Ari Toledo... eu vi lá... aqui no Rio eu só vi foi o Jô Soares.{S}.. Carvalhinho.{S}.. Ari Fontoura... eu acho que só...
47. tem o tal do clube do uísque do qual eu não faço parte porque eu detesto uísque... então as pessoas toda sexta-feira vão pro clube do uísque... ficam lá de noite até tarde... batendo papo
48. ele casou-se mora nos Estados Unidos... eles se... eles se conheceram durante aquela exposição que teve aqui no Rio ( ) se conheceram aqui e ela visitou tudo... visitou Rocinha... inclusive a família dele mora lá até hoje e... e ela vai lá tranqüilamente... mas é isso... quê mais?
49. o bolo... você vai comer um pedacinho do bolo... ainda tem o bolo até hoje... se você não se compo/não se importar de comer bolo velho
50. é que a gente tem dois caminhos... ou vai por ( )... mas pega muito quebra-mola... são quarenta e poucos quebra-mola... e (tome) de... e... enjoado né... porque pára... diminui... tem muito assim... inclusive em Goianá... saiu até agora há pouco no jornal... uma reportagem de Goianá que só tem gêmeos né... que é muito gêmeos que é muito gêmeos que tem lá em Goianá...
51. eu acho que hoje em dia já tá bem diversificado, você, quando você tem shoppings, até inclusive na, que a gente considerava zona norte, né, tipo Madureira, Méier, quer dizer, a Tijuca era uma extensão da zona sul que eu acho né, o pessoal considerava, além Tijuca, subúrbio.
52. Nova York, em determinados pontos é tão, violento quanto o Rio ou, de repente, até mais, e neguinho aí nem comenta isso né.
53. E até hoje você gosta de jogar futebol?
54. {S}Loc.{S} Até hoje eu adoro jogar futebol...
55. a dimensão do condomínio de hoje é a dimensão do bairro... quando eu era criança... né... quer dizer... esses condomínios viraram talvez... até mais do que bairros... cidades... e se bastam... ou... pelo menos... se não se bastam completamente... é possível... a pessoa viver e com um nível de qualidade bastante alto...
56. Então, eu cheguei a fazer, eu me preparei durante um ano, num curso até aqui perto na rua São Francisco Xavier, que já acabou o curso.
57. Aí, depois do Exército, veio o primeiro emprego que foi numa empresa que está até hoje aí, uma grande empresa, a Companhia Antártica Paulista.{S} Aí foi quando eu comecei a minha vida mesmo, a olhara a vida pelo lado de ganhar dinheiro.{S} Até então eu não sabia o que era ganhar dinheiro e não sabia o que era gastar

dinheiro.

58. os primórdios dos cursinhos.{S} Então, eu me matriculei no Cursinho Hélio Alonso que ocupava umas três ou quatro salas na rua México, defronte a Embaixada Americana, né?{S} E eu acho que até hoje ele está lá, a sede {S}DOC.{S} Tem, no Centro.
59. desde essa época que eu... tomei-me de amores por partidas de futebol e... até hoje não deixo de faltar...
60. Não vejo muita diferença não.  
{S}DOC - As brincadeiras.  
{S}LOC - A mesma coisa, a mesma coisa, não, talvez as brincadeiras lá sejam até mais,  
é, eram na época, eu não posso dizer "sejam" porque há muitos anos que eu não participo, eram muito inocentes, eram brincadeiras, sem, maldade, às vezes aqui, é fogos pra cá e, balão dali e tal, aí.
61. em outras épocas evidente a mais próxima é a moça que sempre foi mais como eu disse foi mais acomodada... de modo que: eu realmente não tive... como eu pessoalmente não tenho com esse também não quer dizer não é... problema no sentido de uma coisa de maior graviDAde graças a Deus até aqui eu não... eu não tive assim com... com nenhum deles não...
62. Não sei de que ano trinta e pouco sei lá... e... então ele nos trouxe... de carro lá da da Tijuca pro Flamengo e tal... ainda: são meus compadres até... até hoje são... são muito nossos amigos... são padrinhos do nosso segundo filho...
63. Não eu sempre fui muito desajeitado eu não: no par/ nesse particular eu não... não colaborei muito não... quer dizer eu até hoje por exemplo esse netinho pequeno eu não gosto muito de pegar criança assim muito pequenininha eu tenho sempre a impressão que não vou segurar direito e tal...
64. realmente tudo que sente tudo que tá dentro de si próprio né? mas... até onde eu posso: avaliAR vamos dizer assim eu acho que eles... que eles tão indo bem estão... não tiveram assim maior dificuldade..
65. eu tenho dois netos que são os que estão aqui... hoje... são filhos do meu filho mais velho que mora em Brasília vieram... passar agora uns... uns dias aqui conosco... e tem um u:m... um garotinho que esteve aqui até ontem que nasceu... em abril está com dois meses e pouco... que é filho do meu segundo filho... de forma que... por enquanto são três há...
66. Olha... para mim ... é um pouco difícil, porque, felizmente, no nosso caso, aqui, no nosso caso não houve problemas assim, pelo menos até agora.{S} Então, os filhos que se casaram continuam casados.{S} O mais velho já fez bodas de prata, eu já fiz bodas de ouro, e o segundo filho também está caminhando para...
67. Não, eu moro em Copacabana há quarenta e seis anos.{S} Mudei para aqui em mil novecentos e cinquenta, para esse apartamento onde moro até hoje, na rua Raimundo Corrêa
68. Em compensação, há outros casos que eu conheço também, que... as pessoas não se conformam, né.{S} Isso... às vezes até mais da parte da mulher.{S} Em geral a mulher é que fica mais... revoltada, né, pelo... nos casos que eu conheço.{S} Mas, de um modo geral, não, não senti, assim, não senti, a partir da lei de divórcio, não senti modificação.
69. Ah, certamente né, vou pegar meu filho né, que, é melhor do que comparar, meu modo de vestir com o da minha filha, fica mais, difícil, mas o meu filho ele nesse aspecto é bem diferente de mim, porque esse meu comportamento vem desde garoto, quer dizer, sempre fui, assim, com relação a roupa, né, agora, pra pegar num exemplo, minha mulher, até hoje fala, no dia em que a gente, se conheceu, que foi numa festa, ela fala da calça que eu tava usando, uma calça, que era, que eu, pelo que eu me lembro não era nem uma calça minha, era emprestada do meu irmão, quer dizer, é uma coisa que eu usei para ir àquela festa, tinha que ir né, ir um pouco melhor, só que, mas enfim,
70. ela até hoje fala da combinação terrível né, meu filho não, meu filho é uma pessoa que curte,
71. Flamengo eu não sabia nem que tinha bonde ainda lá senão eu já tinha ido... atravessa o Aterro inteiro de bonde... depois pega um ônibus já... na Oswaldo Cruz por ali... isso eu acho muito bom... e a cidade nesse lado eu acho uma maravilha... isto até HOJE eu posso estar no centro da cidade correndo na cidade (a pé)
72. ah eu uso a cidade pra freqüentar... as melhores igrejas do ramo... não com fins piedosos ((riso)) mas com fins turísticos até HOJE... desde: garota que eu fazia isso que eu costumava ir a São Bento pelo puro prazer de ir a São Bento... ir...
73. Nova Trento é um município pequeno, de Santa Catarina, que deve ter de onze, doze mil habitantes atualmente, e, o núcleo da sede de Nova Trento talvez, esteja em torno de cinco mil habitantes.{S} Foi , fará até agora cem

- anos o município, e eu estarei lá certamente em agosto, e é produto de colonização italiana, do norte da Itália, do Trentino, gente que na realidade quando veio era classificada como, os tiroleiros ou austríacos
74. Não sei de quando data, até hoje existe lá uma padaria mas mudou muito o aspecto. {S} Mas quando eu era menina e mesmo mais tarde ainda em Botafogo ela ainda mantinha as mesmas, características muito bonita, com aquelas, estantes imensas de prateleiras de comestíveis de vinhos, o velho relógio ah, aquelas vitrines das coisas de, acho que de doces e salgadinhos etc. e tal,
  75. Antes era a banda, a filarmônica, La Societá Filarmonica de Nova Trento. {S} Foi o que foi criado na ocasião, e até hoje tá vivo.
  76. E, depois, voltei a morar em Botafogo, de 1970, eu diria até hoje, salvo as duas saídas, para morar, um período de dois anos em Ipanema, na década de 70, e um período de, dois anos, cerca de dois anos, em Laranjeiras.
  77. nunca tenho tempo de ir, isto é, Cobal, umas galerias que têm por lá, eu não, chego lá, não consigo. {S} O cotidiano, o cotidiano somada a uma certa, comodismo, me levam até lá. {S} Continua esse comerciozinho meio mixuruca, que nós temos aí, na rua Voluntários, com muito, um comércio maior.
  78. Aquilo era uma grande propriedade da rua São Clemente e que ia de fundos até possivelmente o morro, onde agora tem uma edificação enorme ali no final, um conjunto de edifícios modernos etc.
  79. A condução começou a ficar difícil, porque até então a gente andava no bonde, cada um sentadinho no banco, sem ter ninguém na frente. {S}
  80. não aproveitavam, absolutamente nada, isso é que eu achava. {S} A gente ficava muito sem, sem conforto até não é, deviam programar uma coisa melhor pros oficiais e tudo, não sei, bom hoje em dia eu ouvi dizer que tá muito diferente, muito modificado, que a Base foi, toda remodelada, botaram, outra coisa bicho, mosquito, mosca, uma coisa horrorosa, uma coisa horrível eu tinha medo.
  81. mas o de contrato era uma prova de seleção ... apresentava seus títulos e fazia/atribuia um determinado valor a cada título básico e estava feito o contrato certo? agora essa legislação é diferente mesmo ... o contratado até agora coisa de dois meses atrás um mês ... até o seu desconto era feito pelo Instituto Nacional de Previdência Social INPS ... e o servidor do estado pelo Instituto de Pensão do Estado da Guanabara IPEG ... agora parece que o IPGE vai passar a receber contribuições do INPS também ...
  82. não quero pesar pra ninguém não ... mas coitado ... eu SEI que às vezes ele passa até necessidade ... que /também tem uma coisa muito orgulhoso ... ele era autônomo porque era orgulhoso e é até hoje ... eu digo ... olha o seu orgulho não pode atrapalhar sua família ... sua senhora ... que é uma senhora também de idade ...
  83. há professores dando doze horas diárias são sessenta no fim do mes/no fim da SEMANA ... até mais ... este não tem tempo pra comparecer a nada ... quando tem ele quer cuidar da família... de um problema atual ... corrigir prova ...
  84. Vários se tornaram juízes classistas, vários foram agraciados com benefícios, títulos, até hoje alguns, ainda restam .{S}.. O Ari Campista morreu não faz muito tempo, o tipo .{S}.. E Getúlio .{S}
  85. também gosto muito. {S} Então, esse pessoal consegue até hoje fazer um trabalho de, de, de tentativa de defesa do trabalho. {S} Algumas são muito radicais, muito radicais mesmo, podiam pensar um pouquinho mais.
  86. Então, esses operários foram trabalhando e explorados violentamente por esses patrões. {S} Ora, as fábricas se localizavam em São Paulo e até interessantemente os, eh, operários eram de um modo geral descendentes de imigrantes italianos que aí iam trabalhar nas fazendas de café depois de mil oitocentos e setenta.
  87. Foi lá que eu conheci minha mulher, e ela morava nessa casa que eu moro até hoje. e depois nos casamos, passamos uns tempos desterrados, exilados num apartamento em Copacabana e afinal voltamos pra lá.
  88. Meu avô materno eu não conheci. {S} Então ele, e eu adorava ele, com... nós conversávamos muito, ele me mostrava, quer dizer, ele me ensinou, eu era bem pequena, ele me ensinou a distinguir estrela, quer dizer, de planeta. {S} E depois me mostrou, me ensinou muitas constelações. {S} Quer dizer, estrela de planeta até hoje eu sei, agora, as constelações .{S}.. Eu olho, eu acho lindo o céu .
  89. Ele realmente era um projeto...muito bonitos, e muito viáveis, todo mundo, a, diz que ele é sonhador. {S} É possível, mas são sonhos realizáveis e até agora eu não ve ... vejo, eu não conheço, eu não posso te dizer se o favela-bairro está funcionando ou não, eu estaria mentindo porque eu não andei numa favela antes nem depois, quer dizer,

90. Quer dizer, isso, você veja: há setenta anos e até agora não fizeram nada, ou pelo menos não fizeram nada eficiente.
91. Muitas ruas, asfaltadas, outras com as valas negras fechadas, agora um projeto que eu sei o que você quer dizer, um projeto que me enchia os olhos e eu dissesse: {S} Puxa, esse vale... eu não vi nenhum até agora.
92. sempre um chopinho gelado é gostoso... não sei... eu gosto... e: assim... passo muitas noites né?... antigamente jogava muito buraco... hoje em dia eu já não ligo muito pra isso... jogar futebol de vez em quando e passear bastante... vez por outra eu estou metido com excursão... gosto de sair gosto de passear... aqui... até agora nunca tive vontade de ir pra fora não... ou não tive condição... não sei...
93. quer ver uma coisa... você tem grandes percursos aqui no Rio... eu acho... por exemplo... eu gasto por dia da Tijuca até aqui... daqui até a Gávea e voltar... pra casa... eu gasto em média setenta quilômetros... mas é tudo dentro de cidade...
94. o ônibus furou o pneu em Jequié... foi um rolo dos diabos... resultado... não fiz refeição nenhuma... porque eu... porque eu dormi e ninguém me acordava... né... "deixa esse cara dormindo no banco"... eu fiquei vinte e sete horas a seco... de lá até aqui...
95. troço horrível... e ali: já é sul de Minas... barbeiro ali deve ter assim... eu sei que eu dormi de casacos até aqui... só fiquei do lado com o nariz de fora... a noite mais horrível que tive que dormir... já vi muitos lugares na vida
96. dependendo do nível... digamos assim... do pessoal... tem várias faixas... então... até digamos assim no nível do escriturário... ele tem o controle de ponto... através de um relógio de ponto... e o resto do pessoal... a nível de chefe de seção... até menos né?... no órgão de supervisor ainda é...
97. a primeira vez que fui a Salvador... na época que eu era solteiro... então eu vendi um carro pra um cara lá em Salvador... tinha um Karmanguia... fui levar o Karmanguia até lá... e voltei de ônibus... acontece que a... minha estada em Salvador eu dormia na praia... né então ficava naquele Tabaris...
98. no Estado do Rio... todo mundo conhece... vocês subiriam de vez em quando... pra chegar até lá.{S}.. Petrópolis.{S}.. Teresópolis...
99. eu gosto de dormir até tarde... certo?
100. Por exemplo... ah... muitas muitos edifícios... muitas lojas comerciais... até aqui centro... eles colocam aquela jardineira na calçada para impossibilitar o estacionamento
101. ah depende do horário... nós... nós somos beneficiados porque nós moramos num: num:... num bairro... que não tem problema... na hora que o negócio vai começar a engrossar nós já saímos do circuito e já entramos pra nossa casa... moramos em Laranjeiras... entendeu... de modo que ali no Flamengo...  
olha só...  
até ali não tem problema de modo a comparar quando entra nas bocas dos túneis é que a coisa vai: engrossar não é?
102. mas no moderno... porque é um dos navios antigos era o Brasil no Argentina... depois desfizeram ( )... e fizeram os novos... esses transatlânticos que até hoje estão aí... a Ida... também... eh... como ele diz também eh... eh: muita gente de idade...
103. tinha o conto... o conto... eh... os contos de réis... inclusive... causava muita confusão em Portugal... porque quando a gente dizia... "isso é um conto"... porque da mesma forma que na França... até hoje... ainda se fala... de repente... alguém diz assim... "isso custou um milhão de francos"... a gente cai duro pra trás... sem saber o que é... aí depois vai fazer a conta... no fim é meia dúzia de francos.
104. você falou na pataca...  
é...  
Ainda se usa até hoje em dia... um ou dois ...  
dois tostões... eh... tostão... deixa eu ver o que mais... eh... e agora eu não me lembro... tinha os cruzados mas isso já é do período colonial... o problema de cruzados... deixa eu ver que ... não os cruzeiros ...
105. e eu falei em mil e quatrocentos de transição... que até hoje continua... de vez em quando a gente ainda usa... a minha mãe tá todo dia de manhã e diz assim... "você me dá dez mil cruzeiros?"... eu digo... "se eu tivesse eu lhe dava... mas dez mil cruzeiros vai ser meio difícil de eu conseguir agora"... aí ela lembra e... "não... dez cruzeiros"...

106. e nós continuamos até hoje... então... quando eu falar... "isso é um conto"... quer dizer... um conto é um cruzeiro hoje em dia... então... a pessoa... "um conto?"... em Portugal... um conto são mil escudos ... então... é uma coisa absurda... então... é o problema do um conto... dos mil réis...
107. de correção... de correção. {S}.. Unidade Padrão de Correção... então a UPC... quer dizer... então eu comprei por um determinado número de UPCs... a UPC era o quê? quarenta cruzeiros ou até menos... a UPC este trimestre que nós estamos está por cento e noventa e quatro... então cento e noventa e quatro... o que está acontecendo é o seguinte...
108. pra nós... pra eles já não era aquele frio... tanto que eles botam roupa branca... eles têm roupa de... que eles consideram de verão... roupas claras e... no... no inverno... eles usam roupas escuras... até agora que eles estão quebrando... um pouco isso... de vez em quando... não é? os costureiros quebram e/ e/ essa... esse hábito deles...
109. fecham todos os bares... são obrigados a fechar então fica ... parece até aqui... em Ouro Preto... meia hora você tem um movimento na rua intenso...
110. "isso é mentira... isso é mentira... eu não acredito"... não houve jeito... não acreditou e até hoje não acredita... que o homem tivesse descido na lua... que ela estivesse vendo aqui na televisão... a menina... a mãe não... a mãe aceitou... achou ela burríssima... ficou furiosa... mas ela não aceitou...
111. estádio de futebol... mas ( ) já tinha acabado ( ) faltava muito tempo pra condução chegar... vinha um ÔNIBUS... em direção ao estádio... resolvemos todos... que era um grupo grande que nós estávamos... embarcar no ônibus... ( ) atrás de mim vinha... um inglês...estou vendo até hoje a figura dele com uma capa toda grossa, um chapéu, baixinho... atarracado... e vinha empurrando... vinha empurrando... mas eu tinha tirado a capa... eu tava com a carteira nesse bolso de trás...
112. o senhor acredita que haja o quê exatamente?  
eu acho que... há um sistema de vida... organizado... pode haver perfeitamente...  
mas até hoje ninguém descobriu nada... e quando foi na...  
mas não se conhece
113. ah mais o que eu acho engraçado é isso... é porque... já que fica dia até tarde... já que não escurece não é? eles não se preocupam co/ com com mudar o horário também acompanhando...
114. três coisas tão diferentes teatro... concerto e circo... pra mim só o circo bastava né?... e até pouco tempo... quando vinha o (sarrazane) aqui no Rio né?
115. em "show" de teatro né?{S} Maria Bethânia ainda está e Gal Costa esteve até bem pouco tempo me parece que está... em São Paulo...
116. a mobília é de madeira daquelas antigas... pesadas... mas sem... absolutamente sem nada torneado... retinhas... típica mobília de fazenda... quando nós casamos... nós não pudemos comprar nossa mobília... então mandamos vir da fazenda e até hoje continua conosco... está aí...
117. essa última coisa que eu li no carro... antes de chegar aqui... ah... uma coisa... oitenta anos depois... repetindo a mesma coisa... trocando cavalaria americana por tanque... mas é a mesma coisa... e os índios lá... meia dúzia de índios brigando contra um país inteiro... até aí não tem nada... só pra gente poder então voltar... o que foi... quer dizer... a invasão do homem branco em todos Estados Unidos em busca de... de ouro... daquelas corridas de ouro...
118. Belém-Brasília tem dez anos... né? eu sei que já tem uma população enorme em torno dela... mas não chega a ser... assim... se você passar de avião e assim... quer dizer... ela não chega nem a ferir... até aí já estou falando fisicamente... né? seria se a gente pudesse botar aqui um... um... nessa mesa... se transformasse assim num... num gramado...
119. muitos deles ficaram no Rio... que fevereiro ( ) o país começou no dia doze de março... até então nós estávamos fazendo relatório do ano passado... preparando a fantasia...
120. é aquela opinião que já está meio tradicional... ou seja... de uma cidade que ((tosse)) já foi capital da república... pretensamente o centro cultural do país... essas conversas todas... e até hoje não tem um plano... ninguém sabe o que que vai fazer... ninguém sabe o que que vai ser a cidade...
121. não temos tido desse problema... não.{S}.. A Furnas andou comprando muita coisa pela redondeza... não é... mas ela não... parece que não vai chegar até aqui...
122. foi ele que fez o plano... isso ele fez há muito tempo e tiveram o bom senso de não construir nada lá até bem pouco tempo... não é? ((riso)) afinal deu um ataque de bobagem e fizeram a porcaria do Fundão

123. realmente impressionante... quer dizer... na hora da volta do trabalho... é realmente impressionante como eles são tafulhados... então em Tóquio é uma coisa horrível... é gente por .{S}.. Tóquio é um bocado ... tem gente até... até não poder mais... é um inferno de cidade...
124. uma faculdade que tinha gente gabaritada... entende... e es/ e lá ensinavam... está entendendo? eu... eu passava na tangente em economia... na tangente... eu... eh... até depois de eu estar formada eu às vezes eu sonho...
125. até agora... de vez em quando eu sonho que estou na faculdade... estou fazendo prova... acordo agoniada
126. então botava aquela gravata 'bas-ton' prateada e tinham o seu chapéu gelô alguns... outros não eram gelô... enfim... muito bonito...  
e houve também uma fase assim... e até ainda hoje... né?
127. mas eram todas bordadinhas e ... vestido ve/ como era? transparente... ficava a combinação até aqui... ficava muito ... e hoje em dia... não... é anágua ou nem anágua... sutiã... calcinha e olhe lá... porque as... as que não precisam usar sutiã... nem o sutiã usam... no que elas fazem muito bem...
128. eu me complexei com isso? sempre tive relações abaixo da minha soci/ da minha posição social... igual e acima da minha posição social... não só socialmente falando... como até economicamente... eu tenho amigas... amigos em todas as gamas... agora tudo é complexo... e eu ia feliz da vida... açúcar. {S}.. M.H.?
129. adoro praia... até hoje... sempre adorei praia... de preferência mar... água... ou então montanha com uma boa piscina...
130. e em termos assim deles... quando eles eram pequeninhos... geralmente a gente prepara/ não é... pra... quando a criança vai nascer... uma série de roupas e... e de coisas... você tinha... assim... vontade ( )  
ah... isso eu sou até hoje... ah... sou ( ) adoro presentear... adoro... presenteio de acordo com o que eu posso...
131. á era no nosso tempo... no tempo dos... ah... nossos avós... era tudo isso muito re/ relativo e continua sendo muito relativo... porque independência... eu continuo achando... é aon/ é até onde vai o direito dos outros... se você ultrapassa o seu direito e esbarra no direito do outro... você não está sendo independente..
132. a prova é que quando se alcança o grau de solubilidade máxima... ele passa a ser insolúvel... então... o conceito de solubilidade é um conceito relativo... tá? um conceito político e um conceito relativo... agora... em relação a nós... é que nós definimos o que é solubilidade... a gente aqui diz... ó... daqui até aqui é muito solúvel...
133. daqui até aqui é pouco solúvel...
134. daqui até ali é... insolúvel...
135. a não ser que ela conseguisse pegar uma pequena faixa do mercado e ficar ali... é claro...  
{S}AL : ah... entendi...  
{S}Inf. : o armazém não funciona até hoje?
136. {S}AL : de uma determinada... até hoje...  
{S}AL : nas cidades não funciona mais...
137. nós estamos partindo do pressuposto... até agora... que o Alcides dizia... que a estrutura da empresa não é perfeita... é possível... entretanto... nós não podemos esquecer... que eu tenho uma estrutura que pode ser superdimensionada...
138. nós falamos até aqui... em critérios concernentes à... avaliação de... empresa rudimentar... e empresa... hã... de pequeno porte... médio porte e grande porte...
139. Lugar muito ermo.  
É, aí eles, parece que eles tão, na escuta disso né, isso acontece bastante.  
E aquele, é, tempos atrás a gente ouvia, acho foi até perto do Natal.  
Arrastão?  
Um arrastão, como é que é isso?
140. Você pode até não casar, mas, você começa a pensar, né, que, pô, como seria bom você morar com aquela pessoa, que, não tem que, dá tal hora, ela te levar pra casa, e no dia seguinte você pegar um ônibus e ir pra casa da pessoa, e, pô, você pensar que queria ficar mais tempo com ela e tal.
141. O pessoal fala que o, Rio de Janeiro é uma cidade violenta mas, a diferença é que a gente fala o que acontece aqui, e em outros lugares por exemplo, Nova York, em determinados pontos é tão, violento quanto o Rio ou, de repente, até mais, e neguinho aí nem comenta isso né.

142. ah... tem o tal do clube do uísque do qual eu não faço parte porque eu detesto uísque... então as pessoas toda sexta-feira vão pro clube do uísque... ficam lá de noite até tarde... batendo papo...
143. Em janeiro eu fui receber o que eu tinha... o trabalho que eu tinha feito até então... e trabalho que continuei fazendo... de graça... pra receber em janeiro... em pequenas parcelas... compreendeu?
144. era uma senhora... uns trinta e cinco quarenta anos... quer dizer... isso eu não acredito que na Argentina haja uma coisa dessa na grande Buenos Aires não haveria uma coisa dessa... entendeu? e... culturalmente falando... eles são muito... muito bem... até não digo que seja melhor não sejam melhores que nós não. {S}.. Mas... são bastante bons...
145. Aí, depois do Exército, veio o primeiro emprego que foi numa empresa que está até hoje aí, uma grande empresa, a Companhia Antártica Paulista. {S} Aí foi quando eu comecei a minha vida mesmo, a olhara a vida pelo lado de ganhar dinheiro. {S} Até então eu não sabia o que era ganhar dinheiro e não sabia o que era gastar dinheiro.
146. eles moravam em Nova Iguaçu... e tal... assim... não se davam bem com a família deles que mora... até aqui na Penha mesmo... o pai dela morreu... estava/ ficou doente.
147. o casamento praticamente é uma rotina já... né? pelo tempo desse período de casada... estou quase chegando à boda de prata... então... pra mim... não foi tão ruim assim... pra mim agüentar até hoje ((riso)) foi até bom... tá? agora... o que eu ultimamente estou vendo de casamentos por aí... estou ficando admirada com as coisas que acontecem...
148. só sabe fazer ovo? e alguma coisa assim que... alguém tenha te ensinado a fazer... um bonequinho... alguma coisa assim... até aqui na escola... tem alguma coisa?
149. há professores dando doze horas diárias são sessenta no fim do mes/no fim da SEMANA ... até mais ... este não tem tempo pra comparecer a nada ... quando tem ele quer cuidar da família...
150. gostávamos de fazer, era irmos pro Alto da Boa Vista na época do verão, que era uma delícia, uma temperatura deliciosa. {S} Iam as famílias assim, levavam uma colcha, uma qualquer coisa pra botar na grama todo mundo sentava, ficava até tarde, até o calor melhorar.
151. E era fechado até, até em cima. {S} E no, nesse uniforme a gente tinha que substituir o casquete pelo, por um quepe, quepe vermelho, pra completar.
152. olhávamos a lua... então eu dizia "é incrível o que a gente tá vendo "... até hoje eu me arrepio com isso... "que a gente tá vendo a lua ali... e na televisão tá vendo o homem descendo nela né?"
153. a Penha também se modificou bastante, e uma coisa que eu estava lembrando ontem, até curiosamente, as duas coisas que foram construídas pelo meu pai, elas foram desapropriadas pra dar lugar ao progresso: a da Penha é na Avenida Brás de Pina, elas sumiu por força do alargamento da Avenida, tudo isso, e a da Bonsucesso,

## Até + CONJUNÇÃO

1. Aí você, fez, estudou no São José até que série?
2. você podia nos explicar como fazer...desde que você compra a carne até que você serve? quais são as etapas pra você ter o estrogonofe na mesa?
3. não atende porque ele fecha sábado e domingo, entendeu, então, digamos você vai no Leblon, numa Ipanema, em Botafogo, você vê um restaurante natural, um e, ou vários restaurante naturais, inclusive o próprio Sabor e Saúde, o Natural, enfim, outros né, funcionando, final de semana. {S} Então a gente tem que se deslocar, é uma coisa até que a gente já pensou, assim: {S} Pô, como seria.
4. Não, deve ter ocorrido né, mas, sei lá, eu acho que se a pessoa vai fazer um grande assalto ela não, vai divulgar assim não, eu acho isso daí relativo, não sei até que ponto tem um interesse aí, meio, não sei, eu não.
5. O que eu ganho não dá pra alugar um apartamento nem nada, entendeu, aí, é muito difícil, sabe, eu acho que, de repente, quer dizer, tem amiga minha que fala que, eu sou do contra, que de repente agora eu quero só porque ele não quer mais, entendeu. {S} Ah, não sei, não sei, até que ponto.
6. h, isso é coisa de adolescente. {S} É como você falou, tem essas coisas pré-estabelecidas, né, mas acho até que, varia muito de geração pra geração, né, quer dizer, eu acho que o básico não muda, né, essas coisas de, é na adolescência que você começa a se perguntar um monte de coisa.
7. não dava pra eu ficar andando com eles e tal, porque a diferença de idade era muito grande, por parte da minha mãe não, eu até que tenho bastante prima de minha idade, e tem até uma Mônica que mora na Ilha também, mas, sei lá ...
8. gora, cê já tá com o pé atrás, né, e lá, até de repente porque por você não conhecer, de repente lá tem tanta malandragem, quanto aqui, até que acho que não mas, tem bastante, ou seja, muito mais malandragem do que você imagina, não é, você, ou os caras ficam com cerimônia com você ou ou você não percebe, não sei.
9. a última comédia que eu vi foi “O Máscara”... um filme de aproximadamente... uma hora e quarenta e cinco minutos...e foi um filme que não foi um dos melhores não... mas até que deu pra gente rir um pouquinho.
10. a gente acaba conhecendo gente assim... de tudo que é canto do Rio né...que a gente nem imaginava conhe/pudesse conhecer... às vezes gente até que mora perto da gente... aí é o maior (tumulto)... e é... todo mundo ali... aí... promovem palestras durante o dia né... dessa vez foi pales/ palestra com o ministro Dorneles...
11. elas gastam (também)?  
{S}LOC - adora né?... criança agora né?... negócio é... passear...  
{S}DOC - (não querem ir a) cinema?  
{S}LOC - não... cinema até que...  
{S}DOC - no shopping num vai?  
{S}LOC - não shopping éh:... praça de alimentação... e... loja mesmo pra comprar roupa...
12. mas foi muito engraçado... mas foi... foi terrível... depois do dinheiro... o dinheiro da gente confiscado né... não sei pra quê né... foi terrível... eu tinha um dinheirinho naquela ocasião porque ( ) me esperando né... um negócio... até que foi bom depois sabe... valeu a pena passar aquele ano... depois deu... deu um rendimento bonzinho e tal... na hora eu fiquei muito ( ) da vida... antes... foi isso sabe... quê mais?
13. não... eu não... eu não acredito que o plano esteja errado... pode ser até que o plano esteja certo... eh... mas... e... eu... acho que cresceu tudo muito e... porque a verdade é a seguinte...
14. adoro fubá... tudo que vem do milho eu gosto... gosto de fazer aquele fubá assim cozido... bem durinho... não sei... como é que chama... e depois fritar... adoro... ( ) até que:: era pra eu está mais gordinha
15. éh/desde que entrou o plano real... éh:: em termos de alimentação até que os preços ficaram realmente mais estáveis né... ent/eu::... continuo... fa/mantendo... a mesma o mesmo nível de alimentação AGORA... com muito mais dificuldade pra manter...
16. a copa... chamada copa do Brasil... que envolve... uma quantidade enorme de times até que... paulatinamente em geral o que ocorre é que os melhores times os de melhor expressão... a nível nacional... é que acabam sendo mantidos até o final do campeonato...

17. éh::quando eu fá lá pra::... pra Piedade eu notava isso porque passava pelo Meier.{S}.. Engenho de Dentro né?... e eu notava que as lojas assim... até que tinha muito camelô também era muito movimentado...
18. Mas, minha infância foi toda naquela casa ali, até que minha mãe morreu.{S} Eu não me situo bem no tempo, às vezes eu tenho curiosidade, eu tento buscar pra ver em que ano foi, mas, depois, eu esqueço.
19. Nisso, chegam alguns cadetes, daqueles bem afinal, eu estava na casa deles, né?{S} Bem arrogantes, né?{S} E começam a, a brincar de uma maneira bem arrogante com alguns candidatos, né?{S} Bom, até que pegou um esquentado e o negócio acabou, o colega que estava lá fazendo a prova acabou tomando uns tapas e teve que ficar com os tapas.
20. Aí, a Primolt ficou numa garagem, no posto de gasolina, um ano, um ano e meio, dois anos, até que ele praticamente deu a Primolt para um amigo dele que tinha sido padrinho de casamento, do primeiro casamento dele ou do segundo casamento, e por quê?
21. Então, quando eu entrei em banco, pouquíssimos eram os colegas que tinham pelo menos o curso científico, né?{S} E a coisa foi passando e eu fui subindo dentro do banco, atingindo postos de chefia.{S} Até que quando cheguei a uma gerência, eu cheguei a conclusão que .
22. Aí, eu fui fazer o curso pro (ininteligível), fui lá fazer o preparatório pra Economia, mas também tinha aquele detalhe, só interessava ao curso e esse era muito menor do que o Hélio Alonso, eu acho até que esse não sobreviveu ao longo do tempo, desapareceu, também eu não sei, eu também não acompanhei, não sei se ele se transformou em alguma coisa.
23. de minha parte e da parte de minha mulher não... nós compreendemos perfeitamente quer dizer de modo que... isso: essa... esse estado atual... de coisas eu acho até que::... há uma... é um pouco difícil de explicar mas... a impressão que eu tenho...
24. rigor eu sinto falta, e me arrependo até, de quando voltei de Brasília, quando parei realmente de trabalhar, em oitenta e nove, não ter... tive até amigos meus e colegas de meu filho, gente mais moça, que queria até que eu ficasse, assim, no escritório, com eles, assim, fazendo uma atividade mais de consultoria.{S}
25. A sociedade recebia, né, e eu... eu mesmo, quer dizer, não, pessoalmente, mas, assim na... nas minhas relações, eu tenho casos que a gente recebe, casos até que::de casais separados, que, às vezes, convivem muito bem, quer dizer, às vezes vão constituindo uma família... um deles constituiu e o outro não, mas, tem filhos e... continuam...
26. Terno passeio, né, a pessoa usaria um paletó, a, a tal camisa social, gravata, calça, meia, sapato, também social, até que, se bem que hoje em dia já estão usando sapatos esporte, né, com o terno.
27. É, eu acho que eles hoje, são muito mais, independentes, né eles não aceitam essa, essa ingerência, principalmente pra se vestir, já, eu acho até que, mas, antigamente, meus pais, é que compravam roupa pra mim, eu saía com a minha mãe pra comprar roupa né, e ela, basicamente é que escolhia, a última palavra.
28. Viscose, com aquele pulôver, eu acho até que combina, mas enfim.{S} Como eu disse eu não procuro, eu não me, pauto por essas, combinações, por tecido cores etc., é a funcionalidade que me interessa, quando eu, penso em roupa tá.
29. , então a gente anda muito aqui, então eu digo que a minha roupa é , é assim, é um dia eu uso uma camisa, que é a primeira que eu pego no, no guarda-roupa.{S} Às vezes, eu tenho até que, voltar e tirar, porque quando eu chego na sala ela diz:{S} Mas você vai com essa combinação e tal!
30. E eu já vinha há muito tempo, como mamãe morava já aqui e minha irmã também, minhas compras todas eu fazia aqui, as melhores casas, as melhores casas de roupa, de moda e tudo, eu fazia tudo aqui em Copacabana, até que pra mim foi bom ter mudado, porque eu já vinha, fazendo assim.
31. agora não sei qual será o futuro ... isso aqui pode acabar de uma hora pra outra o curso qualquer coisa ... eu não sei ... lá ele também morava lá ... era escudado lá ... ia se virando ... até que brigou lá com eles ...
32. eu conheço/tenho paRENte inclusive nessa situação ... que é um indivíduo que trabalhava com mecânica de automóveis ... e sempre ganhou bem até que passou dos cinq(enta) anos ... quer dizer não era o mesmo ... não era qualquer trabalho que ele poderia fazer ... levantar uma caixa de mudanças ... uma máquina ... um negócio peSAdo ... ele/é:: implica hoje você ter uma oficina...

33. o indivíduo tinha até uma escala profissional ... ele era aprendiz ... depois era operário até que chegava a mestre... e um grupo de mestres especiais formava o corpo de jurados que presidiam os exames para subir de car/subir na escala ... agora ... vai/ depois a corporação se tornou a grande força ...
34. agora... nas férias ninguém quer pensar nisso ... quer esquecer até que e professor ... quer descansar ... e o problema o/o/o antigo Presidente do Sindicato dos Professores ... o professor Afonso Saldanha com quem convivi muito tempo ... trabalhamos juntos no mesmo colégio ...
35. Ele ficou doido em ver tudo mudado:{S} Esse país, esse mundo está louco, o que que é isso?{S} Até que ele entrou numa sala de aula, foi a única coisa que não mudou.
36. E agora com esse negócio da Rio noventa e dois, essas obras todas.{S} Como é que o senhor vê isso?{S} O senhor acha que isso é .{S}.. Até que ponto isso vai ser produtivo pra cidade (inint. / sup. )
37. Não, o que é, veja bem o [ ] é marcado, o que é marcado é ... o que a gente não pode saber, o que eu, pelo menos não tenho competência pra isso, e até que ponto, mas que é marcado, isso, isso é lógico, você vê em tudo, até na arte ... você vê, por exemplo, uma [ ] você sente que é de um país frio, não é que a música seja fria, é uma, entendeu?
38. aí então você sabe que essa camiseta eles compram sabe ( ) sabe Rua da Alfândega e Senhor dos Passos tem uma loja ( ) que é Depósito Hering?  
hum... compra por cinco cruzeiros...  
é do meu tio entende... ah... até que meu tio está bilionário só né coitado... mas ele vende as... as...as camisetas...
39. então meu irmão falou assim "bom... vamos às dez horas... até que a gente compre a entrada... e tome um chopinho lá perto e volte pro cinema..." chegamos lá às dez e meia... eis que chegamos... hã... "que é aquilo ali?" fila da carne não era... só pode ser fila do cinema...
40. você não sabe... eles fazem um tracinho assim na folha... teatro... prêmio Molière... precisa ver...academia ( ) maraVilha... prendo lá na... na sala... maraVilha... "PARECE ATÉ QUE ENTROU NUMA NUMA ESCOLINHA DE ARTE... MEU DEUS... MARAVILHOSO"... eles minha filha... Eles... nem Rembrant se sentia assim... nem Rembrant se sentia assim
41. profissionalmente eu acho tão válido quanto você trabalhar aqui na Standard...é e não é... aqui você... pelo menos pra mim ( ) até que ponto você vai chegar aqui... você pode... aqui na Standard eu não sei... mas no Rio eu pretendo fazer muita coisa...
42. ah... não tem explicação... até que nós somos sortudos à beça... porque... os outros países principalmente na Europa.{S}.. América do Norte... lá eh:... eles não param de sofrer tormentas e:... e outros bichos e aqui quando vem... é um friozinho um pouco maior ou uma chuva forte...
43. Belo Horizonte que eu conheço.{S}.. Salvador não... você já sente aquelas ladeiras antigas... bom... sentir é uma coisa... agora ver é outra... por exemplo... se você... mas você não vê... você está participando daquilo... você eh: é um módulo ali dentro... consegue... mas você... não sei até que ponto você olha a... natureza... mas você consegue ver...
44. não tenho outro tipo de:... eh:... atividade: assim... pra... que não seja... o acampamento... a excursão... tenho... isso varia da maneira com:... que pedir... né?... de diversão ou... ou de passeio? de diversão... de passeio... do que for em termos de... não... eu não sei até que ponto... porque eu... gosto muito de variar... eu não me prendo a esportes... eu... eu me dedico àquilo que eu gosto na hora... então não pratico nenhum esporte... não sou sócio de um clube em que eu vá nadar...
45. vocês falaram em crediário... como é que se faz um crediário? o que é?  
olha o crediário... até que agora felizmente com o advento dos cartões de crédito cartão de crédito... é...
46. é melhor o vestido pronto... que você chega numa cabine... experimenta... gostou... não gostou vem outro... outro... é...  
até que vai... encontra um que cai no seu gosto né?  
a senhora sabe que existe uma loja recente especializada...
47. eu moro... eu moro até que num bairro... o recanto do bairro que eu moro é relativamente tranquilo... eu moro nas Laranjeiras...

48. eu entrei na fila a: a última vez que eu fiz eu entrei uns... umas três vezes... quando eu via que a fila não andava eu: tinha até que eu acatava e ia embora... na última vez já tava quase chegando no último dia... eu resolvi furar a fila tudo entrei na frente do primeiro lugar...
49. vários casais... de passageiros pra... vários deles jantarem com eles... então... vão revezando até que todos os passageiros... tenham jantado com o comandante... na mesa do comandante ... pra ele trocar... dá um brinde...
50. era de meio-dia às quatro... né? até que se conseguiu que o banco ficasse aberto o dia inteiro... então abre hoje de nove... até cinco e meia... seis horas da tarde...
51. agora tem essa... eh ...  
eu já vi até que ela anda dando esse golpe aí... sabe...  
pra ficar com o dinheiro...
52. eu e o fiador... e isso então foi entregue de volta e eu esperei uns dois ou três dias até que fosse aprovado quando então eles me abriram uma conta bancária e nessa conta bancária estavam então depositados não o dinheiro que eles me emprestavam...
53. h não amanhã você vem mais tarde pra gente bater um papo" no fim passa do horário de onze pra uma ( ) e ficam até que horas?  
até uma e meia... no verão ( )...
54. nove horas... nove horas... dez horas nunca... dia claro não pegamos em lugar nenhum não... mas em Paris... nove e quinze da noite... no dia que nós chegamos em Paris... eram nove e quinze... e tava DIA... mas dia... eu tive a impressão até que era... mudança de horário que tinham feito aqui no Brasil durante uns anos...
55. aquele negócio compra apartamento... não compra apartamento... aluguel caRÍssimo e... e entrada de apartamento idem, idem na mesma data... o maior problema. {S}.. Até que meu marido resolveu ver um... um... um anúncio de jornal e encontramos este atual em circunstâncias maravilhosas pra nós... uma semana depois estava... estava comprado... tudo direitinho... três... dez dias depois nós estávamos mudando... depois de tudo acertado... dez dias... um espetáculo... eu estou adorando o apartamento
56. companhei por jornal... por revista... eu estava pensando agora... quando estava falando... naquilo também... quer dizer... no caso do terremoto... até que ponto aquele negócio foi... a gente pode considerar tempo ou clima... por isso é que eu não... não... não situei bem... ah... todo mundo acompanhou o que deu no jornal... quer dizer... realmente... teve o terremoto...
57. você ter que inventar um sistema de planejamento pra isso... um esquema... e... e essa historinha contada até que diverte legal... então... todo dia... o cara tinha que dar um... um desempenho físico e tinha um... um cara que tomava conta religiosamente sério... eles todos acordavam cinco... seis horas da manhã... estudava uma hora de português... vê que troço
58. calça Lee... que até que é uma calça razoável e tal... mas se encontra na rua da Alfândega aí aos pontapés e mais barato do que lá...
59. minha irmã ia se casar com outro... então fiz uma... uma série de promessa... uma inclusive a de fazer a comunhão... eu não tinha feito... bom ( ) mas eu achei ( ) questão de honestidade... que eu não podia fazer a primeira comunhão sem saber algo da doutrina... né? então tinha uma colega que era muito católica ( ) carola e tal... então ( ) olha. {S}.. T. ... eu gosto muito de você... eu disse... olha C. ... até que eu vou fazer a primeira comunhão... eu tenho uma promessa... não faço porque não ( ) a doutrina... ela foi e me levou num convento.
60. o curso secundário pra mim foi diferente... já não era mais assim... mas eu... eu... eu... eu tentei fazer o curso da escola normal... entende... instituto de educação naquela época... então eu não passava... então... por questão econômica... eu... eu não podia fazer curso particular... né... então fui me atrasando... né... até que chegou uma hora que eu disse... bom... então eu não vou estudar mais... né?
61. aí eu comecei a pensar... meu Deus... mas... mas só isso... mas ma/ mas é irremediável... porque pelo menos ela... ela passava muito mal... até que começaram a dizer que era mesmo... aí eu mandei... botei Deus pra correr... sabe... não quis saber mais de... de... de religião...
62. nós estávamos fazendo uma expressão... aqueles carroções com... com colchete e... e tal... eu estava fa/ chegou num ponto que eu errei... entende? até que essa professora tinha sido muito amiga da... da minha prima... entendeu... quer dizer... devia ter tido mais consideração...
63. inha uma menina lá que era... eu acho que era judia... mas só houve católica... não tinha assim mais negócio... era preciso que houvesse muito... né... de outra religião pra... mas só católica ( ) protestante... tinha uma que ( )

- pelo nome dela... ela devia ser judia e tinha uma até que era alemã... não sei a religião dela... mas essa alemã foi ... até ela estava fazendo o curso mas nem era... nem era matriculada...
64. inclusive eu tive padres que tiveram diálogos comigo... teve uns que me ex/ me expulsaram do... teve um quase que me expulsou na... do... do confessionário... né? porque eu... eu queria diálogo... eu queria me ilustrar e... e aí eles queriam bitolar... entende? tinha uns... não... tinha um até que disse pra mim... não... você pode falar... outras eu não ouço...
65. na hora em que vocês conseguirem sacar a profundidade deste troço... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação...
- mas vai... vai precipitar até quando?
66. {S}Inf.: até que o... o... produto... fique... mas aqui você botou um só parou... você botou um só precipitou... já ultrapassou de muito... o produto de solubilidade... é capaz até... de ser suficiente pra também... ao menos... precipitar um pouquinho de CaCl<sub>2</sub>... certo?
67. .. olhe. {S}.. Eduardo... pera aí... tá legal... isso aí eu... sei até que eu... não sei o que é... mas... você vai explicar o que eu entendi... mas... então... antes de você acabar com esse troço...
68. {S}Inf.: sim... até que idade... mais ou menos? uns trinta...  
{S}Inf.: até uns trinta... aí começaria a idade madura ((vozes))... pra depois chegar à velhice...
69. até que idade vocês considerariam... a idade madura e... depois... hã... consideraria... que o homem... atingiu a sua.
70. então... você consideraria... que vocês... de uma certa forma... que até cinco anos... seria a primeira infância... a segunda infância até os doze... a adolescência de doze... até que idade?
71. aí... você vai... você vai de encontro... ter que ir toda uma filosofia de administração... veja bem... você tem a multinacional... até que ele comece a implantar uma... uma empresa... mesmo com os maiores recursos que ele tem e a tecnologia e tudo... essa pequena empresa de pequeno porte... }
72. m exemplo comparativo... até que idade vai a primeira infância? cinco anos? mais ou menos?
73. e a segunda infância até que idade?
74. não resta dúvida que o tipo de negociação não é muito ético... mas ocorre... pode-se dizer até que ele... não digo imoral... mas seria amoral... isso vai... realmente ocorrer...
75. vinte...  
{S}Inf.: vinte... vinte ou vinte e um... começaria... aí... a juventude ((vozes))... que iria... mais ou menos... até que idade? ((vozes))  
{S}AL : depende... depende da pessoa... acho que...
76. {S}Ficou um tempo sozinha, até que num dia qualquer, numa hora qualquer, ela deparou-se com o seu primeiro namorado.
77. A minha amiga viu 2 lugares na frente e abriu a bolsa para pegar o dinheiro da passagem, até que o homem em voz baixa chamou a sua atenção, mostrou-lhe uma pequena arma e disse para ela passar para ele, o dinheiro, relógio e pulseira.  
{S}Ela não sabe como fez, mas olhou para ele e bem alto berrou:
78. Coloca-se a mistura em uma forma com óleo depois acrescenta-se mais farinha de trigo, até que a massa fique sem grudar. }
79. aí a moto caiu... ficou rodando ele foi... parar lá do outro lado da/ cabeça toda... arrebentada... que não sei o quê... até que... foram... né? lá em casa e: me deram a: notícia que o Marcelo e o Robson faleceram... né?
80. ." não sei o quê:: "ela é rica... tem dinheiro..." pô... eh:: "você... casando... com ela... vai dar o golpe... do baú..." que não sei o quê "porque o pai dela tem dinheiro..." aí... né? ficou... né? aquele troço... né? não sei o quê... vai e não vai... até que... a gente se... esbarrou... no clube... né? aí... ficamos... né? assim conversando... batendo papo... aí os meus/os colegas... né? falando... que "aí Dario..." que não sei o quê "ganhou pra hoje..."
81. aí começamos a namorar... né? lá dentro... lá dentro do... clube... nos beijamos... né? até que... estamos juntos até hoje... três anos... três anos e meio...
82. aí eu fiz a segunda chamada e até que eu tirei uma boa nota na prova...

83. Na mesa em que estava este grupo, o garoto chegava sempre no mesmo rapaz para perguntar se ele queria comprar rosas e o rapaz sempre dizendo que não até que ele chegou para o garoto e disse “olha vou te dar uma grana e você não me perturba mais”.
- {S}O garoto aceitou o dinheiro
84. eu sei fazer um ((riso)) uma comida aqui... que... quando eu faço até que... minha barri/ meu estômago não reclama não... eu faço. {S}.. Miojo... é um... é uma espécie de um... de um macarrão... tá?
85. eu não acho que isso seja uma prisão não... eu acho até que::... que é o começo de tudo... eu acho que eh::... eu acho... eu acho que a pessoa se conhece mais... e acaba/ acho que acaba se entregando àquilo... e... acaba gostando... acho que isso/ papo de que... tem que ter várias... e tal ... eu acho que isso... eu acho que isso depende de cada um...
86. joga a água fora e misturo o pó, que já falei, e mexo até que fique corado
- Sem saber, eu me iludia.
87. {S}Até que um dia ele resolveu se revelar dando em cima da minha melhor amiga, ela também estava envolvida na conversa dele e caiu na mesma cilada.
- O vidro da porta estorou e voou na cara dele, ele não se machucou seriamente mas a sua cara ficou toda cheia de sangue.
88. {S}Logo após a batida começou a juntar um monte de motoristas de táxi querendo intimidar o Alexandre, até que chegou um carro da polícia. {S}
89. mas se eu tivesse que estar pagando... eu não/ fatalmente eu não estaria... porque eu sou/ eu tenho crédito educativo... entendeu? por isso que eu estou falando assim... até que a Caixa Econômica me ajuda... está pagando... mas agora... pô... três meses que não pagava... foi pagar agora... quer dizer... vai reduzindo... antes era integral... isso ela não está dando nada de graça não... tá? porque depois que a gente se forma... a gente paga tudo corrigido...
90. então ficou aquela conversa sempre assim tipo... ela falando o tempo inteiro achando que o pai dele era deputado... até que um dia ela chegou pra ele e falou “ah:: mas vem cá... pô... teu pai que deve... deve ser cheio das influências...” não sei quê... eh::... como é que é? “qual::?”/ pra votar no cara... né?”
91. Eu peguei o carro e fui dirigindo alucinadamente até que no Rebouças, um Voyage surgiu na minha frente e eu não pude desviar. {S} Depois da batida eu perdi a direção do carro e ele foi se arrastando uns cem metros pelo paredão do túnel.
92. do jeito que eu contei até que não foi tão/ mas ele
93. mas... assim uma... uma comida que você saiba fazer...  
 {S}I: pô... comida eu sei fazer... pô... acho até que você sabe fazer... macarrão...  
 {S}E: então... então me diz... como é que você faz macarrão?
94. Como todo mundo sabe quando acontecesse essas coisas ainda mais com morte... todos estão no local são obrigados a ir para delegacia prestar depoimentos... só que ela fez isso porque tinha que ir logo pra casa... porque já era tarde e até que focem pra delegacia... escreveu tudo elas iam chegar de madrugada em casa.
- un... você acha que a escola é bem cuidada? ( )
95. {S}I: é... até que... ultimamente ela está sendo... está tendo reforço... botou muro... aí aquilo ali não era muro... né? era diferente... trocou telha::do... as salas foram pintadas... só que os alunos daqui são muito mal educados... picham tudo... dá chute... de pé...
96. elas falavam com a mãe “mãe... eu estou vendo isso... toda hora... ele... me fica perseguindo assim...” e tudo bem... a mãe dela/ até que mãe dela acreditou... aí a mãe dela disse “oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...”
97. A história é triste. {S} Eu tenho uma cachorra chamada iúna. {S} Todos os dias eu brincava com ela até que um dia ela se injuou e me mordeu eu gritei : mãe mãe a iúna me mordeu. {S} Ela me levou para o médico disse que não era nada grave. {S} Dai todos os dias (que eu ia brincar em casa) eu falava para minha mãe assim : mãe prende a iúna para não morder de novo.
98. por causa que... que ninguém... assim rabisca nada dos outros... quando a gente... quando a gente volta está tudo no lugar... assim na mesa... a gente pode deixar qualquer coisa... até dinheiro... que não some da mesa da

gente... a professora até que tranca a sala... quando vem ela abre tudo de novo...

99. a Renata e o garoto ficaram juntos numa gruta deserta lá tinha um monte de pé de frutas. ai o garoto percebeu que passara dias e dias noites e noites quando eles ficavam com fome eles pescavam peixes faziam fogueiras e fritavam os e depois comiam frutas até que um dia o pai da Renata achou ela e ela foi embora.

E se você continua a falar nisso eu vou te dar uma surra.

{S}Mais ela continuou a ver.

100. {S}Até que um dia ela saiu com a mãe e as irmãs dela. {S} E uma das irmãs viu a misteriosa alma e com a mesma roupa. {S} Então olhou para ela e disse você viu o que eu vi.

101. observando... aquilo ela estava ficando maluca... mas esta... estava quase morrendo... não queria nem sair de casa... mesmo assim mandavam a carta... anônima... até que... esses dias ela descobriu quem é... e é um rapaz assim... que... não é da vi/ uma vida certa... leva vida tudo... errado... é meio assim... é viciado... (mas) mexe com esses negócios de roubo... é todo errado na vida...

102. Não sabia o que era fui descendo as escadas pensando no que poderia ser. {S} Até que então me derão a notícia de que minha avó havia falecido.

103. Então ela passou a ter medo, quase nem saía de casa até que um dia ela descobriu quem mandava as cartas, era um rapaz com a vida meia errada, nisto fez com que ela ficasse mais ainda nervosa.

104. observando... maior loucura... mas até que... esses dias ela nunca mais falou nada não... não sei se ele parou... acho que parou sim... as cartas que ele mandava tinha que ver... cada

105. cada declaração de amor linda... nem... nem parecia que era aquele menino... entendeu? que mandava... ai até que... parou... não... nunca mais... nu... nunca mais fez nada não...

106. Então, eu assisti à eletrificação do ramal da Leopoldina, inclusive na época, cruzava-se a linha do trem com facilidade; {S} hoje, existem muros, é um pouco mais difícil. {S} Então assisti o desenvolvimento de Bonsucesso, que, por sinal, parece até que parou no tempo, né

107. a maioria gosta... né? ((riso de E)) não pode se sentir... muito... muito dona... do... do cara... elas gostam disso... dá pra... dá pra notar... e... é só você não se entregar demais que... que sai tudo certo... até como numa amizade ou um namoro...

108. Tava muito confiante na minha base. {S} Até quando chegou perto do vestibular eu fiquei com medo, né, fiquei, tremi assim. {S} Pô, levei na flauta! {S} E minha mãe cobrava né.

109. Entendeu? {S} E não vai fazer, por exemplo um espigãozinho em Ipanema, isso e aquilo. {S} Até quando ele apareceu, aquele . {S}.. Paulo Casé . {S}.. Você não conhece ainda não? {S} Você precisa ir lá ver. {S} Eu achei horrível,

110. em termos assim de uma distância bastante grande... era guardad(o) uma grande distância... entre professor e aluno... e o tratamento não era esse esse formal de excelência que... vários mereciam... por contingências profissionais... era um senhor... professor... professor aí usado até como como... como vocativo... como... éh:...

111. às vezes até como pronomes... como por exemplo... "o professor poderia me:... esclarecer"... substituindo aí o você ou o senhor ou...

112. agora vamos fazer isso... isso... tomar conta da área... para não haver especulação imobiliária... etc... até quando estiver tudo arrumadinho... eles fazem sempre á posteriori!... aí... a gente traça a estrada... que pode... eventualmente...

113. e lembro até como fosse hoje... dona Vera Viana me carregando no colo... eu fui com a mamãe... mamãe ( ) de carro... não me lembro bem... dona Vera Viana me pegou no colo... me levou pra sala pra fazer o exame...

114. há a possibilidade tão grande... que aquela até o ratinho encurralado que ataca a cobra... nunca viram isso... não? ( ) ratinho foge... foge... foge... até quando a cobra e põe ele na parede... aí o ratinho vira fera... e às vezes se salva...

115. Ag não tem não. {S}.. Ag... tem um agezinho só... certo?... mas todo o Cl desse cara aqui... já é suficiente pra estourar o produto de solubilidade... de modo que... aqui o Cl precipita...

116. {S}Al.: mas vai... vai precipitar até quando?

## ATÉ + NUMERAL

1. ficamos detidos no meio da estrada... dentro da lama até uma hora da manhã...
2. na minha época de Correias é quando eu tinha... meus... até uns oito anos de idade quer dizer... me recordeo muito pouco de Correias... e mudou razoavelmente...
3. porque... até uns três anos passados... mais ou menos na época em que eu mudei pro Leblon... eu lecionava... lá na Ilha do Governador... então tinha... as ruas são maltratadas... vocês não estranhavam o fato... de se prolongar tanto assim o dia?
4. "ah não amanhã você vem mais tarde pra gente bater um papo" no fim passa do horário de onze pra uma ( ) até uma e meia... no verão ( )...
5. até uns trinta... aí começaria a idade madura ((vozes))... pra depois chegar à velhice... até que idade vocês considerariam... a idade madura e... depois... hã... consideraria... que o homem... atingiu a sua...
6. então... você consideraria... que vocês... de uma certa forma... que até cinco anos... seria a primeira infância... a segunda infância
7. até os doze... a adolescência de doze... até que idade?
8. Não, ele foi trabalhar em outro colégio, ou foi demitido, alguma coisa assim, que não deixava a gente perceber o que realmente aconteceu, foi uma coisa, foram coisas muito duras, mas que hoje a gente, sabe mas na época a gente era, eu era novo e, a gente não tinha informação nenhuma né.{S} Por exemplo outro dia, até um, dar um exemplo, que eu não sei se tô fugindo um pouco do assunto, mas, por exemplo, outro dia, eu vejo, eu assisto muito o Jô Soares né, foi o, Caetano Veloso no Jô Soares e ele contou a história da prisão dele, e mostrou que é ..., várias coisas que ele contou, ninguém sabia, quer dizer, eu não sabia, eu, eu, de certa maneira, eu sou, gosto muito do Caetano Veloso
9. ele recebe aquilo até no máximo de vinte salários mínimos ... esses vinte atualíssimos até um mês atrás eram dez ... agora são vinte por lei do Presidente da República de maneira que o INPS é uma garantia que o trabalhador tem ... o funcionário do Estado ...
10. os bandidos desceram... correndo... aí eles pensaram que era alarme... de alguma coisa... pra descer... eu sei que todos eles saíram descendo correndo... aí até um deles saíram com uma arma na mão...
11. a minha é um corre-corre... saio de casa... venho pro trabalho... do trabalho... vou pra escola... de noite quando chego em casa tá na hora de dormir... tá na rotina... continua sábado até cinco horas e estamos aí dentro né... trabalhando... depois das cinco aí começa as programações...
12. mas aí a própria pessoa torna flexível até onde pode... por exemplo eu... sou obrigado a sair dez minutos mais cedo... meu horário seria até as cinco e trinta e seis da tarde... acontece que se eu sair às cinco e trinta e seis... eu perco parte da primeira aula que eu tenho... eu trabalho aqui em Vicente de Carvalho e estudo na Gávea...
13. até seis horas... tem ...
14. até seis horas... então isso facilita... quem trabalha à tarde... aproveita o banco de manhã e vice-versa... isso aí é uma outra grande coisa... terceira coisa são as instalações das agências... todas hoje em vidro e até com excessivo luxo... eu costume até pilheriar que houve uma grande evolução da sociedade brasileira principalmente a carioca... transformando botequins em bancos... porque você vê que acabaram os botequins... né... em compensação um banco ao lado do outro... antigamente ...
15. ... que o comércio ficasse aberto até uma ou duas horas mais... como fica aqui em dezembro... nunca estive em dezembro na Europa... nunca estive... mas em todo caso... lá você
16. que que tem? o po/ as ruas ficam cheíssimas... tem gente nas ruas na Espanha... é uma loucura... até nove horas da noite... mas já em Paris não... incrível... em Paris é sete horas da noite... o comércio fecha às seis e meia... quinze pras sete... e
17. mas isso ( ) na Inglaterra nós pegamos... pegamos... dia claro... às vezes... até nove... dez horas da noite...
18. bom... estranhava... estranhava de fato... porque isso aqui no Brasil... não é comum... aqui o máximo que... que o dia se prolonga é até a... até um quarto pras sete...sete horas... não é? na Europa... na EsPAnha... também nós

19. pegamos... os dias chegando até quase nove horas da:...
20. Olha... eu até os onze anos eu morei numa casa... uma casa velha... sabe... e essa casa era assim... comprida muito mais comprida que larga e tinha... olha...
21. eu... vivi a ditadura de Getúlio Vargas... até quarenta e cinco né... eh... depois o negócio... quer dizer... melhorou... melhorou...( ) mas acho a melhor fase que nós tivemos foi no governo de Juscelino... compreendeu? que foi uma inflação ( ) mas a gente... todo mundo era feliz.{S}.. O fato era esse... você não via brasileiro triste no governo de Juscelino... essa foi a grande vantagem...
22. então a gente tinha que passar três ou quatro horas na biblioteca, todo dia até onze horas da noite... depois... onze
23. horas da noite você tinha que fazer o trabalho em casa até duas horas da manhã pra poder trabalhar... teRRÍvel...
24. eu só não gosto muito da hora recreio... porque a gente é depois do ginásio... aí demora muito... pra gente ter que esperar até dez e dez... pra a gente descer para o recreio...
25. então a roupa de, até quinze dezesseis anos, é uma roupa bem mais barata do que a roupa de adulto
26. eu tenho a impressão que ele me falou uma vez que pagou durante quase vinte anos ...  
{S}Doc.: isso até sessenta anos né ?  
{S}Inf.: é até completar sessenta anos ... é bom vê isso porque
27. Realmente violento porque as lideranças foram cassadas, sumidas, desaparecidas, a repressão foi violentíssima principalmente no período de sessenta e quatro até setenta e quatro.{S} Foi violentíssima realmente, o ápice talvez
28. poxa... o que adianta... um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias juntos... ( ) até dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... poxa... eu... sei lá...
29. Eu acho que é um relaxamento, porque quando eu era ... até os doze anos, eu morei ali do lado da UERJ.
30. então abre hoje de nove... até cinco e meia... seis horas da tarde...

## ATÉ + PRONOME DEMONSTRATIVO

1. Ficou com ela... namorando ela... aquilo pra mim foi um choque... foi uma decepção... e... até isso influenciou tanto... que até hoje eu não consigo gostar de ninguém... sabe? o meu sentimento sempre ficou... eh... com um pé atrás... quando eu gostar de uma pessoa...
2. estava grávida... e a rua toda estava sabendo... menos a mãe dela... a mãe dela descobriu até esse ano... parece... aí ela falou com a mãe... deu nisso
3. É questão de gosto, né, não é questão de apostar, eu, não tenho ... [ ? ] uma vez ou outra eu faço uma fezinha aí na, Sena, na Quina esse negócio da Loto mas, isso já não é, não é assim não, tem gente que fica viciado, às vezes, aposta até o que não deve.
4. todo uruguaio que a gente conhece de qualquer camada inclusive desde o mais simples até o que seja mais requintado e... esteja em melhor situação econômica e tudo isso...

## ATÉ + PRONOME INDEFINIDO

1. no meu ponto de vista... eu não pretendo ficar trinta e cinco anos na mesma indústria não... pretendo sair de uma pra outra até cada vez... onde tiver mais a gente vai...
2. não tem onde andar porque enchem a calçada com aquelas jardineiras... agora vão retirar ( ) estacionamento... a jardineira... vão retirar ( )...  
então o pedestre não vai poder andar na calçada...  
continua o pedre/ o pedestre continua sempre... na pior... né?  
eles aqui tentaram ( ) uma solução que andaram até alguns caindo.. infelizmente...
3. uma discriminação contra o bonde que eu não vejo porquê... é um transporte barato... um transporte realmente de massa... um transporte muito adaptado às condições do Rio porque é muito fresco... aberto ventilado... não é?... não gastava gasolina não poluía... quer dizer... então foi uma imprevidência total...  
demorado né...  
não é?... bom... demorava até certo ponto... porque... é... você ia... mais rá/ rápido de bonde... ((ruído de telefone))  
eh... uma viagem normal...
4. E o aumento sindical do professor, como é que o senhor vê?{S} O, o senhor acha que ele age certo?  
{S}LOC - Até certo ponto.{S} Na luta salarial não é ruim não, mas só pensam no lado salarial.

## ATÉ + PRONOME PESSOAL

1. A casa que eu morei quando eu era menina, era uma casa assim bem comprida sabe, aquelas com, bem comprida, mesmo né, que até a gente brincava, quando a, sopa sai, quente da cozinha quando chega na sala de jantar já tá fria né, porque, é, são aqueles lotes compridos, então eles fazem a casa assim: na frente tem m pequeno jardimzinho,
2. você até pensa... se você pensar... que nenhuma molequinha... nenhum íon... ionzinho de cloro... de sódio ou de prata estão livres na solução... estão... estão sempre... por mínimo que seja até a gente se dissolve... caiu na piscina tem um pouquinho de... ( ) dissolvido lá dentro... eu sou muito pouco solúvel... mas tem sempre alguma... alguma solubilidade sim... então o aspecto básico é o seguinte... um sal muito pouco solúvel... a quantidade de íons que existe...
3. realmente a situação em matéria de segurança ( )  
é... o Rio está... e depois é bobagem até a gente se prender a ser só à noite porque a qualquer hora do dia...
4. a gente... descasca a batata... corta... depois lava... aí põe o óleo na frigideira... deixa ficar lá... um tempo... e depois põe a batata frita lá dentro... e espera... até ela ficar boa...  
{S}E: coloca sal não?
5. Então, ela foi impedida de entrar na escola pelo diretor, que ia lhe dar uma advertência;{S} quando ele foi para a coordenação, a aluna subiu as escadas e foi para sala de aula, depois o diretor foi até ela e a agarrou com força, ela o arranhou.{S} Houve uma ameaça de expulsão, mas ela só levou uma advertência.
6. Então acho que eu vi em Botafogo, ao vir morar em Botafogo, quase que o mesmo comércio que foi da geração anterior porque aquilo, tinha aquele padrão assim, muito personalizado, tradicional, freguês, aquela coisa assim né.{S} Isso, até, eu me casar.{S}
7. Eu achei horrível, agora até eu já me acostumei, mas aquilo não é essencial, quer dizer, eu acho que você só gasta dinheiro no supérfluo, quando você já atingiu o necessário.
8. eu acho que está... que está talvez na... nisto a raiz do silêncio do povo brasileiro... é que ele tem consciência...  
{S}Doc. que está errado...  
{S}Loc. que tem algo errado... mas que ainda não chegou até ele... a... a... clareza... pra... pra... pra fazer um julgaMENto... então eu acredito que seja muito isto que está levando o povo brasileiro a ter...
9. pelo nome dela... ela devia ser judia e tinha uma até que era alemã... não sei a religião dela... mas essa alemã foi ... até ela estava fazendo o curso mas nem era... nem era matriculada... né... estava fazendo o curso como ouvinte... mas nós... ela era uma... muito distinta... uma boa colega...
10. Porque são esses corredores, não é, essas salas, todas iguais.{S} Até eu acho muito engraçado porque, nós aqui, o pessoal botou nos corredores, essas estátuas né, que foram da antiga Academia Imperial de Belas Artes.
11. todo mundo estava alegre... feliz... comprando suas máquinas de lavar roupa... até eu tive máquina de lavar roupa... até eu tive... comprei... máquina de lavar roupa... compreendeu? todo mundo comprava... todo mundo fazia tudo... tinha aparelhagem dentro de casa... de tudo... e o brasileiro era alegre naquela ocasião... era alegre...
12. eu fiquei oito meses na Argentina porque eu tinha uma tia... aquela... aquela pseudo-portuguesa casou-se com um argentino e foi morar lá... e eu sempre ia... sempre ia lá na casa dela até ela morrer né...
13. ( ) até ela morrer não... até o plano real né... porque realmente eu... a minha vida tornou-se caótica com esse plano real né... bendita inflação... estou doido que ela volte...
14. Nós pegamos a panela e colocamos no fogo com margarina e o milho de pipoca; mexemos , mexemos até ela pipocar e estorar;
15. a diretora faz de tudo... até se for o caso... até ela mesma dá aula... mas não deixa o aluno voltar pra casa... essa é a única diferença... né?
16. aí eles tiveram que se esconder... porque... esse... esses meni/ esses moleques... que ficaram perseguindo ele... era/ é lá do... do.{S}.. Rio da Prata... esses moleques mata... sabe? tudo mafioso... sabe? aí falaram... falaram... que iam matar ele... não sei o quê... ( ) até ficaram de aparecer hoje aqui no colégio... os cara lá que ele brigou... aí falou que na hora da saída/até ele falou pra ele... na hora da saída que ele vai sair escondido que... os moleque vão... vão chegar aí pra falar com ele... porque foi eles que provocaram... mas foi/ não foi ele que provocou não... foi os moleques lá que provocaram... só isso...

17. Era na esquina da rua Real Grandeza com a Voluntários da Pátria.{S} Hoje é uma padaria horrorosa que tem lá.{S} Eu acho que chama Imperial ainda (pausa)  
{S}DOC - É interessante até a gente passar lá e ver ainda (sup. )  
{S}LOC - (sup. ) Ah, vale a pena.
18. ...e vou continuar adorando até eu crescer e me formar nessa escola pra ser médico picicriata e também esta escola fica muito perto da minha residencia que eu moro hoje e ai eu quero continuar nesse colégio até a universidade.
19. mas não compramos muita coisa porque lá... é um lugar que... até a gente acha qualquer coisa ( ) Rio... a gente acha no Rio... aí pra não dizer que... não comprei nada...

## ATÉ + SUBSTANTIVO

1. trabalho aqui em Vicente de Carvalho e estudo na Gávea... a primeira aula é às seis e meia... se eu sair daqui às cinco e trinta e seis... eu já perco dez minutos pra sair do estacionamento até a porta da fábrica... mais a viagem daqui... via avenida Brasil e túnel Rebouças..
2. coisa imensa... um salão imenso... né? de cimento... chão de cimento com aquelas paredes de meia... assim de madeira... até a metade... né? uns tabiques...
3. . aí... pegamos u/ uma travessia de em outro lago... o: lago eh: ( )... uma lanchinha... depois pegamos um ônibus e fomos até a costa do Pacífico... lá em: {S} Puerto ( )... que é uma... é um porto do Pacífico... porto de: pescador...
4. um trem bellissimo flecha que se chama ... que corta o Chile de debaixo até em cima... então nós subimos depois... de Puerto ( ) até Santiago do Chile... nesse trem... ( ) de um lado...
5. olha... eu sei que:... existe uma... indústria de... ( ) benéfica... emprego de certas glândulas... de animais em cosméticos e... também... certas ah... a extração de... certas... certos fixadores de perfume...  
( ) interessante...  
e o emprego de...  
placenta... por exemplo... tem sido muito utilizado em... cosmetologia...  
de que animais?  
até a placenta humana não é?  
mas e de animais?  
de animais? placenta de... eh... vaca... placenta de... cabra... são especialmente para esses... usam...
6. Aí você, fez, estudou no São José até que série?  
{S}LOC - Eu fui até a oitava série, quer dizer, até o final do primeiro grau
7. Mas, eu já peguei professores de história, que, já davam uma outra visão da história assim, davam uma certa visão, e até professores que, tiveram problemas, até durante o meu curso, tiveram problemas, foram até, foram até afastados, tiveram afastados.
8. Agora é um bairro que tem um comércio legal, tipo assim, até parte do dia a dia, banca de jornal, padaria, supermercado, você não
9. precisa, como em determinados bairros pegar um carro pra ir até a padaria comprar pão. {S} Se depender do serviço de entrega!
10. só que quando uma vez eu fui pra São Paulo com uma amiga minha... tinha uma estação... tem uma estação no interior de São Paulo que chama-se Zebu... rádio Zebu... e ela toca música sertaneja da hora que abre a programação até a hora que fecha... e... por acaso... era justamente essa rádio que as pessoas ouviam lá...
11. não falta o stroganoff... embora eu possa... fazer outras coisas... mais o strogonoff predomina... é/é o prato PREDILETO dela... então:: até a/o dia vinte e dois foi/dia vinte e cinco foi aniversário DELA e tinha... stroganoff... carne de porco... batata palha... maionese... essas bobagens
12. vocês já viajaram muito pro nordeste... e pro sul... pra:... além de São Paulo... pro sul vocês já foram alguma vez?  
não tive oportunidade...  
eu também não...  
hum-hum...  
tenho é uma vontade louca de ir...  
porque aí poderiam estabelecer uma comparação lá com o nordeste...  
não... só... até São Paulo... já dá pra sentir bastante diferença...
13. ele diz que gosta muito de curtir som... né? até outro dia eu vi uma loja que me lembrei muito dele. {S}.. Curtição. {S}.. Curtisom... né?
14. e as pessoas que atendem re/ também são diferentes?  
são bastante sofisticadas... bastante sofisticadas...  
são bastante ( )  
ah... existe até uma certa discriminação para atender a quem entra bem ou mal vestida...  
exatamente... até na maneira de entrar...

15. você compra não porque tem necessidade mas porque é motivado... é... não... exatamente... num movimento de liquidação... é motivação ( ) liquidação... acaba levando até uma bobagem... uma coisa sem utilidade... uma coisa de má qualidade uma coisa defeituosa
16. ainda leva daqui até Nova Iorque são: nove dias e pouco... quase dez dias...
17. a gente faz uma travessia pelo lago... seguinte... vai de Bariloche numa ( )... atravessa o lago vai até um porto... do outro lado do lago... pelo lago... entre ( )... maior lá de Bariloche... tem setenta e seis quilômetros de: de... extensão...
18. porque tem melhorado é questão da gente também ter um pouco de boa vontade e dar um pouco de crédito... porque tem gente mais interessada... e tá evoluindo a coisa né?... veja bem... nós falamos aqui a central... até tem... tem até versos e: samba na central... mas se NÓS procurarmos também nos jornais... e vimos os acidentes na Europa... de trem... violentíssimos...
19. tenho cheque-ouro que eu tenho um cartãozinho... que com... com esse cartãozinho com a minha assinatura... com a numeração e com o limite... de... da quantia do cheque... eu posso então sacar em qualquer agência do Banco do Brasil... inclusive nos estados... com aquele cheque... com aquele cartão eu posso sacar... eh... até uma quantia limite que no caso meu é mil e quinhentos cruzeiros...
20. o verão é superameno... você bota até um casaquinho nas costas... de noite quando... eu levei:... casação... uma francesa amiga minha disse "você leve um casacão de primavera"...
21. tivemos coelho... tivemos eh... cachorro tivemos... até um... pombo... o pombo entrava na cozinha e se colocava aos pés da cozinha...
22. é e tinha uma gaiola com... tinha um... umas argolas onde os periquitos faziam... as acrobacias... exercícios acrobacias... nós tivemos uma variedade grande de coisas em casa... por exemplo tivemos até um... porquinho da Índia ou seja um... ah sim... era um porquinho da Índia branco...
23. os tipos de moradia... tipo de moradias... bom... você sai desde uma casa suntuosa... um palácio magnífico até um casebre miserável... ou como eu já vi lá em Friburgo... um lugarzinho cavado na terra...
24. combinaram que não vão soltar mais bomba atômica em cima... mas estão soltando embaixo... e não é... não é bem atômica... é de hidrogênio e já... já eles inventam mais outra ignorância e isso vai até um dia chegar que baixe o bom senso... embora não acredite muito nesse bom senso... não...
25. eu era muito assim... como se diz... apegada às pessoas... muito necessitada assim de afeto e ela deve ter contado a essa professora... que eram muito amigas... um dia tinha... tinha... até um dia assim meio chuvoso... tinha poucas alunas... aí então ela resolveu fazer uma... uma revisão da matéria...
26. porque ele não quer ter hora pra chegar em casa... ele não deve... quer ter hora pra comer... ele não tem... não quer dar obediência a ninguém... ele chama de obediência e não ... eu não chamo isso de obediência... porque no ... pessoas bem constituídas... até um casal bem constituído... quando ele sai... ele diz... olha... eu volto a tantas horas... ela quando sai... depois do serviço eu venho...
27. então na ocasião que nós falamos aqui desse assunto...nós citamos até um autor...que dizia...que seria o mesmo...que nós colocássemos...uma raposa livre...num...num galinheiro livre...cheio de galinhas livres...todos seriam livres...a raposa seria livre...o galinheiro seria totalmente livre...e as galinhas seriam totalmente livres...
28. na hora que um aluno... quer dar a sua opinião sobre o tema debatido... ele então... vai escrever a sua opinião... quer dizer... ele não... se permite que o aluno fale até determinado momento... quando ele está querendo participar... então o professor diz... não... escreva o que você está pensando...
29. mas aí é uma multinacional... hein? já é uma multinacional... mas... aí... é que tá... se você tem... quer dizer... o incentivo... Inf.: qual é a arma que você tá usando? atiradeira... e ela? o raio laser... AL : mas a multinacional parece até um fantasma... você tem que...

AL : não... é fantasma apenas na teoria... na prática você sabe que não é bem assim...

30. ela foi e me levou num convento.{S}.. Cenáculo... ali nas Laranjeiras... pra falar com uma madre Pimentel que eu acho que foi colega dela e tal... depois... então eu partici... ia lá... conversava com ela e depois e fiz até um retiro e minha mãe até ficou muito preocupada... pensou que eu fosse ser freira...
31. O que que você acha assim... em relação a... a hoje... mesmo que você não participe tanto... no que você observe em relação a sua infância... e... ( ) no subúrbio...  
{S}Loc.{S} Ah... eu acho que::: enfim eu tenho dificuldade de... de... fazer... de certa forma uma comparação... porque... a... o senso crítico que eu tinha... quando era... criança... e até adolescente era comparável ( ) né... então eu não sei... por exemplo... a princípio me parece... que pelo próprio desenvolvimento tecnológico... então em comparação... hoje a opção por brinquedo eletrônico...
32. ah um drinque né? essa palavra é estrangeira mas já está ((riso)) introduzida aqui na língua...você convida os amigos pra tomar um drinque pra brindar já tem até um verbo né? eles já abrigaram...agora COCKTAIL...pode ser uma festinha também sem comida só com salgadi:nhos...com aperitivos...não é? cocktail.{S}..COQUETEL...como se diz...em português...
33. Comprar um outro apartamento mais antigo, mais justamente pra poder ter, quarto maior, sabe, ter uma cozinha também maior, uma sala maior, eu acho que negócio de espaço, eu acho que é só, porque eu seja professora de história da arquitetura não, mas eu acho espaço um negócio vital, sabe, eu tenho até uma amiga que tem uma teoria a respeito da, da, como é que se diz, preservação do casamento, por causa do espaço, às vezes você olha, as famílias antigas, era muito comum você dizer assim, meu tio fulano não fala com a tia fulana é sempre comum em literatura né,
34. Não, pra militar eu não tinha vocação.{S} Eu tinha vocação.{S}..Não era nem vocação, era um desejo, tanto que aconteceu até um fato curioso, a escola... o concurso já foi feito dentro da escola, dentro da Escola da Aeronáutica, da Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica, era dentro da Escola da Aeronáutica e era no Campo Dos Afonsos, aqui no Rio de Janeiro.
35. De repente a Tijuca é, a Tijuca é mais antiga, não sei, talvez, algumas vilas, casas de vila, assim, mas não vejo, também nunca re ... sinceramente nunca reparei muito.{S} Meu irmão daria de repente até uma resposta melhor, mas, não sei, não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido.
36. Ah isso é eventos né, diversos.{S} Podem ser reuniões, informais podem ser reuniões, até, sociais, também, batizado, casamento, isso é a coisa mais normal entre as pessoas né, batizado, casamento, até, reuniões muito desagradáveis, muito provavelmente são aquelas que, quando os nossos vão, né, os nossos mais amigos, íntimos, vão embora, deixam, de existir né,
37. porque não... aí ia criar um caso então ela não substituiu o pai...  
{S}Doc: hum hum...  
{S}Loc: quer dizer ela entrou com quem ia ser o marido dela... mas foi até um negócio assim origiNAL... na ocasião... e eles fizeram um casamento mais simples né?...
38. mas eu tenho informações de que já está funcionando uma creche no INPS... então as funcionárias deixam o filho na creche evidentemente... até uma certa idade...
39. não pode a creche não sei até que idade fica mas... há um limite... essa é uma solução muito boa porque... a mãe pode se:m... perda de muito tempo ela pode se deslocar até o local da creche pode ver a criança quando amamenta até pode amamentar de três em três horas... de modo que a creche... é uma solução...
40. até uma: certa idade depois a... depois é a escola maternal essa menina por exemplo que cês viram aí que tem dois anos e meio ela tá numa escola maternal em Brasília...
41. Que Nova York tem museu, tem diversão, tem parque, enfim, é uma cidade admirável, de modo que se equipara a Paris, no meu modo de ver.{S} E hoje, não teria... tenho, até uma certa dúvida, qual das duas, seria... mais interessante... e é uma cidade também muito fácil de... mesmo que a pessoa não tenha um domínio pleno da língua inglesa,
42. e a cidade se tornou interessante quadriculada... muito bem proporcionada muito agradável muito... ah eh até um pouco monótona em certo sentido... com toda uma arquitetura engraçada, muito 'art nouveau' muito requintada... até o mau gosto absoluto do requinte... isso... é o que eles chamam de (insante) e depois a cidade ainda...

43. isso de sessenta e cinco a sessenta e nove deu pra notar perfeitamente... desde o: quase luxo quer dizer o vestir de luxo e grandeza até uma verdadeira penúria... porque faltava tudo...
44. u:ma meia hora de carro mais ou menos... e:... é uma cidade... que vai num... geograficamente ela é simples ela vai assim digamos num:... aclave suave até uma montanha... que... concentra toda a umidade possível do Mediterrâneo em cima de Barcelona... no verão então faz MUItto mais calor do que devia fazer...
45. já se pensou nisso ... já se pensou muito ... inclusive alguns alertaram que o nome Sindicato dos Professores não era uma coisa boNIta ... que devia se criar a Ordem dos Professores ... tem até um projeto nesse sentido ...
- {S}Doc.: é pra mudar ?
- {S}Inf.: pra criar a Ordem dos Professores ...
46. ele pega empréstimos VÁRIOS ... eles têm através de códigos que eles chamam empréstimos que dão por exemplo ... permitem quarenta vezes o desconto do funcionário até um teto de oito milhões me parece ... quer dizer ... quem tem condições de tirar o teto é bom e paga em um ano ...
47. em qualquer profissão quando você vai vai ficando mais velho você vai tendo promoções ... compensações e até uma certa folga no seu trabalho que permite que você ganhe mais sem trabalhar TANTO ... professor nao... ele vai ficando mais velho ... ele vai naturalmente deixando de aguentar aquele trem que ele se impôs ...
48. Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto de caminhar pela manhã pela redondeza, mas é absolutamente impossível, impossível não, é desagradável, não é? (sup. )
49. E então eu queria dizer que eu acho que o Rio de Janeiro é uma cidade privilegiada, privilegiadíssima!{S} Ela não, ela tem uma conjuminação muito, muito rara que é de montanhas e mar (ruído).{S} Eu, pelo menos, nunca vi em nenhuma outra cidade esta conjuminação, entendeu, de montanhas tão elevadas tão perto do mar com esse, com esse vale que permitiu a formação dessa cidade que já foi até uma cidade-estado.
50. Ela dá tranqüilamente e o petróleo, você sabe que o que tem, tem, mas não vai nascer outro, vai?{S} Não vai aparecer mais, quer dizer, pode aparecer até uma jazida que não se conheça, mas não vai, isso que eu quero dizer, não vai crescer mais, não vai se criar mais.
51. então teve um dia que ele foi no barbeiro... ele estava sentado... aí pagou o cara logo antes de cortar... aí o cara começou a cortar... inclusive até um senhor de idade... né? estava cortando... cortando o cabelo dele... e ele está lá... sentado... né? daqui a pouco... o barbeiro foi e se levantou... e entrou numa salinha... né? e ele pensou que o barbeiro já tinha acabado de cortar o cabelo dele... né? na verdade o barbeiro tinha ido lá dentro ido amolar ((riso de E)) a tesoura...
52. “você estuda Luiz Carlos?” “estudo... estudo...” “então... estuda bastante que você vai ficar rico um dia... estuda que é pra poder... trabalhar e ficar rico...” ele “não... não vou ficar rico não... ficar rico não...” eh... “quem vai ficar rico aí são vocês... vocês que são ricos aí...” “que rico nada... rapaz... ninguém tem dinheiro aqui... ninguém está montado na grana... não...” “ah... e o carrão parado lá no/ lá fora...” ((riso)) aí... “ah não... a gente está andando de Mercedes... quer ver? tem até um ônibus passando ali fora... tem um ônibus passando lá fora... [Mercedes...]
53. depois o pessoal fica pensando assim... quer dizer... pra gente que estava/ pra aquela gente que estava lá na... na... na rodinha... né? na mesa... isso era até uma história engraçada... né? foi divertida porque... estava conversando... brincando com o garoto... e tal... ((buzina)) mas ao mesmo tempo foi uma história triste... porque uma criança de dez anos de idade era pra estar em casa dormindo... onze horas... onze e pouco da noite... vendendo... rosa na rua... num bar de mesa em mesa... já era tarde demais aquilo... quer dizer... é uma coisa/ ao mesmo tempo é triste...
54. primeiro você pega um copo... de mais ou menos... duzentas e cinqüenta gramas de leite... e despeja numa panela... e bota pra fi/ pra esquentar... né? aquecer... aí você deixa aquecer até uma certa temperatura mais ou menos... e aí despeja o fermento biológico... né?
55. em frente à cama tem a televisão... que fica também na frente da janela... assim:... e o que mais? que ela fica no alto... assim... até é um saco... que o meu controle... às vezes/ quebrou... e aí... à noite assim... eu durmo e aí eu ”a:i não... tenho que apagar a televisão...” aí levanto... vou lá... a... aí... desligo... é um saco... isso é um saco... até um dia eu estava falando ou con... ou conserta ou então abaixa essa televisão...
56. o rico sempre diz que não precisa do pobre... ele precisa para sobreviver... se (não) fosse isso... como seria o país sem o/ sem o empregado... né? então o que eu falo... o que eu quero dizer... é até um alerta... se:/:

para as pessoas... passarem isso pra frente... tentar:: ajudar a... a construir melhor esse país... porque acima de tudo... mesmo essa::... essa:: realidade que eu falo que é o pai

57. a gente está num momento super decisivo... né? dia vinte e um/ hoje é dia... dois/ dia primeiro de abril... dia da mentira... mas... não conta... dia vinte e um de abril é/ vai ter o plebiscito... né? pra eleger... ou a monarquia... ou a república... e hoje houve até um plebiscito na PUC... eu achei super interessante mas ao mesmo tempo... é dureza porque... não faz sentido essa eleição... não faz sentido porque a gente não... não tem nem... condições... não tem embasamento nenhum pra eleger nada... entendeu?

58. a Serra de Teresópolis.{S}.. Petrópolis e Friburgo... então você vê todas as/ você vê as... as estradas... vê os caminhos e tal... então é impressionante... que de lá de cima a gente vê... assim... a gente vê como a gente é pequenininho... entendeu? vê como... tudo é fluido... é lá que eu gosto de ficar... é no alto das montanhas...

{S}E: e como é que é lá?

{S}I: como é que é lá? lá é o pico de uma montanha... onde tem até uma torre de televisão..

59. a história que eu vou contar... é triste... eu tenho uma cachorra chamada Lúma... todos os dias eu brincava com ela... até um certo dia... que ela estava enjoada... aí eu fui brincar com ela... ela me... me deu uma mordida... minha mãe ficou preocupada e me levou pro médico... para o médico... o médico disse que não era nada grave... não tomei nenhum remédio... aí sempre quando eu chegava em casa... aí/ eh... e levava meus colegas... eu falava pra minha mãe assim “mãe... prende a cachorra pra ela não me morder de novo...”

60. o lugar que eu mais gosto de ficar é na casa dos meus amigos, porque lá eu me divirto e vou para o Campo de Santana.

{S}I: Pois lá eu corro, brinco e teve até um dia eu me machuquei pois eu fui subir numa estátua e escorreguei.

{S}I: Lá eu vou ao laginho, onde eu ia dar comida ao patinhos e tem um peixe que já ficam mais espertos e rápidos.

61. Esta história, me contaram este ano ,que foi até um amigo, que disse que foi viajar e que quando ele estava na estrada, ele viu uma mulher que atravessou a estrada para beber água e de

62. eh... deixa eu pensar...

{S}E: as outras escolas?

{S}I: é... tipo as outras escolas... que como a Gonçalves Dias... o Gonçalves Dias está a maior bagunça... parece até uma escola abandonada... nem que eu/ não estou... não estou falando isso pra esculhar não... porque quando eu sair daqui... eu vou... eu vou pra lá mesmo... né? se Deus quiser.{S}

63. mas eu acho muito difícil... muito difícil porque aqui no Brasil... as pessoas/ os empresários... tá? os empresários assim... pô::... de mais importância... entendeu? até lance de contribuição... pra pagar o governo e fazer... são os próprios deputados... são os próprios políticos... então... isso é que eu estava te falando..

64. e escolheu por uma coisa... acho que tem que ser... dali por diante... até o fim... entendeu? se é bom ou ruim tem que manter aquilo... ((riso de E)) eu acho bonito... poxa... eu acho bonito...

65. í, quer dizer, eu nem sei se isso tem muito a ver com a geração, de repente, tem mais a ver com educação talvez, né.

{S}DOC - É um pouco dos dois, né, quer dizer cada época tem a sua liberdade.

{S}LOC - É ..{S}. É e tem que ver, até coisa de casar em igreja, essas coisas, né, pô, eu li uma vez no jornal e é verdade, se você reparar, é sim, tem uma, vamos supor, o pessoal que tá na, as minhas amigas que, achavam ridículo igreja, véu e grinalda, hoje em dia, elas tão casando de véu e grinalda, bonitinhas e tal

66. se duvidar muito é só dormir e comer... né... mas é muito gostoso porque a gente descansa a cabeça... agora eu já me acostumei... realmente eu sinto até falta... a gente vai pra chácara... a gen/... temos ficado dentro da cidade mesmo... mas aí quando vamos pra chácara...

67. a princípio me atrai... a liga de basquete profissional norte-americano... até torneio de... de tênis... coisas desse nível... eu acho que se o esporte é bem praticado... seja ele qual for... a princípio ele me atrai... eu assisto... mas assisto sobretudo em casa... eu talvez tenha ido uma única vez a um estádio pra assistir um esporte que não fosse futebol...

68. quer ver uma coisa... você tem grandes percursos aqui no Rio... eu acho... por exemplo... eu gasto por dia... daqui até a Gávea e voltar... pra casa... eu gasto em média setenta quilômetros... mas é tudo dentro de cidade...

69. São Paulo.{S}.. Minas.{S}.. Espírito Santo... fui até:{S}... Uberaba de trem... tive uma viagem num trenzinho especial que o dono do trem era eu... saí de Campinas...
70. trouxe o trem até Barra do Piraí.{S}.. Belo Horizonte... voltei à Barra do Piraí... vim ao Rio... fui pra Campinas de novo... levei trinta dias... nesse troço... e eu detesto andar de trem... acho horrível... não simpatizo com trem...
71. mas devido a... ao traçado da linha... tive que vir até Barra do Piraí... porque o trecho principal era a linha do centro... que vai de Barra do Piraí a Belo Horizonte... então tive que fazer esse trajeto todo num carro a cinco quilômetros por hora...
72. diferença né... mas pelo menos lá no norte né você vê bastante diferença... sabe?... eu já tenho uma divisão... minha até Minas é uma coisa... subi.{S}.. Bahia em diante já é completamente diferente... diferente...
- e lá não tem aquele negócio de botar a mão o car/ a porta... parar e: coisas não... quando dava o sinal de fechar... quem não: não saísse de perto...
73. pois até até até: uma ação disciplinadora da: da população... quando ele é... bem... bem operado não é?... um metrô bem operado como é o de Paris... como é o de... como é o de Nova Iorque...
74. .há os apostadores também há há há... há uma loteria... em torno da corrida de cavalo não é? há os apostadores... e: o jôquei tem certa forma feito até fortunas...
75. então tem umas estradas assim... então tem morrinhos assim... como a gente vê aqui... morro de meia laranja assim aí pra dentro... e tem um que é verdinho e tem até aquelas árvores grandes e outro é pedra pura... então eles mostram os dois... era assim e depois do biotônico Fontoura ficou assim... quer dizer...
76. há a possibilidade tão grande... que aquela até o ratinho encurralado que ataca a cobra... nunca viram isso... não? ( ) ratinho foge... foge... foge... até quando a cobra e põe ele na parede... aí o ratinho vira fera... e às vezes se salva...
77. por uma questão de... de... de... de... de: precaução... eu quis iniciar desde logo a execução... para ganhar tempo... então... essa execução provisória... não se completa... ela irá até apenas uma penhora... na penhora ela pára... porque o... o julgado que está sendo apreciado em recurso... sem efeito suspensivo... pode ser modificado...
78. agora...e os produtos do leite?  
derivados?  
derivados...  
bom... queijo...manteiga né...coalhadas.{S}..AGORA...tem essa DANONE que é MUITO saborosa também é:: fórmula FRANCESA.{S}..IOGURTE...creme de leite SAVI...creme de leite Nestlé ENLATADO...você pode servir com uma compota de.{S}..PÊSSEGO...abre a lata na hora é muito bom ((riso)) muito prático...também com morangos...frescos...combina MUITO bem...e: até:: criança gosta com GELATINA...com BOLO...com várias coisas...
79. quanto mais leite uma criança puder tomar melhor né até ADULTOS também...devíamos tomar leite nas refeições mas aqui no Brasil esse costume não é nada difundido né? quase ninguém toma leite na RUA também...e falsificam muito o leite aqui é muito ruim...
80. A gente vai aos clubes de carro, e eu, meio que adolescente ainda né, geralmente tinha algumas pessoas dentro da própria casa que tinham carro, então essa coisa de vir de ônibus era, quase não existia, então é muito carro carro carro.  
Então, é, você não saberia dizer assim como é, se os, se em Brasília, o serviço ... [ ?  
[ ? ] isso tem muito tempo né, isso tem dez anos.  
Até a cidade é diferente hoje em dia.  
É, eu não posso nem, falar como é que tá, tem uma idéia assim [ ? ] topográfica da cidade, sabe, que ficou meio gravado na minha, na minha memória né, mas as questões de situação atual da cidade, eu não tenho idéia.{S}  
Mas um lugar que foi muito bom pra mim, eu não queria inclusive voltar pra cá.
81. Me roubaram dois carros aqui na Tijuca, inclusive.{S} Um na Haddock Lobo, inclusive eu tava com minha atual esposa, me seqüestraram.{S} Eu andei com os assaltantes junto, andei o que, da Haddock Lobo até a Leopoldina.
82. É abrir um restaurante natural na Tijuca, com, aproveitando até a moda, da alimentação natural.  
Mas será que ia vingar?

83. Eu acho que a, a, a seqüência disso será cada vez mais agressão, cada vez mais assalto, cada vez mais essas coisas que a gente vê né.  
E, em comparação aos outros lugares que você morou até as outras cidades?  
Bom, eu morei, um ano nos EUA quando eu tinha cinco anos então a lembrança que eu tenho é muito.
84. Por exemplo nós éramos meninas, não éramos casadas , ele, ele, ele abria a gavetinha pra mocinhas, aí o periquitinho tirava com o bico um papelzinho e dava a gente, mas a gente adorava juntar aquela moedinha pro periquitinho verde.{S} Mas era muito poético sabe, e passava o Gato Frio também que era uma bicicleta com sorvete, sorvete " Sorvete Nevalo ".{S} O homem levava no na cabeça, os sorvetes até o cesto.
85. por exemplo eu vejo que, eu na minha geração e tal, fui muito mais livre do que essas meninas, o que não quer dizer, que isso seja uma regra, porque tem umas meninas aqui, aqui na rua mesmo que, com treze anos, pô, tão de namoradinho firme, sabe, pô, fumam maconha, fazem o diabo, entendeu, e as garotas são pequenas, eu olho e fico assim:{S} Meu Deus!{S} Elas ... tipo assim, até o corpo. eu fico assim:{S} Pô, elas são muito mais desenvolvidas, do que eu, né, mesmo que elas façam muita besteira, mas, elas fazem coisas que eu talvez com dezoito não fizesse, entendeu?
86. ô, é um absurdo você não deixar as suas filhas atravessarem a rua pra ir no colégio!{S} Aí ela fala:{S} Ah, enquanto eu puder, enquanto eu for viva, eu vou levar!{S} Aí, eu falo:{S} Pô, até o dia que elas tiverem vergonha, que elas não vão querer, entendeu, e aí vocês vão entrar em atrito, porque vocês vão começar a brigar, como eu briguei, que a minha tia me levava no ponto de ônibus, eu tinha uns treze anos, eu morria de vergonha.
87. Até o dia que eu falei:{S} Não!{S} Se você for me levar no ponto de ônibus, eu não vou ao colégio!{S} Eu não vou sair de casa!
88. eu, saía, minha mãe nem sabia de mim, era assim, quer dizer, "tô pra praia", mas da praia, eu ia , quer dizer, na praia mesmo, eu resolvia andar até o Leblon, quer dizer, eu já não tava mais aqui na praia, quer dizer, eu tava, andando.
89. agora deixa eu ver que mais que eu me lembro da casa da minha avó... ah... sabe uma coisa que tinha muita na casa da minha avó? é::: como é que chama meu Deus do céu? aquela re/ uma... uma rede de filô que coloca... mosquitoireo... sabe tinha mosquitoireo nas camas... e então de noite eu achava sensacional também não era só criança não... até adulto também... todas as camas tinham... fica aquele... aquela pilastra assim de madeira em cima da cama e aquele véu todo... eu achava tudo muito romântico...
90. m dos meus tios com a chácara... aí vendeu lotes... sabe... e o que sobrou ele dividiu pelos quatro filhos... então são casas enormes... também têm muita fruteira... e uma piscina... a outra tem campo de vôlei... a outra fez um campo de futebol... porque tudo tem criança pequena... né... então é uma delí:::cia ficar lá... agora a comida tem mais legume... tem mais verdura... tem muito mais carne... que lá no norte a gente comia camarão... né... às vezes comia até lagosta... né... tinha um preço bara:::to... né... peixe... peixe uma delícia... né... já aqui em Minas não...
91. então todos os sapatos da casa eram guardados ali e eu achava um negócio muito estranho porque a gente se arrumava lá::: no quarto da frente a casa muito comprida... e depois andava até o final pra botar o sapato...
92. Oh!{S} Eu nunca tinha entrado num chinês, o japonês já tinha entrado, por isso, por isso que eu achei o japonês meio fraco.{S} O chinês tava, o chinês tinha mais o quê, tinha, tinha uma, tipo queda d'água, inclusive tinha um prospecto que, falava.  
{S}Doc - ( ininteligível )  
{S}Loc - É, até a Casa da Dinda fica, fica bem pior!{S} Melhor do que a Casa da Dinda [ ? ] Acho que os caras gastaram, dez milhões de dólares, sei lá, um negócio desse, pra construir o, com o material, vindo da China mesmo, mas é maravilhoso o lugar, e, preocupação que eles têm também com planta, esse negócio todo.{S} Aliás, de repente é preocupação até, a gente de repente acha que é demais, mas.
93. Bom, eu moro na Tijuca, já há bastante tempo, bastante tempo, desde que eu nasci, né e, fica meio difícil de eu falar se eu noto alguma diferença, porque, tudo bem até época de colégio, eu, freqüentava o bairro da Tijuca e depois fui eu comecei a fazer, a, cursar faculdade, e eu já nadava aqui no Flamengo, quer dizer, ficou meio, altamente zona sul,
94. Ah é, por exemplo, o pessoal no Canadá reclama muito da parte de impostos, tá, eles pagam muito imposto, tipo até os estrangeiros mesmo, tudo que você compra, ou consome, você paga, acho que quinze por cento de desconto, de de imposto.
95. O que que tem que ter pra cidade funcionar, o que que você acha que é essencial?

{S}Loc - Bem, limpeza, tá, ah, pelo trauma, pela neurose que a gente tem de, de segurança, serviço, assim, de policiamento, segurança, e, até serviço hospitalar também, né, segurança com relação à saúde

96. uma vez me definiram Austrália como a Inglaterra de bermudas, e, é um país assim, também um barato. {S} Também não fui até Sidney, só conheci uma cidade [ nome da cidade ] que é do lado oeste tá, é a única cidade grande do oeste, e, é uma das cidades que tem o melhor, melhor é, padrão de vida
97. Não cheguei nem, e Kioto, não fui até Tóquio, mas a impressão que você tem, é isso, que é uma cidade, é um país assim super-avançado mas que por exemplo em Kioto você tem aquela confusão da rua, trânsito carro pra caramba, mas você tem aqueles castelos de imperadores antigos, não sei o quê.
98. mas... de um modo geral... procura se entender com todo mundo independente do nível social da pessoa... né? e... realmente como eu freqüento vários lugares... cada vez você encontra um... um tipo de... de conversa diferente da outra... e às vezes até a forma das outras pessoas de se dirigir a você ou de você se dirigir a elas... né? às vezes acontece de... de - normalmente as pessoas mudam assim... são um pouquinho diferentes..
99. as feiras estão acabando... o sacolão e o super mercado estão matando as feiras... está mais em conta...né? você ir no super mercado comprar as verduras todas...está mais barato... até as frutas mesmo... você comprar frutas no super mercado é mais barato...
100. ninguém lá tem problema de alergia... nenhuma... ninguém pode dizer “ ah... não vou comer isso porque vai fazer mal...” não... come de tudo... graças a Deus come de tudo... até caranguejo eles gostam de comer...
101. mas a gente sempre dava um jeito de criar alguma coisa... no... no mínimo ficava em casa vendo televisão... comendo pipoca... assistia até jogo na televisão por falta do que fazer na cidade né? mas sempre... sempre se reunindo com alguém ...
102. ah... música tem um...um gosto bem eclético né... tem aqui desde o Renato até Nelson Gonçalves... então com relação... tirando funk eu não gosto de funk... não tem muito problema não... normalmente quando eu vou a show olha...
103. foi um desastre né... foi um desastre porque houve... havia muita promessa de fazer-se isso pelo Rio de Janeiro... em compensação a... mudança das coisas pra Brasília... pôxa até a FUNARTE nos tiraram agora...
104. até a FUNARTE foi embora... compreendeu? não tiraram a Biblioteca Nacional porque... acho que haveria uma revolução aqui no Rio de Janeiro né... mas até isso pensaram em mudar... em fazer... compreendeu? pra quê? pra ler? por que? deputado e senador lê? não pára lá... pra funcionário público ler? eles lá querem ler alguma coisa... que nada né... então... esse... grande cidade... né ( ) a cidade cultural... é... foi... foi... e ainda é apesar de tudo o Rio de Janeiro... né... e estão nos tirando tudo daqui né... mas
105. porque lá se via que todos os professores trabalhavam com uma boa vontade terrível... tremenda... todos se ajudavam muito e todos faziam os cursos que eram exigidos sem reclamar... e era um ambiente realmente maravilhoso... hoje eu não sei ( ) empresa... no meu tempo... era sociedade sem fins lucrativos... .hoje é empresa... completamente... completamente... até a biblioteca ( ) acabaram né... esse bendito... como é que se chama essa coisa aí ( )... eu me esqueci o nome... eu tenho tanto horror a esse troço
106. bom... eles têm uma... um sistema de vida totalmente diferente... o argentino acorda tarde e dorme de madrugada né... até as ( ) horas da noite eles aproveitam... eles gostam demais da noite...
107. bom... o Rio de Janeiro... quem não tem dinheiro e que tem tempo... tem uns espaços culturais... né... muita... muita coisa gratuita... muita exposição... tem até cinema de graça... teatro não né... muito baratinho... muito mais barato que os outros... mas tem coisas boas... tem o Centro Cultural Banco do Brasil...
108. o que a senhora achou do avião?  
{S}Loc. olha... eu não deu nem tempo... não deu mesmo... muito ansiosa... mas vim mesmo... até a... a esposa de um de um vendedor amigo meu... “meu Deus do Céu... ela nem conversava... ela rezava o tempo todo”... mas eu realmente... rezava porque podia né... a gente só morre no dia... mas sei lá se era o dia do piloto... então eu tinha medo né...
109. Porque o ( ) era mais barato eu guardava pra tomar um sorvete... então era a época gostosa né...coisa que hoje em dia você não tem assim... uma... uma criança dizer... hoje um jovem dizer... ah na mi/ na minha infância eu fiz isso assim assim gostoso... é difícil... até meus filhos... é difícil perguntar pra eles assim... o

- quê que você fazia de gostoso na infância... nesse estilo assim que a gente né... guardava aquele dinheirinho né... pra poder comprar uma bala né... um sorvete... eu gostava era de sorvete de limão...
110. sabe... parecia coisa de filme... quando você... lê assim... descortinei aquele marzão... que coisa linda... aí a gente se jogou dentro d'água... tinha aqueles peixinhos... miudinhos... e você ia com água até o pescoço... você via a ponta do dedo... o sujo que estava na ponta do dedo... de tão limpa que era essa água...
111. Agora a... situação da rua hoje... também está completamente diferente da situação da rua quando eu era criança... em Ramos eu ainda morava quando... acho que até a minha adolescência vi... nas proximidades da minha casa... um jeito... campos... peladas diferentes né... e hoje não existe mais nenhum desse jeito... e hoje a rua é muito mais movimentada do que era na minha época
112. foi brincadeira o tempo todo... cantamos... aí na segunda-feira sobrou carne pra... pra ninguém ir pra cozinha... fomos de novo pra... pro quintal... e passamos o dia inteiro... foi até dia de São João... passamos o dia inteiro brincando... quando foi à noite aquela seREStazinha que... que nós fizemos... foi bem gostoso...
113. em geral o que ocorre é que os melhores times os de melhor expressão... a nível nacional... é que acabam sendo mantidos até o final do campeonato... mas a rigor são dois campeonatos nacionais hoje... sendo que... com esse campeonato... aliás eu não sei exatamente o nome que dão hoje...
114. Quando eu entrei em banco, que eu saí da Antártica e entrei em banco, você contava nos dedos os empregados que tinham além do primário e até porque não tinham tempo de fazer outra coisa.{S} O sujeito quase que dormia dentro do banco!{S} Ele entrava sete e meia, oito horas da manhã e só conseguia sair depois de achar aquele monte de diferença e tudo, oito horas da noite.{S} Ele ia estudar como?{S} Tinha entrado jovem, era uma época que havia a estabilidade do emprego.{S} Então, o sujeito entrava e ficava até a morte no emprego.{S} Passado dez anos, ele era estável, só podia ser demitido por justa causa.
115. Então, eu comecei a me prepara pra fazer o vestibular de Direito, me matriculei num cursinho.{S} Na época, era o Curso, hoje é até faculdade, né?{S} O Hélio Alonso, que você também estudou lá, né?{S} Se preparou lá pra fazer o seu vestibular, não é isso?
116. E, na realidade, nunca houve nenhuma tentativa da minha parte, nem dos meus pais que tentarem fazer com que eu prestasse algum concurso, pra algum colégio público.{S} Aquilo dali já foi rotina mesmo, então foi, foi do primeiro ano primário até o último ano do curso científico quando eu já estava inclusive, é .{S}.. Aliás, o penúltimo ano do curso científico que eu fiz, fazendo exército ...não,
117. não foi até o último ano do curso científico, sendo que no último ano foi que eu estudei à noite porque eu estava servindo ao Exército.{S} Então, durante todo este período, o meu estudo foi custeado pelo meu pai, eu só vim a custear o meu estudo na Universidade, na faculdade.
118. Então, eu acho que o progresso perseguia o que o papai fazia.{S} Inclusive, até posto de gasolina dele, também, foi engolido pelo progresso porque surgiram outras avenidas que acabaram fazendo com que o movimento do trânsito desaparecesse do local.
119. o judô... é uma luta... japonesa tod/ ... que:: derivada da... é a derivada do jiu jitsu... luta em que duas pessoas... colocadas... com... os apetrechos ( ) uniforme.{S}.. Kimono... que eles cham/ aprendem a defender-se... defesa pessoal... com vários golpes... nomes um pouco estranhos... que geralmente eles fazem questão de ensinar até os nomes em... japônês... para que a pesso... tenha... realmente... a base... e a agilidade... a destreza... do oriental... pra ter uma idéia... hoje em dia você fala assim... ah eu vou dar um pé na barriga... mas não é... em japonês é tamoi nage... completamente diferente né... o outro golpe... que é o balão... todo mundo fala... ah:: o balão... mas esquece que é o hanei boshe... quer dizer... são... palavras... que tem outr/ outro sentido... né... agora pra explicar o judô a você é um pouco difícil... só... se...
120. É, lá em casa todos não não, lá os rapazes são, do futebol, é.{S} Adoram futebol, tem até campo de futebol na minha casa, de campo , justamente pra, pra que a gente no fim de semana, aproveite bastante
121. pela primeira vez eu marquei uma reunião e não consegui chegar... não houve a reunião... eu atrapalhei a vida dos... dos dos pais que tinham ido pra reunião... mas eu não consegui chegar na escola... eram duas horas e eu não consegui chegar... só cheguei às três e pouco...  
{S}Doc. ( )  
{S}Loc. ih... meu Deus... eu acho que só helicóptero... não... não sei... acho que se houvesse... sabe... mais.... mais até compreensão ... não sei se... de repente o pessoal que não sabe dirigir... porque veja bem... quando você dirige no trânsito... eu dirijo há muito tempo...

122. le ficou sabendo que ela estava magoada... que ela estava muito triste... mas não deu bola... voltou a con/ a namorar voltou a namorar com essa ex-namorada dele... hoje eles são até noivos... já... mas só que/ a minha colega ficou assim/ quando ela... soube da história... ela ficou assim... de boca aberta...
123. Chega a hora do desfile, todos animados dançando, curtindo, eu mesmo cheguei atrasado, quase no final e aí já que eu peguei o desfile no final eu disse que queria ir colocando as músicas até o final, não era muito tempo, deveria estar faltando mais ou menos 30 min para acabar
124. aí eu/ aí... gritei pra caramba... que... que era pra ninguém conseguir me segurar... né? aí tinha o negão da ambulância... que era forte... aí começou a me agarrar... né? nem me mexia... aí me deram até injeção... chorei pra caramba... podia nem me sentar...
125. Era no tempo de São Komes é São Damião no tempo de pegar doce e segui a gente a até o começo da rua depois não subiu.
126. Ela disse que tinha é ... como se fala ... um rastro de sangue desde o prédio do amigo dela até o túnel. {S} O homem deve ter matado-a na escada e depois a levou para o túnel.
127. se você tiver com vida... né? esse jogo só tem/ cada fase... você perde uma vida... aí tá... aí... você continua até o final com essa vida ( ) se você perder... essas três vidas logo na primeira fase... por exemplo...
128. eu acho que essa escola aqui é legal... é muito bem cuidada... mas só que ela também tinha que ter... assim... ( ) existir mais prédios... sabe? pra dar mais aulas... pra ter até o primeiro grau...
129. Eu quero ficar aqui pelo menos até o ginásio (se puder). {S} Os professores são legais. {S} Na 4 série eu peguei a professora “Margarete Regina”.
130. A escola é um lugar bom e muito grande e bonita onde há audiovisual, teatro e até quadra de esportes.
131. Eu fico com a minha turma que é muito boa, gostamos de brincar com as cara das pessoas e muito mas. {S} É pior quando tem festa de rua a gente passa por cada aventura que só vindo da até vontade de fazer de novo.
132. vou dar opinião da escola que eu estou estudando agora... bom... foi assim... eu estudei... desde os seis anos de idade... do CA... até a sexta série... em colégio particular... que é o colégio Campo Grande... é colégio pago... né?
133. na outra escola... eu queria terminar o primeiro grau lá... mas... chegou esse ano... o DEC queria uma oitava série com vinte e cinco alunos... só tinham vinte e dois... eles não deixaram eu terminar... a/ até a oitava série (lá esse ano) aí/ saíram/ cada um foi pra uma escola... aí:... isso me deixou um pouquinho triste... o pessoal lá... já era acostumada desde pequê/ pequenininha na escola... aí a oitava série eu não pude fazer lá...
134. }Eu gosto de ir na casa da minha vô na Barra de Guaratiba. pois, lá eu posso tomar Banho de praia até a hora que eu quiser, lá tem uma pedra enorme onde nós mergulhamos tem uma casa bonita.
135. o povo sempre acaba elegendo os candidatos errados. {S} Houve até a oportunidade, recentemente, de se eleger o Presidente da República, e vejamos só no que deu!
136. eu namorava escondido... se você for lá perto da minha rua... ela vai me ver contigo... aí vai depois brigar comigo...” aí ele falou assim “não... mas eu te levo até a metade do caminho...” eu falei “não... mas ali no Arnaldo Eugênio já... já...”
137. tem muito conhecidos... se você vier até o Arnaldo Eugênio ali no campo Mundial... eu já conheço muita gente...”
138. às vezes... eh... tem pessoas que não têm dinheiro pra comprar/ pra tirar uma foto... eles ficam exigindo... exigindo... exigindo... eh... acaba até as pessoas saindo da escola... como é o caso da mãe de um colega meu que saiu por isso... ele não estava com dinheiro pra comprar... a blusa de escola... aí ficaram insistindo tanto...
139. aí eu gosto muito de lá... porque lá é tudo diferente... lá... eh... tem/ as luzes são diferentes... os prédios são diferentes... tudo é diferente... até as lojas... as lojas ficam num lugar só... lá é onde fica o presidente...

140. Mas aqui é tão grande que até aula de dança tem, como Jazz que é o que eu faço todas as quartas-feiras e sextas-feiras. Eu amo minha escola!
141. O Liceu tem três blocos a, i e c Bloco A é o meu até 8 bloco B De maternal
142. até C.A. e o Bloco C é para o segundo grau.
143. por causa que... que ninguém... assim rabisca nada dos outros... quando a gente... quando a gente volta está tudo no lugar... assim na mesa... a gente pode deixar qualquer coisa... até dinheiro... que não some da mesa da gente... a professora até que tranca a sala... quando vem ela abre tudo de novo...
144. eu costumo dizer que... esses netos... eu tenho dois segmentos de netos. {S} Quer dizer, eu tenho... um primeiro segmento, que são os netos, dos meus dois filhos mais velhos, que vai de um... o meu neto mais velho, que fez vinte nove anos, agora, no dia doze deste mês de julho, até a minha neta, que é do meu segundo filho, que vai fazer vinte e dois em novembro, então, esse é o meu primeiro segmento: de vinte nove a vinte dois.
145. na Galeria Cruzeiro, onde os bondes davam a volta, aí tomava um bonde até a Rua do Catete, outras vezes, saltava,
146. ia até a Praça da Bandeira, a pé, lá de casa, tomava um ônibus na Praça da Bandeira e saltava na Lapa,
147. É um, é um avental, não é, que vai até a altura do joelho e de manga comprida.
148. É um, uma, uma bota que vai até a altura do tornozelo, mais ou menos, você usava aquilo com, obrigatoriamente com meia preta e usava calça cáqui com uma lista vermelha, bem psicodélico.
149. /... se é menor se é maior se é mais bacana e tal nesse sentido Barcelona tem um lado profundamente... eh... provinciano... bairrista... que todo o desenvolvimento é engraçado que é de nível... da... da burguesia até a nobreza (porque Franco faz)... barões e condes e não sei o quê mas tudo de (nív/) são os comerciantes/ eh
150. depois disso houve um... um crescimento da cidade... gótico até o Renascimento do/
151. até o século catorze quinze muito interessante... em termos de construção da cidade...
152. todo esse fenômeno da imigração, essa saga, essa coisa toda, e, ligada à questão também da volta dos jesuítas que eu acho um fenômeno que não é muito trabalhado, e que é, e Nova Trento é um dos pontos onde a gente consegue entender, como é que isso foi crescendo, até a Companhia de Jesus ser detentora da PUC, de tanta coisa grande né, ali foi muito decisivo. {S} Então eu passei a ir muito a Nova Trento e fui criando laços,
153. Desce até Florianópolis, vai pro Sul, vai chegar
154. até a cidade de Laguna.
155. Isso, até, eu me casar. {S} Ainda morei em Botafogo um ano, antes de vir pra, um ano e meio mais ou menos até ir pro exterior, até Barcelona. {S} Acho que nesse final que isso foi ...
156. Minha mãe em 94 e poucos foi ao RS com o meu pai, foram até o sul do RS e
157. andaram, foram provavelmente até Laguna de carro e dali eles tomaram a praia.
158. e a casa da rua das Palmeiras que você me pediu pra falar, era uma casa, então, possivelmente, de, eu não sei a data precisa, tinha até muita vontade de saber, mas acredito, era um grande sobrado, sem porão habitável,
159. havia outras grandes casas quer dizer, a rua São Clemente era a mais residencial, salvo no início da Praia de Botafogo até o Colégio Jacobina na rua Bambina, eram pequenos sobrados
160. ... não quero pesar pra ninguém não ... mas coitado ... eu SEI que às vezes ele passa até necessidade ... que /também tem uma coisa muito orgulhoso ... ele era autônomo porque era orgulhoso e é até hoje ...
161. agora essa legislação é diferente mesmo ... o contratado até agora coisa de dois meses atrás um mês ... até o seu desconto era feito pelo Instituto Nacional de Previdência Social INPS ... e o servidor do estado pelo Instituto de Pensão do Estado da Guanabara IPEG ...
162. mas vocês estão cuidando dele agora né? {S} Está trabalhando com vocês ... pois é ... mas e depois ...

- {S}Inf.: isso a uns quatro anos ... ele dorme aqui ... de modo que nós temos até obrigação moral com ele ... cuidamos dele e da família indiretamente ...
163. responsabilidade é maior e vinte alunos não compensava pra eles /pra eles ... então cortaram as aulas até segunda ordem ... agora dentro do esquema legal ... todos estão perfeitamente aparados ... isso não é problema nenhum ...
164. Ela saiu da escola no ano passado, quer dizer, é colega dos outros ainda, até o nível de respeito é diminuído, é claro?{S} Não queremos que ela tenha ( inint. ) mas já ajuda um bocado.
165. Eu lembro a primeira vez que eu fui a Paris, eu me comovia tanto em chegar entrar numa rua e puxa! essa rua tem a editora de livros não sei que, viu, ou nessa rua foi mencionada (inint. ) até a rua, viu, isso é tudo lembrança de, de (inint. ) É cultura, isso é cultura, essa estratificação de valores.
166. porque a cidade do Rio de Janeiro era extremamente diversa do estado do Rio de Janeiro, viu, o Rio de Janeiro tinha, um padrão cultural e de hábitos e etc muito melhor do que o estado do Rio de Janeiro.{S} Niterói era até motivo de piada e etc e tal, e com a fusão,
167. Então, o Rio está realmente decaindo muito, decaindo muito.{S} Você vê em tudo.{S} Até viagem.{S} Antigamente todos os aviões internacionais paravam no Rio de Janeiro.{S} Paulista tinha que descer no Rio de Janeiro, pegar um aviãozinho para ir para São Paulo.{S} Hoje, não sei se é a maioria, mas grande parte já pára em São Paulo e não pára no Rio, viu?
168. Sim, ela não é cercada de praias, porque há lugares em que a montanha vai até a praia.
- E a gente em termos de terreno o que que a gente vê lá?
169. {S}Bom, na, eu, eu, eu estive de .{S}.. Saí, saí, não foi de Munique, espera, foi de uma outra cidade que eu não me recordo até Colônia, de,
170. qua... quase até Condessa, pelo Danúbio.{S} E nesta região, pelo menos, ele também, eh, ah, as margens são escarpadas.
171. E a senhora teve oportunidade de, de ir ao Vesúvio?  
{S}Não, até o Vesúvio eu te confesso que eu não fui, que eu preferi ficar pelo museu onde eu tinha pouco tempo.
172. Eu estava, estava vindo de, eu estava vindo do Rio Grande do Sul.{S} Eu tinha ido de navio e vol... voltei de avião.{S} E notei então, foi até o comissário de bordo que me disse que ali há sempre correntes aéreas, em cima de Florianópolis, em cima de Santa Catarina.
173. Por exemplo, aquele republicano, meu Deus, tem, tem até o nome de uma rua no, no Flamengo.  
{S}Garibaldi.  
{S}Não, não, ele era brasileiro, republicano nosso, que morreu no, no, no Vesúvio.{S} Como é que era o nome dele?  
{S}Ah, é!  
{S}Silva Jardim, né?
174. Três Marias, como é, o que que houve em Três Marias?{S} Você foi até Paulo Afonso?
175. O Rio Grande do Sul tem aquela maravilhosa, porque a subida da lagoa dos Patos é uma das coisas mais lindas do mundo de navio, que é você entrar, subir de Pelotas até Porto Alegre, né?
176. Aquela praça da prefeitura, às vezes eu vou, que a nossa casa é afastada, do outro lado da Rio-Teresópolis, pois eu vou com o meu marido até a cidade pra comprar alguma coisa,
177. Ela tinha sido aluna de um dos meus avós, os dois eram professores da Escola Normal e ela então tinha esse carinho de me levar e me trazer.{S} E ele foi se segurando nas grades pra poder chegar até a rua ...
178. Muita gente se queixou que os aparelhos eletrodomésticos quebraram por causa da, né.{S}.. Então, parece que eles andaram dando até indenização.{S} Agora, está certo?
179. {S}Inf. [ ] eu tomo por esse tipo de plano, com certeza, né?{S} Agora, a evolução basicamente é infinita, né... você vê que até o Universo todo está evoluindo.{S} De vez em quando estoura uma super [ ] e vêm outras, e isso e aquilo.
180. É, no alto de árvores, tem um tal lá...que parece que já está lotado até o ano 2000 .{S}... E agora eles já fizeram mais ... ampliaram o hotel, sempre naquele sistema,

181. Visando verificar se os fenômenos investigados poderiam sofrer influência do grau de escolarização do falante, selecionamos falantes que estivessem cursando diferentes séries da escola regular. {S} Cobrimos desde o momento da alfabetização até o término do terceiro grau.
182. todo mundo pertinho da caixa de som... ninguém entendia nada do que eu falava... aí... fui falando... falando... até a hora que eu não agüentei mais falar... aí passei pra outra pessoa...
183. e acrescentar mais um pouco mais de farinha de trigo... até a massa ficar... bem consistente...
184. o caminho era perigoso para uma menina sozinha. {S} Fui com ela até a cidade alta à pé e conversamos sobre várias coisas
185. Só que ele sempre levava o sujeito para uma roseira onde ficava até a pessoa sair, se espetando nos espinhos da roseira
186. bati na árvore... fiquei lá mesmo... eu perdi até a respiração na hora... fiquei. {S}.. TUM... estatelado... e ela lá no meio das rosas... pra ninguém pegar... aquela desgraçada... miserável...
187. eu fiquei por último, e a professora não tinha mais prova para me dar. {S} Ela foi até a mesa e me deu outra prova, e quando eu vi, para surpresa minha, era a mesma prova do quarto bimestre. {S} Eu fiz tudo. pois eu tinha estudado pela prova só de lembrar, e passei de ano.
188. não deixou ela subir... pra ir assistir à aula... e ela ia fazer prova... então o diretor foi até a coordenação... pra pegar um papel e dar advertência...
189. Depois coloca a mistura numa panela e leva ao fogo até a mistura ir engrossando, quando ficar um pouco grossa está pronta.
190. pincele a mussarela com azeite e jogue orégano e leve ao forno até a mussarela ficar bem derretida,
191. Ela não sabe como fez, mas olhou para ele e bem alto berrou:  
{S} Esta amarrado, em nome de Jesus!  
{S} Pegou a mão da irmã, passaram a roleta, não pagaram e pediram ao motorista que parasse, saltaram e deixaram todos sem entender nada, até o ladrão. {S} Isto em questão de segundos.
192. Certa vez ao sair do banho, enrolado na toalha, fui até o quarto para que pudesse apanhar uma cueca e colocar uma roupa. {S} Ao apanhar a cueca, retirei a toalha e sentei-me na cama afim de vesti-la,
193. aí continuei estudando... eu estava estudando... continuei estudando... e tal... mesmo grávida... eu fui até o final da gravidez... eh:: estudando... aí quando a minha filha mais nova nasceu... eu procurei uma pessoa pra tomar conta dela...
194. uando o onibus foi chegando, nós também íamos chegando no ponto e foi aquela correria para não perdermos o onibus. {S} Eu gritava muito chamando os amigos e tentando segurar o motorista parado até o último amigo subir
195. eu estava esperando você passar aqui... deixei até a fita..." uma fita que eu tinha que/ que eu tinha que ter entregue pra ele "a fita com a minha mãe..." e tal...
196. então eles não/ nem sabem o que que é Brasil... e::... e é bom/ eu acho que... o caminho é as pessoas... se rebelarem um pouco... pararem só de reclamar... e tomarem mais atitudes... aqui... politicamente... tipo... a/ as pessoas... têm dificuldade de aceitar até a UNE... que é a coisa mais certa... que tem que acontecer... é uma instituição que tem um poder enorme...
197. isso é muito ruim... porque se tivesse um plano já definido... até investimentos estrangeiros podiam vir pro::... pro Brasil... né? o Brasil é apontado hoje em dia no mundo inteiro como um dos piores lugares no mundo pra você investir... investir
198. o Brasil é apontado como um dos piores... só perde pra Iugoslávia que está em guerra civil ((riso)) pra Etiópia... só perde pra coisa assim... até o::/ até Paraguai. {S}.. Uruguai... assim. {S}.. Bolívia... eu li uma reportagem que... pô... todos os países da América Latina tão melh/ são...
199. tinha acabado a bebida toda... né? e os caras na... na maior pilha ainda... querendo beber... não sei o quê... aí os/ o dono da festa falou pra eles irem comprar mais que ele dava até o dinheiro... aí eles pegaram os ((riso)) os cascos... né?

200. Centro Tecnológico da PUC que::... sempre foi o maior do... do Rio de Janeiro... um dos maiores do Brasil... está completamente sem verba e ameaçado de fechar até o final do ano... quer dizer... se uma:: universidade do porte da PUC... está passando por isso... imagina as federais...
201. Assim que parei o carro na fila de entrada dei conta de que conhecia o carro que estava à minha frente, e era sem dúvida o carro do rapaz que namorava a minha irmã, hoje meu cunhado. {S} Reconhecido o carro o que fazer; {S} bem eu fiquei furioso e resolvi ir ver com quem que ele estava traindo minha irmã. {S} Abri a porta do carro em que me encontrava e me puz à caminhar até o carro dele,
202. só não podia imaginar que ao chegar até ao carro dele iria encontrar minha irmã ao lado dele agora imagine só a situação como não ficou. {S} Ficou um clima horrível e acabou estragando a noite de todos.
203. bota um pouco de óleo... põe o milho... e mexe... com a colher... mexe... mexe... até a pipoca ficar balançando...
204. como é que é? é grande... [é pequena...] me conta aí... [ah...] é grande... pelo menos uns... oitenta pés... oitenta pés? oitenta passos ( ) até o final...
205. até a porta... uhn... que mais que tem? só tem isso...
206. eu gostaria de ficar nesta escola até a universidade porque essa escola é a minha vida e eu não quero sair dessa escola nunca ... eu não quero sair dessa escola nunca eu adoro essa escola e vou continuar adorando até eu crescer e me formar nessa escola pra ser médico picicriata e também esta escola fica muito perto da minha residencia que eu moro hoje e ai eu quero continuar nesse colégio
207. até a universidade.
208. o garoto fez pênalti... e o outro não aceitou... aí... brigaram... o outro garoto ajuntou no outro... aí chegou até a polícia... pra separar os dois times... nossa...
209. separar os dois times... que... na minha rua só tem grandão... quando jogam... time assim... (quadra) lá na Quinta da Boa Vista... aí diz que... teve até polícia pra separar... ele tinha uma bicicleta... aí ele saiu... né?
210. teve um dia minha mãe tava indo me buscar ela estava no 243 ai o um ônibus foi cortado e ao mesmo tempo ele atropelou um garoto minha mãe estava na frente quase que bate com a cabeça no ferro todo mundo desceu o garoto estava todo emsangüentado minha mãe preocupada com eu no colégio ai ela foi chamar a ambulancia ai quando veio minha mãe pegou o ônibus e foi me buscar quando ela chegou lá erra tarde mas muito tarde aí eu briguei com ela porque tinha demorado tanto ai a viagem toda do colégio até a minha casa ficou falando ate me mostrou o local onde aconteceu.
211. gostávamos de fazer, era irmos pro Alto da Boa Vista na época do verão, que era uma delícia, uma temperatura deliciosa. {S} Iam as famílias assim, levavam uma colcha, uma qualquer coisa pra botar na grama todo mundo sentava, ficava até tarde, até, o calor melhorar.
212. então quer dizer pra cada empregado há uma média de trinta e quarenta descontados todo mês /depositados todo mês no INPS ... isso faz com que o INPS tenha recurso pra atender é:: dar assistência médica ... social ... hospitalar ... inclusive e até aposentadoria ... completado aquele tempo de trabalho normal que a lei prevê ... o operário requer a sua aposentadoria ... é feito então um cálculo sobre os três últimos anos de salário do empregado ...
213. realmente eu tenho que reconhecer que há muita falsida/ há muita dificuldade... ( dinheiro está muito baixo) as pessoas... até a classe intelectual... como o caso das professoras... que vivem realmente numa miséria...
214. Ele me pediu licença e disse vou até o portão e rápido... mais aí esse rápido estava ficando demorado... aí eu resolvi ferificar e fui ao chegar lá o que vejo ele nos braços da outra aos beijos quando eu vi...
215. Quais eram essas brincadeiras?  
{S}LOC - Pular fogueira, era subir o pau de sebo, era o casamento, então essas coisas, era beber lá toda, a quadrilha, que é o normal, não passava disso, aqui, às vezes fazem até maldade de soltar coisas, né, que venham até, criar problema para a nossa natureza mesmo né, balões imensos, há pouco tempo mesmo eu participei de uma, uma festa junina aí que soltavam balões aqueles que , proibitivos ...

216. Depois vem um segundo segmento, que começa com... o filho mais velho de minha filha, fez quatorze anos, e vai até o filho mais moço dela, e o filho mais moço, do meu filho mais moço, que... estão com... estão fazendo dez anos.
217. aí... o outro... que estava na minha frente... que tomou a espetada... olhou pra trás... viu na minha mesa... falou pra professora que tinha sido eu... mas tinha sido o colega do lado... aí... o:/ foi até um professor de... de geografia... ele dava aula pra mim... aí chamou a dire/ eh... a diretora... dona Célia... aí a dona Célia veio aqui... pagou um esporro pra mim... eu falei que foi o garoto do lado... aí o garoto não confessou...
218. nunca tive mesmo não... e nem pretendo porque eles são tão legais co... comigo que... comigo e com os meus/ com os meninos da nossa turma.. com os alunos... não tem nenhum problema mesmo... há turmas aqui... que têm alunos... que... que têm problemas com professores... que gosta de... desrespeitar... entendeu? então na minha turma não... não há isso não... há até uma grande união.. entre os alunos e os professores...
219. De repente a Tijuca é, a Tijuca é mais antiga, não sei, talvez, algumas vilas, casas de vila, assim, mas não vejo, também nunca re ... sinceramente nunca reparei muito.{S} Meu irmão daria de repente até uma resposta melhor, mas, não sei, não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido.
220. mas em aniversário... quando se reúnem várias pessoas... normalmente é na casa de alguém... né... raramente em algum clube... normalmente em casa...e conversa-se muito... brinca-se muito... todo mundo... um encarnando no outro... um negócio animado realmente...todo mundo procura prestar atenção em todo mundo... todo mundo procura conversar com todo mundo... é até uma data assim... que as pessoas vêem pessoas que não se vêem há muito tempo...
221. Aí, eu acabei também e era aquele negócio: eu não estava acostumado a ganhar dinheiro e a gastar dinheiro, de repente eu comecei ganhar dinheiro e a aprender gastar dinheiro.{S} Ora, pra quem tinha levado uma vida inteira, até os dezoito, dezoito anos sem saber gastar dinheiro, porque não tinha como, papai não dava mesada, não tinha nada disso.

## Até + VERBO

1. Certo dia eu fui a casa desta menina e encontrei esse garoto, começamos a conversar e eu descobri que tudo que ela me contava, que ele não gostava de mim, era mentira, e ele até gostava de mim também. {S}

a máquina tinha sumido minha irmã ficou desesperada e não sabia mais o que fazer chorava demais no interior da loja e chegou a desmaiar por 10 min.

2. {S} Ela veio chorando o tempo todo de campo grande até em casa. {S} Assim que eu dei o copo d'água para ela, ela resolveu contar tudo. {S} Mas agora ela já está conformada e até perdeu as esperanças.
3. esses novos italianos aí agora estão fazendo:... eles têm: agora eles tão fazendo:... eles tão fazendo:... seis dias daqui a: {S}... Portugal ou Espanha né? são mais dois até... são mais dois até a Itália...
4. ...eu costume até pilheriar que houve uma grande evolução da sociedade brasileira principalmente a carioca...
5. você até pensa... se você pesar... que nenhuma molequinha... nenhum íon... ionzinho de cloro... de sódio ou de prata estão livres na solução... estão... estão sempre... por mínimo que seja até a gente se dissolve... caiu na piscina tem um pouquinho de... ( ) dissolvido lá dentro... eu sou muito pouco solúvel... mas tem sempre alguma... alguma solubilidade sim... então o aspecto básico é o seguinte... um sal muito pouco solúvel... a quantidade de íons que existe...
6. altamente zona sul, quer dizer, quando eu, vou, às vezes, até até fazer compra, praça Saens Pena assim, né, você pega, o local na Tijuca que você mais faz compras, é, sábado, que por acaso eu tô em casa
7. ela foi e me levou num convento. {S}.. Cenáculo... ali nas Laranjeiras... pra falar com uma madre Pimentel que eu acho que foi colega dela e tal... depois... então eu partici... ia lá... conversava com ela e depois e fiz até um retiro e minha mãe até ficou muito preocupada... pensou que eu fosse ser freira...
8. mas em aniversário... quando se reúnem várias pessoas... normalmente é na casa de alguém... né... raramente em algum clube... normalmente em casa...e conversa-se muito... brinca-se muito... todo mundo... um encarnando no outro... um negócio animado realmente...todo mundo procura prestar atenção em todo mundo... todo mundo procura conversar com todo mundo... é até uma data assim... que as pessoas vêem pessoas que não se vêem há muito tempo...às vezes até se conversam pelo telefone mas não... não se vê...
9. mas eclipses já vi vários... na fazenda então vê-se... né... inúmeras vezes vi eclipse total do sol... vi eclipse da lua... ( ) uma coisa linda... vi muitas vezes... desde criança... que eu via eclipse... via... às vezes ficava até acordada até às tantas pra ver o eclipse... pra ver um fenômeno desses... agora nunca vi foi cometa nenhum... isso eu nunca vi... porque há uns anos atrás... há poucos anos atrás teve um né?
10. Há algum tempo estava conversando em um grupo com um amigo sobre a importância da mulher não só na sociedade mas como ser humano e sua imagem, o símbolo que ela gera como mãe em potencial e etc. {S} Fui até taxado de machista, mas não acredito que seja assim
11. totalmente dark com os olhos/ com a maquiagem bem sinistra... e nós íamos de ônibus... e a minha mãe foi até acompanhando a gente porque nós íamos voltar muito tarde... então nós pegamos/ a festa se não me engano era em. {S}.. Madureira... e nós ficamos/ tínhamos que pegar o ônibus era umas oito da noite...
12. eh... “não gostei disso que você fez...” abertamente... entendeu? e a pessoa também poder chegar assim... fazer críticas... e você... aceitar aquelas críticas e... até analisar... né?
13. eu gosto de criar assim algum quadro com papel... e ele gosta de espalhar... às vezes assim em cima da minha beliche... inclusive ele até botou um quadro do Van Damme...
14. até tirei ele da beliche e botei ele mais pra frente... e tem pouco espaço... esse quarto não é muito grande não... mas dá pra dividir pra duas pessoas...
15. A massa da lasanha, primeiro tem que colocar no fogo até ferver a massa e ela ficar mole.
16. compra a massa... a massa já:/: tem que primeiro colocar no fogo... né? numa água... tem que ferver... ou até ferver a água pra ela ficar mole... né? ou como massa de macarrão... af... d
17. Quando tudo estiver bem batido, é só colocar nas forminhas e levar a geladeira até ficar duro. {S} Aí pronto, é só comer.
18. e depois acrescenta mais ou menos duzentos e cinquenta gramas... trezentas gramas de farinha de trigo... e aí você mistura até ficar consistente... depois você desliga o fogo...

19. mas ele é super gostoso... eu adoro ficar no meu quarto... às vezes eu troco até ficar na rua... sair com as colegas... só pra ficar dentro dele... adoro ele mesmo...
20. você põe numa panela e vai mexendo no fogo até ficar com aquela consistência assim... não muito dura... mas também molinho assim... aí já está pronto o molho.
21. que é pra se... cair alguma coisa na tua tela... embaixo... você não mancha... você não perde o teu desenho... e você basta passar óleo de linhaça... ou então até dar uma raspadinha que a tinta sai... e depois você vê qual é a outra... cor diferente que já vai entrar naquele lugar... e cobre...
22. temos apenas um circulador... e às vezes até diminui... porque quando está calor... chega a diminuir o quarto mais ainda... por ser ele pequeno... ainda fica mais espaço do circulador... que a gente bota uma cadeirinha...
23. Pego um copo de 250ml com leite e sal, leva-se ao fogo e depois acrescenta-se um tablete de fermento biológico e depois 250g de farinha de trigo, mistura-se até obter a consistência certa
24. u alguma coisa que você lembre que alguém tenha falado pra você... uma história...  
{S}I: ah... essa história... até ouvi há pouco tempo aqui no colégio mesmo... né? que um colega meu vindo... vindo pra cá... ele... ele pegou um ônibus cheio... né? aí... no momento que ele ia soltar do ônibus... tinha uma se/ uma senhora não... uma... uma mulher que devia... que devia ter uns trinta e poucos anos assim... ele disse... né?
25. ela ficava mexendo na roseira... e o cara se espetando no... nos espinhos da rosa... né? até sair... quando saía... ela vinha... ficava... no meio do pasto... a gente montava na... na Melindrosa... a
26. É uma espécie de macarrão que vem em uma embalagem plástica geralmente para uma pessoa, podendo até ser para duas ou três, desde que satisfaça o apetite de cada uma.
27. aí ela chegou na minha casa apavorada... depois... ela ficou super assustada... chegou até tremendo... poxa... como uma pessoa que ela tinha falado numa boa lá atrás chegou e assaltou ela na mesma hora? não teve nem... a:::
28. bato no liquidificador com duas gemas... depois levo ao fogo... um bocadinho de {S}: Cremogema... aí mexo... vou mexendo até virar um mingau...
29. minha mãe me contou que quando ela era pequena... ela... não... não... tinha comida... e ela ia pra escola... só comia batata doce... e ela... quando ela não/ ela::... não fazia o que a mãe pedia... a mãe batia nela até sangrar... sangrar...
30. pode levar um monte de coisa... pode andar de cavalo... de pônei... tem carneiro... a gente pode brincar com ele... eh::... até também tem alguns bichinhos que a gente gosta muito...
31. e alguns que a gente até tem medo... tem pônei... que a gente pode levar... eh a gente pode levar eh::... eh::... eh::... o seu... gatinho... po/ gatinha... ( )
32. A gente saiu correndo, pegamos a passagem errada e tivemos que descer por um matagal até conseguir voltar para o túnel. {S}
33. A Patrícia conseguiu socorro com um surfista que passava, subiu na prancha e não conseguiu nem remar. {S} Ferdi e Carla tomaram alguns caixotes até conseguirem sair, e Diná saiu com ajuda de dois salva-vidas enormes, ela muito branca, tipo europeu e eles,
34. olha... a situação política... eh::... eu... tipo assim... eu não sou a pessoa mais informada assim nem me/ procuro... sabe? muito... eu acho que eu até devia procurar me informar mais... mas é que... sabe quando você sente que está:/ não tem jeito... eu... eu/ está... está tudo destruído... sabe?
35. meu quarto... ó... ele nem... nem é:/ ele não é... grande... ele é pequeno... tem:/ mas ele é... é gostoso... que eu gosto de coisa entulhada... entendeu? ((riso)) eu acho... tipo assim... eu até disfarço... que ele é pequeno... né? o pessoal acha que é porque ele está muito cheio... então tem... tem uma cama...
36. tudo assim meio jogado... mas/ é bagunça mas eu entendo... né? em frente à cama tem a televisão... que fica também na frente da janela... assim::... e o que mais? que ela fica no alto... assim... até é um saco... que o meu controle...
37. udo certinho assim mesmo... meio... meio designer... aí... tem a prancheta que eu comprei há pouco tempo também... que ela até está sem forrar...que ela está ainda no:/ tem que colocar um plástico...

38. vai deitar na sopa... vai rolar... pô... não paga nada... não paga nem imposto... não faz nada... por isso que agora muitos deles até estão bo/ tirando a própria mercadoria da loja... e estão botando no camelô vendendo na própria frente da loja... como se fosse camelô...
39. não fica assustada não... porque eu tenho mania muito de falar “no meu modo de ver... no meu modo de pensar...” sabe? minha mãe costuma até falar que eu sou... meio assim... meio político...
40. enquanto o Brasil se encontrar nessa situação de dependência... entendeu? de outros países... essa situação não muda... entendeu? pode até mudar como falam que mudou na Argentina... que mudou no Chile...com a Argentina agora com esse novo plano... entendeu? mas eu acho muito difícil... muito difícil porque aqui no Brasil... as pessoas/ os empresários... tá? os empresários assim... pô:... de mais importância... entendeu?
41. você vê um político falando numa hora de um jeito... aí daqui a pouco ele... junta com outro de outro partido... tudo bem que possa até mudar de opinião... mas muda... e não ajuda... sabe? as coisas não andam...
42. {S}Depois de todo o sufoco entramos no carro que estava inundado;{S} nos esquecemos de fechar os vidros;{S} e continuamos a viagem até parar em algum posto para ver se estava tudo certo.
43. e nisso vai lançar imposto pra ver se entra mais dinheiro... agora... a gente é que sofre... né? porque eles estão lá... tentando... segurar... uma... uma situação econômica... e... não vê/ não vêem a... a população... né? eles até pensam na população... só que... ao meu ver... não é uma coisa que chega pra gente muito correta... né? tipo... a classe média..
44. você queria que eu te explicasse alguma coisa que eu sei fazer? olha... eu sou um cara que eu... gosto muito de estudar... sou um cara estudioso... entendeu? mas a coisa que eu mais gosto de fazer mesmo eu acho que não vai dar pra você aprender não... vou até:/ posso até tentar te explicar...
45. você faz isso... faz aquilo... e no final das contas... você fica um desempregado... fica à mercê de uma sociedade... onde uma cu/ eh... uma cúpula/ onde o poder mantém nessa cúpula... tipo assim... se eu tenho dinheiro... eu sou um empresário... eu vou ajudar o cara? ele pode até ter valor... mas o problema é dele... eu vou ajudar meu irm/ meu filho... meu irmão... um tio... um parente... não interessa... entendeu?
46. meu quarto é o paraíso... entendeu? se você entrar você vai até tomar um susto... não é aquele quarto... exuberante... todo arrumado... quarto de homem...
47. as pessoas não têm controle de nada... as pessoas aumentam tudo mesmo... entendeu? tudo bem que a gente até vive num mundo capitalista... né? e as pessoas visam... o lucro mesmo... e
48. Olhem a minha opinião sobre o casamento é essa eu acho que o casamento é uma decisão muito séria dez de quando a pessoa chega a pensar em se casar... ela deve pensar muito repençar até chegar à uma resposta certa.
49. coloca tudo no liqüidificador... os ovos... o óleo... o leite... farinha... fermento... fermento... tá? aí você coloca tudo no liqüidificador... aí bate... até ficar aquele creme... bem... bem fininho... tá?
50. eu penso que essa escola é boa... mas só tem algumas coisas ruins... também... assim... como os pichadores que picham... aqui a escola... já até botaram uma folha apropriada para piches... mas algumas vezes eles picham na parede... que eles já estão acostumados... esses vândalos... e também gosto muito nessa escola... dos meus amigos... dos meus professores... tudo isso...
51. a colega da minha mãe... era muito amiga dela... ia na casa dela... comia... bebia lá... só... que alguns tempos ela passou andando com meu pai... meu pai toda vez que chegava bêbado... ele batia muito na minha mãe... que ela inventava um bocado de fofoca... ela e as cole/amigas dela... aí/ até chegar um certo/ e um dia ele já
52. veio até/ chegou a queimar a minha (mão) eu era pequenininha...
53. Quando ele contou que foi a praia ele falou que viu um monte de peixes e ele foi nadando até chegar num barco que tinha um monte de marinheiros que deu comida, presentes e muitas outras coisas que veio na idéia,
54. Que eu fiquei com trauma... quando ela me levava na praia... eu não conseguia/ eu não entrava na água por causa do medo... que eu ficava na minha cabeça aquilo registrado... aí ela me botou na... natação... lá... no colégio ACN... aí... nos primeiros dias eu ficava com medo... pensava que ia... fa/ acontecer a mesma coisa... mas... com o tempo eu fui me acostumando... e hoje... até entro assim... não/ sem medo da água... porque... este meu trauma passou...
55. aí depois você pega... bota creme de leite... deixa um tempo também... fica mexendo... mexendo... até ficar bom... aí quando ficar bom... você desliga o fogo... e... está pronto... pra comer...

56. eu fui pra Bahia... aí a minha tia tinha dito... que... a minha avó também tinha morrido... mas a ligação estava muito cara... não deu pra ligar... ela... ia até mandar uma carta... mas não deu... aí eu fiquei sabendo que minha avó tinha morrido...
57. tinha um colega nosso... um garotinho... acho que ele até estuda aqui no colégio... ele... ele pegou um pano... forrou no chão... na encruzilhada... deitou... forrou outro por cima... botou quatro velas assim em volta dele... cobriu o rosto e ficou ali deitado...
58. rimeiro coloca os ovos junto com a farinha, o fermento, o leite e a farinha de milho. {S} Mistura bem até ficar pastoso depois disso, coloca na foma e põe no forno.
59. ela falava era menti:ra... que ele não me chamava de infantil coisa nenhuma... que ele até gostava de mim... se amarrava na minha... e::
60. Quando eu faço o arroz... eu pego da lata... ponho na bacia... lavo bastante... umas dez vezes... até sair aquela água branca... depois pego... esco... pego alho/ ponho uma panela...
61. ninguém sabia informar... quem tinha roubado a máquina... meu pai a princípio até suspeitou mesmo de gente que trabalha na própria Casa Mattos... próprio colega do meu cunhado...
62. agora vou dizer como se faz. {S} Primeiro nós lichamos a parede com licha de parede até tirar toda massa; {S} depois colocamos a massa de parede para emagrar depois de dois dia estará pronta para pintar com tinta plastica.
63. Fui, fui quase suspenso, é, coisa que nunca aconteceu no S. José nem na . {S}. Até aconteceu sim, aconteceu sim,
64. você via no curso pré-vestibular, colegas, que tavam ali, quer dizer, podiam até aprender a matéria do pré-vestibular mas, a base que era fazer uma conta não sabia,
65. Então é complicado, só quando entra pro profissional não, já é mais direcionado, é um negócio melhor. {S} A idéia do curso de Engenharia, aí, quer dizer, que a gente depende, que eu até dependo também, e o professor de, o diretor atual, depende é, separar os cursos já na no vestibular.
66. É, depende, é depende da escola né, eu gostava muito da escola, do S. José eu gostava muito. {S} Até foi um “baque” quando eu entrei pra escola Técnica porque foi uma mudança muito grande assim né, me tornei um pouco mais independente porque, é, depois tive que estudar à noite
67. acho que aqui no Brasil mais em casa não é pelo fator econômico...porque os restaurantes são MUITO puxados...até acho que os estu/os estudantes deviam ter. {S}..MAIS clubes. {S}..MAIS agremiações que facilita:ssem que abaixassem o pre:ço o governo DEVEIA se interessar por isso...a maioria da classe MÉDIA...
68. O menino deve ser louco pra comer açúcar. {S} O dia que ele pegar um saco de bala né, mas não sou eu que vou dar né. {S} Não pode.  
{S}DOC - De repente ele até estranha né  
{S}LOC - Não sei não, sabe, não sei, porque na creche, ela agora vai ser difícil controlar, é como ela diz, eu não vou poder controlar, mas, enquanto eu puder eu controlo, porque mais tarde, fatalmente né, no colégio então.
69. É, mas tem pessoas que gostam né,tem aquela alegria, alegria de cozinhar mesmo né.  
{S}DOC - Eu até gosto né mas assim um dia [ ? ]  
{S}LOC - É um dia, quando você tá disposta, agora por obrigação, eu acho que aí, é difícil, às vezes uma pessoa, você que já chega cansada, a mulher geralmente também já trabalha, fora, chega cansada. {S} O homem também já ajuda muito.
70. Eu até já dei uma entrevista pra Alice, de produtos que havia e que não existem mais, e coisas que existem agora e não existiam antigamente compreende, que a Escola Alemã fez, muito interessante.
71. Mas você conhece os vegetarianos não é?  
{S}DOC - É, conheço alguns. {S} Eu ia até perguntar isso.
72. Ah, não sei se vai dar certo, tipo assim, como eu penso, ah não, eu acho que em um ano a gente se separa, se a gente se casar, mas, de repente não, né, até dá certo, não sei, é muito difícil né?
73. e eu tiver um pouquinho nervosa, eu já desando, falo, os palavrões que eu conheço, acho que eu até invento palavrão, e, e eu conheço gente que os pais.
74. Agora a gente tá brigado, tem duas semanas que a gente nem se fala, aí, mas aí, até passar a raiva, pensar se, vale a pena voltar, não vale a pena voltar e tal, não sei o que, aí pelo menos fica cada um na sua casa, ele sai

com os amigos dele, eu saio com os meus, entendeu. {S} Não é, oh, relação aberta, não é isso, mas ...

75. Mas, depois assim na sua adolescência, não tinha grupinho?

{S}LOC - Não. {S}.. Tinha

{S}DOC - ( ininteligível )

{S}LOC - Não até tinha mas, não era muito constante entendeu

76. E os outros, você não tem ligação por quê? {S} Moram longe...

{S}LOC - Não .{S}.. Sei lá, eu já até tive, já tive, ... já teve, parente por parte por parte do meu pai por exemplo, uma prima que aí, porque o meu pai casou muito tarde, entendeu, meu pai casou com trinta e nove anos.

77. eu moro, só com uma filha, então até dá, né, porque eu tenho um quarto, ela tem o outro, tem um pequeno quartinho que a gente faz de escritório, e tem uma sala muito pequena, se você quer dar uma festinha por exemplo não precisa ser festa não

78. E, vem cá, é, se você descrever assim, por exemplo, a arquitetura da Tijuca. {S} Você acha que a Tijuca tem uma arquitetura diferente de outros, ou até comparando com, mesmo comparando com outros bairros. {S} Você poderia dividir a cidade em arquiteturas próprias de determinado lugar?

Não tem, assim, nenhum bairro da cidade que você acha, é, tipo, assim, se você visse uma fotografia e visse: {S} Ah, esse aqui tem cara desse lugar!

79. {S}Loc - Poderia até falar, assim, uma casa mais antiga: {S} Ah tem cara de Catete, Cosme Velho, sei lá, mas ia ser muito chute ( risos ): tem cara de ... esse, aquele e aí [ chutava] mesmo.

80. depois fui eu comecei a fazer, a, cursar faculdade, e eu já nadava aqui no Flamengo, quer dizer, ficou meio, altamente zona sul, quer dizer, quando eu, vou, às vezes, até até fazer compra, praça Saens Pena assim, né, você pega, o local na Tijuca que você mais faz compras, é, sábado, que por acaso eu tô em casa, mas geralmente, tô, ou venho treinar de manhã, ou então às vezes vai pra shopping, mais tarde.

81. Primeiro, o respeito com as pessoas, tá. {S} Aqui no Rio, de repente a gente já tem um um preconceito contra isso, é tipo, assim: {S} Ah não, aqui no Rio nada funciona! {S} Ou neguinho já vai na base da malandragem, já quer te passar pra trás, de repente alguns lugares até funciona porque você, muitas vezes encontra boas pessoas por aí, tá.

82. Você imagina que lá não tem perigo nenhum!

{S}Loc - É, e tem. {S} É pode até ter de repente tem, você vai pra Nova York tem.

83. Aí eu falei: {S} Não, já até vi, mas é que a paisagem, assim, é diferente da paisagem que a gente tem no Brasil. {S} Aí eu falei assim: {S} Não, é porque a paisagem tá bonita. ( risos ).

84. realmente tenho muitas opções do que fazer...só que às vezes a gente fica assim na dúvida do que às vezes até escolher né... porque você tem tanta coisa pra fazer que você fica pô qual que será o melhor pra hoje?

85. e você não acha que (a sua filha) comendo no Mc Donald's... isso não quebra um pouquinho essa dieta?

{S}Loc: quebra... quebra um pouquinho essa dieta... ontem mesmo nós fomos no dentista... do dentista tinha que passar no Bob's pra ela... aí se alimentar... um hamburguer.. batata frita...pra levar pro balé... até chegar em casa e jantar... quer dizer... isso também não é sempre né? eu corto...

86. eu simplesmente chamei o garçon e falei... olha... tem uma barata... ele não quis até cobrar... eu... não... o problema não é cobrar... o problema é... “ah... o senhor me desculpe... desculpe...” está bem... agora... tem que tomar mais cuidado né?

87. eu acho que não... acho que agora até está melhor... né? porque você... agora você... toma suco de laranja... você come ... iogurte... um danone né... isso tudo... hoje você não precisa fazer coalhada como antigamente... você vai no super mercado e compra coalhada pronta... eu... por exemplo... gosto de coalhada....

88. cerca de uns vinte dias atrás... houve problema de água lá em casa... a água estava muito... com muito cloro... aí... eu passei mal... eu... minha sogra... meu filho... tanto que hoje... eu estou até fervendo a água... botando no filtro... só... agora... quanto à alimentação não... acho que não tem problema... nesse ponto lá em casa a gente é muito cuidadoso... não comer essas coisas ... essas...

89. Não sei falar uma palavra de francês! {S} Quer dizer, não sei se eles vão se separar, Quebec ou não, tem um movimento lá pra separar, até justifica mas é problema deles (risos) eles que se, que se entendam lá.

{S}Doc - No caso, por exemplo tá, do Canadá, é, você visitou mais de uma cidade?

90. minha mãe fazia muito... toda sexta-feira santa... é uma comida que você tem que fazer pra mais de dez pessoas... tem que ser aquela comida com muita... é muita quantidade pra poder até pegar gosto... então tem um lugar lá no ( ) que é o Senac... eles... eles fazem um curso profiss/ profissionalizante né... então pra garçon...
91. nós fomos olha... na Bahia tem um lugar no ( ) é o Senac... veja bem... você quando vai no restaurante... se você pedir um vatapá... pode até vir não sei... porque não fui... mas é uma comida que... é uma comida que tem que ser feita em grande quantidade... pelo menos eu conheço vatapá... meus pais... minha mãe fazia muito... toda sexta-feira santa... é uma comida que você tem que fazer pra mais de dez pessoas...
92. Porque ele ficou um período viúvo até casar de novo. {S} Aí, quando casou outra vez, já houve
93. por parte daqueles jogadores... se um deles transgride... ele pode ser advertido... e pode ser até expulso... de campo... quando pratica uma falta... violenta... com/ eh: fala... determinadas palavras... de baixo escalão... e uma série de coisas...
94. nós temos oportunidade de ver aí... como Jairzinho e outros que correm... fazem gol aí... fabulosos... ao passo que este não... esse é um toque de bola... que chega de pé em pé... até ir a... algum adversário...
95. Na época não, na época em que eu era jovem, escolas de samba, qualquer cidadão poderia até assistir porque, era em plena Presidente Vargas. {S} Então a gente ia pro baile, participava daqueles. {S} Depois assistia os carros alegóricos das escolas de samba, tudo normal, você passando de bonde, não tinha, nada disso, hoje não, hoje vale milhões e milhões de dólares por causa dos, contraventores né então deixa pra lá não vou pra lá.
96. Piano. {S} Gostaria de tocar piano, mas não tive oportunidade e depois também, a idade vai chegando, preguiça aquela coisa. {S} Eu até poderia ter, mas, perde o "elan" né, de certa, tem outras coisas pra fazer, tem que se pensar na vida, cotidiana, tem que se pensar, em ganhar o dia-a-dia e honestamente, manter uma família que hoje, você vê, quatro filhos, graças a Deus dois já estão encaminhados,
97. ahn já existem organizações... que têm creches no... a mãe leva o filho e deixa numa creche...  
{S}Doc: sim...  
{S}Loc: no local de trabalho né?... nessa...  
{S}Doc: até existe uma faculdade... que os funcionários... né?... inclusive os alunos também não é?...
98. um é diplomata o outro é jornalista... de uma: até de uma revista que vocês devem era até há pouco tempo agora ele mudou de revista... era uma revista que é muito lida aí pela... pela nova geração que é Veja...  
Doc: hum...
99. Mas, eu gosto, realmente, gosto. {S} Eu estive nos Estados Unidos, duas vezes. {S} Uma das vezes, até fiz uma viagem, pelo Estados Unidos, soltei em Miami, estive em Nova Orleans, estive em São Francisco, estive em Washington, terminei em Nova York
100. tem assim um filho em cada lugar. {S} Isso me... me deixa um pouco... triste, assim, de não poder tê-los mais... freqüentemente comigo. {S} E, para reunir, então, muito mais difícil. {S} Nós agora até fizemos uma reunião, em maio, que o aniversário de minha mulher, coincidiu com o dia das mães, né, foi... por coincidência, meu filho... diplomata estava no Rio nesse dia, de modo que foi fácil trazer.
101. houve um um intervalo de oito anos, nasceu a nossa filha, e... houve um intervalo grande, que eu até perdi a conta, nasceu o nosso caçula, que é outro homem. {S} Então, são... quatro filhos, todos eles casados, e... todos eles com filhos
102. Fazemos um... ainda fazemos um...um almoço...anual, que vai diminuindo o comparecimento a cada ano. {S} Bom, esse ano devemos até ter um comparecimento muito maior, porque esse ano eu completo sessenta anos de formado.
103. eu não senti mudança, mas evidentemente, que a gente acompanhando... o movimento...familiar, o movimento de... através de conhecidos, de amigos, e tal, sente-se que... eu não, não, não, não colocaria, propriamente, o divórcio. {S} Eu acho que o divórcio até tinha que vir. {S} Eu acho que quando duas pessoas não tem mais condições de viver juntos.
104. o tal negócio, é, agora, acho que eu tô até me lembrando da entrevista de vinte anos atrás, ou seja, eu não tenho, é, diria até, é, palavras vocabulário pra poder descrever ela. {S} Ela tá vestida com, com estampado, de, de seda, um outro tecido quer dizer, eu até desconheço a, os detalhes né e tal.
105. com a visão da praça dos Três Poderes e tudo realmente era uma coisa que... eu podia estar pensando em outro assunto que aquilo me surpreendia e me agradava sempre... é uma beleza... um negócio faraônico assim uma coisa que a gente não --eu não conheci Brasília até ir morar... cheguei lá de/ eh eh já definitivamente quase... de modo que foi uma coisa assim surpreendente...

106. e (es)tava todo mundo acostumado a... espaços suntuosos eh... na casa nessa que foi abaixo... e ia pe/... período de atender despachar encapar cadernos comprar coisas na papelaria voltar para casa fazer dever... até... atender telefone ene telefonemas que em geral são mais longos que deveriam ser...
107. até sair ventando pro trabalho... aí...
108. Inclusive era de portugueses que tinham feito a Imperial e a Bragança.{S} Tudo tinha, até acho que na decoração mesmo motivos, lusas por ali, e essa Casa Imperial.{S} Não sei de quando data, até hoje existe lá uma padaria mas mudou muito o aspecto.
109. Então é esse o Botafogo, era essa a casa, e, foi, este Botafogo quer dizer, onde eu vivi realmente, durante oito, dez anos, até ir morar na Espanha, em 62, que eu fui pra Espanha.{S} Na verdade doze anos.
110. Ainda morei em Botafogo um ano, antes de vir pra, um ano e meio mais ou menos até ir pro exterior, até Barcelona.
111. Mas assim mesmo, bom, já ficamos satisfeitos porque dormimos numa casa que era a nossa e, não era naquele hotel horroroso que aquilo até metia medo, sem conforto nenhum.{S} Aí fomos, mas o, os móveis eram, eram poucos, eram móveis de madeira não havia um estofado, não havia nada, tudo muito, simples.{S} Eu diria que eles fizeram aquilo assim, como se fossem casas de operário.
112. Ele poderia continuar sendo, o Rio de Janeiro poderia continuar sendo o centro financeiro do Brasil.{S} Se ele, eh, aí poderia, isso até poderia ajudar o turismo porque vêm pessoas e tal gera negócios financeiros e eles (sup. )
113. Então nós ficamos rodando em cima da cachoeira até acabar a gasolina pra poder descer.{
114. a pessoa vai passando por expiações até chegar a um estágio...
115. Não, o único que eu vi e que achei um projeto maravilhoso e ele teve uma mixuricagem de votos foi o Sérgio Bernardes.{S} Você procure se informar... e se puder até introduzir em alguma pesquisa uma entrevista com ele.{S}.
- senhora se lembra de algum governo, de algum presidente que tenha se preocupado com isso...com o problema de riquezas naturais...as riquezas do solo ou agricultura...ou nunca houve...
116. {S}Inf.{S} Não, eu...é que eu... outro dia eu estava até lendo um artigo sobre os presidentes do Brasil, eles fizeram uma estatística: tanta maioria foram advogados, depois teve o Kubistchek, que era médico e falando no que eles tinham feito, mas eu não me lembro disso, o o Getúlio chegou ao ponto de mandar queimar café...não é, não é que eu seja totalmente contra...
117. Então, há livros, há inclusive o Nosso Lar, quer dizer, eu nunca li, não, e que entram mais nesses detalhes.{S} Agora, dizem, não sei se você... está muito em moda agora, até levaram a peça em Niterói.{S} A peça é muito interessante, que você não seja espírita, quer não seja, essa Violeta na Janela,
118. Bom... eu não sou ... financista... não sou... ecome/...eh... econoMISta... e... não... não tenho assim... grandes interesses por esse... esses temas de::: compra::: e vende... economiza... e ganha e::: perde e... eu não tenho esse... não tenho esse hábito e não::: não tenho mesmo interesse nenhum nesse... nesse ponto...e::: acho que até é um tema pro momento... já que::: eu sou... uma::: repetente né? nesse trabalho que em setenta e oito eu já dei uma... uma entrevista... e... agora:
119. A senhora tinha aplicações na época... e... então eles orientavam bem... realmente... a pessoa até ficava grata... porque era uma coisa positiva... era um caminho positivo que eles ensinavam... agora essa parte desapareceu...
120. indústrias químicas... tinha bastante lá... e tive passeando lá um... tempo de carnaval até achei um troço bem esquisito né? o pessoal se diverte jogando coisas fora... então eles têm... um curso... não sei se você já ouviu falar...
- mecânica concreta...
- está o problema de horário aí é o seguinte... tem... entrada e saída...
121. dependendo do nível... digamos assim... do pessoal... tem várias faixas... então... até digamos assim no nível do escriturário... ele tem o controle de ponto... através de um relógio de ponto... e o resto do pessoal... a nível de chefe de seção...
122. aquele chaveiro em qualquer lugar... é assim no cós da calça ou aqui assim... aquilo é uma segurança pra eles andarem ali... então... outro dia... não sei se é esse que você conhece... outro dia... um um funcionário foi assaltado... parece que foi até baleado... né?

123. ele já pensou em construir família mais cedo... então tudo corria... pra ele tudo (começou mais cedo)... eu acho que... de certa maneira até foi vantagem... eu não me sinto muito culpada não sabe?  
o que ele gosta de fazer (pra se distrair)...
124. e muito devagarzinho... ele anda muito devagarzinho... então desce TOda cordilheira até chegamos às nove horas da noite em ( ) quer dizer o dia inteiro... são doze horas de viagem... através da ( )...
125. e eu trouxe minha bagagem toda... porque eu tinha... eu acondicionei em bagagem de mão não é?... então eles até estranharam quer dizer eu poderia ter trazido muito mais... mas com aquele pavor... que sobe quando a gente tá fora... com essa lei aí a: já houve... comentário de pessoal... que: que chegou com aquele paVOR... mais do que... do que comprou... não é?... isso exerce u/ uma ação predadora não é?
126. não é perfeito... e ele... e ele... pela... pela... pela organização daqui... eh... ele... ele é sub... ele subdivide a prefeitura em prefeiturinhas... ou seja... nas regiões administrativas da cidade... não é?  
porque até há pouco tempo... o Rio de Janeiro era uma ...
127. tem aquecimento... eles têm... o... aquele... aquele sistema de aquecimento... ah... interno... na Inglaterra tinha uma água quente... que circulava nos tubos dentro do banheiro... se lembra? eu até botava toalha ali... tava sempre quente aquilo... tinha sempre água quente... ( ) e... também no verão... e foi nessa época foi... verão... mais ( ) que se tinha no verão...
128. ah pra mim foi... pra mim eu tive a impressão que o ( ) tinha mandado iluminar o Arco pra mim... foi a coisa mais linda... eu até disse isso pra uma amiga minha...
129. todo mundo entendeu que ele tinha sido roubado... mas esse coitado... não foi feito nós... (ainda mais) ( ) nós já tínhamos até almoçado... então o que ele levou de dinheiro foi porcaria...
130. eu tenho um primo também... até já falecido... morreu lá em Paris mesmo... mas ele foi pra lá no verão...
131. gorila chimpanzé orangotango... esses seriam os... os... eh... mais primatas né?... quer dizer... a gente já fez eh... ( ) questão de ordens... diferentes... os primatas são aqueles que estão supostamente no no nível mais alto da escala zoológica né?... que têm a habilidade... parece que a... habilidade de movimentação das mãos e... vai... gradualmente... aumentando até chegar a do homem... que faz a oponência do... polegar... o macaco não faz isso...
132. o cometedor daquela infração evidentemente que tem que pagar por ela... então ele paga por ela da seguinte forma... tendo... em geral assim... tendo... vendo a bola ser arremessada é... no sentido do seu da sua meta... do seu gol... dando condições melhores ao time adversário...  
existem outras?  
estou até parecendo um comentarista esportivo...  
existem outras repreensões em relação aos jogadores?
133. não... exatamente o que eu tinha falado no princípio... nós demos uma sorte tremenda... porque nós mudamos pra um apartamento exatamente do jeito que nós faríamos se estivéssemos aqui dentro... quer dizer... não tivemos absolutamente que mudar nada... inclusive até conservando a disposição que nós tínhamos no outro... porque nesse ponto a pessoa é muito conservadora... né?
134. e depois você deve comprar material... material enorme... né... nessas alturas todas tem dinheiro rodando até dizer chega... você bota os pobres dos operários trabalhando... os operários trabalham... constroem o edifício... etc..
135. e... só... agora uma coisa que eu tenho notado por exemplo neste edifício... neste apartamento... eu até estava pensando nisso ontem... é que se haver... se houver algum problema de incêndio só tem uma escada... né?  
para fazer a viagem de trem? descrever de/ desde o início?  
desde o início...
136. até chegar o trem...
137. ou até sair do trem?
138. o sujeito que faz um negócio desse... quer dizer... aproveita... pode até roubar... rouba com classe... não é? bater na hora do terremoto... está chegando assim meia dúzia de garrafinhas de leite pra quebrar o galho de... de uma população... o sujeito ainda quer tirar três pra ele..
139. é muito... muito mais espontaneidade... a gente tinha MEdo da professora... hoje a professora é uma amiga... chama de você... de tia... não é? a gente tinha medo da professora... até aconteceu um caso... um caso muito

- engraçado comigo... dia primeiro de a/ de abril... eu era... primeiro de abril... aí... dia dos tolos... né? eu estava com a minha prima... que é da minha idade... então eu tive aquela idéia...
140. eu vou dizer a você... eu tenho a impressão de que aquilo ali... eu não... não... não tenho bem idéia não... mas não devia ser muito rígido em vagas não... sabe... eu tenho essa impressão... mas era uma faculdade particular... né... apesar de... de ter... de gozar de um bom nome... ter um bom gabarito de professor... você vê... pelo que eu estou dizendo.{S}.. Dênis Cavalcanti... o Gudin... esse ( ) agora... tinha... eh... até apareceu há pouco tempo.{S}.. Álvaro ( ) parece... também uma pessoa ... quer dizer... tinha um que é... é... era do... do ministério da fazenda... tinha um cargo muito importante... até foi nosso paraninfo... esqueço agora o nome dele...
141. mas fora disso não havia... havia mais liberdade... entende? mas também havia aquele negócio de... de formar pra entrar na sala formado... ter que sair o pai ter que assinar... mamãe até assinou... eu já estava com mais idade nem precisava porque eu tinha autoridade pra entrar e sair... ainda havia castigo...
142. inclusive grupos de colegas lá que estudavam tinha esses cursos... até cheguei a ir num curso desses... né... lá na cidade...
143. tinha bastante terreno pra gente brincar ali... até esperar... já no... no Gonçalves Dias não... a: escola era mais perto da/ era aquele... aquele cercadinho na frente... que era jardinzinho... era menor...
144. ah... sim... até há bem pouco tempo... a senhora... a senhora podia pegar esse diploma... podia ganhar dinheiro... a senhora podia assinar... não sei o quê... ah... falar em dinheiro é sempre uma tentação... né?
145. hoje em dia professor até já caiu em nível... né? ((risos))... antigamente... não... então nós nos sentíamos assim um pouco protegidas por ela e ela realmente tinha muito cuidado com a gente... nós íamos com ela... voltávamos... está entendendo?{S} Aí sentíamos um pouquinho de... não é bem pistolão não... proteção... está entendendo?
146. em entrei em curso... fiz com meu cunhado... era português... matemática... tinha estatística... que eu até passei muito bem e o professor não me deu dez... mas diz que dez é de professora... professor...
147. uma coisa transparente mas não... então a minha mãe era tão prática... que ela fazia tons de rosa-seco... e pouco a pouco ia tingindo... porque não podia comprar... ia tingindo até chegar no azul-marinho... porque naquele tempo mocinha não usava preto... depois passou-se a usar... mas naquela época não se usava preto... então começava do co/ do rosa... do quase branco e ia... ia...
148. até chegar no azul-marinho... então
149. essas meninas de hoje são todas bem lançadas... altas... esguias... sem barriga... pouco busto... ao passo que o nosso tempo ... acho que era até era bonito mulher bem avantajada... né? ô...
150. sempre adorei praia... de preferência mar... água... ou então montanha com uma boa piscina... hoje em dia até estou preferindo uma piscina do que praia... aquela areia me chateia e tal...
151. eu também quando como em lanchonete eu não... não observo assim muito as outras pe/ quer dizer... observar a gente até chega a observar... e eu sinto que normalmente o que se come mais é sanduíche... né? eh... o pessoal... não sei se por causa da pressa... ou se por causa também do gosto...
152. não convém também ter uma alimentação pesada... né... então pra eles até é bom...
153. eu até contribuo pra que eles não tenham essa alimentação pesada... que eles... porque fazem aqui... pra... pra mim eles aproveitam e comem também...
154. eu estive tentando comprar uma... eram quinze cruzeiros uma fruta-de-conde... eu até desisti... então... lá não... lá tem com uma tranq"uilidade... você encontra fruta-de-conde a cada passo que você dá...
155. eu ainda não tive a oportunidade de ver porque nós começamos a servir agora no mês de junho... e eles normalmente servem aquilo com biscoito... um biscoito assim... até é um biscoito muito pesado que vem com uma/ é feito com uma farinha assim... não sei nem que tipo de farinha é aquela... e vem recheado com... com goiabada...
156. havia aquela... aquele pessoal que tinha um status... que tinha dia certo pra abrir salão... pra receber... não é? então... agora você vê... houve uma queda financeira... ela não resistiu... até morreu muito nova... estas mulheres antigamente se davam ao luxo de não ag"uentar o... o rojão como a gente ag"uenta agora... né?
157. vai se eu fizer uma pequena variação aqui em A... vai alterar isso tudo? não... porque é tão pouquinho aqui... que você pode até dobrar esse número que o dobro dele não chega a alterar isso aqui... certo?

158. em termos de empresa... em termos empresariais... é a mesma coisa... se eu tenho uma empresa... já possuo uma infra-estrutura... já tenho um tamanho... já tenho recurso... já tenho um determinado potencial... é óbvio que essa outra... até atingir um tamanho... se va/ se conseguir atingir... a outra já tá muito longe... há uma distância enorme...
159. porque a autoridade é ultradividida... há uma hierarquia enorme ( ) vai subindo até chegar ao... ao cara... entendeu? não sei... uma de pequeno acho que é... acho que é bem controlado pelo proprietário...
160. é a mesma coisa que você entrar com um Volkswagen numa corrida de .{S}Fórmula Um... quais são as suas possibilidades?  
 {S}AL : nenhuma... nenhuma...  
 {S}Inf.: nenhuma? certo... mas não significa que você não chegue lá...  
 {S}AL : é... porque eu posso até ganhar de um carro de Fórmula Um que quebrar... entendeu...
161. o homem da cidade... ele viu que a sua situação não tinha melhorado em coisa nenhuma... pelo contrário... tinha até piorado... os preços subiram... o contrabando... a inflação...
162. É, mas tem pessoas que gostam né,tem aquela alegria, alegria de cozinhar mesmo né.  
Eu até gosto né mas assim um dia [ ? ]
163. É, de repente, é até isso, de repente ela sabe que ela quando criança né ficava meio triste, né, esperando o pai, o pai não vinha, o pai não visita não sei quanto tempo e tal, não sei quê, talvez até pelas filhas ela ature coisas assim que ela, por exemplo, uma delas ela até cobra, ela cobra, ela cobra da mãe pelas atitudes dela, entendeu.
164. só que todas da Fundação Tricordiana... então... o presidente era um só e não havia esse intercâmbio do nosso curso com outros cursos... o... o nosso curso era assim... um curso... os outros cursos entre si até... havia... mas o nosso curso não... era um regime muito fechado com relação ao curso de odontologia... e... as outras faculdades das outras cidades também não tinham contato nenhum com a gente...
165. como é que se chama essa coisa aí ( )... eu me esqueci o nome... eu tenho tanto horror a esse troço que até me esqueço... eh... ( ) esse negócio de Da.{S}.. Data Control... como é o nome desse troço? computador...
166. eu não perdia um dia em Buenos Aires.{S}... Buenos Aires não é coisa que se perca... pelo menos pra andar na rua... até andar na rua é agradável lá... tem lojas muito bonitas... muita música...
167. a diretora faz de tudo... até se for o caso... até ela mesma dá aula... mas não deixa o aluno voltar pra casa... essa é a única diferença... né?
168. aí eles tiveram que se esconder... porque... esse... esses meni/ esses moleques... que ficaram perseguindo ele... era/ é lá do... do.{S}.. Rio da Prata... esses moleques mata... sabe? tudo mafioso... sabe? aí falaram... falaram... que iam matar ele... não sei o quê... ( ) até ficaram de aparecer hoje aqui no colégio... os cara lá que ele brigou... aí falou que na hora da saída/
- eu tenho a impressão que ele me falou uma vez que pagou durante quase vinte anos ...  
 {S}Doc.: isso até sessenta anos né ?
169. {S}Inf.: é até completar sessenta anos ... é bom vê isso porque ...
170. até completar sessenta anos pode-se entrar ... até na véspera do/do ... é uma coisa normal paga-se por exemplo sobre dois salários mínimos sessenta/dezesseis por cento daria uns setenta contos ...
171. h, porque aqui morreu um doente porque o médico em greve não atendeu.{S} O cara podia até ser doente terminal, Deus que perdoe, eu não sei se é ou não, mas o fato de não ter sido atendido, ou não ter nem chegado lá às vezes exagera a questão.
172. pica um pouquinho assim na sala/ em cima da batata e mistura toda ela... uhn:: fica uma delícia... você pode até querer botar um pouquinho de vina::gre... um pouquinho de azeite... entendeu? fica uma delícia...
173. não que às vezes as pessoas podem pensar assim “porra... um rapaz novo já está assim desiludido...” não é não... é porque:... a situação agora... é essa... entendeu? pode até ser que melhora mesmo... não que nunca vá melhorar... mas... eu acho difícil...
174. teve um dia minha mãe tava indo me buscar ela estava no 243 ai o um ônibus foi cortado e ao mesmo tempo ele atropelou um garoto minha mãe estava na frente quase que bate com a cabeça no ferro todo mundo desceu o garoto estava todo emsangüentado minha mãe preocupada com eu no colégio ai ela foi chamar a ambulancia ai quando veio minha mãe pegou o ônibus e foi me buscar quando ela chegou lá erra tarde mas muito tarde ai eu briguei com ela porque tinha demorado tanto ai a viagem toda do colégio até a minha casa ficou falando ate me

mostrou o local onde aconteceu.

175. festividade .....

{S}LOC - Bom, a gente participa normalmente dessas festividades estaduais, que, a gente é obrigado, por uma série de circunstâncias nós somos até obrigados a comparecer né, mas, não é muito comum não.

176. Mas, eu já peguei professores de história, que, já davam uma outra visão da história assim, davam uma certa visão, e até professores que, tiveram problemas, até durante o meu curso, tiveram problemas, foram até, foram até afastados, tiveram afastados.

## ATÉ MESMO

1. ninguém entendia nada do que ela falava... com a/ acho também que o som estava com problema... ficou maior bagunça... até mesmo na fita... também... de aniversário assim... nin/ não dá nem pra entender... filmou tudo... né? aí você ouviu... só aquela chiadeira... mas não sabe do que a pessoa estava falando...
2. a gente ano passado fez uma comissão pra grêmio lá na escola... sabe? e:: essa comissão pro grêmio acarretou sérios problemas a nível/ junto com os professores... e:: até mesmo com o diretor da escola... né? e:: eu tive um problema ano passado com uma professora...
3. ensino está horrível... pela greve que estão/ e... e... pela greve que eles fazem... né? e:: até mesmo pra você entrar numa faculdade hoje em dia tá? você tem que disputar com muita gente são... são pouquíssimas faculdades pra muita gente que quer fazer...
4. principalmente num país subdesenvolvido... realmente não há apoio... né? você estuda num colégio... não há uma preparação... como vou falar? uma pessoa até mesmo em nível de faculdade...
5. que dá pra ficar vendo filmes... né? que eu gosto muito de ficar... sozinho num... lugar... ficar quieto... e até mesmo pra estudar... como... como o lugar... quase não... não fica muita gente... eu fecho a porta... fico sozinho... estudando... eu gosto muito de lá.
6. assim muita dificuldade com a direção e até mesmo com os professores... né? então o... o.{S}.. Heitor Lima ele é uma escola assim... ele é... é muito rígida... né? você tem que entrar... totalmente uniformizado... se faltar alguma peça do seu uniforme... você não pode entrar...
7. Ano passado eu e alguns colegas montamos um grêmio na escola e por isso, vários professores e até mesmo o diretor criaram uma certa implicância com os diretores do grêmio.
8. eu tenho visto certos casamentos por aí que casam-se hoje e amanhã cada um está para o seu lado... as vezes casam-se na igreja gastam uma nota prêta... as até mesmo sem ter condições de gastar e derrepente estão separam-se.
9. olha eu::... eu moro aqui há:: vinte e seis anos né?... quer dizer... vinte e cinco um ano eu morei em Israel... éh::... eu.{S}.. ADORO o Rio/ o Rio de Janeiro tanto que eu morei lá foi uma experiência ótima mas eu s/a gente sente falta... né?... até mesmo das coisas materiais daqui... da/da:: vida movimentada...
10. Gosto BASTANTE... deixa eu ver... éh:: tudo que leva carne né até mesmo no feijão né com aquelas carnes TO:{S}:DAS.{S}.. GORDUROSAS:: né... uhn:: eu gosto... éh:
11. Não... não... vi (?) do Rotary aqui no Rio até mesmo por causa disso... porque não saía né... não tinha... eh... vida social realmente... aí eu entrei pro Rotary... porque lá tem muita gente... e lá toda hora tem um inventando alguma coisa... toda semana a gente...
12. Teatro? não... teatro não... teatro já é mais difícil você... assistir só comédia ou assistir só né... uma coisa assim... mesmo porque... o teatro eles pincelam um pouquinho de cada coisa no espetáculo até mesmo pra não massacrar muito a pessoa né?
13. lá... a diversão lá um Cambuquira era basicamente você reunir as pessoas... ir pra um lugar e lá você dá um jeito de fazer alguém virar palhaço pra você rir né... com os teus amigos né... todo fim de semana... às vezes até mesmo durante a semana né... e aqui no Rio não tem isso... aqui no Rio você tem que sair de casa...
14. não há mais recursos de espécie alguma... então... essa execução definitiva... vai se processar até... até que o::... o titular do direito seja... ao titular do direito... seja entregue tudo aquilo que ele demandou e que a justiça reconheceu... já tenho um determinado potencial... é óbvio que essa outra... até atingir um tamanho... se va/ se conseguir atingir... a outra já tá muito longe... há uma distância enorme... até mesmo entre empresas...
15. no rosa-cruz... "eu"... "eu"... "eu"... no rosa-cruz não... tudo é mestre... mestre pra cá... mestre pra lá... até mesmo fora daí da... da... da sala e tal... encontra... em vez de dizer... fulano... né... mestre... sóror... frater... e tal...
16. você ten/ ganhando bem... você pode dar uma boa educação ao seu filho... e tendo... bons:: hospitais para qualquer problema de saúde... ele poder ti/ consertar seu ( ) físico... até mental ... até mesmo espiritual... que você chega num lugar... que ele te rece/ receba bem... que você está bem... está gostando daquilo que você faz... então ele está... satisfeito espiritualmente...

17. Chega dessas imagens de corrupção até mesmo com os nossos maiores governantes.{S} O Brasil precisa crescer se não for agora quando será?

## ATÉ + PORQUE

1. ah é, você gostou mais de lá do que daqui?  
{S}Loc - Eu gostei de lá, até porque, aqui né, tem, já existia, não com tanta força, mas esse medo de assalto, de tal tal tal, e lá não, era uma coisa muito solta eu podia voltar duas três horas da manhã, pra casa né,
2. Tipo assim, odiava, pô, Herodes tinha razão!{S} Eu vivia, eu e a Paula, a gente ficava:{S} Herodes tinha razão! tem que matar as crianças.{S} Não sei o que, não sei que lá, a gente odiava criança.{S} Mas acho que, até porque, quando você é menor, quando você é criança, você não dá muito valor.{S} Você acha que criança é só pra encher o saco, né, você, quer dizer...
3. Por exemplo, hoje eu não tenho mais uma turma, como eu tinha até porque as pessoas vão crescendo, umas se mudam, é .{S}.. Aí começa a época de trabalhar, cada um vai trabalhar num canto, casa, etc.
4. Porque, eu era muito assim, quando eu era, quando eu era adolescente, eu sempre fui uma pessoa meio difícil, e eu era muito assim de, todo mundo:{S} Eu quero ir ao cinema, e eu:{S} Não, eu quero ir ao teatro, e, lá, ia convencer, fazer de tudo pra convencer as pessoas a irem ao teatro.{S} Eu sempre fui do contra.{S} Acho que até porque a minha mãe, tinha mania de dizer que, quando eu era criança, eu era a maior “Maria vai com as outras”, aí na adolescência, eu resolvi mudar
5. Só que na época, o curso Hélio Alonso era um curso que estava, até porque os cursinhos vestibulares, eles estavam começando também, era tudo início de tudo, não é?{S} Então, não existia, hoje, que aliás também já está passando da época, né?{S} Os cursinhos vestibulares foram se transformando em colégios ...
6. E também tem os funcionários que também são muito legais, que é a professora que eu adoro mais elas e elas também me adoram.{S} E até porque sou uma boa aluna.
7. bom... eu posso dividir em várias áreas até porque é e... é uma coisa que me apaixona também tremendamente... cantor de mi/ cantor... que há inclusive também uma dificuldade muito grande atualmente em ci/ em ci/ em citar nomes de cantores... que nós estamos vivendo atualmente a exemplo do que ocorreu com o cinema...
8. Quando eu entrei em banco, que eu saí da Antártica e entrei em banco, você contava nos dedos os empregados que tinham além do primário e até porque não tinham tempo de fazer outra coisa.{S} O sujeito quase que dormia dentro do banco!
9. bom... então vamos falar de viagem... ()  
{S}Loc. olha... viagem eu gosto até porque... eu gosto de fazer... mas acontece... eu gosto de viajar... mas a estrada me bota assim um pouco nervosa... eu... quando a gente viaja... se é de carro eu vou do lado do meu marido feito co-piloto... então aquilo eu freio junto com ele...

## Até + Preposição

DG

1. basta acrescentar ao seu gosto, não esquecendo de colocar azeite e massa de tomate, e é só abaixar o fogo e deixar cozinhar por um tempo, até em que a carne e os outros ingredientes estejam moles, pois aí está um delicioso prato
2. o meu avô... por exemplo... um mora comigo... o outro nem sabe que eu existo... a minha mãe... ela cuida de mim... mas também às vezes já até com excesso de obrigação... só... o meu pai... muito raramente eu falo com ele... porque ele se casou novamente... e... eu não sei muito dos meus irmãos...

eu quero que você me descreva... o local... me fala... tudinho... eu não conheço esse lugar e eu quero que você me descreva... esse local...

3. {S}I: eu gosto de tantos lugares... que fica difícil até de... de se fa/ de tirar um deles... né? tem um monte de lugares que eu gosto... de... de ficar...
4. um monte de malandro aí do morro... aqui no morro de Parada de Lucas... foi e assaltou ela... levaram ela... bateram nela... levaram todo o dinheiro que ela tinha... depois... fizeram ela descer do ônibus... vir a pé até em casa... tomaram o sapato dela...
5. u era... da quinta série... eu era novinha... aí aqueles meninos altão... quando eu su/ ia pra escada assim... ficava até com medo de subir sozinha... mas depois com o tempo eu fui vendo que não era nada daquilo... entendeu?

e ele te reconheceu?

6. {S}I: reconheceu... ele ficou... olhando assim pra minha cara... eu disfarcei assim... olhei para um lado... olhei pro outro... aí falei até com meu namorado... pra ver se ele se mancava... sabe? mas aí ele pegou... e continuo olhando... quis nem saber...
7. Depois desse dia essa garota ficou morrendo de vergonha e parou até de falar comigo.
8. ele alugou porque não tinha ( ) né ele alugou... eles têm um nome lá não sei o nome que dá... eu fui até com um cara... nós fomos lá pra cima pra mata... cortar madeira...
9. as faculdades são todas um conjunto... e moram... em: arte asteca... belíssima toda decorada... a biblioteca é uma jóia... é uma jóia de arte... é uma beleza... e eles fizeram... ele o esse... esse: reitor que era o ex-presidente tinha casado até com uma brasileira com aquela.{S}.. Leonor

não andamos andamos eu andei... nós fretávamos ônibus... ()...

eu só andei de metrô...

10. ( ) até de país pra país...
11. pensamos que o 'reveillon` fosse até de manhã... se não o negócio começou às... dez nove e meia dez horas... à meia-noite está tudo encerrado porque: não podia ter mais barulho lá em baixo todo mundo foi dormir e tal...
12. as instalações das agências... todas hoje em vidro e até com excessivo luxo...
13. e nós professores eh perdemos o direito de: ou imposto de renda que nós tínhamos o benefício de não recolhê-lo... nós... os jornalistas e os juízes... os magistrados... e a legislação vem sendo alterada... alterada até de... de uns cinco anos pra cá... se não erro aí... mais ou menos uma meia dúzia de anos pra cá... os professores passaram
14. a descrição aí em filmes... em filmes a gente vê a coisa completamente diferente... não é? a gente vê os bancos colocados tipo ônibus... às vezes até em situação... maior porque tem uma... tem tem tem tem ônibus... tem... tem... o ônibus tem porque... vamos dizer duas carreiras...
15. eu sou avançadíssima... gosto de tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou moderninha... seresta... uma ou outra... eu gosto é de 'pop'... é roque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha...
16. enho pra casa sento pra estudar... pra ler... então... realmente eu não tenho muita oportunidade de fazer exercício... todo o tempo que eu tenho é tomado nas minhas atividades... eu não tenho... eu gostaria até de fazer ginástica... já nas férias geralmente eu faço ginástica... pra evitar... justamente... manter o tempo todo sentada...
17. eu acho que você fica se sentindo assim mais leve... de manhã... do que comer pão... pão é uma coisa que eu não tenho por hábito comer... eu não sei se é porque eu... eu fico com remorso até de comer o pão... sabe... quando eu como... porque eu sei que estou engordando...

18. então eu procuro justamente evitar comer doce... na escola serve... tem merenda... né? eles servem merenda pros professores... então tem sanduíche... lá na escola eles fazem... até para os alunos... a escola mantém uma cantina... explora... lá tem assim uma espécie de uma cantina que explora essa parte de merenda para alunos...
19. Então, levei pau, óbvio né, levei pau porque, apesar dos professores serem ruins, você precisa ter contato, diário, com a matéria, e com os colegas e, até com o professor, embora seja, sejam muito ruins, depois eu vi isso quando comecei a assistir aula, vi que não fazia muita diferença, em relação aos professores, mas em relação a, a você tá em contato com a matéria todo dia é importante né,
20. Agora você ter que desenhar uma laje, saber como é que representa uma laje, agora pra que um engenheiro eletrônico quer saber isso?{S}! E sai no nosso, diploma que a gente tem condições de assinar uma planta até de dois andares, tem um negócio assim, quer dizer, eu posso chegar e [ ? ] assinar uma planta, um projeto de, uma casa de dois andares, sendo engenheiro eletrônico, entendendo [ xongas ] daquilo

o estrogonofe?

21. bom você sabe...é MUITO:{S}: VARIA:{S}DA isso né...cada um faz de um MODO...eu vou explicar o modo que EU faço...geralmente já fiz estrogonofe até de alcatra...viu? com alcatra bem fresquinha...
22. Fica difícil de você administrar isso mas existe, né, existe pra caramba, graças a Deus eu nunca fui assaltado, assim né, em ônibus e tal, inclusive outro dia, outro dia não, tem um bom tempo, mas eu tava, indo pra faculdade, eu pegava o 426, quando eu ia pra faculdade, estudava na, na Praia Vermelha, ai eu tava até de relógio, e o cara atrás, tinha acabado de ser assaltado roubaram o relógio dele.{S} O meu não roubaram, mas isso foi uma experiência assim mais perto, que eu vi do assalto.
23. Tenho a maior vontade de ter filho, assim e tal, e isso é uma coisa até de uns tempos pra cá, porque, por exemplo, na adolescência mesmo, eu odiava criança, eu:{S} Ai que saco!{S} Tipo assim, odiava, pô, Herodes tinha razão!
24. Então os meus primos por parte de pai, são todos muito mais velhos do que eu, eles têm idade, assim, de, eu chamo até de tio, alguns, porque, eu conheço, desde de pequenininha eu, né, pequena e eles já ...
25. Agora, tem várias amigas minhas que, pô, primeira pessoa que elas vão falar é a mãe, entendeu.{S} Elas vão, ah! mãe, tô triste, aconteceu isso, sabe, meu namorado fez isso, fez aquilo, não sei o que lá.{S} E isso é o tipo de coisa que, mas talvez até por idade né, porque a minha diferença pro meu pai são exatamente 40 anos, é muita coisa né?{S} Eu tenho 26 e meu pai tem 66.
26. Se eu tiver grana - que vai ser difícil, depois de eu comprar esse apartamento - eu sou capaz até de, juntar as duas salas, com uma porta de correr, entendeu?{S} Quer dizer, o dia que eu quiser chamar mais gente, eu abro, que eu acho que fica muito simpático, e aí fica tudo uma coisa só, mas os dia que não
27. lojas de grifes, pra outros lugares que, a princípio as pessoas achavam que não ia vender.{S} Então acho que, o comércio, não tem muito o que sair da Tijuca pra, pra, e de repente, eu saio da Tijuca até sem saber, porque de repente eu:{S} Ah, não, eu tenho que ir nessa loja que é na zona sul;{S} Não, mas tem na Tijuca, às vezes até, nem sei :{S} Ah, tem?{S}
28. Muitos países da América do Sul, de repente até por causa da ditadura mais forte, aqui no Brasil o pessoal era mais, não sei, não sei explicar porque o povo é diferente.
29. a coisa que mais se faz é... conversar... realmente descansar um pouco... comer bastante... normalmente a gente faz aquela churrascada de que começa de manhã... e vai até de noite...vira a noite e o tempo todo o churrasco não apaga... muita cerveja... agora... de ginástica nada... realmente o negócio é conversar... comer e.. descansar um pouco...
30. CHURRASCO... não é... é: é o meu e a minha preferência... deixa eu ver... (normal)... e massas também:: eu gosto de tudo... gosto de tudo até de:: jiló... éh ((riso)) jiló é um negócio meio amargo né mas eu:: sinto prazer em comer jiló também... jiló... deixa eu ver
31. pro norte? dizem que é muito... bonito... e Maceió... inclusive a Flávia foi... gostou muito... e o João tem um livro lá que ( ) das belezas de lá e tudo... eu acho que anunciou que anda até de... de jipe na areia não é isso? que anunciou... eh... eu acho bacana... quer dizer... talvez você.. ( ) de repente está né... eu não tenho assim... eu não tenho... engraçado... eu não tenho muita coisa pra estrangeiro não... pro exterior não... não... não me enche os olhos disso...
32. Agora outras festas, normalmente, participo, só quando for, férias, carnaval, na Bahia, muito agradável, muito mais, Pernambuco também, eu há pouco tempo, eu não, deixe até de colocar, mas eu tive lá, em Recife, lá, é

uma cidade bem agradável, carnaval em Olinda .

33. Quando jovem, freqüentava muito a festa junina. {S} Hoje tá, um pouco, desagradável até de sair, de casa por causa dessa violência, e a gente fica preocupado né, não sabe nem de chega, nesse Rio de Janeiro, nessa grande metrópole, então é um negócio muito sério. {S} Não vejo muita diferença não.
34. Ah, reuniões normais, reunião de família, reuniões com amigos, é, das mais diversas, normalmente até em recepções se, mas, no que diz respeito a tá boa a altura, ou não ] é algumas mas, apesar de conveniência, com toda a família.
35. um pouco grande até entre os... entre os meus filhos o meu filho mais velho tem trinta e dois anos... depois eu tenho um filho de vinte e oito... aí há um intervalo de oito anos... eu tenho uma filha... e finalmente com outro intervalo de seis anos tem um garoto... tá com catorze anos agora... de
36. O Vítor Nunes morreu mais cedo. {S} Morreu... relativamente moço. {S} E o segundo ministro... minha turma... teve no Supremo foi o . {S}.. Clóvis Ramallete, que também, é... autor até de um famoso... [ ? ] Milhas Marítimas. {S} Era um advogado conceituado. {S} Foi Consultor Geral da República, e depois foi ministro Supremo, mas pouco tempo.
37. Aliás, pra mim foi um sacrifício entrar, porque eu tenho um pouco de claustrofobia, entendeu? {S} Eu, por exemplo, ando num avião qualquer, no tempo, no meu tempo de procuradora da LBA, eu andei até de teco-teco, mas eu não tenho medo, engraçado, no avião eu não tenho medo e em elevador eu tenho. {S} Se eu estiver num elevador que ele pare entre dois andares eu tenho que me vi... violentar pra não gritar, pra não fazer, pra não dar escândalo.
38. {S} São duas coisas mais assim que nos interessariam mais até em termos de vocabulário, eh, por exemplo, a posição em relação aos chamados pontos cardiais. {S} A senhora aqui, por exemplo, como é que se situa em relação a eles?
39. se você pega dez salários mínimos... ah... um por cento... é alguma coisa pra quem vai receber... mas quem dá... é muito pouco... e então eu achei que era... era viável... ( ) o ministro ( ) o ministro né... e... e... gostaria até de... de levar isso mesmo à frente viu... ouviu... de outras maneiras vocês como pesquisadores... ( ) seria interessante introduzir um caminho deste... porque este plano eralmente é difícil pra pessoa que está fora da área responder né...
40. o que deveríamos fazer pra... melhorar a nossa situação... financeira... como deveríamos aplicar... isso houve um tempo que havia muito bom... eles nos procuravam até em casa... eh... o Banco do Brasil... o. {S}. Banerj... procurava...
41. Mas, eu já peguei professores de história, que, já davam uma outra visão da história assim, davam uma certa visão, e até professores que, tiveram problemas, até durante o meu curso, tiveram problemas, foram até, foram até afastados, tiveram afastados.
42. tinha poucas alunas... aí então ela resolveu fazer uma... uma revisão da matéria... e disse. {S}.. S. ... era so/ era até sobre os egípcios...
43. eu vou a tal lugar e fa... então há aquele intercâmbio... não é dependência... é uma atenção... que a gente diz até pra empregada doméstica da gente... olha... se telefonarem diga que a tais horas eu estou em casa... ô... fulana... eu estou... eu estou em tal lugar assim-assim... eu volto a tais e tais horas...
44. Às vezes eu colaboro, né, não é que eu não colabore, eu tenho um amigo, que tem mais ou menos... tem a minha idade. {S} E esse está em plena, (...), está em plena atividade, produz até muito, e... me honra até com... e me pede assim pra colaborar, pra rever uns trabalhos dele. {S} De modo que um trabalhinho ainda faço, um pouco, dentro da minha especialidade, da minha formação.
45. ele recebe aquilo até no máximo de vinte salários mínimos ... esses vinte atualíssimos até um mês atrás eram dez ... agora são vinte por lei do Presidente da República de maneira que o INPS é uma garantia que o trabalhador tem ... o funcionário do Estado ...
46. o pai não visita não sei quanto tempo e tal, não sei quê, talvez até pelas filhas ela ature coisas assim que ela, por exemplo, uma delas
47. ela até cobra, ela cobra, ela cobra da mãe pelas atitudes dela, entendeu.

e atualmente como é que é a sua família?...

48. {S}Loc: bem minha família atual como eu já... disse a vocês... é constituída... de minha mulher e: de dos quatro filhos... aí há u.m... um registro curioso a fazer... que não me parece que seja muito comum... é que há uma:... um intervalo... um intervalo assim... um pouco grande até entre os... entre os meus filhos o meu filho mais velho tem trinta e dois anos... depois eu tenho um filho de vinte e oito...
49. o hotel era bem quentinho... tinha aquecimento... você entrava e você não sentia... chegava até a sentir calor debaixo daquelas cobertas que eles botam...
50. tenho carteira de motorista há muito tempo... nunca fiz assim... besteira... acho que até... acho foi dito até pelo meu marido... que é difícil né...
51. rigor eu sinto falta, e me arrependo até, de quando voltei de Brasília, quando parei realmente de trabalhar, em oitenta e nove, não ter...

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)